

GABRIELA PERDIGÃO DE ALMEIDA CAVACO

**UM MUSEU NA CIDADE**  
**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UMA UNIDADE MUSEOLÓGICA**  
**EM TRANSFORMAÇÃO NO CENTRO DE LISBOA**

**Orientador:** Prof. Doutor Jorge Correia Jesuíno

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**  
**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**  
**Departamento de Museologia**

**OUTUBRO**

**2011**

GABRIELA PERDIGÃO DE ALMEIDA CAVACO

**UM MUSEU NA CIDADE**  
**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UMA UNIDADE MUSEOLÓGICA**  
**EM TRANSFORMAÇÃO NO CENTRO DE LISBOA**

Tese apresentada para a obtenção do grau de Doutor em Museologia no Curso de Doutoramento em Museologia | 3ºCiclo (Despacho nº 9288-AE/2007 de 1 de Março de 2007 MCTES), conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

**Orientador:** Prof. Doutor Jorge Correia Jesuíno.

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**  
**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**  
**Departamento de Museologia**

**OUTUBRO**

**2011**

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no universo...  
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer  
Porque sou do tamanho do que vejo  
E não, do tamanho da minha altura...*

*Nas cidades a vida é mais pequena  
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.  
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,  
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,  
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,  
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.*

Alberto Caeiro (1914)

A todos os habitantes daquela que eu adoptei como a «*minha aldeia*».

Em especial a António Marcos Galopim de Carvalho,  
com quem aprendi que um Museu não se faz entre quatro paredes e  
que uma cidade se constrói reconhecendo as pedras da calçada e  
a natureza de quem por elas passa.

# AGRADECIMENTOS

Esta Tese não teria sido possível sem a preciosa colaboração de algumas pessoas e entidades às quais não posso deixar de agradecer:

Em primeiro lugar quero manifestar o meu apreço e um agradecimento muito especial ao meu Orientador Científico.

Ao Professor Doutor Jorge Correia Jesuíno, que desde 2002 me acompanhou e incentivou a prosseguir caminho nesta área específica das Ciências Sociais, explorando novas aplicações da Teoria das Representações Sociais à área da Museologia, quero agradecer os inestimáveis apoios a enorme paciência e as ajudas constantes na ultrapassagem das inúmeras dificuldades de percurso. O seu entusiasmo, as conversas sobre tantos e interessantes temas, os livros emprestados, o contacto directo com a sua Mestria, foram um exemplo e um incentivo a nunca desistir nos momentos mais árduos deste percurso.

Ao Magnífico Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Professor Doutor Mário Canova Moutinho e à directora do Departamento de Museologia, Professora Doutora Judite Santos Primo, que me têm acompanhado como professores desde há vários anos, quer no Curso de Pós-Graduação em Conservador /Museólogo, quer no Curso de Mestrado e agora, no decurso desta investigação, agradeço a orientação académica e científica nas áreas da Sóciomuseologia, assim como toda a disponibilidade e amizade com que sempre me acolheram.

Um agradecimento muito especial é devido ao Professor Doutor Diogo Mateus, que desde o primeiro momento acreditou que esta tese era possível e que foi incansável no incentivo, no atento acompanhamento científico na área do Urbanismo e na disponibilidade constante que demonstrou.

Ao Mestre Jorge Adelino da Cunha Ribeiro Pires, um particular agradecimento, pela amizade e apoio metodológico fundamental no tratamento estatístico dos meus resultados. A sua constante disponibilidade, soube entusiasmar-me na persecução dos objectivos científicos do estudo e no alcance da coerência interna do meu argumento.

Os meus agradecimentos são também dirigidos aos meus directores durante este trajecto. Ao Mestre José Manuel Carneiro, enquanto meu director no Palácio da Pena entre 2006 e 2007, pela constante motivação no prosseguimento da minha investigação que, ainda muito no início, numa fase de projecto, foi ganhando forma a partir dos livros e textos que me deixava na secretária. Maria Zambrano, Hanna Arendt e tantos outros autores que me acompanharam até ao fim desta caminhada, foram-me trazidos primeiramente pela sua mão. Ao Dr. Diogo Gaspar, meu director entre 2007 e 2009 agradeço, sobretudo, ter-me libertado de algumas das minhas funções no Museu da Presidência, para prosseguir esta minha investigação. No Museu Nacional de História Natural e da Ciência, agradeço, aos meus sucessivos directores, desde 2009 até 2011, o terem assumido este meu projecto de investigação, como um projecto dos Museus e terem-me permitido, o tempo e o espaço internos, necessários para a sua realização. Neste sentido, um particular agradecimento é dirigido ao Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa, Professor Doutor António Sampaio da Nóvoa e à Dr.<sup>a</sup>. Sandra Marques que, numa fase particularmente difícil de mudança institucional, me concederam todo o apoio para terminar este projecto.

Dirijo, também, o meu agradecimento pessoal, à Arquitecta Vera Pais e ao Arquitecto Eduardo Campelo pelo acolhimento na Câmara Municipal de Lisboa e pelo acesso que me concederam a documentação e informação, fundamentais para a estruturação inicial desta investigação.

Ao John Hebert, agradeço a disponibilidade que me prestou nas fases mais complicadas do tratamento estatístico.

Agradeço igualmente a todos os colegas e amigos, aos residentes e instituições que se disponibilizaram para o preenchimento dos inquéritos.

Um particular agradecimento é devido aos amigos, Cleia Ribeiro, António Godinho, Luís Serra, Paulo Venâncio, Nuno Morais, Pedro Rapoula, Francisca Veiga, Ana Luísa Janeira, César Lino Lopes, Liliana Póvoas, Ana Isabel Dias, Alexandra Angeiras Oliveira, Vitor Gens, Lorena Querol e José Alberto Lopes Costa, pela dedicação, enorme paciência e constante motivação que souberam dispensar ao longo deste trabalho.

Agradeço ainda ao Professor Doutor António Marcos Galopim de Carvalho, a quem esta tese é dedicada, pelo carinho e amizade que sempre me dispensou e pelos constantes incentivos.

Finalmente, agradeço ao António por todo o afecto e pela constante dedicação, sobretudo pela enorme perseverança e pela longa espera durante esta minha viagem.

Para os meus Pais, pelas sugestões críticas que em muito me ajudaram na elaboração desta Tese, pelo seu apoio incondicional e o seu entusiasmo na reflexão conjunta que foram e prometem continuar a ser uma constante, vão os meus carinhosos agradecimentos.

## RESUMO

A investigação que está na base da presente Tese de Doutoramento centra-se na análise das Representações Sociais que o público interno do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MNHNC), (funcionários, investigadores e residentes) e a sua envolvente urbana (residentes, serviços, comércio, instituições e equipamentos) têm sobre a área onde estão implantadas as instituições museológicas sob tutela da Universidade de Lisboa. A pesquisa visa o estudo dos museus e instituições culturais como espaços de desenvolvimento urbano. Interessa, em particular, compreender como é que a envolvente urbana se relaciona com estas instituições e que memórias, imagem e expectativas são retidas e projectadas relativamente ao desenvolvimento da própria comunidade.

O estudo permitirá avaliar a interacção dos Museus com a Cidade e da Cidade com os Museus, bem como a percepção do funcionamento da dinâmica do «*poder*» do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, enquanto «*motor*» de desenvolvimento social e o peso cultural da reestruturação desse mesmo espaço urbano na cidade de Lisboa. Como proposta final, a investigação propõe uma nova metodologia para a acção das instituições culturais na melhoria do urbanismo aplicado à cidade, evidenciando sobretudo a importância da participação pública no «*fazer cidade*».

A fundamentação epistemológica deste trabalho tem como base a Teoria das Representações Sociais com ligação ao campo de investigação da Sociomuseologia e Urbanismo, áreas que a doutoranda tem trabalhado desde a sua licenciatura em 92/93 e que foram também alvo da sua Dissertação de Mestrado, defendida na ULHT em 2002.

# ABSTRACT

Based on the Social Representations Theory linked to the research field of Sociomuseology and Urbanism, the present research aimed to analyse Social Representations of internal and external social environment at the National Museum of Natural History and Science in ward to the Lisbon University.

Firstly, its specific objectives have been centred on the study of different mental maps underlying internal organizational dynamics in particularly, especially how the institution itself understands its own developing process. Secondly, a study of how relationships with the surrounding community are being persecuted and how urban environment in general, social memories, images and expectations are retained within the closed environment of the institution.

The research also envisaged for a generalization of all communities development. Interaction of museums with the city and between the cities with museums was hypothesized as well. In particularly, the National Museum of Natural History and Science could largely be considered a developing driving-force for the restructuring of Lisbon's urban space.

As a final proposal, the research points to a new work's methodology within cultural institutions in improving a new urban applied design, stressing the importance of public participation in «*city-making*».

# RÉSUMÉ

Basé sur la Théorie des Représentations Sociales et sur sa propre liaison avec le champ de recherches sur la Sociomuséologie et l'Urbanisme, cette recherche a visé à analyser les représentations sociales de son publique interne et celle de son communauté environnante sur le Musée National d'Histoire Naturelle et de Science institution sous la tutelle de l'Université de Lisbonne.

Premièrement, ses objectifs spécifiques ont été portés sur l'étude de la dynamique organisationnelle interne se constitue comme base des différentes cartes mentales notamment comme l'organisation elle-même comprend son propre processus de développant. Deuxièmement, une étude sur les rapports avec la communauté environnante a été conduite, notamment sur la liaison entre les mémoires sociales en général, les images et les espérances collectives sur l'établissement.

La recherche a aussi envisagé une généralisation de sa propre application. On a aussi bien présumé l'interaction des musées avec la ville et entre les villes avec des musées. En particulier, du Musée National d'Histoire Naturelle et de Science ont pu en grande partie être considérés une force-conductrice de la restructuration de l'espace urbain de Lisbonne.

Comme proposition finale, les points de recherches d'un nouveau à la méthodologie de travail chez les établissements culturels en améliorant une nouvelle conception appliquée urbaine, soulignant l'importance de la participation publique à « *faire la ville* ».

# ABREVIATURAS

<b>AHMB</b>	Arquivo Histórico do Museu Bocage (MNHN)
<b>AHMCUL</b>	Arquivo Histórico do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa
<b>AHMMG</b>	Arquivo Histórico do Museu Mineralógico e Geológico (MNHN)
<b>AHMNHN</b>	Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural
<b>APA</b>	Agência Portuguesa do Ambiente
<b>BGRI</b>	Base Geográfica de Referenciação de Informação
<b>BN</b>	Biblioteca Nacional
<b>CDC</b>	Código de Direito Canónico
<b>CML</b>	Câmara Municipal de Lisboa
<b>CMP</b>	Complexo Museológico da Politécnica
<b>DAF</b>	Diagrama de Análise Figurativa
<b>EASW</b>	<i>European Awareness Scenario Workshop</i>   Oficina Europeia para Construção de Cenários
<b>EDIA S.A.</b>	Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas de Alqueva, Sociedade Anónima.
<b>EVOC2000</b>	Software Informático   Conjunto de Programas que Permitem a Análise das Evocações e a Análise de Similitude (Versão Outubro 2003)
<b>FCUL</b>	Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
<b>GEO - CML</b>	Gabinete de Estudos Olisiponenses (CML/Palácio Beauséjour)
<b>IGIDL</b>	Instituto Geofísico Infante D. Luís
<b>INE</b>	Instituto Nacional de Estatística
<b>JB</b>	Jardim Botânico (MNHNC)
<b>MAOTDR</b>	Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional.
<b>MCUL</b>	Museu de Ciência da Universidade de Lisboa
<b>MNHN</b>	Museu Nacional de História Natural
<b>MNHNC</b>	Museu Nacional de História Natural e da Ciência
<b>MP</b>	Museus da Politécnica
<b>MPDI</b>	Método Prático para Dedução da <i>Imaginabilidade</i>
<b>PM</b>	Parque Mayer

<b>PPPM</b>	Plano Pormenor Parque Mayer
<b>PR / JPR</b>	Príncipe Real (Jardim)
<b>QGIS</b>	Quantum GIS - Sistema de Informação Geográfica
<b>RMJBA</b>	Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda
<b>TG</b>	Teoria dos Grafos
<b>TRS</b>	Teoria das Representações Sociais
<b>UL</b>	Universidade de Lisboa

# ÍNDICES ICONOGRAFICOS

Índice de Mapas / Figuras e Fotografias	Página
<b>Mapa N°1</b> – Planta de Localização do MNHNC, Lisboa / 1:605m. Informação de contexto Sapo - Infoportugal, 2011.	21
<b>Figura N°1</b> – Vista perspectiva de Friederick Schoenemann   Vista de Hamburgo, <i>in</i> A. Aires de Carvalho – CCD. BN, 1977. <sup>1</sup>	25
<b>Figura N°2</b> – Roteiro <i>da Agoa livre e Agoa de Montemor e mais fontes junto a ellas</i>   Pero Nunes Tinoco, BN, 1617 – 1625. <sup>2</sup>	26
<b>Figura N°3</b> – Vista do Colégio dos Nobres em 1755, MNA. <sup>3</sup>	27
<b>Figura N°4</b> – Excerto do Panorama de Lisboa, ANBA, s/ data.	28
<b>Figura N°5</b> – Incêndio de 1843, procedente do Arquivo do Museu da Cidade, AMC-CML, s/data.	29
<b>Figura N°6</b> – Reorganização das colecções e salas do Museu Bocage, no início do século XX, AHMB _MNHN, s/data.	30
<b>Figura N°7</b> – Rua da Escola Politécnica na década de 50, AH_MCUL.	31
<b>Figura N°8</b> – Sala do Ultramar AHMMG_MNHN, 1958.	31
<b>Figura N°9</b> – Vista do Edifício e Claustro/Jardineta após o Incêndio de 1978, AHMMG _MNHN.	33
<b>Figura N°10</b> – Dinossáurios Regressam a Lisboa, Rua da Escola Politécnica, 1992, AH_MNHN   MG.	35
<b>Figura N°11</b> – Guggenheim Bilbao   Denver Art Museum   MAXXI _ Museo Nazionale Delle Arti Del XXI Secolo.	44
<b>Figura N°12</b> – Tate Britain   Tate Modern   Workshop com os vizinhos para a construção de um Jardim na envolvente....	46
<b>Figura N°13</b> – Tate Modern   Workshop - <i>Can Cities Be Improved By Design?</i>	47
<b>Figura N°14</b> – <i>Città Della Scienza</i> , sugestões das crianças e projecto para a exposição permanente.	51

---

<sup>1/2/3</sup> As Figuras N°1, N°2 e N°3, foram cortesia da Dr.ª Francisca Veiga.

<b>Figura Nº15</b> – Oficina <i>Retratos da Luz</i>   Museu da Luz   Projecto <i>Conversas à Volta da Mesa</i> com os residentes da Aldeia.	53
<b>Figura Nº16</b> – Estrutura Interna da representação.	85
<b>Figura Nº17</b> – <i>Campus</i> de Amostragem, informação de contexto BGRI / QGIS.	91
<b>Figura Nº19</b> – Gráfico Total das categorias para a globalidade de inquiridos, com filtro 33.	120
<b>Figura Nº 20</b> - Árvore máxima das categorias para o total de inquiridos.	122
<b>Figura Nº 21</b> - Árvore máxima das categorias para os Funcionário inquiridos.	126
<b>Figura Nº 22</b> - Árvore máxima das categorias para os Residentes inquiridos.	129
<b>Figura Nº23</b> - Árvore máxima das categorias para os Serviços / Comercio inquiridos.	133
<b>Figura Nº 24</b> - Árvore máxima das categorias para os Informadores Privilegiados inquiridos.	137
<b>Figura Nº 25</b> – Exemplos de desenhos resultantes do Modulo B / Pergunta B.1.	146
<b>Mapa nº 2</b> – Quarteirão / Bairro envolvente do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, referências geográficas mais evocadas pelo total de inquiridos no Modulo B / B.2. Informação de contexto <i>Google Maps</i> .	151
<b>Figura Nº 26</b> – Árvore máxima de implicação entre categorias da pergunta B11.1 (Total/Inquiridos)	170

<b>Índice de Tabelas e Gráficos</b>	<b>Página</b>
<b>Tabela N°1</b> – Matriz Metodológica.	81
<b>Gráfico N°1</b> – Distribuição dos Sujeitos por Núcleo de População Respondente.	92
<b>Tabela N°2</b> – Diagrama de Análise Figurativa construído especificamente para a análise dos desenhos resultantes do Modulo B, pergunta B1, do nosso Questionário/Entrevista .	98
<b>Gráfico</b> - D/Género.	103
<b>Gráfico</b> - D/Idade.	103
<b>Gráfico</b> - D/Distribuição Segundo Meio Social.	104
<b>Gráfico</b> - D7/ Há quanto tempo vive/trabalha/tem contacto como espaço/bairro.	105
<b>Gráfico</b> - D3/Instrução.	106
<b>Gráfico</b> - D/Departamento.	106
<b>Tabela.n°3</b> – Organização automática dos termos recolhidos nos 29 documentos escritos e orais, segundo as frequências e ordem média de evocação.	109
<b>Tabela N°4</b> – Organização automática dos termos evocados pelo total de inquiridos, segundo as frequências e ordem média de evocação, face à imagem indutora do Módulo A / pergunta A. 1. no <i>Questionário/Entrevista</i> .	111
<b>Tabela N°5</b> – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelo total de inquiridos.	118
<b>Tabela N°6</b> – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelos funcionários inquiridos.	124
<b>Tabela N°7</b> – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelos residentes inquiridos.	128
<b>Tabela N°8</b> – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelos Serviços / Comercio inquiridos.	131

<b>Tabela N°9</b> – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelos Informadores Privilegiados.	135
<b>Gráfico</b> – A3/ Total – Como è que denomina /denominaria este espaço?	141
<b>Gráfico</b> – A3/ Funcionários Como è que denomina /denominaria este espaço?	142
<b>Gráfico</b> – A3/ Residentes – Como è que denomina /denominaria este espaço?	142
<b>Gráfico</b> – A3/ Serviços/Comércio – Como è que denomina /denominaria este espaço?	143
<b>Gráfico</b> – A3/ Informadores Privilegiados /Preferenciais – Como è que denomina /denominaria este espaço?	143
<b>Gráfico</b> – A5/ Total – Frases que mais / ou menos Caracterizam o Espaço.	144
<b>Gráfico</b> – B1/ DAF - Percentagem de Respondentes à Pergunta B1.	145
<b>Gráfico</b> – B1/ Forma do espaço desenhado segundo o <i>Diagrama de Análise Figurativa</i>	147
<b>Gráfico</b> – B1/ Estrutura do espaço desenhado segundo o <i>Diagrama de Análise Figurativa</i>	147
<b>Gráfico</b> – B1/ Sociabilidade do espaço desenhado segundo o <i>Diagrama de Análise Figurativa</i>	148
<b>Tabela.N°10</b> – Organização automática das referências a espaços desenhados e evocados pelo total de inquiridos, segundo as frequências e ordem média de evocação, em resposta ao Módulo B / pergunta B. 1. do <i>Questionário/Entrevista</i> .	149
<b>Gráfico</b> – B2.1/ Total – Delimite o bairro onde se inserem os Museus.	150
<b>Gráfico</b> – B2.2/ Total – Delimite o espaço, ocupado pelos Museus.	152
<b>Gráfico</b> – B3/ Total – Qual é o Sítio mais importante deste espaço?	153
<b>Gráfico</b> – B3/ Grupos de Respondentes – Qual é o Sítio mais importante deste espaço?	154
<b>Gráfico</b> – B4/ Total – Qual é o Sítio onde passa mais tempo neste espaço?	155
<b>Gráfico</b> – B4/ Residentes/Serviços/Preferenciais – Com que frequência entra neste espaço?	155

<b>Gráfico</b> – B5/ Total – Qual é o Sítio onde se sente melhor?	156
<b>Gráfico</b> – B5/ Funcionários/Residentes/Serviços/Preferenciais – Qual é o Sítio onde se sente melhor?	157
<b>Gráfico</b> – B6/ Percentagem de Respondentes – Considera que existe relação deste espaço com a Envolvente urbana/bairro?	158
<b>Gráfico</b> – B6/ Total – Qual a natureza dessa relação?	159
<b>Gráfico</b> – B6.1/ Total – Qual a natureza dessa relação? (Outras Situações)	159
<b>Gráfico</b> – B7/ Total – Como è que este espaço poderia relacionar-se mais com a envolvente?	160
<b>Gráfico</b> – B8/ Total – Quais são os sítios que mais frequenta na envolvente urbana /bairro?	161
<b>Gráfico</b> – B8/ Preferenciais – Quais são os sítios que mais frequenta na envolvente urbana / bairro?	162
<b>Gráfico</b> – B9/ Total – Quais são os sítios, serviços, comércio ou instituições que sente falta na envolvente urbana / bairro?	163
<b>Gráfico</b> – B10/ Total – Qual é o sítio mais importante da envolvente urbana / bairro?	164
<b>Gráfico</b> – B11/ Percentagem de respondentes à pergunta B11.	165
<b>Tabela N°10</b> – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas na resposta B11.1 e pelo total de inquiridos	169

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO .....	8
ABSTRACT .....	9
RÉSUMÉ.....	10
ABREVIATURAS.....	11
ÍNDICES ICONOGRAFICOS .....	13
Índice de Mapas / Figuras e Fotografias .....	13
Índice de Tabelas e Gráficos .....	15
<b>ÍNDICE</b> .....	18
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
Origem do Estudo e sua Problemática .....	21
Objectivos Específicos da Investigação. ....	24
Da História e do Espaço. ....	25
<b>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	38
O Museu Contemporâneo como Espaço de Intervenção Social no Desenvolvimento das Comunidades Urbanas.....	39
Envolvimento e Boas Práticas.....	43
O Museu Contemporâneo na Reabilitação Urbana   Três Casos de Sucesso.....	44
As Representações Sociais. ....	55
A Teoria das Representações Sociais.....	58
A Teoria do Núcleo Central. ....	62
O Imaginário e o Simbólico nas Áreas do Urbanismo e da Museologia. ....	66
<b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA</b> .....	79
O Conjunto de Programas Que Permitem a Análise das Evocações e a Análise de Similitude EVOC 2000. ....	82
Historial da Operacionalização da Teoria do Núcleo Central.....	82
Método Prático para Dedução da <i>Imaginabilidade</i> .....	88
Modelo Metodológico. ....	90
Amostra e Procedimento.....	90
Análise de Conteúdo e Instrumento Utilizado. ....	93
<b>CAPÍTULO III – RESULTADOS</b> .....	101
Apresentação dos Resultados. ....	102
Caracterização Social dos Inquiridos.....	103
Análise de Conteúdo.....	108
A Representação Social do Museu Nacional de História Natural e da Ciência. ....	110
Objectivação e Estrutura Interna da Representação. ....	110

Ancoragem da Representação.....	112
Centralidade e Caracterização da Representação. ....	139
Relação com o Espaço, Expectativas e Projecções de Futuro.....	145
Relação com o Espaço .....	145
Expectativas e Projecções de Futuro. ....	165
<b>CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO.....</b>	<b>172</b>
Discussão dos Resultados.....	173
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>195</b>
Considerações Finais .....	196
<b>BIBLIOGRAFIA CITADA E CONSULTADA .....</b>	<b>199</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>220</b>
<b>APÊNDICES E ANEXOS .....</b>	<b>223</b>
Organização Digital (Apêndices) .....	i
Organização Digital (Anexos) .....	ii
CD .....	iii

# INTRODUÇÃO

*“(...) To control a museum means precisely to control the representations of a community and its highest values and truths.”*

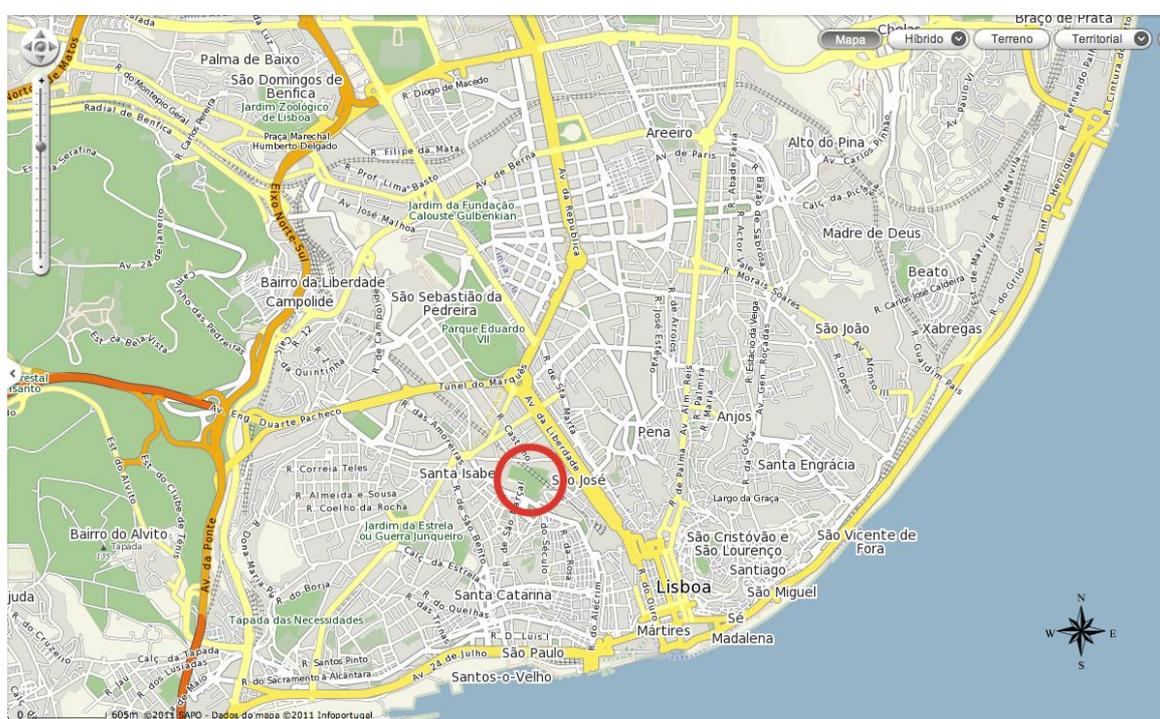
Carol Duncan (1994)

*“(...) Porque outros existem, é necessário a cada um explicar-se, prestar contas, agir na luz clara da visibilidade pública e não atrás dos panos quentes de interesses ocultos, (que) ainda definem em muito a qualidade da vida – que se tem ou não se tem – em sociedade. Mais ainda, é através da acção de sujeitos agindo no espaço que é comum a todos, que a esfera pública aparece como o lugar em que uma comunidade pode desenvolver e sustentar saberes sobre si própria – ou seja, representações sociais.”*

Sandra Jovchelovitch (1994)

## Origem do Estudo e sua Problemática

A finalidade primeira da presente investigação é a do reconhecimento e da avaliação das representações sociais sobre um conjunto museológico que ocupa uma vasta e significativa área do território central da cidade de Lisboa, com aproximadamente 14,6ha, compreendida nas fronteiras espaciais do Museu de História Natural e da Ciência (MNHNC)<sup>4</sup>, Parque Mayer e sua envolvente urbana mais próxima. Conforme a figura que se segue:



Mapa N°1 – Planta de Localização do MNHNC, Lisboa / 1:605m (Sapo - Infoportugal, 2011).

<sup>4</sup> Esta denominação é a oficial e consta de documentação, relativamente recente, sobre a organização e funcionamento das instituições sedeadas nos anteriormente denominados Complexo Museológico da Politécnica ou Museus da Politécnica que pode ser confirmada pela leitura da *Acta n.º 9 da Reunião do Conselho Geral da Universidade de Lisboa* e pelo *Despacho Reitoral n.º 15410/2011, publicado em Diário da República, 2.ª série — N.º 218 — 14 de Novembro de 2011* (Anexo I). Nestes documentos consta, a criação da nova Unidade Museus da Universidade de Lisboa, constituída, nos termos do artigo 7.º, n.ºs 1 e 2, dos Estatutos da mesma Universidade que, sucede e integra as colecções do Museu Nacional de História Natural e do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, os antigos edifícios da Escola Politécnica, bem como os bens móveis e equipamentos do Jardim Botânico de Lisboa. Provisoriamente, esta Unidade adopta a designação – Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

Pretendemos reconhecer, junto dos *públicos internos e externos*<sup>5</sup> destes espaços, qual é a ideia | imagem | representações que esses mesmos públicos têm sobre as instituições culturais ali sedeadas. Interessa-nos, sobretudo, compreender a relação que ao longo dos anos foi, ou não, estabelecida com a sua envolvente e de que forma esta relação se projectará no futuro desenvolvimento da comunidade. Este processo pressupõe em nosso entender:

- ✓ Distinguir o que é que no espaço em estudo funda tais representações;
- ✓ A definição das suas componentes;
- ✓ A existência de eventuais diferenças em função das vivências | práticas e grupo sócio-profissional;
- ✓ Projecções e expectativas futuras.

A candidata, trabalhou durante cerca de 15 anos no Museu Nacional de História Natural (MNHN) uma das instituições que antecede a Unidade de Museus implantada no território em estudo. Ao longo desse tempo teve a oportunidade de contactar de perto com a gestão daquele espaço Museológico e recolheu aí experiência profissional na área da Museologia. O contacto que manteve diariamente com o público daquele organismo e o envolvimento na programação interna dos respectivos museus, que tantas vezes despoletou parcerias e trabalho com a envolvente urbana, teve sempre como preocupação a criação de novas práticas no agir social, na construção de conhecimentos e na transformação cultural.

---

<sup>5</sup> Utilizámos aqui, a designação públicos internos e externos, como parceiros, no estrito senso em que é utilizada pelas áreas disciplinares da Gestão e Relações Públicas, nomeadamente em Comunicação Organizacional (Gregory, 2003). Neste sentido, considerámos público interno, todos os sujeitos que estão directamente envolvidos no quotidiano da organização em estudo: funcionários do quadro geral, contratados a termo, investigadores residentes, bolseiros, voluntários, residentes das casas de função ainda existentes no espaço do Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Da mesma forma, considerámos público externo, os indivíduos com quem as instituições com sede no espaço da Politécnica, comunicam de uma forma indirecta e pouco sistematizada, como seja a comunidade envolvente próxima, nas suas componentes: residentes, serviços, instituições, equipamentos e comércio local. Nesta última nomeação, considerámos, ainda, um grupo de informadores privilegiados com 16 sujeitos que por razões profissionais, trabalharam aspectos relacionados com o espaço em estudo, como sejam: o Professor Doutor José Augusto França, o Magnífico Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Professor Doutor Mário Canova Moutinho, o Arquitecto Manuel Aires Mateus, o Arquitecto Gonçalo Byrne a Arquitecta Vera Pais (CML), o Arquitecto Eduardo Campelo (CML), a Dr.<sup>a</sup> Joana Sousa Monteiro (CML), a Presidente da Junta de Freguesia da São Mamede Dr.<sup>a</sup> Ana Bravo Campos (CML), a Assessora Cultural da Junta de Freguesia das Mercês Dr.<sup>a</sup> Eunice Gonçalves (CML), a Vice-Reitora Professora Doutora Maria Amélia Loução, a Chefe de Gabinete do Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa Professora Doutora Luísa Cerdeira, o Professor Doutor António Marcos Galopim de Carvalho e, ainda, os directores do Museu da Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva Doutora Marina Bairrão Ruivo, do Museu Mineralógico e Geológico Professor Doutor Miguel Ramalho, do Museu de São Roque Doutora Teresa Freitas Morna e Arquitecta Helena Barranha directora do Museu Nacional de Arte Contemporânea / Museu do Chiado.

Por força desta prática profissional e pela vivência diária que foi adquirindo dos espaços e edifícios do Museu Nacional de História Natural e da Ciência e da sua envolvente reconhece hoje, neste bairro da cidade, uma identidade muito própria, fortemente associada à história e às relações de vizinhança e respectiva memória colectiva. José Augusto França (2001), trata afectivamente o bairro como – “*a minha aldeia*”, referindo que “(...) *nesta rua da Escola [Politécnica] existem as referências simbólicas da “aldeia”, os seus elementos expressivos, os seus emblemas.*” (França, 2001; p.10). Com efeito, nesta «aldeia» o tempo teceu o espaço e criou relações complexas entre os seus habitantes que são quotidianamente perceptíveis na «cultura de vizinhança», nas trocas institucionais, na proximidade entre os «passantes» da rua.

Quer na rua da Escola Politécnica, quer nas ruas circundantes, subsistem marcas de memórias colectivas do bairro, histórias de estudantes, de artistas vários, lutas políticas e ideológicas, o incêndio de 78, passeios de fim de tarde entre os dois jardins (do Príncipe Real e do Jardim Botânico) depois de sair das aulas e do reencontro com a família ou com os amigos para contar as novidades. Durante o dia e durante a noite o bairro é simultaneamente, intelectual, estudantil, popular e elitista, tradicional e boémio, antigo e moderno. Talvez por esta diversidade e pela sua centralidade, tornou-se um dos locais mais apetecidos pela promoção imobiliária e um excelente e disponível palco para a reabilitação urbana (que é importante que aconteça), como forma natural de transformação e desenvolvimento da cidade de Lisboa.

Ao longo do tempo foram vários os projectos de reabilitação da cidade na zona do “*Parque Mayer, Jardim Botânico, Edifícios da Politécnica e Área Envolvente*”, estando em aberto desde 2007 uma nova discussão pública sobre a requalificação daquele território<sup>6</sup>. Pensamos que a presente investigação pode assumir particular relevância pela sua actualidade e inovação a nível nacional. Interessa-nos, sobretudo, identificar as relações de «cumplicidade» entre a «aldeia» e o Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Enquanto profissionais de museologia poderemos enriquecer, desta forma, as referências culturais da nossa instituição e, num âmbito mais abrangente, integrar objectivos sociais que partilhados com a comunidade poderão, eventualmente, ser parte efectiva do processo de regeneração da própria Universidade e do espaço que ela ocupa no território urbano.

---

<sup>6</sup> Resenha do projecto em Anexo II.

## **Objectivos Específicos da Investigação.**

A investigação reveste-se de carácter essencialmente prospectivo tendo como objectivos específicos:

- Identificar e categorizar as representações sociais e o imaginário de um espaço museológico no centro da cidade de Lisboa;
- Determinar a estrutura destas representações (núcleo central e sistema periférico), junto dos públicos, interno e externo do Museu Nacional de História Natural e da Ciência;
- Ancorar a representação deste espaço da cidade na sua envolvente urbana;
- Diagnosticar expectativas e projecções de futuro da comunidade;
- Inferir uma metodologia de trabalho para a reabilitação cultural da cidade partindo de um novo paradigma no campo da museologia e urbanismo participativo.

Para atingir estas metas específicas, consideramos que a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1961) e a Teoria da Imaginabilidade, modelo desenvolvido por Kevin Lynch (1960) serão os nossos suportes epistemológicos e avaliativos, que considerámos suficientemente adequados para a nossa investigação. Numa abordagem de complementaridade destes dois modelos teóricos, o presente estudo visa identificar as potenciais variáveis susceptíveis de influenciar as representações sociais e imaginário relativas ao Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

Seguidamente procuraremos, de forma breve, apresentar um enquadramento histórico-cultural que envolve este lugar da cidade, que agora adoptámos, como nosso campo de investigação.

## Da História e do Espaço.

*“ Diz-me se  
toda a imagem é engano  
ou filha enjeitada  
do fogo”*

José Tolentino de Mendonça (1990)

Para compreender o espaço que o Museu Nacional de História Natural e da Ciência ocupa na Cidade e o enquadramento cultural que rodeia as instituições sedeadas naquele lugar, é necessário recuar no tempo e conhecer a evolução dos edifícios que hoje albergam as colecções do Museu Nacional de História Natural e do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, bem como a sua relação com o espaço que os acolhe.

A sua história remonta ao século XVII. De facto, é neste período que encontramos os primeiros testemunhos relativos à fundação de um edifício pertencente à Companhia de Jesus, numa quinta fora de portas, perto do Monte Olivete, a poucos passos da antiga fábrica da Companhia das Sedas.



Fig. Nº1– Vista perspectiva de Friederick Schoenemann | Vista de Hamburgo, in A. Aires de Carvalho – CCD. BN, 1977.

No ano de 1605 lançava-se a primeira pedra para a construção da igreja da Quinta do Alto da Cotovia. A primeira residência naquele local só surge três anos mais tarde, destinando-se a quatro religiosos que para ali iriam viver com a função de fiscalizar as obras do convento do Noviciado e igreja, que avançavam demasiado devagar.

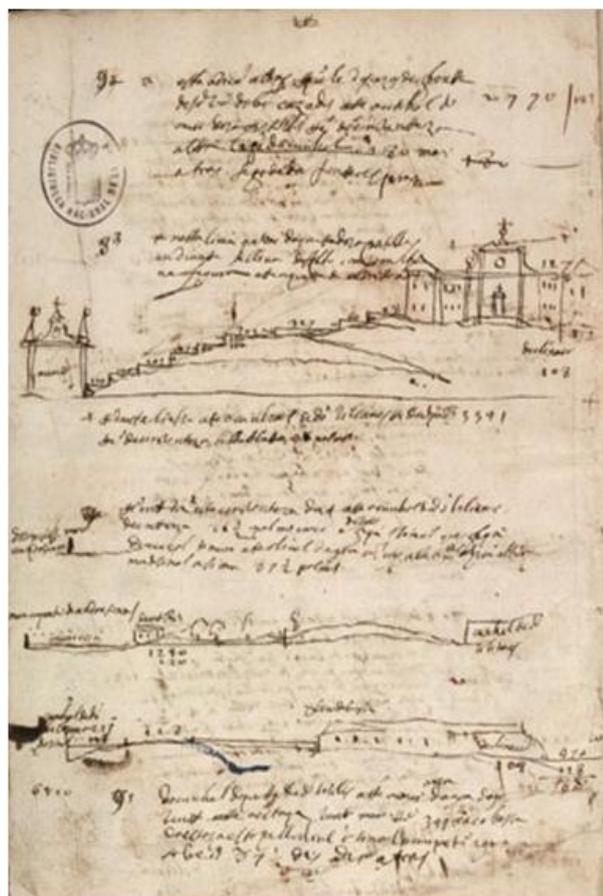


Fig. Nº2 – Roteiro da Agoa livre e Agoa de Montemor e mais fontes junto a ellas | Pero Nunes Tinoco, BN, 1617 – 1625.

Só em 1616 a Igreja recebeu o Santíssimo Sacramento<sup>7</sup>. Em 1619 os edifícios anexos tinham já as mínimas condições para albergar os noviços dos Colégios de Évora e Coimbra

<sup>7</sup> Quer esta expressão dizer que a igreja já teria sido dedicada e benzida, podendo a partir de então abrigar a reserva eucarística e estar aberta ao culto litúrgico.

Todas as igrejas construídas ou reconstruídas devem ser dedicadas a um titular. Por norma, esta dedicação é votada à Santíssima Trindade, a Nosso Senhor Jesus Cristo, ao Espírito Santo, à Santíssima Virgem Maria, aos Santos Anjos, a um Santo ou, com especial indulto da Santa Sé, a um Beato. O rito principal e o único indispensável para a dedicação de uma igreja, é a celebração da Eucaristia, contudo, segundo a tradição da Igreja, tanto no Oriente como no Ocidente, há uma prece de dedicação, que confirma a dedicação para sempre, implorando a bênção de Cristo. A dedicação de uma igreja, implica um rito solene composto, por Eucaristia, unção, incenso, revestimento e iluminação do altar (CDC, 2010). Muitas vezes, por falta de orçamento, as instituições religiosas estendiam por longos períodos temporais as obras das igrejas ou conventos. Estes edifícios, iam sendo construídos à mercê de verbas, por vezes, muito escassas oriundas de vários doadores. Por norma, a capela-mor destes templos, era a primeira parte do edifício a ser concluída, seguindo-se a esta as capelas de devoção dos seus mecenas fundadores.

Sabemos a este respeito, pela leitura atenta da *Imagem da Virtude* (Franco, 1717), que a construção do Convento da Cotovia não fugiu a esta regra de arrastamento, por um largo período de tempo para a sua conclusão e que a

que, entretanto, a Companhia de Jesus fora obrigada a fechar por força do sistemático agravamento da sua situação nos territórios da Índia, China, Japão e Brasil<sup>8</sup>. Perseguidos e expulsos desses lugares longínquos, os Jesuítas viviam momentos de plena crise. Sabe-se que na segunda metade do século XVII, as obras no edifício estagnaram por completo. Em 1717, a ala norte do Claustro estava ainda inacabada e o Noviciado batia-se com graves problemas, por falta de verbas para aí investir. Entretanto, em 1755 o Convento do Noviciado da Cotovia não resistiu ao grande terramoto que assolou Lisboa em 1 de Novembro do mesmo ano, tendo ficado praticamente destruído.



Fig. Nº3 – Vista do Colégio dos Nobres em 1755, MNA.

Com a expulsão dos Jesuítas em 1759, a companhia deixa de ter posse das ruínas do Convento da Cotovia, que é reconstruído pelo Marquês de Pombal. O novo edifício é levantado sobre as ruínas do anterior e ampliado para receber, em 1761, o Colégio Real dos Nobres que durante cerca de um século viria a representar um papel importante na tentativa de formação e instrução dos filhos da nobreza e dos altos funcionários do reino.

---

fundadora quis “(...) em primeiro lugar que se fizesse com calor a capela mor da igreja, porque queria trazer a ela e colocar em um nobre mausoléu os ossos de seu marido Fernão Telles” (Franco, 1717; p.11-17) que estavam depositados na casa provincial de São Roque. Em 1616 “(...) acabou a igreja, que é muito airosa, no dia de Todos os Santos, primeiro de Novembro (...) se pôs nela o Santíssimo Sacramento. Dai a oito dias se trasladaram para o túmulo os ossos do fundador, que estavam na sacristia de São Roque, vieram com grande pompa funeral em ombros de seus parentes e acompanhamento muito numeroso, de toda a Lisboa” (Franco, 1717; p.11-17).

<sup>8</sup> A 13 de Julho de 1619, o Noviciado recebe uma nova dedicação a Santo António de Lisboa, com grande solenidade e inúmeras presenças nacionais e estrangeiras, uma vez que estava na cidade D. Filipe III (Franco, 1717; p.11-17).

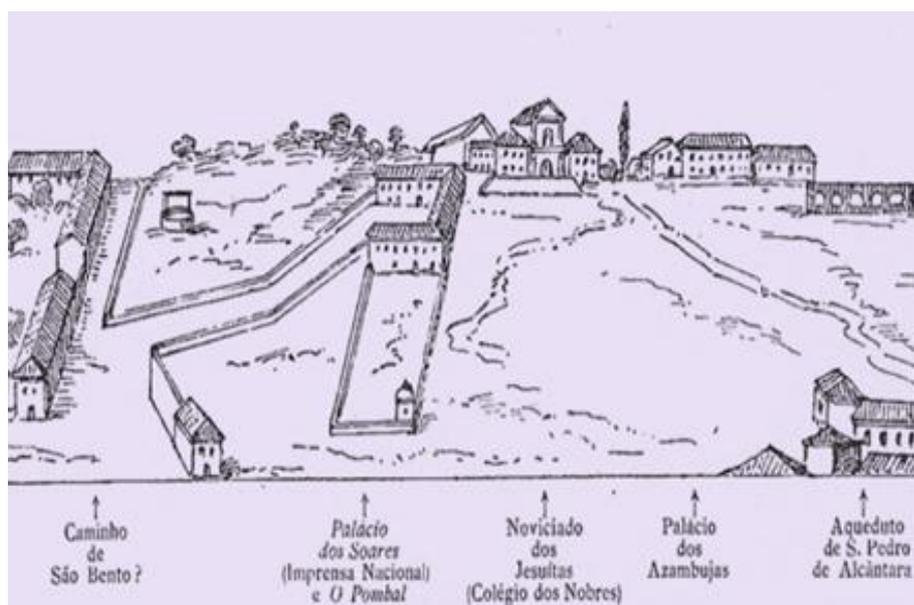


Fig. Nº4 – Excerto do Panorama de Lisboa, ANBA, s/ data.

No século XIX, durante o reinado de D. Maria II e com o advento da Revolução Liberal, o Ministro do Reino, Passos Manuel, extingue o Colégio. Substitui-o por uma Escola Politécnica, inspirada no modelo das «*Écoles Polytechniques*» francesas, instituição que passa a ministrar cursos desenvolvidos de Ciências e começa a preparar, com grau Universitário, os futuros oficiais do Exército e da Marinha Real. Foram estes esforços que conduziram ao aparecimento dos Gabinetes de História Natural da Escola Politécnica.

Embora tenham sido elevadas as diligências no sentido de estes novos gabinetes absorverem o *Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda* (RMJBA)<sup>9</sup>, que se encontrava em

9 Segundo informação recolhida nos AHMNH e AHMCUL, o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (RMJBA) foi instituído entre 1768-1769 para recreio da família real e educação dos príncipes, Infante Dom José e Infante Dom João, filhos de D. Maria I e D. Pedro III. Era composto inicialmente por, Gabinete de História Natural, Livraria e Cartório, Casa do Risco (constituída por Casa do Desenho e Casa da Gravura), Laboratório Químico, Sala de Preparação, Armazém e Jardim Botânico.

Este museu teve como primeiro director Domingos Vandelli, naturalista italiano, que após a reforma universitária pombalina de 1772, passa a ser responsável pelas cátedras de Química e História Natural, formando inúmeros naturalistas que a coroa portuguesa envia para as antigas colónias na expectativa de produzirem investigações científicas sobre esses territórios. Muitos destes naturalistas passaram pelo RMJBA e dos estudos que realizaram, existem ainda registos nos arquivos históricos do MNHN e no MCUL. Destacam-se destes trabalhos, o material recolhido, relatórios e desenhos originais de Alexandre Rodrigues Ferreira, responsável pela “*Viagem Filosófica*” às capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá entre 1783-1792 (Oliveira, 2009). A partir de 1798, o RMJBA deixa de ter acesso reservado apenas à família real e passa a estar aberto uma tarde por semana (Brigola, 2000).

avançado estado de degradação, em 1836 procede-se à sua incorporação na Academia Real das Ciências. Em 1840 a Escola consegue reunir a primeira grande Colecção de Mineralogia, que viria a ser parcialmente destruída por um incêndio, três anos mais tarde. Com este trágico incidente, desaparece também um vasto espólio artístico do qual ainda conseguimos visualizar alguns raros exemplares, então recolhidos e distribuídos, por igrejas, instituições públicas e museus da cidade.



Fig. Nº5 – Incêndio de 1843, procedente do Arquivo do Museu da Cidade, AMC-CML, s/data.

A posterior recuperação do edifício obriga a que a Escola do Exército seja transferida para outras instalações. Em 1858, a Escola Politécnica consegue legalmente a posse definitiva do espólio Museológico da Ajuda e de inúmeras colecções da Academia Real das Ciências que, nos anos seguintes, reorganiza e arruma, nas amplas salas do seu edifício. Deste conjunto distinguem-se, então, as colecções de mineralogia e paleontologia, as colecções de *conchyologia* e as colecções de zoologia, que compreendiam vários milhares de exemplares,

---

Durante as invasões francesas, entre 1803 e 1808, saem do RMJBA, com destino a Paris, centenas de exemplares de espécies animais, herbários e manuscritos, escolhidos pelo naturalista Geoffrey Saint-Hillaire, alguns dos quais foram devolvidos em 1814.

Em 1836 e dado o elevado estado de degradação em que o RMJBA se encontrava, foi confiado por decreto de D. Maria II, à administração da Academia das Ciências, que passou a ser responsável pela inspecção económica e científica do jardim. A partir de 1838, por decisão do Conselho da Escola Politécnica de Lisboa, são os lentes da 8ª cadeira (Anatomia e Fisiologia Comparadas e Zoologia) e 9ª Cadeira (Botânica e Princípios de Agricultura) que ficam a dirigir o Gabinete de História Natural e o Jardim Botânico da Ajuda.

provenientes de variados e recônditos cantos do planeta. A 13 de Janeiro de 1862, era criado o Museu Nacional de Lisboa.

Durante a segunda metade do Século o Museu consegue reunir uma imensidade de colecções que engrossam o seu património e vão contribuir para o dinamismo científico crescente, até ao fim do primeiro quartel do Século XX. Em 1911, o Governo Provisório da primeira República reúne as Escolas Superiores das duas cidades mais importantes do país elevando-as as Faculdades e criando as Universidades de Lisboa e Porto. A Investigação sofre, então, um grande implemento que está na base da crescente autonomia do Museu que, de seguida, se passa a denominar Museu Nacional de História Natural.



Fig. N°6 – Reorganização das colecções e salas do Museu Bocage, no início do século XX, AHMB \_MNHN, s/data.

Sabe-se, contudo, que o Museu existia apenas para servir um público universitário, muito restrito. Na década de trinta, é registada uma significativa entrada de colecções, e é crescente o volume de trabalhos de investigação que, pouco a pouco, começam a ser incompatíveis com as amplas mas antigas salas de exposição existentes. Esta especialização vai obrigar, lentamente, a uma progressiva mutilação desses espaços e dá lugar a inúmeros gabinetes de estudo e outros tantos gabinetes administrativos.



Fig. N°7 – Rua da Escola Politécnica na década de 50, AH\_MCUL.

Nos anos quarenta e cinquenta, parte significativa das salas de exposição é sacrificada por necessidade de criação de gabinetes de trabalho. O Museu adquire, então, equipamento de grande importância para a sua actividade científica. O primeiro Raio-X que surge em Portugal foi precisamente adquirido para o Museu destinando-se a estudos na área da Mineralogia. Permaneceu na Sala de Paleontologia Estrangeira<sup>10</sup> até á década de setenta.



Fig. N°8 – Sala do Ultramar AHMMG\_MNHN, 1958.

<sup>10</sup> Grande galeria virada a norte com fachada para o Jardim Botânico, hoje conhecida por Sala do Veado, mantendo o nome pelo qual era carinhosamente conhecida entre os alunos e Professores, como nos relata A. M. Galopim de Carvalho – “porque nela se exhibia um majestoso exemplar de *Megaceros Giganteus*, um esqueleto de veado retirado das trufeiras do Quaternário (Pleistocénico) da Irlanda” (Cavaco, 1996; p.1).

O espaço torna-se a ser muito limitado para as crescentes actividades científicas e, a partir da segunda metade do século XX, começa a ser óbvia a desorganização e a degradação da função própria do Museu. Por força destas condições, em 1972, não obstante a projecção científica no meio universitário, o Museu fecha de novo as suas portas ao público, por impossibilidade de auto renovação.

A partir de 1974, com o advento da Revolução de 25 de Abril, o Museu toma consciência das suas novas funções sociais e educativas. Com muito esforço, inicia-se a reorganização dos seus espaços, acompanhada pelo levantamento e reordenação das colecções e das reservas. Foi possível, também, proceder à elaboração de um projecto no sentido de adaptar uma das salas a uma exposição permanente que pudesse estar aberta ao público, com fins muito claros de divulgação científica e cultural.

O Museu parecia começar a viver novos dias quando subitamente, em 20 de Dezembro de 1975, um pequeno incêndio, rapidamente controlado, vem alertar para as deficientes condições daquele espaço. O perigo de uma catástrofe muito maior, ameaçava o funcionamento definitivo do Museu. Durante três anos, os alunos que continuam a ter aulas no espaço, professores, investigadores, funcionários administrativos, residentes e os próprios bombeiros tentam em vão alertar as entidades competentes para a falta de condições de trabalho e de segurança.

Tragicamente, em 1978, um novo e grande incêndio deflagra nas instalações da Faculdade de Ciências destruindo, por completo, o edifício. O Museu diluí-se nas cinzas e perdem-se importantes e raras colecções de Mineralogia, Geologia, Zoologia, instrumentos de apoio ao ensino, património científico e cultural. Desapareceram os laboratórios e gabinetes de trabalho, assim como uma vasta bibliografia e documentação. Dissertações de mestrado e teses de doutoramento são interrompidas dado que o material que lhes servia de suporte havia desaparecido inexoravelmente, consumido pelas chamas.

Após três séculos de história, mais uma vez era obrigatório recomeçar.



Fig. Nº9 – Vista do Edifício e Claustro/Jardineta após o Incêndio de 1978, AHMMG \_MNHN.

Os anos oitenta foram anos de rescaldo. Era necessário pôr de pé as ruínas do antigo edifício e era urgente renovar a instituição, que ficara gravemente abalada com este incêndio de 1978.

Com o firme propósito de ressurgir das cinzas, e apesar da dramática falta de apoio oficial, removeram-se destroços e iniciou-se um árduo trabalho de levantamento e balanço do espólio que se tinha perdido e do material que, apesar de tudo, foi possível roubar às chamas devoradoras.

A Faculdade de Ciências é transferida para novas instalações e os antigos espaços da Rua da Escola Politécnica são dramaticamente esquecidos pelas entidades oficiais. O que fica no centro da cidade são três núcleos da Universidade – Um Museu com Jardim, uma Cantina e um Ginásio da Associação de Estudantes – extensões de lazer não reconhecidas como entidades com peso institucional. Como tal não foram então reconhecidas pelo poder em exercício na Academia, enquanto alvos suficientemente relevantes no desenvolvimento estratégico da Universidade.

Apesar do vazio de poder que então se instala no espaço da Politécnica e das condições adversas que o rodeavam, o Museu consegue fazer renascer um conjunto de acções

no âmbito da investigação científica e da museologia, reiniciando uma razoável estrutura de apoio aos Departamentos da Faculdade de Ciências, entretanto a funcionar no edifício do Ministério da Educação, na Avenida 24 de Julho, enquanto se arquitectavam as novas instalações universitárias do Campo Grande.

Lentamente, o espaço que ficara reduzido a paredes toscas começa a encher-se de gente nova e dinâmica que faz reviver e desenvolver as estruturas da velha instituição. Em 1984, o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa instala-se no edifício central em espaços da antiga FCUL. Esta nova instituição, veio a ter um relevante papel na inovação e no método de expor ciência no panorama nacional, assim como uma função marcante na conservação de espólio disperso pelos diversos espaços da Politécnica. É nas então inovadoras reservas do Museu de Ciência que são recolhidas importantes colecções de referência para a história e o ensino da ciência e um núcleo de arte sacra e *memorabilia* que ainda resistia nos espaços da Politécnica, após todas as catástrofes que assolaram aquele lugar.

Em plena década de noventa, o então designado Complexo Museológico da Politécnica (CMP), renasce verdadeiramente para o numeroso público e começa a desempenhar um importante papel junto das comunidades científico-culturais da cidade. É neste período que, nas condições possíveis e com escassos apoios superiores, o Museu Nacional de História Natural realiza as primeiras exposições interactivas existentes no país e se produzem os primeiros estudos de público a nível da museologia nacional.

Progressivamente, e a par de uma forte componente científica que foi sendo introduzida, o Museu Nacional de História Natural abriu as suas portas à cidade através de variadas exposições, temporárias e temáticas. Estas actividades tiveram uma imediata e espontânea adesão do grande público e marcam o início do que poderia ter sido um novo processo de enquadramento científico e cultural e uma nova tomada de consciência da função social de divulgação, simultaneamente científica, cultural e pedagógica da Universidade de Lisboa.



Fig. Nº10 – Dinossáurios Regressam a Lisboa, Rua da Escola Politécnica, 1992, AH\_MNHN | MG.

Por força da necessidade de investimento na formação em novas e urgentes áreas disciplinares, que dessem suporte a um vasto e interessantíssimo conjunto de novos projectos que obrigavam à interdisciplinaridade entre a actividade de investigação e a sua própria divulgação (fazer ciência num âmbito culturalmente mais alargado), o Museu Nacional de História Natural adquire uma relativa autonomia criativa.

De facto, no início do novo *millenium*, vislumbrava-se verdadeiramente, nos espaços da Politécnica, uma nova abordagem cultural da técnica e da ciência, projectando construir, no coração da cidade, uma ponte de diálogo criativo entre a sensibilidade cultural e a razão, própria à divulgação científica<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> A este respeito Cristina Bruno em 1993, escreve nas suas *Impressões de Viagem: Um Olhar Sobre a Museologia Portuguesa* “ (...) Menciono, ainda, o estudo realizado sobre o impacto causado pela exposição “Dinossáurios”. Fugindo completamente aos “parâmetros portugueses”, tanto do ponto de vista da forma museográfica robotizada, quanto da espetacular reação do público, considerei fundamental proceder a esta análise. (...) Além da mostra ter ficado aberta, em muitos dias durante a madrugada, para atender visitantes que chegavam de todo país, ela causou um grande impacto no comércio situado próximo ao Museu de História Natural, onde estava sendo apresentada. / Durante o período de funcionamento da exposição era comum referências nos jornais e nas ruas sobre o evento. (...) Embora esse evento não esteja vinculado a nenhuma das facetas da museologia contemporânea portuguesa, tenho certeza que interferiu em sua dinâmica, na medida em que transgrediu a ordem estabelecida tanto pelos profissionais da museologia tradicional quanto pelos precursores de uma nova metodologia de trabalho.” (Cadernos de Sociomuseologia nº 9, 1996, p. 111-112).

Esta nova dinâmica começa, no entanto, a ser estranha à totalidade da cultura organizacional interna, herdada da Academia e da própria Tutela. A plasticidade e interação interdepartamental, que então se ambicionou implementar, começou a gerar bloqueios internos entre as várias lideranças e pelouros. Cada departamento assume objetivos autónomos, mesmo que para isso tenha que por vezes entrar em cisão com outros sectores irmãos e pondo de parte uma desejada colegialidade. Paradoxalmente, face a uma procura anual de cerca de 150.000 visitantes<sup>12</sup>, o espaço dos Museus começa a fechar-se sobre si próprio, evidenciando uma frágil estrutura organizacional, por vezes de natureza autofágica e contraditória.

Como escreve François Rabelais, em «*Gargantua e Pantagruel*» - “a ciência sem consciência não é senão a ruína da alma” (Rabelais, 1532; cap.2 VIII). A enorme fragmentação identitária que continua a existir hoje no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, a perceptível desorganização e a degradação preocupante de alguns dos seus espaços, parecem, também, ter sido fruto de uma incapacidade de adaptação às exigências externas de partilha de responsabilidades com a cidade e com a própria comunidade nacional<sup>13</sup>.

Quando temos em aberto uma discussão pública sobre a reabilitação daquele espaço e da sua envolvente urbana, é fundamental que, quer a tutela quer as instituições museológicas que ali habitam, se centrem em ideias criadoras de futuro e tomem consciência comum da sua real função social. O mesmo é dizer, que é necessário abandonar os constrangimentos tradicionais de um modelo organizacional fechado sobre si próprio e passem a olhar o Museu de uma outra perspectiva – a partir das pessoas, dos cidadãos e do mundo que os rodeia. Em nosso entender, isto só se pode compreender num modelo de aquisição de competências e investimento em formação adequada – «*outward looking*»<sup>14</sup> – para gerir aquele lugar da cidade.

---

<sup>12</sup> Dados oficialmente apurados pelos Museus da Politécnica em 2008/2009.

<sup>13</sup> Este estado de quase «anomia» institucional é expresso pelo próprio Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa, em entrevistas e comunicações públicas recentes (Coelho, 2010).

<sup>14</sup> Modelo de gestão voltado para o exterior, centrado nas pessoas e na sociedade.

Nos capítulos seguintes desta Tese, teremos ocasião de abordar, precisamente, este novo paradigma, à luz de modelos teóricos da área das ciências sociais que esperamos possam vir a ser um contributo para a investigação aprofundada sobre a história e sobre o futuro daquele espaço Museológico e se constituam como base teórica, em geral, de um novo modelo de acção em torno da reabilitação museológica e urbana, centrada na real função social dos espaços da cidade e garante do desenvolvimento das comunidades.

# CAPÍTULO I

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*“Parece-me justo que enquanto passeio num bosque, utilize cada experiência e cada descoberta para aprender a respeito da vida, a respeito do passado e do futuro. Mas como um bosque é criado para toda a gente, não devo procurar factos e sentimentos que só a mim me dizem respeito”*

Umberto Eco (1994).

## O Museu Contemporâneo como Espaço de Intervenção Social no Desenvolvimento das Comunidades Urbanas.

*“Na nova cidade contemporânea o velho e tradicional modelo de museu entendido como realidade fechada e separada, lugar de conservação e de defesa do excepcional parece destinado a desaparecer”.*

Giandomenico Amendola (2000)

Mesmo depois de todas as mudanças que foram acontecendo no mundo dos museus e da museologia ao longo das últimas décadas, a realidade é que esta imagem do “*velho e tradicional modelo de museu*” fechado sobre si próprio, de que nos fala Giandomenico Amendola, ainda perdura. O arquétipo do Museu, continua ligado a um edifício pesado com uma fachada de frontão triangular, com uma colunata e uma enorme escadaria pela qual é necessário ascender antes de entrar. Esta imagem de “*O Museu*” está há muito inscrita quer no cidadão comum quer nos próprios profissionais dos museus e faz parte dos pictogramas e sinalética utilizada a nível internacional. De tal forma esta representação clássica está inscrita no cidadão comum que, se pedíssemos a várias pessoas para nos desenharem um Museu, rapidamente recolheríamos inúmeras representações homólogas, mesmo de profissionais que trabalham em museus contemporâneos que nada têm a ver, em termos arquitectónicos, com esta tipologia tradicional de edifício (Hooper-Greenhil, 2000).

Esta imagem de «*O Museu*» como espaço sagrado e intangível está, de facto, socialmente muito enraizada e sustenta uma aura de mito e poder, continuando a encobrir fortemente todas as transformações que foram tendo lugar no mundo da museologia e do potencial social das nossas instituições. Hoje, muitos espaços museológicos continuam com esse estigma de lugar especial, separado do mundo contemporâneo<sup>15</sup>. Em termos urbanos, este *status museal*, passou entretanto, a ser em crescendo, uma extraordinária, mais-valia para os

---

<sup>15</sup> João Teixeira Lopes (1998), no seu estudo sobre os públicos da cultura, partindo de dados recolhidos em Lisboa e no Porto, refere que continua a existir uma minoria familiarizada com esquemas sociais relacionados com a “*alta cultura*” e um público maioritário mais plural, ainda assim, proveniente de grupos urbanos socialmente favorecidos. No seu conjunto, o discurso cultural continua “*um passo atrás das práticas [e] assenta ainda, em representações de uma ordem cultural anterior*” (Lopes, 1998; cap.XIII/2.) Esses grupos, continuam, ainda, a sentir “segurança e deleite” por esses lugares tradicionais da sua eleição.

territórios das cidades contemporâneas. Nesta perspectiva, por exemplo, situar «*O Museu*» numa área habitacional, passou a imprimir obrigatoriamente, um novo «*status cultural*» e promove cada vez mais espaços nos bairros da cidade moderna.

Hooper-Greenhil (2000) refere, contudo, que esta tipologia cheia de «*aura-nobilis*», constitui apenas uma imagem superficial da realidade do terreno *museal* a nível mundial. Na realidade, hoje, muitas das instituições museológicas sobrevivem entre este imaginário ufano e a falta de verbas ou orçamentos muito reduzidos, com falta de profissionais que acumulam funções para as quais não têm competências específicas. A mesma autora, observa de forma pertinente, que na sua maioria estes museus são, também, instituições com fraca cultura organizacional e gestão deficiente, onde os planos estratégicos museológicos continuam a ser pouco claros ou são inexistentes. Apesar de não possuírem os recursos necessários, a maioria dos profissionais do campo *museal*, continua a ter uma representação do museu muito tradicional, o que torna dramático o esforço de inovação institucional e a abertura dos museus às suas envolventes sociais.

Esta orientação institucional, faz parte de um imaginário do passado e está mais centrado num «*inward-looking*»<sup>16</sup> do que num «*outward-looking*».<sup>17</sup> A falta de direcção estratégica, por norma, está baseada em atitudes, valores e percepções que foram assumidas como absolutas e são apenas fruto de processos internos, desenvolvidos no isolamento face a outras instituições e face às comunidades envolventes<sup>18</sup> (Hooper-Greenhil, 2000).

---

<sup>16</sup> Instituição voltada para dentro, mais centrada em si mesma, do que em outras pessoas ou na sociedade.

<sup>17</sup> Instituição voltada para o exterior, centrada nas pessoas e na sociedade.

<sup>18</sup> Este tipo de raciocínio integra um novo tipo de discurso que vem de outras áreas do conhecimento, por exemplo dos trabalhos de Henry Mintzberg e Robert E. Quinn em gestão organizacional. Nessa linha de pensamento, podemos considerar também as análises mais argutas que já no início dos anos 70 foram feitas a este propósito por Alma Wittlin (1970), num artigo sobre a urgência da renovação dos programas museológicos onde a autora cita John Gardner:

*“Most ailing organizations have developed a functional blindness to their defects. They are not suffering because they can’t solve their problems, but because they won’t see their problems” (Gail Anderson 2004, p.56).*

A este propósito, Duncan F. Cameron (1971) refere também:

*“Our museums are in desperate need of psychotherapy. There is abundant evidence of an identity crisis in some of the major institutions, while others are in an advanced state of schizophrenia. These of course, are relatively new museum ailments, and we still have to live with the more traditional complaints \_ delusions of grandeur on the one hand and psychotic withdrawal on the other \_ but the crisis at the moment, put in the simplest possible*

Na investigação em curso, ao analisarmos o museu enquanto «cúmplice» da sua envolvente social, não o entendemos mais como «*O Museu*» - um armazém de objectos descontextualizados, templo guardião de conhecimento, herdeiro de colecções acumuladas em vitrinas e reservas, grande *congelador da humanidade*. Estes espaços frios e empoeirados do passado, a servir apenas um público restrito, entraram num galopante declínio a partir dos anos 70. Muitos, como dissemos no início deste capítulo, asfixiaram no meio de tanta poeira, sem capacidade de responder eficazmente à auto-renovação. Outros «*descongelaram*» o seu próprio espaço, introduziram inovações museográficas e tecnológicas, «*maquilharam um rosto novo*» mas continuaram a aplicar um discurso tradicional nas suas práticas diárias.

Face às mudanças sociais das cidades contemporâneas, consideramos como Pauline Tompkins que as instituições museológicas, hoje, devem investir num “*audacioso uso da imaginação social*” (Anderson, 2004; p.56), dando lugar a novos cenários que se dirijam no sentido de uma mudança radical nas organizações e ajudem a perspectivar novos objectivos futuros. Na linha de Bourdieu (1989), encaramos esta mudança radical como uma «*conversão do olhar*», uma metanóia assente num «*novo olhar*» sobre o museu. Na nossa investigação – “*o que nos interessa [nos museus] não é a sua transformação técnica, [mas a sua] transformação moral*” (Bruno, 2007; p. 2). Consideramos, deste modo, que os museus têm que ser entendidos com uma nova postura reflexiva e ética, ou seja, como dissemos anteriormente, o museu tem hoje uma nova função que é a de estimular o aparecimento de novas representações do real e contribuir, assim, para a transformação das diferentes práticas sociais.

Dos inúmeros documentos que analisámos, referentes a este «*novo olhar*» sobre o museu, destacamos pela sua importância e modelo renovador do discurso das práticas museais, a declaração saída da Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972. De facto, foi aí que foram delineadas as bases fundamentais para que a Museologia passasse a ter uma

---

*terms, is that our museums and art galleries seem not to know who or what they are. Our institutions are unable to resolve their problems of role definition”* (Anderson, 2004, p.61).

Queremos com isto dizer da importância da transdisciplinaridade e multidisciplinaridade que de facto, a museologia hoje tanto requer. Também nos museus, a gestão da mudança não pode estar dissociada de outras áreas do saber, nomeadamente das ciências sociais.

participação activa nos processos de transformação social, económica e cultural. Lemos no início da declaração:

*“ (...) Que o museu é uma instituição ao serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, situando suas actividades num quadro histórico que permita esclarecer os problemas actuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças (...) ”* (Cadernos Sociomuseologia nº15, 1999, p. 106).

O envolvimento do museu com os problemas da cidade foi muito abordado nesta Mesa Redonda, recomendando-se firmemente – *“ (...) Que os museus devam servir à consciencialização mais profunda dos problemas do meio urbano (...) ”*, realizando acções que, de alguma forma, possam contribuir para a resolução dos problemas sociais emergentes no seio das comunidades. O desenvolvimento de exposições, a investigação e a participação dos museus em actividades das suas respectivas envolventes, foram ali apontados como iniciativas construtivas para informar e, sobretudo, formar os cidadãos sobre as suas áreas de inserção territoriais.

Em Santiago do Chile o Museu assumiu, desta forma irreversível, um compromisso com o desenvolvimento social e com o envolvimento das instituições com a vida contemporânea. Estavam dados os primeiros passos para o Museu deixar de ser apenas um templo de saber indiscutível, passando a ser fundamentalmente um local de acolhimento de questões e um fórum de discussão social (Cadernos Sociomuseologia nº15, 1999).

O mesmo é dizer, na linha de Bachelard (1989), que transformaremos o espaço dos nossos museus, na medida em que transformarmos a nossa natureza enquanto profissionais de Museologia. Como refere, a este propósito, Mário Moutinho (2004) – *“ (...) trabalhar com problemas é bem mais complexo do que trabalhar com objectos”* – exige renovar mentalidades, readaptar perfis de formação, competências humanas e profissionais.

Volvidas mais de três décadas sobre a Mesa Redonda de Santiago e após um trabalho persistente de inúmeros investigadores e profissionais directamente ligados às áreas da cultura a nível internacional, as premissas da então fundada Sóciomuseologia, continuam bem actuais.

Como nos refere Gail Lord (2000b) na sociedade do conhecimento em que hoje vivemos, os cidadãos que visitam os nossos museus ou aqueles com quem partilhamos apenas o espaço urbano, exigem das instituições uma auto-renovação permanente. O «*capital social*» da cidade contemporânea, a velocidade da circulação de informação e a elevada instrução, os níveis de mobilidade e a inovação exigem, sobretudo, que os responsáveis e as tutelas dos museus estejam atentas ao que se passa na diversidade das suas envolventes urbanas, de forma a integrarem nos seus espaços de actuação os mais ambiciosos objectivos sociais enquanto motor de regeneração das respectivas comunidades.

Se o Museu for capaz de desenvolver estratégias de interactividade com a sociedade moderna, estará a contribuir de forma pro-activa para o alcance dos objectivos de desenvolvimento urbano e regeneração da cidade (Lord, 2000b). Desta forma, os museus desempenharão um importante papel na criação de consciência crítica, quer no que diz respeito à construção e representação de identidades, quer reposicionando-se como importantes instrumentos pedagógicos e ideológicos.

## **Envolvimento e Boas Práticas.**

Nunca como desde os finais do século XX, a indústria do lazer, o turismo cultural e os movimentos criativos da cidade contemporânea, deram tanta ênfase a projectos de novos museus. Como refere Manson (2008), hoje, famílias e amigos que jamais têm tempo de se encontrar, viajam para se juntar na visita a um novo museu que acabou de inaugurar, algures a milhares de quilómetros dos seus territórios residenciais.

Como vimos anteriormente, os museus continuam a figurar no imaginário colectivo como espaços de poder, transformando-se, cada vez mais, em ícones culturais e símbolos de modernidade. São vários os exemplos internacionais de museus que se impuseram no espaço urbano e contribuíram para a sua requalificação. Estas «*novas catedrais*» continuam, a nível internacional, a perpetuar a imagem associada a «*O Museu*». Modelos recentes que vão do Guggenheim Bilbao, da autoria de Frank Gehry, em Espanha (1997), passando pelo Denver Art Museum, desenhado por Daniel Libeskind, nos Estados Unidos (2006), ao MAXXI \_

Museo Nazionale Delle Arti Del XXI Secolo, projectado por Zaha Hadid em Roma (2010), marcam uma década de instituições que foram construídas tendo como objectivo estratégico o reabilitar e dinamizar economicamente o território urbano, sob a fórmula do «*Efeito Bilbao*»- (Politica + Arquitecto Consagrado + Vasta Campanha de Publicidade e Marketing + Vasta Campanha Mediática = Turismo + Benefícios Económicos). No entanto, são poucos os projectos desta natureza que têm enriquecido esta fórmula com a variável factor humano e social, cooperando na valorização das cidades onde são implantados, de forma a cumprir as suas verdadeiras funções sociais, a envolver as comunidades nas políticas públicas de reabilitação e impondo-se como interfaces de conhecimento e construção de novos saberes.



Fig. Nº11 – Guggenheim Bilbao | Denver Art Museum | MAXXI \_ Museo Nazionale Delle Arti Del XXI Secolo.

Seguidamente, apresentaremos três casos onde nos parece que este novo paradigma de museu desempenhou, de facto, um papel fundamental junto dos cidadãos, promovendo processos de planeamento participativo e transformação sociocultural profunda, no território urbano, o que nos atrevemos a designar como - «*Efeito Social*».

- **O Museu Contemporâneo na Reabilitação Urbana | Três Casos de Sucesso.**

Em meados de 1800, o jornal *The Times*, em Londres, inicia uma campanha pública de sensibilização e captação de fundos para a construção de um novo espaço que pudesse albergar a colecção de pintura e escultura britânica do século XIX. Respondendo a este movimento, Sir Henry Tate patrocina a recuperação da antiga prisão de Millbank no centro da cidade. Em 1897 é inaugurada a *Galeria Nacional de Arte Britânica*, da qual fazem parte inicialmente a totalidade da colecção particular de Henry Tate e algumas obras procedentes da National Gallery, em Trafalgar Square. Em 1917 a Galeria alarga o seu espólio e torna-se,

também, responsável pela Colecção Nacional de Arte Moderna Internacional. Em 1950, dada a sua crescente importância no panorama nacional das artes, a instituição torna-se completamente independente da National Gallery.

Por volta dos anos 90 a colecção tinha crescido extraordinariamente e o edifício original em Millbank começa a não reunir condições para cumprir os seus objectivos museológicos. Em 1992 o governo de John Major reformula a política cultural em Inglaterra. A então vulgarmente chamada *Tate Gallery* ganha estatuto corporativo com um Conselho de Administração próprio, com razoável autonomia administrativa e financeira, respondendo directamente ao Departamento Nacional da Cultura, Media e Desporto. O alargamento do seu âmbito de actuação e os planos para abrir uma segunda galeria em Londres, dedicada exclusivamente à colecção nacional de arte moderna internacional, datam deste período, quando se iniciaram, também, os primeiros esforços na procura de um local para a construção de uma nova extensão do museu inicial.

Ao contrário do que acontece na maioria dos países Europeus, em que é o Estado que organiza e financia na totalidade os grande projectos culturais, em Inglaterra exige-se a criação de uma complexa teia de instituições públicas, privadas e sem fins lucrativos, para orientar e coordenar os respectivos projectos de reestruturação, desde o início à sua conclusão. O primeiro embaraço deste Comité, criado com o intuito de remodelar a organização da *Tate* e o planeamento da nova extensão, foi exactamente o de se ter deparado com o dilema da construção de um novo edifício ou da conversão de um espaço, já existente na cidade, suficientemente adequado a novas funções.

Como nos relata Manson (2008), consultor do projecto, para conseguir o apoio inicial do Governo era necessário conhecer quais eram os objectivos e as metas que este estabelecera para o desenvolvimento da cidade de Londres. Rapidamente o Comité deu conta que a reabilitação de um espaço degradado na cidade era o primeiro passo para obter fundos do governo no arranque do projecto. Após uma grande polémica e um vasto processo de consulta pública, em 1994/95, a antiga estação de energia de Bankside, concebida por Gilbert Scott em 1940, foi escolhida para albergar o primeiro museu exclusivamente dedicado à arte contemporânea da cidade.



Fig. Nº12 – Tate Britain | Tate Modern | Workshop com os vizinhos para a construção de um Jardim na envolvente, 2010.

Tirando partido da originalidade do edifício da central eléctrica e de uma situação de excelência sobre o rio Tamisa, a *Tate* assumiu-se como parte fundamental da estratégia de reconversão de uma área industrial obsoleta, em Londres. Contrariamente, ao que podia ter sido, à partida, mais um projecto de estrelato iconográfico com a simples implantação de um novo edifício, este projecto, tornou-se num interessante processo de urbanismo participativo, tendo por instituição charneira um Museu. A *Tate* constituiu-se, como plataforma de envolvimento de múltiplas sensibilidades, contribuindo desta forma, para salvar Bankside da decadência e da demolição selvagem de memórias colectivas (Linda Lees, 2010).

Na fase de planeamento, durante a construção e após a abertura em 2000, a *Tate* trabalhou em parceria com o «*Southwork Council*» e com os residentes locais para garantir, claramente, desde o início, que a requalificação que estava a acontecer, iria trazer benefícios visíveis do ponto de vista económico-social para aquela envolvente. A política de boa vizinhança e a preocupação com os valores da comunidade local foram, assim, fundamentais para a eficaz execução de todo aquele programa de reabilitação (Tony Travers, 2005).



Fig. N.º13 – Tate Modern | Workshop - *Can Cities Be Improved By Design?*

Para além da consulta pública online, que teve desde o primeiro momento uma participação impressionante<sup>19</sup>. Em campo estiveram equipas de trabalho a avaliar junto da

---

<sup>19</sup> Note-se que a participação pública no Reino Unido, tem uma larga tradição. Cliff Moughtin (2003), observa como a tensão criada no âmbito do planeamento urbano, entre arquitectos, urbanistas, empresários, políticos e as comunidades, tem sido uma constante histórica em Inglaterra e como fruto do reconhecimento desta tensão, se chegou à negociação entre os vários interesses envolvidos nos processos de concepção e desenvolvimento das cidades inglesas. A partir de 1960, as políticas de planeamento do território, foram sendo alteradas pelos sucessivos governos Britânicos. O envolvimento dos cidadãos nestes processos, tem ganho cada vez mais importância, sobretudo, a partir da instituição do *Planning Act* em 1990 (<http://www.legislation.gov.uk/ukpga/1990/8/contents>). Esta legislação, tem vindo a ser um importante instrumento pedagógico em termos de formação académica de arquitectos e urbanistas, assim como, tem contribuído para a formação e informação da opinião pública. Fruto das novas atitudes de participação democrática que originou, este conjunto de leis, têm vindo a ser alvo de inúmeras alterações e aperfeiçoamento nas últimas décadas, o que permitiu tornar o planeamento estratégico do território britânico, cada vez mais transparente. O envolvimento obrigatório das comunidades, em todos os processos de construção e reabilitação das cidades Inglesas nos últimos anos, tem sido uma constante das políticas nacionais e de forma transversal, independentemente da ideologia política, tem havido uma preocupação com a formação e educação dos cidadãos a este propósito. Como refer, o próprio Príncipe Carlos em 1989 - “*People should be involved willingly from the beginning in the improvement of their surroundings...but participation cannot be imposed: it has to start from the bottom up*” (Moughtin, 2003, p.11).

O sucesso da Tate Modern, não foi fruto do acaso e teve como base, a análise cuidada e intensiva de estudos de impacto económico, social e cultural que segundo a legislação Inglesa são obrigatórios e devem ser sujeitos a escrutínio junto de todos os envolvidos nos projectos de construção ou reconstrução da cidade. Neste âmbito, e no caso específico da Tate, foram realizados, inquéritos locais, nacionais e internacionais (online), divulgação e informação massiva, debates públicos, reuniões onde foram estabelecidas parcerias públicas e privadas com instituições responsáveis pela gestão local, com associações de moradores, com as escolas e com as famílias residentes, assim como, com núcleos ligados às indústrias criativas interessadas em investir naquele local.

Foi a mudança de olhar sobre todo o processo de reconstrução de Bankside, no sentido de uma maior transversalidade e da integração de todos os referenciais e valores com interesse no desenvolvimento do projecto, que permitiu que a Tate Modern fosse um projecto inovador em temas de mudança e se diferenciasse de outros modelos que à partida poderiam parecer semelhantes, como por exemplo a construção do Guggenheim Bilbao.

população local, as suas aspirações futuras e o imaginário de todo espaço de implantação. Os residentes, participativamente, guiaram os elementos desta equipa, visitando os lugares que mais gostavam na envolvente e utilizando genuinamente metodologias da museologia, na própria cidade. Foram contra a construção de estacionamento e o de aumento de tráfego, o que gerou uma curiosa reorganização dos transportes públicos locais. Pediram mais parques e jardins, deixaram claro que necessitavam de trabalho e ocupação. Estes primeiros dados foram fundamentais para a requalificação daquele espaço público, mas também, na criação de programas de formação estética, de formação técnico-profissional, vastas campanhas de informação nas escolas e associações locais (Manson, 2008).

Como nos refere Linda Lees (2010), nesta atenção ao que os vizinhos esperavam, a *Tate* revelou-se não só um curador de obras de arte, como também assumiu o papel de «*curador de pessoas*», tornando-se um organismo de confiança, reabilitando não só um espaço físico mas transformando e reforçando a identidade de uma população. Quando abriu ao público em 2000, 30% dos postos de trabalho eram exclusivamente ocupados pela população local, recebeu durante o primeiro ano 1.8 milhões de visitantes, gerou uma nova dinâmica na envolvente onde existiam em 2010, 21.300 indivíduos a trabalhar directamente em indústrias criativas.

Rt. Hon Chris Smith (2005), defende que a *Tate Modern* se tornou num elo cultural fundamental no espaço urbano, tendo largamente contribuído para redefinir, as políticas culturais e socioeconómicas da cidade de Londres<sup>20</sup>. O espaço ocupado simbolicamente pela *Tate Gallery* a nível nacional mudou também completamente. Hoje, a *Tate* conta com quatro outras Galerias em Inglaterra e ganhou uma projecção internacional que se expressa em empréstimos, itinerâncias, diversas parcerias de trabalho e investigação a nível mundial. A este propósito, Deyan Sudjic (2005) afirma - “*Tate has changed the way that Britain sees art, and the way the world sees Britain*”.

Simultaneamente, ao processo da *Tate Modern* em Londres, outro projecto de reabilitação participativa extremamente interessante tinha lugar em Itália. Na recuperação do antigo porto da baía de Nápoles novamente uma instituição museológica seria a chave de

---

<sup>20</sup> São exemplos deste processo, entre outros, a nova Peckham Library, a construção de uma nova universidade em Southwark, a construção do Royal Festival Hall.

sucesso para a recuperação de uma importante área urbana. Nesse espaço, onde anteriormente existia uma indústria química degradada, viria a crescer a *Cittá della Scienza*.

Este complexo de sessenta e cinco mil metros quadrados, foi iniciado pelo físico *Vittorio Silvestrini* e levou à criação de uma fundação sem fins lucrativos, para gerir todo o projecto - *Fondazione IDIS-Città della Scienza*. Rapidamente, como no processo da *Tate Modern*, o museu constituiu-se como plataforma de ideias, um campo de experiência para a aprendizagem informais variadas, um espaço de ensino superior, um centro de formação permanente, uma incubadora de empresas e um importante espaço de lazer da cidade. O principal desafio inicial era construir um espaço que fizesse a ponte entre a produção de conhecimento científico, a indústria e a envolvente social.

O projecto teve, desde o início, uma forte vocação local e seria dedicado à divulgação/produção de cultura científica, contando com uma área exclusivamente dedicada a crianças, a *Officina dei Piccoli*, inspirada fortemente no modelo *Hands On*. Este lugar, dentro do centro de ciência, foi considerado um espaço privilegiado para o museu estabelecer pontes com o futuro. Depressa esta *Officina* passou a atrair centenas de crianças e famílias e foi acolhida em Nápoles, como o espaço da cidade mais significativo no âmbito educativo, criativo e cultural.

Quatro anos depois da sua inauguração, a grande afluência de público obriga a uma remodelação e alargamento, de forma a dar resposta às necessidades dos milhares de visitantes anuais. A equipa de pedagogos, educadores, psicólogos, arquitectos e técnicos, inicia, então, um curioso processo de reflexão baseado sobretudo nas aspirações do seu público-alvo – crianças dos 0 aos 12 anos e respectivas famílias.

Inspirada nos trabalhos do urbanista Percival Goodman (1947), que defendia que a experiência (comportamentos, percepções, aspirações) dos habitantes de uma cidade era fundamental para qualquer projecto de intervenção no espaço urbano e que as pessoas, incluindo crianças, deviam sempre ser ouvidas de forma a promover a participação activa da construção do território urbano, a equipa do museu decide utilizar a metodologia da *Oficina*

*Europeia para a Construção de Cenários (European Awareness Scenario Workshop - EASW)*<sup>21</sup> junto de um grupo de crianças da comunidade local.

Esta metodologia foi lançada pela Comissão Europeia em 1994 e serviu como ferramenta para a construção de inúmeros processos participativos em toda a Europa, tendo tido uma particular relevância na elaboração de *Agenda 21 Local*<sup>22</sup>.

O *EASW* é, ainda hoje, um instrumento fundamental para estimular a participação social na solução dos problemas característicos do território urbano. Incentiva a promoção do debate, a participação social, actua através da sensibilização e de formação da opinião pública, baseando-se na ideia de que através do envolvimento democrático, nas escolhas ligadas ao melhoramento das condições de vida dos centros urbanos, os actores sociais, podem construir visões de futuro acerca das suas próprias comunidades.

---

<sup>21</sup> Pelo que sabemos, esta foi a primeira vez que esta ferramenta foi utilizada a nível da Museologia. Em Portugal, não temos conhecimento que alguma vez tenha sido empregue no campo *museal* e raramente se recorre a esta metodologia, nas áreas do Urbanismo ou no planeamento participativo. Já durante o decorrer da nossa investigação, experimentámos utilizar a didáctica *EASW* no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, aplicando-a com sucesso, ao estudo participativo sobre a sustentabilidade futura do Serviço de Educação e Animação Cultural.

<sup>22</sup> Expressão local da *Agenda 21* que foi adoptada na Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro em 1992. É um documento orientador dos governos, das organizações internacionais e da sociedade civil, para o desenvolvimento sustentável que pretende conciliar a protecção do ambiente com o desenvolvimento económico e a coesão social.

Na sua aplicação local, nomeadamente em território urbano, a *Agenda 21*, têm revelado ser um importante instrumento de gestão, envolvendo diferentes parceiros sociais e os cidadãos na aplicação das orientações da Estratégia Europeia de Desenvolvimento Sustentável, aprovada no Conselho Europeu de 9 de Junho de 2006 (<http://www.desenvolvimentosustentavel.pt/>). A sua acção prática no terreno, parte de um diagnóstico de situação, estabelece metas a alcançar nas vertentes da protecção do ambiente, desenvolvimento sócio-económico e coesão social. Este processo tem também como objectivo um maior desempenho em termos de participação pública e nesse sentido, é desenvolvido por actores locais em parceria com os cidadãos e sociedade civil, envolvendo todos na promoção da cidadania activa (APA – MAOTDR, 2007).

A equipa interdisciplinar da *Città* adaptou, pela primeira vez, esta metodologia a uma comunidade local específica, na exigência do planeamento participativo de um lugar de desenvolvimento cultural da cidade.

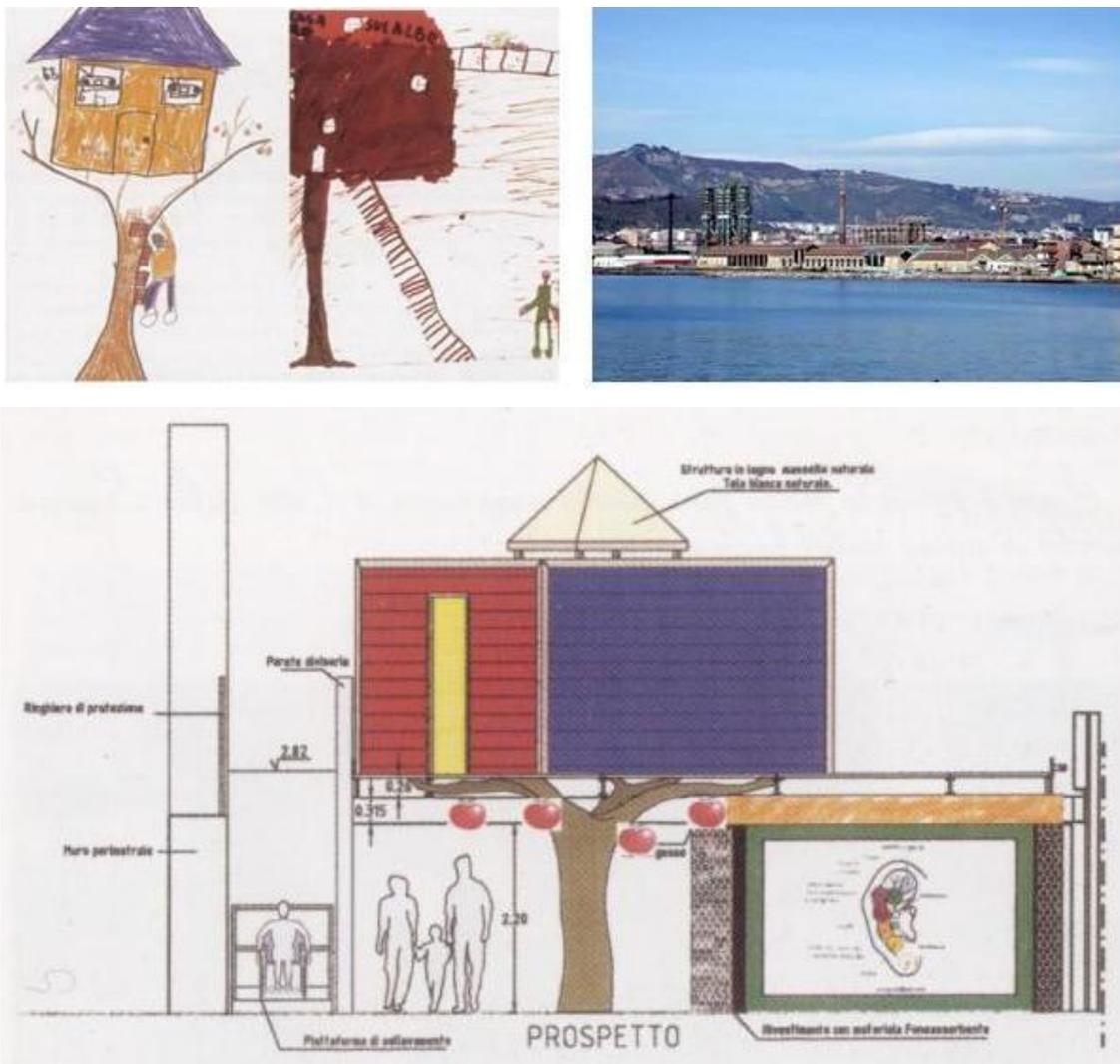


Fig. N°14 – *Città Della Scienza* 2001. Sugestões das crianças e projecto para a exposição permanente.

Neste sentido, envolveu as pré-representações dos seus públicos, sobre a ciência e sobre o novo espaço museológico e trabalhou directamente com um grupo de escolas e famílias de Nápoles, num processo que resultou original e que foi reciprocamente muito enriquecedor. Por um lado, as crianças e as famílias foram verdadeiros protagonistas na construção do Museu, desenvolvendo em conjunto com a equipa da *Città*, novos métodos de análise, de aprofundamento de conhecimentos, adquirindo capacidade de observação, sugerindo novas ideias, apontando soluções válidas e originais. Por outro lado, a *Fondazione IDIS-Città della Scienza*, ao aplicar pela primeira vez esta metodologia no processo de

construção de uma instituição museológica, contribuiu para formar cidadãos, cumprindo largamente as suas funções de âmbito social. Avaliou desta forma, a possibilidade de mudança e inovação, partindo das reais necessidades e expectativas, dos seus jovens visitantes.

O resultado desta experiência foi francamente positivo e foi rapidamente alargado a outros pontos da cidade e do país, onde a equipa multidisciplinar do Museu trabalhou posteriormente, em conjunto com outras populações, em projectos de reabilitação urbana e planeamento participativo, contribuindo para o desenvolvimento do território e cumprindo a sua função social.

Em Portugal, em face a estes dois exemplos internacionais, não parecem existir experiências semelhantes, quer de intervenção de um museu na requalificação participada a nível sociocultural de uma comunidade urbana, quer de reformulação profunda de uma instituição museológica, partindo do envolvimento das representações e imaginário das suas envolventes. No entanto, no panorama museológico nacional, a criação do Museu da Luz no Alqueva tem sido, talvez (ressalvando a dimensão e a escala absolutamente diversa), a experiência mais aproximada com as práticas internacionais que descrevemos anteriormente.

Nos anos 80, o projecto de construção da barragem do Alqueva, no Alentejo, mobilizou enormemente o país, envolvendo múltiplos actores sociais numa tentativa de melhorar substancialmente uma zona importante do território nacional.

O projecto da nova barragem esteve ligado (com muita polémica), desde o início, à submersão da povoação da Luz, no Conselho de Mourão. O território da aldeia e sua envolvente, tinham associado uma longa história de ocupação humana e um património sociocultural inestimável.

Para gerir todo o empreendimento, incluindo a construção de uma nova aldeia para realojar os habitantes da Luz, foi constituída a *EDIA, S.A. - Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas de Alqueva*. Durante os anos 90, no processo de planeamento do novo espaço urbano de realojamento, estiveram envolvidas várias entidades, com larga participação de

equipas multidisciplinares de investigação em campo para proceder ao levantamento de toda a aldeia, incluindo o seu *imaginário*, junto dos habitantes.

Foi com estes dados que a nova Aldeia da Luz foi construída de raiz, num local escolhido pela própria população e numa lógica – «*casa por casa*». Desde o início do processo que as entidades locais, em representação da comunidade, propuseram a salvaguarda do Património local e a construção de um Museu. Neste sentido, a recolha de objectos significativos, referenciais da comunidade, foi desencadeada espontaneamente pela população e deu origem a uma primeira mostra do que seria, mais tarde, o Museu da Luz.

Quando inaugurou em 2003 este Museu constitui-se como espaço de conservação dos processos desencadeados para a construção da barragem mas, sobretudo, assumiu-se como local de envolvimento de memórias, de interpretação da metodologia original de salvaguarda de património e como um local de partilha de ideias e de desenvolvimento local.



Fig. Nº15 – Oficina *Retratos da Luz* | Museu da Luz | Projecto *Conversas à Volta da Mesa* com os residentes da Aldeia.

Desde a sua abertura, o Museu tem tentado pôr em prática de forma sistemática, uma variedade de programas que visam estabelecer o diálogo aberto com a comunidade envolvente. A investigação que tem resultado destes processos tem tido como temas centrais a adaptação à nova aldeia e as emoções associadas aos quotidianos da comunidade. O Museu assume-se aqui, novamente, como «*curador de pessoas*», no sentido em que é «*campo de terapia*» de uma comunidade face a um projecto urbanístico falhado<sup>23</sup>. O objectivo deste

<sup>23</sup> Clara Saraiva, num trabalho de carácter etnográfico que realizou em 2005 sobre o processo de mudança da Aldeia da Luz, considera que no geral o projecto respeitou a resolução do Conselho de Ministros de 1976, segundo o qual “*as pessoas da Luz deveriam ser ouvidas e os seus desejos respeitados*” (Saraiva, 2005; p. 191). A mesma autora refere, também, que a meio do processo de mudança deixou de existir diálogo entre os projectistas responsáveis pela implantação da nova aldeia, com a *EDIA* e com a própria população, em parte porque entre todos os intervenientes, era divergente a representação sobre o conceito de «Aldeia Alentejana». A equipa do futuro Museu teve, também, um papel importante nesta mediação da tensão que se gerou nessa altura.

trabalho tem sido guiado fundamentalmente para o estabelecimento de pontes de diálogo entre as aspirações que os habitantes da aldeia têm sobre a função da instituição no terreno e a forma como o Museu, na sua vertente primordial de fórum, poderá contribuir para a criação de novas representações mentais que garantam o futuro da sua envolvente de implantação.

Longe do sucesso alcançado com as experiências que relatámos de Londres e Nápoles, este projecto ainda é pouco reconhecido e incentivado no nosso País. Como o fotógrafo Eurico Lino do Vale escreveu em 2009, após uma residência artística na Aldeia da Luz – “ (...) *Tudo vai depender das Gentes. Os lugares são o reflexo das suas almas*”.

---

Neste sentido o Museu teve desde o início o papel de “*ajudar as pessoas a reencontrarem a sua identidade*” (Saraiva, 2005; p. 314).

## As Representações Sociais.

*“A representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar ao outro as nossas próprias imagens”*

Gaston Bachelard (1989)

*“Cada representação realmente social integra no conhecimento o rosto das coisas e liberta cada individuo do medo da invisibilidade do mundo em que vive, ou seja, do tabu poderoso da imaginação”*

Moscovici (2007)

Sabemos que na interacção social de cada sujeito a representação do real é construída a partir de um lento processo de clarificação perceptiva que, progressivamente, vai calibrando a informação recebida da envolvente externa. Nesse processo de lenta introjeção, cada sujeito selecciona, categoriza e constrói núcleos figurativos cada vez mais autónomos e simbólicos. Desde muito cedo que assim é na vida de todos nós. A formação e desenvolvimento de representações e símbolos, tal como foram descritos por Winnicott e Piaget<sup>24</sup>, revelam a natureza dos processos subjacentes à formação das representações sociais. Daí a relação e o interesse que pensamos existir num estudo mais aprofundado destes fenómenos associados a construções da realidade social que envolvem, neste nosso estudo, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

O olhar clássico sobre o estudo das representações sociais, assente na «*tríade secular*» dos fundadores da teoria sociológica (Lopes, 1998), inicia-se com Émile Durkheim em 1893, ainda no sentido de *representações colectivas* que o autor define como “*as categorias de pensamento através das quais uma sociedade elabora e expressa a sua realidade*” (Minayo, 1998;p.89-111). É em sociedade e nas relações que os indivíduos

---

<sup>24</sup> Os estudos de Winnicott e Piaget sobre a formação e desenvolvimento de representações e símbolos, oferecem-nos uma explicação dos mecanismos pelos quais os factores sociais agem sobre o processo de interiorização dos conceitos, de uma forma progressiva e resultando de uma interacção com o ambiente que rodeia os indivíduos. Queremos dizer, desta forma, que estes autores defendem que as construções cognitivas são simultaneamente, culturais, afectivas e também morais (Cavaco, 2002; Jovchelovitch, 2007). No nosso estudo em particular, estas teorias e a TRS, têm particular interesse por nos facilitarem a compreensão de fenómenos macroscópicos, associados à presente investigação e, também, a nível de análises mais subtis, relativas, por exemplo, a questões directamente relacionadas com a construção do saber ou da passagem de informação/divulgação sobre o espaço do Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

estabelecem, colectivamente, entre si e com os objectos, que reside a base da conduta humana - “*As representações colectivas traduzem a forma como um grupo pensa as suas relações com os objectos que o afectam*” (Durkheim, 1978; p.79).

Durkheim considerou que os símbolos que representam um colectivo se transformam em função da natureza da sociedade onde foram originados. As representações são socialmente construídas e partilhadas através de uma dinâmica de processos de integração social que, por sua vez, é geradora de uma consciência humana comum. Neste sentido, as representações constituem a base do “*substrato social*”, uma espécie de “*composto*” da consciência colectiva (Lopes, 1998).

Na mesma linha, Max Weber (1976) deu importância à eficácia das representações na construção social. No entanto, ao contrário de Durkheim, defendeu que a vida social dos indivíduos tem simultaneamente uma base material e conceptual. Para Weber, é o sujeito portador de valores, num quotidiano carregado de significado cultural, que desenvolve a acção social de determinado grupo (Lopes, 1998). Weber, defendeu que a actividade social, estava assente numa multiplicidade e transversalidade de acções que se cruzam entre si e que têm como base o indivíduo, as suas ideias e consciência, ou seja, as suas representações. Neste sentido, considerou que uma representação é susceptível de conquistar tanto poder como a própria realidade.

A visão de Karl Marx sobre as representações difere desta concepção Weberiana, defendendo que as ideias constituem o conteúdo da consciência que é determinada e se relaciona com a raiz material da sociedade. Para Marx o princípio fundamental da estruturação da consciência dos indivíduos, das suas representações, está dependente da forma como se produz a vida material.

*“(...) A produção das ideias, das representações, da consciência, está de início, directamente entrelaçada com a actividade material e com o intercâmbio material entre os homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparece aqui como a emanção directa do seu comportamento material. (...) Os homens são produtores das suas representações (...) mas [estão] condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas ” (Minayo, 1995; p.98).*

Ao dar particular ênfase à gênese social das representações a teoria de Marx aproxima-se, de certo modo de Durkheim, mas no fundamental, na sua tese, a produção das representações está directamente relacionada com as relações sociais que os indivíduos mantêm no quadro de uma determinada actividade produtiva, num tempo determinado. Neste sentido, as representações são “*produtos históricos transitórios*”, uma forma de “*linguagem da vida real*”<sup>25</sup> que acompanha as circunstâncias históricas em que decorre a actividade humana e que condiciona a percepção e a interpretação da realidade dos indivíduos (Lopes, 1998).

Estas enunciações dos fundadores da sociologia, sobre as representações, foram posteriormente desenvolvidas por inúmeros autores no campo das ciências sociais, embora tenham, durante muitos anos, passado quase despercebidas pela restante comunidade científica, concentrada em outras áreas do conhecimento.

O estudo do conceito de *representação*, nas últimas décadas, tem vindo a desenvolver-se, sobretudo na análise das percepções que costumamos atribuir ao nosso *senso comum*<sup>26</sup> e à *visão do mundo*<sup>27</sup> que frequentemente utilizamos para tomar posições e agir socialmente. Assim sendo, tem vindo a ser implicitamente reconhecida a dimensão cognitiva do conceito de *representação* e a importância da dinâmica das interacções sociais como determinante de cada uma das nossas práticas sociais. Como veremos seguidamente, a Teoria das Representações Sociais (TRS) desenvolvida por Moscovici no início dos anos 60, veio alargar este enorme potencial dos estudos associados às representações mentais com evidências perceptíveis nos nossos quotidianos.

---

<sup>25</sup> Mikhail Bakhtin (2006), e Pierre Bourdieu (1989), referem-se às representações como sendo por excelência, símbolos de comunicação da vida quotidiana e consideram, desta forma, a linguagem, como uma forma privilegiada de mediação do conhecimento e de interacção social. Nesta linha Bakhtin considera que - “*A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social*”(Bakhtin, 2006; p.26).

<sup>26</sup> Alfred Schultz (1982) usa o termo “*senso comum*” para designar as representações sociais. Segundo este autor a existência quotidiana é dotada de significados e portadora de estruturas relevantes para os grupos sociais que vivem, agem em determinado contexto social. Estes significados são fruto de construções mentais, representações do senso comum e dependem da Biografia e envolvente social de cada indivíduo.

<sup>27</sup> Max Weber (1974) refere-se à “*visão do mundo*” como uma dimensão multidimensional complexa, associada aos processos subjacentes aos fenómenos sociais.

## A Teoria das Representações Sociais.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) sustenta que o estudo da evolução do conhecimento social pertence à esfera da intervenção do símbolo no estudo da dinâmica da organização social. Moscovici (1961) considerou que as representações sociais eram uma “*modalidade particular de conhecimento que tem por função a elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos*”, ou seja, reconhece que o conhecimento tem uma função de adaptação às envolventes externas de cada indivíduo e uma função social de comunicação. Na última década, o sucesso da teoria parece ser testemunho do crescente interesse que nas Ciências Sociais tem vindo a ser consagrado aos fenómenos colectivos e aos princípios que regem a evolução do pensamento social no mundo contemporâneo, nomeadamente no campo da Sociologia, da Psicologia Social, do Urbanismo, da História e da própria Ciência Política. No campo da Museologia, continuam a ser raros os estudos que recorrem a esta teoria. Os poucos estudos que existem nesta área centram-se no Museu como espaço de representação e quase nunca sobre a própria representação do Museu enquanto instituição e construção social, efectivamente participada e participante. Por esse facto pensamos ser pertinente, na presente investigação, adoptar a TRS como suporte teórico fundamental da nossa tentativa de compreensão da envolvente urbana e do público interno dos museus, da sua imagem do espaço que aqui privilegiamos como sendo o nosso principal campo de estudo.

Moscovici baseou-se no conceito de *representação colectiva* de Durkheim (1893), conceito que serviu, então, para mostrar que a nossa vida mental, individual e colectiva, é constituída por representações, ou seja, por “*aquilo que forma um conteúdo concreto de um acto de pensamento*” (Moscovici, 1989; p. 62-85).

Como analisámos no início deste capítulo, as *representações colectivas* de Durkheim pretendiam oferecer a base concreta do estudo (positivo) dos factos sociais. Nestes factos sociais, Durkheim distinguiu duas características complementares: serem externos e serem coactivos. São externos porque não residem na mente de uma pessoa, mas sim na mente de uma comunidade com homogeneidade cultural. São coactivos porque, se violarem a expectativa engendrada pela sua externalidade (expectativa da comunidade), se pode observar

por parte desta comunidade uma acção repressiva, resistente, que poderá ir do simples reparo à execução cultural. Trata-se de uma reposição da norma que, mesmo não estando escrita, é culturalmente partilhada por todos os sujeitos da comunidade (Durkheim, 1893). Por isso se dizem ser representações *colectivas*, uma vez que foram construídas a partir das interacções interpessoais no seio da própria comunidade.

Nesta linha, Denise Jodelet (1984) definiu sinteticamente as representações como sendo uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Esta investigadora discute o conceito de representação social e o seu desenvolvimento teórico, a partir do questionamento do que é uma representação. O acto de representação, para Jodelet, envolve um elemento activo de construção e reconstrução permanentes, querendo isto dizer que o sujeito elabora mentalmente uma construção e, no seu processo de desenvolvimento, vai transformando naturalmente essa elaboração. Na sua construção das representações sociais, o indivíduo edifica o seu carácter imagético e construtivo, a sua autonomia, a sua criatividade e por fim a sua natureza social. Estas características constituem uma referência - chave do sujeito e, assim sendo, são fruto comum de uma cultura. O acto da representação para Jodelet é crucial para a própria construção das representações sociais ao longo do processo de desenvolvimento de um indivíduo (Jovchelovitch, 1995).

Jean-Claude Abric foi um outro estudioso deste tipo de fenómeno. Para Abric (1994) as representações sociais funcionam como um sistema de interpretação da realidade a determinar o comportamento dos indivíduos. Por essa via, as representações são também uma importante determinante das próprias relações sociais.

Abric (1994) defendeu que a realidade não existe «*a priori*» e que, nesse pressuposto, é *representada*. Ou seja, a realidade é propriedade reconstruída no sistema cognitivo de cada pessoa e integrada no seu sistema de valores.

A representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com a sua envolvente externa, física e social, constituindo-se, assim, como a determinante fundamental dos nossos comportamentos e práticas sociais. A representação social é um pré-requisito para a acção. Orientando práticas e relações sociais

funciona pois como um sistema de descodificação prévia da realidade, a determinar as nossas motivações e expectativas sociais.

É neste sentido que o estudo das representações sociais interessa à análise do processo de «construção social» de todos os objectos sociais. Neste processo de intermediação cognitiva, essencial à formação das representações sociais, sobressaem dois momentos distintos: A *ancoragem* e a *objectivação*.

Em primeiro lugar, a *ancoragem* procura tornar familiar o que ainda é algo estranho, ou seja, cada representação de um novo objecto não se processa «à deriva» mas sim «*ancorada*» em todo um referencial de conhecimentos, crenças e valores previamente percebido pelo colectivo como sendo já dominante, porque pré-existente. Pode afirmar-se, portanto, que a ancoragem constitui um re-processamento que consolida, por introjecção, o assimilar de uma informação a partir de um cenário pré-elaborado de categorias (Pires, 1998).

Por seu lado, a *objectivação* simplifica os elementos da informação externa que caracteriza o objecto. Trata-se de uma simplificação que é também um processo de assimilação e de remodelação na lógica interna do grupo, a informação consensual e «útil». Desde logo, trata-se de um acto de representação social por ter sido socialmente partilhada. A *objectivação* é, portanto, um coerente conjunto de ideias que torna concreto o que era abstracto e que, assim, passa a ser integrado em termos de senso comum. Em resumo, durante a *objectivação*, um conceito adquire em cada sujeito, características icónicas próprias, transformando-se numa imagem globalmente compreensível e socialmente assumida.

Ambos os momentos que acabamos de descrever – *ancoragem* e *objectivação* - podem ser compreendidos como formas de organização da memória. O primeiro põe em jogo objectos, eventos, pessoas, conceitos e organiza-os de acordo com uma tipologia, ou seja, categoriza e dá-lhes sentido. O segundo desenha imagens a partir de uma pré-categorização, unificando-as com conceitos ainda desconhecidos.

Moscovici (1986) rejeitando a separação absoluta entre a Psicologia e as suas determinantes sociais, afirmou que “*é um erro afirmar que as representações sociais são representações cognitivas*”. Considerou, por exemplo, que o desenvolvimento social e o

conhecimento da criança dependiam do contexto social das representações da comunidade envolvente.

Com efeito, as representações sociais não nos parecem ser exclusivamente cognitivas. Possuem desde logo uma natureza social e é, precisamente, esse facto que lhes confere, na linha de Durkheim, a especificidade em relação a outros mecanismos e processos cognitivos.

Por seu lado, Abric (1994) considerou também a representação como um *sistema socio-cognitivo* e, simultaneamente, um *sistema contextualizado*. Quer dizer que à lógica cognitiva se junta a componente social, determinada por objectivas condições de toda uma envolvência externa. Referindo-se ao *sistema contextualizado*, Abric salientou mesmo que um dos componentes fundamentais da representação é o seu significado, sendo este implicitamente determinado por efeito do contexto discursivo e social. Para este autor (Abric, citado por Pires, 1998) as representações sociais desempenham um papel fundamental na dinâmica das relações e práticas sociais e cumprem quatro funções essenciais:

- ***Função cognitiva.*** Esta função permite integrar as novidades, compreender e explicar a realidade. As representações sociais definem um quadro de referência comum indispensável aos actores sociais nas trocas e difusão do conhecimento comum.
- ***Função de identidade.*** Para além da função cognitiva, as representações permitem situar os indivíduos e os grupos no campo social, viabilizando a elaboração de uma identidade social e pessoal, compatível com o sistema de normas e valores sociais que lhes são socialmente determinados.
- ***Função de orientação.*** Esta terceira função constitui um guia para os comportamentos e práticas sociais. Este processo de orientação resulta de três factores: a representação intervém directamente na «definição do objectivo da situação»; produz por sua vez um sistema de antecipação de expectativas e, finalmente, é prescritiva. A função de orientação define, assim, o que parece lícito e tolerável. Por contraste, pode também definir o que é socialmente inaceitável.

- **Função justificativa.** Por último, as representações sociais intervêm também como avalizadores da acção, permitindo aos actores sociais explicar e justificar as suas tomadas de posição, condutas à posteriori, adquirindo um papel de diferenciação entre grupos sociais.

- **A Teoria do Núcleo Central.**

A teoria de Abric considera que a representação social tem uma estrutura interna organizada à volta de um *núcleo central* (ou núcleo estruturante). Este núcleo é o elemento ou conjunto de elementos que dá à representação a sua coerência e significado global. O *núcleo central* é, também, o organizador e estabilizador da representação. A ausência ou transformação dos seus elementos provoca uma desorganização do significado da representação. À sua volta e como dissemos, surgem os outros elementos da representação, chamados periféricos. Constituem a parte mais acessível, e quantitativamente maior da representação e o essencial do seu conteúdo, compreendendo o *sistema periférico*, as informações retidas, seleccionadas e interpretadas, os julgamentos formulados a propósito do objecto e da sua envolvente, os estereótipos e as crenças. Este *sistema periférico* constitui um complemento indispensável ao *núcleo central*, do qual depende. Enquanto o *núcleo central* é essencialmente estruturante e normativo, o *sistema periférico* é essencialmente funcional. Podemos dizer que, em cada momento, é graças a ele que a representação se pode ancorar na realidade envolvente.

O *núcleo central* é caracterizado por uma função geradora e uma função organizativa. Possui ainda uma propriedade essencial que é a sua estabilidade. Em primeiro lugar, a sua função geradora é a condição pela qual se gera, ou se transforma, a significação dos outros elementos da representação e, assim, adquirem sentido e ganham valor significativo. Em segundo lugar, a função organizativa do *núcleo central* permite relacionar entre si os elementos da representação, determinando o lugar que cada um deles ocupa na referida matriz de quadrantes. A referida condição de estabilidade do *núcleo central* assegura a perenidade da representação, mesmo em contextos de maior dinamismo. Esta característica constitui, portanto, o elemento do núcleo central mais resistente à transformação da

representação, sendo também ela que permite o estudo comparativo das representações sociais.

Esta abordagem do problema das representações sociais, a que regressaremos no capítulo da Metodologia, para mostrar como o seu desenvolvimento (de natureza quantitativa) pode ser operacionalizado na presente investigação, é consentânea com as teorias desenvolvimentistas da produção do conhecimento defendidas por Duveen (1988, 1990, 1992). Este autor situa as representações num contexto que abrange a história e a memória, enquanto factores essenciais para acumulação e valorização de conteúdos e como meio que permite ao indivíduo proceder à ancoragem da sua identidade social.

Duveen (1992) distinguiu três etapas do desenvolvimento e transformação do conhecimento onde as representações sociais desempenham um papel fundamental: a primeira etapa permite um processo de desenvolvimento *sociogénico* das próprias representações, isto é, um processo pelo qual as representações são difundidas pela sociedade e que funciona em simultâneo com a história do processo de transformação das representações. A segunda etapa constitui já uma abordagem *ontogénica*, ou seja, uma abordagem do desenvolvimento individual no cenário das representações sociais pré-existentes. Deste ponto de vista, a criança nasce num mundo que já é culturalmente estruturado em termos de representações sociais. Neste contexto, a natureza da sua própria ancoragem individual pode, eventualmente, determinar um processo de desenvolvimento pessoal que o torne num sujeito independente no colectivo. Fruto destas duas etapas, Duveen descreveu uma terceira etapa que denominou de *microgénesis* e que está directamente relacionada com o complexo processo de interacções sociais. As representações sociais são evocadas ao mesmo tempo que os indivíduos participantes (sujeitos) «lutam» pelas suas identidades sociais (nas suas conversas, discussões, opiniões) e, através deste processo autónomo, mais ou menos turbulento, acabam por estabelecer definições comuns acerca de temas, assuntos e conceitos.

Quer isto dizer que, podendo o sujeito adoptar posições distintas daquelas que haviam sido inicialmente determinadas, o processo individual de *microgénesis* pode constituir um importante processo transitório. Doise (1984) sustentou, precisamente, que o processo de *microgénesis* - “ (...) trata das influências sociais ainda não estruturadas, ajudando à sua construção”.

Podemos então sintetizar afirmando que os processos *sociogénico* e *ontogénico* parecem ser, sempre, fruto de um processo individual de *microgénesis*. Este processo autónomo constitui o motor principal das transformações na génese das representações sociais. Desta forma, as representações sociais são entendidas como uma elaboração organizada através de um lento processo de comunicação. Cada representação existe sempre com base numa rede de sustentação de outras anteriores representações com as quais estabelece elos associativos mais ou menos significativos.

Esta significação pode, entretanto, conduzir a um potencial paradoxo. De facto, e com frequência, as representações sociais orientam a atenção de cada sujeito para o *mundo dos valores*, universo complementar do *mundo dos factos*. Como afirma Moscovici (1986), “os valores não podem ser organizados em termos de uma sequência lógica”, precisamente porque os conceitos, enquanto representação, passam sempre por uma *objectivação* e por uma *ancoragem*. O mesmo é dizer que, para a teoria das representações sociais, a *representação* se refere a uma organização simbólica. Por essa razão, o conteúdo do que é representado é mais significativo do que a forma como é representado (Duveen, 1992).

Moscovici (1986) defendeu que o termo *cognitivo* não será muito preciso quando aplicado ao fenómeno social. Segundo ele, será mais apropriado usar o termo *simbólico*, de significado distinto. Nota-se aqui a ênfase que a teoria das representações sociais atribui ao simbólico transportando consigo o primado de uma epistemologia que, no estudo do desenvolvimento do sujeito enquanto actor social, privilegia, precisamente, o papel da *microgénesis*. Deste ponto de vista as representações sociais “*emergem como fenómeno necessariamente colado ao tecido social*”, isto é, vão além do trabalho significativo e autónomo do sujeito e projectam-se nos fenómenos produzidos pelas construções particulares de cada contexto social. As representações sociais emergem, deste modo, como um *espaço potencial* de construção comum, onde cada sujeito encontra significantes simbólicos que vão, além da sua própria individualidade, inserindo-se num campo de vida em comum, o *espaço público*.

A Teoria das Representações Sociais pode, assim, ser relevante para aproximar o problema que inicialmente propusemos e, sobretudo, pode constituir um importante meio e complemento de avaliação, para auxiliar a compreender e interpretar as inter-relações, a

mediação e o “poder” de um espaço como o é do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, na definição da identidade cultural de uma comunidade envolvente, campo da presente investigação.

## O Imaginário e o Simbólico nas Áreas do Urbanismo e da Museologia.

Como já anteriormente assumido, interessa-nos investigar e reconhecer o espaço como lugar aberto à interação do ser humano, o espaço social onde os indivíduos passam “em movimentos de ir e de voltar”, nas ruas, nas praças e nos caminhos onde, como afirma Bourdieu (1977)<sup>28</sup>, se pode perceber a relação entre o homem e o mundo natural. Nesta linha de pensamento, a nossa investigação pretende explorar a dimensão pública, quer do espaço público directo (nas ruas, nas praças, nos rituais colectivos) quer através do estudo das mediações institucionais que envolvem o nosso concreto espaço museológico. Pensamos desta maneira continuar a nossa aproximação à TRS, realçando a importância do estudo do imaginário e do simbólico nas áreas do Urbanismo e da Museologia.

Michel de Certeau (1990), em *L’Invention du Quotidien*, definiu o conceito de espaço, como o lugar praticado onde se cruzam, continuamente, inúmeras acções:

“ (...) O espaço é um cruzamento de móveis. É, de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desenrolam. Espaço é o efeito produzido por operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e conduzem a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço seria para o lugar o que se torna a palavra quando é falada, ou seja, quando é percebida na ambiguidade de uma realização, mudando num termo relevante de múltiplas convenções, colocado como acto de um presente (de um tempo) e modificado pelas transformações devidas a vizinhanças sucessivas” (Certeau, 1990, p. 172-73).

Manuela Malpique (1995) a este propósito refere que são as pessoas ao caminharem pelas ruas que as transformam em espaço, criando momentos de comunicação, ou seja, ao criarem processos de negociação que dão sentido aos seus quotidianos.

---

<sup>28</sup> Pierre Bourdieu (1989), define como *Habitus* estas práticas diárias adquiridas que indicam uma disposição “quase postural” onde se denota um primado da razão prática, um conhecimento adquirido do espaço, um haver e um *capital social* que produzem “sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas organizadas, predispostas a funcionar como (...) princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objectivamente adaptadas ao seu fim sem suporem uma intenção consciente de fins e a mestria expressa das operações necessárias (...) sem serem em nada o produto da obediência a regras” (Bourdieu, 1989; p.61-62). O *Habitus* assegura um *capital social* acumulado, fruto de experiências passadas, interiorizado em cada indivíduo sob a forma de “esquemas de percepção, pensamento e de acção” constituindo-se, neste sentido, como garante da coerência de práticas sistematizadas através do tempo.

Referindo-se a estes processos, José Manuel dos Santos (2011), num texto intitulado “Trocas” que serviu de abertura à exposição “As Cidades de Arpad Szenes e Vieira da Silva”, escrevia:

*“ (...) Como diz Walter Benjamin, devemos aprender a perdermo-nos numa cidade como se ela fosse uma floresta. (...) É sempre assim nas cidades: trocamos com os outros, trocamos os outros, trocamos-nos nos outros” (José Manuel dos Santos, 2011).*

A dimensão pública do espaço surge, assim, desta experiência contínua de troca, sempre renascida, da interacção interpessoal constante, nos lugares e com os lugares. É nesta “negociação” e no contacto com o outro para exprimir sentimentos, emoções e pensamentos que os lugares passam a ser pontos de encontro e se transformam em espaços de conexão e comunicação entre cidadãos. Neste sentido, a dimensão pública do espaço está intimamente ligada à realidade da cidade, aos valores da cidadania e ao horizonte da civilização (Innerarity 2006).

*“ (...) a cidade é o lugar por excelência da afirmação do espaço público (...). Em grego, «público» queria dizer, em primeiro lugar, exposto aos olhares da comunidade, ao juízo e aprovação. O espaço público é o espaço cívico do bem comum” (Innerarity 2006, p.107).*

Esta visão do espaço público, como lugar de construção da cidade, remete-nos para o pensamento de Hanna Arendt sobre o conceito de *Polis* Grega. Na Cidade-Estado Grega, a vida pública era o centro do debate e da acção política, nas ruas, nas praças, na Agora. Ao contrário do espaço privado da casa e da família, o espaço público era um “*living flux*” de diversidade (Kristeva, 2001;18-20). Para Arendt a *Polis* Grega era, desta forma, uma organização complexa que se estruturava pela co-presença de elementos diversos na igualdade de condições; os cidadãos livres das suas necessidades imediatas do quotidiano, traziam para o espaço público a sua diversidade por via da discussão (o discurso como acção) – uma representação e como toda a representação, uma construção sintomática. A equivalência entre, pensar, construir e habitar, correspondia ao “agir em comum”. Neste sentido, a autora considera, que o discurso é acção e só a partir da sua raiz \_ a imaginação, pura representação, seria possível partilhar o mundo: “ (...) a pluralidade mantém-se pela capacidade de cada cidadão imaginar o estar no lugar do outro no mundo” (Sperling, 2001).

De acordo com Hanna Arendt, o conceito de «*público*» implica, em simultâneo, dois fenómenos fundamentais. Por um lado, tudo o que vem a público pode ser visto e escutado por todos, subentendendo, desta forma, uma exposição relacionada com os sentimentos e com o sentido da realidade. Por outro lado, o mundo que é comum a todos, é distinto do espaço privado de cada um. Os pontos de contacto, a identificação e a partilha com o outro, dependem dos espaços privados de cada sujeito. Inspirada no pensamento de Santo Agostinho, a autora defende, que é a interligação entre estes dois fenómenos, que possibilita o despontar do que cada indivíduo tem em comum com os outros, permitindo a cada um tomar consciência das suas próprias capacidades de expressão e acção, num espaço plural de liberdade composto por seres únicos, estranhos e efémeros, circulando ao encontro do outro e em constante transformação - “*Com palavras e actos inserimo-nos no mundo dos homens e esta inserção é como um renascimento, na qual podemos confirmar e assumir a nudez da nossa aparência física original*” (Kristeva, 2001; 24-25).

Para Jürgen Habermas, no entanto, esta liberdade de acção, não decorre da mundividência Grega. Advém sim dos desafios que a constituição da esfera pública colocou, durante os séculos XVII e XVIII, ou seja, muito mais próxima da moderna democracia. Habermas refuta pois o modelo helenístico apontado por Arendt e dá, sobretudo, ênfase ao diálogo e argumentação como processos para lidar com a pluralidade social.

Neste sentido, define a esfera pública como o conjunto de «*pessoas privadas*» que se associam para formar um «*público*» ou para discutir problemas do interesse comum. A esfera pública seria, por excelência, o espaço da comunicação participativa, onde o cidadão se encontrava com os outros, falava, discutia ideias e tinha acesso livre à informação.

A esfera pública de Habermas, corresponde ao espaço de envolvimento público dos cafés, praças e outros lugares de renovação de opinião que proliferaram a partir do século XVII. Estes novos espaços permitirão, segundo o autor, um importante papel no dinamismo cultural da cidade moderna, através da criação de espaços de conversação, divulgação de imprensa e circulação de informação, sempre numa pluralidade de línguas e estilos, a

viabilizar meios de comunicação e novas aberturas e comunidades virtuais (Jovechelovich, 2000).

Assim sendo e por acréscimo, este processo transforma a relação entre o Estado e a sociedade, através da mediação e do escrutínio da opinião pública, focalizada na participação política. Nesta nova relação de forças, a sociedade passa a actuar junto do Estado através de instituições e organismos que se constituem como garante da liberdade de expressão. Simultaneamente, os processos de argumentação tornam-se fundamentais na esfera pública: a dimensão pública do espaço permite fundamentar o debate livre e participado; essa participação recria objectivos comuns e não apenas interesses privados; deixam de ser tidas em conta as desigualdades de estatuto dos participantes na discussão. Uma nova dinâmica a permitir o diálogo público consensual, por força do livre debate sobre a vida em comum. A qualidade da participação pública sobrepõe-se, assim, a qualquer autoridade ou proveniência social, dando origem a um modelo social que enaltece a sociedade como um todo capaz de criar novos conhecimentos sobre si própria.

No mundo contemporâneo, de facto, existem dimensões públicas do espaço que, cada vez mais, necessitam de ser reconhecidas e que já não se prendem directamente como os princípios inicialmente debatidos por Hanna Arendt e Jürgen Habermas. São exemplos evidentes, pensamos nós, as novas megacidades fortemente polarizadas, o espaço virtual da *world wide web*, as redes sociais, os *blogs*, a televisão, os fóruns de discussão, os mercados internacionais e os novos rituais sociais, acessíveis a partir de um simples telemóvel.

Estas novas dimensões do espaço, alcançáveis por quase todos nós, são novos palcos que dão visibilidade à vida partilhada das comunidades modernas e que se constituem como potenciais fóruns de envolvimento público e participação social. Perceber estas novas comunidades, os seus modos de comunicação, os seus rituais e as suas práticas relacionais, corresponde a conhecer os processos de construção das suas representações sociais - “ (...) *As formas de identificar e compreender a esfera pública dependem do conhecimento das representações do público e sua reprodução*” (Berret 2011; 9-12). Os modernos espaços museológicos não poderão fugir à regra.

Regressando à TRS e como anteriormente afirmámos, as representações sociais são formas de conhecimento que estão ligadas a uma esfera pública específica e para a qual contribuem, quer no início da sua estruturação, quer na sua consolidação.

Quando Moscovici transforma o conceito sociológico de *representações colectivas* em *representações sociais*, dá um contributo para a apreensão de como é que o conhecimento simbólico, produzido por uma qualquer comunidade, se altera com o funcionamento das constantes transformações que ocorrem na esfera pública. As representações sociais são, muitas vezes, geradas pela perda de referências durante estes decursos de transformação e aparição de novos conceitos. É no estudo e investigação sobre estes processos que encontramos quase sempre as tensões existentes entre a tradição e a inovação. No seu próprio nível de análise epistemológica, pensamos que a resistência à mudança institucional poderá muitas vezes estar aí ancorada.

*“ (...) Quando uma nova ideia de conhecimento científico surge na esfera pública, na vida cultural de uma sociedade, temos um verdadeiro «Kulturkampf», tensão cultural, polémicas intelectuais e oposição entre diferentes maneiras de pensar (...) Há um drama que envolve o processo de transformação do conhecimento e o nascimento de uma nova representação social” (Moscovici, 2000, p. 229).*

Na diversidade de pontos de vista que circulam nas comunidades modernas e na renovação constante dos conteúdos simbólicos dos sistemas de representação encontramos também a expressão da pluralidade do novo espaço social contemporâneo. Neste sentido, o trabalho de Moscovici está implicado com a mudança e a transição, uma nova dimensão social do espaço assente no conceito de fluxo – *“ (...) As representações foram sempre sendo geradas, em contextos de inter-relação e acção que estão eles próprios em permanente construção e reconstrução” (Moscovici, 1988; p. 219).* Seguidamente, voltaremos a esta imagem quando abordarmos a questão das representações sociais do espaço urbano e do Museu contemporâneo.

No que toca à investigação das representações sociais e imaginário do espaço urbano, têm sido inúmeros os estudos realizados desde os anos 60. Na área do urbanismo, os primeiros trabalhos foram realizados por Kevin Lynch (1960) pioneiro na investigação da percepção e mudança dos ambientes urbanos através da análise atenta do modo como os

habitantes de uma cidade organizavam a informação que lhes era transmitida pelo espaço. Os seus estudos procuravam, sobretudo, estabelecer relações entre as qualidades físicas e os atributos de identidade e estrutura das *imagens mentais*. Lynch define, assim, o conceito de *Imaginabilidade*, ou seja, define a qualidade existente num objecto físico que favorece uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num observador privilegiado. Segundo este autor são estas qualidades de um objecto que facilitam a produção de *imagens mentais* vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e muito úteis ao meio ambiente porque o tornam claro, legível e lhe conferem visibilidade.

Para proceder à leitura sistematizada de uma cidade, Lynch elabora um método prático para dedução da *Imaginabilidade*, com o qual se pode ainda hoje proceder à análise morfológica de um determinado território urbano. Esta metodologia baseia-se na observação pragmática de cinco «vínculos físicos», que o autor considerou essenciais como características do imaginário urbano:

- **Vias:** são os canais ao longo dos quais o observador se move, usual, ocasional ou potencialmente. Podem ser ruas, passeios, linhas de trânsito, canais, caminhos-de-ferro. Para muitos, estes são os elementos predominantes na sua imagem. As pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo destas vias.
- **Limites:** os limites são os elementos lineares não usados nem considerados pelos habitantes como vias. São fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade, costas marítimas ou fluviais, cortes do caminho-de-ferro, paredes, locais de desenvolvimento. Funcionam, no fundo, mais como referências secundárias do que como alavancas coordenantes; tais limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que mantêm uma região isolada das outras, podem ser “costuras”, linhas ao longo das quais regiões se relacionam e encontram. Estes elementos-limite, embora não tão importantes como as vias são, para muitos, uma característica organizadora relevante, particularmente quando se trata de manter unidas áreas diversas, como acontece no delinear de uma cidade por uma parede ou por água.
- **Bairros:** os bairros são regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional, regiões essas em que o observador penetra («para dentro de») mentalmente e que reconhece como tendo algo de comum e de identificável. São sempre passíveis de identificação do lado interior e também do exterior, no caso de se poderem notar, com diferenças de indivíduo para indivíduo. A maior parte dos cidadãos estrutura deste modo a sua cidade, cujos elementos importantes são as vias ou os bairros. Isto parece depender não só do indivíduo, mas também da cidade em questão.
- **Cruzamentos:** os cruzamentos são pontos, locais estratégicos de uma cidade, através dos quais o observador nela pode entrar e constituem intensivos focos para os quais e dos quais ele se desloca. Podem ser essencialmente junções, locais de interrupção num

*transporte, um entrecruzar ou convergir de vias, momentos de mudança de uma estrutura para outra. Os cruzamentos podem, também, ser simples concentrações que se revestem de importância por serem a condensação de alguns hábitos ou pelo seu carácter físico, tais como a esquina de uma rua ou um largo rodeado de outros elementos. Alguns destes nós de concentração são o foco ou o “resumo” de um bairro. É destes nós que a sua influência irradia muitas vezes, tornando-se, (...) o símbolo de um bairro. Podem por isso também chamar-se “centros”. Muitos destes nós, partilham da natureza tanto das junções como das concentrações. O conceito de cruzamento está relacionado com o de via, pois os cruzamentos são típicas convergências de vias, factos do percurso. Estão de igual modo, ligados ao conceito de bairro, devido ao seu carácter de núcleo, que por sua vez, é o foco intensivo, o centro polarizador do bairro. Em qualquer caso ou imagem, encontram-se pontos focais e, em alguns casos, eles são até a característica dominante.*

▪ **Pontos marcantes:** estes são outro tipo de referência, mas, neste caso, o observador não está dentro deles, pois são externos. São normalmente representados por um objecto físico, definido de um modo simples: edifício, sinal, loja ou montanha. O seu uso implica a sua distinção e evidência, em relação a uma quantidade enorme de outros elementos. (...) São normalmente usados como indicações de identidade e até de estrutura. Parecem adquirir um significado crescente à medida que as deslocações se vão tornando cada vez mais familiares. (Lynch, 1960; p. 51-53).

No que respeita à forma de uma cidade, Lynch defende que deve ser moldável, isto é, não comprometedor e adaptável aos propósitos e necessidades dos cidadãos, aberta a mudanças de função e significado, receptiva à formação de novas imagens. A cidade deve convidar aqueles que a contemplam a percorrer outros caminhos, a viajar, a sonhar. A este propósito, refere que -“ (...) necessitamos de um meio (...) que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico” (Lynch, 1960; p.122).

Existem, contudo, funções e qualidades basilares num espaço urbano que o autor sistematiza num conjunto de categorias elementares para aplicação no planeamento urbano:

▪ **Singularidade** ou clareza das figuras de fundo: evidência de limites (como o cessar abrupto do desenvolvimento urbano); fechamento (como um largo fechado); contraste de superfície, forma, intensidade, complexidade, tamanho, hábito, localização espacial (como uma única torre, uma decoração rica, um sinal dominante). O contraste pode aparecer em relação aos arredores, imediatos ou à experiência passada do observador. Estas são as qualidades que identificam um elemento, que o tornam notório, vivo e reconhecível. (...)

▪ **Simplicidade** de forma: clareza e simplicidade de forma visual em sentido geométrico, limitação de partes (como a clareza de um sistema em rede, de um rectângulo, de uma catedral). Formas deste teor são muito mais facilmente incorporadas na imagem e é evidente que os observadores distorcem formas complexas, tomando-as simples, mesmo quando isso significa um erro de percepção e de prática. Quando um elemento não é imediatamente visível como um todo, a sua forma pode ser uma distorção topológica de uma forma simples e, assim, pode ser compreendida.

- **Continuidade:** *continuação de um limite ou de uma superfície (como numa rua, num canal, no horizonte ou no cenário); proximidade de partes (como num grupo de edifícios); repetição de um intervalo rítmico (como num modelo, as esquinas das ruas); semelhança, analogia ou harmonia de superfície, forma ou hábitos (como no material usado nos edifícios, modelos repetidos de janelas salientes, semelhança de actividades comerciais, uso de sinais comuns). Estas são as qualidades que facilitam a percepção de uma realidade física complexa como sendo una e possuidora de relações internas, as qualidades que sugerem uma identidade própria.*
  
- **Predominância:** *a predominância de uma parte em relação às outras devido ao tamanho, intensidade ou interesse, resultante da distinção de uma característica principal no todo, associada a um conjunto [como na Av. das Palmeiras]. Esta qualidade, tal como a continuidade, [permitem] a necessária simplificação da imagem por omissão e inclusão. (...)*
  
- **Clareza de ligação:** *boa visibilidade das ligações e costuras (como numa intersecção relevante e na costa marítima); relação clara e "interligação (como a de um edifício com o seu local de construção ou a de uma estação de metropolitano com a rua à superfície). Estas ligações são os pontos estratégicos de uma estrutura e deveriam ser claramente perceptíveis.*
  
- **Diferenciação direccional:** *assimetrias, mudanças e referências radiais que diferenciam um fim de outros (como uma rua que sobe uma colina, afastando-se do mar e em direcção ao centro); ou que diferenciam um lado do outro (como os edifícios que rodeiam um parque); ou uma direcção da outra (tanto pela luz do dia como pela largueza de uma avenida em direcção norte-sul). Estas qualidades são dificilmente usadas, quando se trata de estruturas em grande escala.*
  
- **Alcance visual:** *qualidades que aumentam ou organizam uma possibilidade de visão, quer real, quer simbólica. Estas incluem as transparências (vidro ou edifícios assentes em pilares); sobreposições (quando uma estrutura aparece atrás de outra); vistas e panoramas que aumentam a profundidade da visão (ruas axiais, vastos espaços abertos, vistas de pontos altos); elementos articulantes (focos, ponteiros indicadores de medidas, objectos penetrantes) que explicam visualmente um espaço; concavidade (uma colina ao fundo ou a curva de uma rua) que expõe outros objectos à nossa vista; indicações de um objecto, que de outra forma permaneceria invisível (...). Todas estas qualidades relacionadas facilitam a compreensão de um todo complexo, aumentando a eficiência da visão: a sua organização, penetração e poder de resolução.*
  
- **Consciência do movimento:** *qualidades que tornam o observador sensível ao seu próprio movimento real ou potencial. Através dos sentidos visuais e cinestésicos. É o caso dos indicativos que melhoram a clareza de desníveis, curvas e interpenetrações; dão à experiência motora perspectiva e localização; mantêm a coerência na direcção ou na mudança de direcção; tornam visível a distância intervalar. (...) Estas qualidades reforçam ou melhoram aquilo que o observador pode fazer para interpretar a direcção ou a distância e dar forma ao seu próprio movimento. [Na cidade moderna estas técnicas necessitarão de um maior desenvolvimento].*
  
- **Séries temporais:** *séries das quais o observador se apercebe para além da questão temporal, incluindo ligações simples de elemento por elemento, onde um elemento está associado ao que o precede e ao que se lhe segue (como numa sequência casual de elementos marcantes), e também séries que estão estruturadas no tempo e, assim, se*

*tornam melódicas na natureza (como se os elementos marcantes fossem aumentando em intensidade de forma, até que um ponto máximo seja atingido). (...)*

▪ **Nomes e significados:** características não físicas que podem reforçar a imagem de um elemento. Os nomes são, por exemplo, importantes na cristalização da identidade [por exemplo: Rua da Escola Politécnica]. Ocasionalmente indicam também pistas de localização [Alameda Sul ou Portão Sul]. Sistemas de nomeação [como o ordenamento alfabético de ruas] também facilitam a organização dos elementos. Significados e associações, históricos, sociais ou funcionais, económicos ou individuais, constituem um verdadeiro domínio para além das qualidades físicas de que nos ocupamos. Reforçam grandemente as sugestões em direcção à identidade ou estrutura, como pode ser claro na própria forma física (Lynch, 1960; p. 109-111)

Esta metodologia de Lynch limita-se, contudo, aos efeitos físicos perceptíveis. O autor reconhece que existem outros factores que podem influenciar a imagem do espaço, tais como o seu significado social, a sua função, a sua história ou até o seu nome/denominação, mas como o próprio afirma – “ (...) *Passaremos por cima de isto tudo, uma vez que o que o nosso objectivo, é agora, descobrir a importância da forma*”, (Lynch, 1960; p.51).

De notar que, no desenvolvimento dos seus trabalhos, Lynch não deixa de constatar que os elementos físicos devem ser considerados apenas como categorias empíricas convenientes, à volta das quais se poderá associar todo um rol de informações que deverá, posteriormente, ser organizado por um observador qualificado que lhes encontre um fio condutor e que faça a sua leitura num contexto concreto e aprofundando temas relacionados com a identidade e significação.

Foram exactamente questões desta condição que, posteriormente, viriam a ser amplamente trabalhadas nas décadas que se seguiram por autores como William Holly Whyte<sup>29</sup> ou como o urbanista dinamarquês Jan Gehl. Na sua obra - *Life Between Buildings* –

---

<sup>29</sup> William Holly Whyte, foi consultor para o planeamento da cidade de Nova York durante os anos 50 e interessou-se, sobretudo, pela função social dos espaços urbanos, defendendo que a construção das cidades afectava directamente a qualidade de vida das suas comunidades e tinha um efeito profundo na forma como os cidadãos viviam o espaço público. Holly Whyte, defendia que para projectar espaços na cidade, se deveria primeiro observar, ouvir e falar com os seus potenciais usuários, contribuindo desta forma para a construção ou reabilitação de espaços urbanos bem sucedidos, centrados nas pessoas. Neste sentido, criou o “*Street Life Project*”, um programa de investigação, baseado na observação directa dos movimentos de rua, a partir de câmaras de filmar colocadas em locais estratégicos da cidade (Holly Whyte, 1988). A sua metodologia de trabalho, ainda hoje é utilizada em projectos como o *Project for Public Spaces* <http://www.pps.org>.

Jan Gehl (2006), descreve a lógica na qual o ser humano pode “utilizar” o ambiente físico envolvente. Gehl põe em evidência a forma como os nossos sentidos podem ser estimulados na procura da percepção otimizada das qualidades essenciais de um espaço público concreto. Transpondo para o nosso campo específico de investigação poderíamos mesmo sugerir que é na interface das teorias de Moscovici, Lynch e de Jan Gehl que construiremos uma base importante da nossa investigação, na medida, em que tentaremos perceber e avaliar a qualidade e o real desempenho social de um espaço museológico, central na cidade de Lisboa, partindo do estudo das suas representações sociais, ou seja, partindo da observação do espaço, da sua representação gráfica/mental e finalmente, da narração/audição dos indivíduos que quotidianamente vivenciam esse espaço.

Jan Gehl, nos seus estudos, demonstra grande interesse pela vivência e intensidade das relações/contactos, que se estabelecem no espaço urbano, entre indivíduos, dando particular atenção a toda a informação sobre o ambiente social de uma cidade enquanto espaço público. Como o próprio refere, ver outras pessoas em acção, inspira-nos:

*“ (...) ao estar com os outros aprendemos sobre os detalhes mais comuns, mas igualmente importantes. Descobrimos como outros funcionam, como se comportam, com se vestem e obtemos, desta forma, conhecimento acerca das pessoas com quem trabalhamos, com quem vivemos [diariamente]. Através de toda esta informação, podemos estabelecer uma relação especial com o mundo que nos rodeia. Uma pessoa com quem nos cruzamos frequentemente na rua, torna-se numa pessoa que "conhecemos". (...) A oportunidade de ver e ouvir outras pessoas pode fornecer-nos ideias e dar-nos inspiração para a agir” (Jan Gehl, 2006, p.8).*

Com base nos estudos de Jan Gehl foi desenvolvido, no *Centre for Public Space Research* em Copenhaga, um conjunto de doze critérios de qualidade para a avaliação dos espaços de uma cidade. Contrariamente a um conjunto de padrões físicos, estes parâmetros desenvolvidos por Gehl, evidenciam a acção do ser humano, o seu movimento e os seus sentidos, como aspectos fundamentais do planeamento urbano.

Os critérios de qualidade<sup>30</sup>, ainda hoje utilizados pelo atelier de Jan Gehl, como metodologia avaliativa de uma cidade, dividem-se em 3 núcleos fundamentais - *Protecção, Conforto e Fruição*:

---

<sup>30</sup> Em Anexo II.

- **Protecção** – aspectos que pretendem minimizar incómodos como acidentes de trânsito, segurança (crimes/violência) e condições de clima desagradável;
- **Conforto** – princípios que se prendem com a qualidade de movimentos (andar e Estar/Ficar de pé ou Estar/Ficar sentado), com a qualidade de relação (ver, ouvir e falar) ou ainda, a qualidade de lazer (brincar, jogar, descontraírem-se ou festejar);
- **Fruição** – parâmetros que abrangem aspectos relativos à escala humana, apreciação dos aspectos climatéricos e da experiência da qualidade estética de um lugar, incluindo a qualidade dos materiais utilizados.

Estes núcleos aplicados ao nosso argumento, como veremos, serão de uma enorme importância na definição de um modelo de acção local que avalie o efeito social de uma instituição Museológica, face aos seus públicos potenciais e diante à maior ou menor articulação com a sua comunidade envolvente, ou seja, o cumprimento efectivo da sua função social.

Estes propósitos de investigação (dos trabalhos de Lynch e Jan Gehl) que temos vindo a descrever e que consideramos estarem na base de um novo olhar sobre a cidade, não são estranhos ao estudo e investigação sobre a TRS. Sobretudo a partir dos anos 70, surgem os primeiros trabalhos que visaram a investigação na área das representações sociais do espaço urbano. Autores como por exemplo Le Drut (1973), Denise Jodelet (1976-82-84), Bonnes e Secchiavolli (1983), Florance Pittolo (1996) e Martha de Alba (2004), todos foram pioneiros na interpretação de espaços que se queria fruto das experiências e significações correlacionadas com os diversos territórios constituintes da cidade.

Já no estudo que realizou sobre a cidade de Paris em 1973 Jodelet havia defendido que o espaço urbano podia ser objecto de representações sociais, devendo cada local estudar-se por esse mesmo prisma. Neste sentido, Jodelet falava em *representações socio-espaciais* para designar imagens partilhadas de um determinado espaço. Defendia ainda existir uma correspondência evidente entre a representação urbana e a história local, favorecendo a

organização perceptiva do meio urbano. Veremos como isso é importante nos trabalhos da presente investigação.

Estes conceitos de Jodelet, fundem-se aliás com as teorias de Moscovici (1961) que defendia, como vimos anteriormente, serem os próprios utilizadores locais que transformam os elementos materiais do seu espaço num lugar significativo.

Nos anos 90, Bonnes, Manneti, Secchiaroli e Tanicci, partindo destes mesmos fundamentos, estudaram de forma integrada e harmónica modelos que permitiram, então, a mudança urbanística da cidade de Roma, contribuindo para centrar a cidade no cidadão.

Na mesma linha, Ramadiner (2003) defende precisamente que as representações sociais são produto de uma interacção entre espaços, indivíduos e sociedade, sendo que “ (...) *nem as características dos indivíduos, nem as do meio físico, [poderão] explicar separadamente as representações sócio-espaciais, porque é na junção destas duas entidades que elas são geradas*”.

Florence Pitollo (1996) e Martha De Alba (2004) chamam igualmente a atenção nos seus estudos para a pertinência de uma reflexão sobre a produção do discurso acerca da cidade e da operacionalização de práticas urbanas e cidadania, ou seja, um olhar sobre a cidade contemporânea como espaço de socialização privilegiada, construída sob representações de um passado e de um futuro projectado por actores sociais de uma “trama” cognitiva em permanente construção e reprodução do colectivo. A este propósito, Barry Lord (2003), consultor internacional na área da Museologia, cita a urbanista norte americana Dolores Hayden que afirma: “ (...) *Décadas de reabilitação urbana e requalificação de natureza selvagem ensinaram muitas comunidades que, quando a paisagem urbana é agredida, importantes memórias colectivas são destruídas*.”

Neste sentido consideramos, nesta na nossa investigação sobre os Museus da Politécnica, que o museu contemporâneo pode oferecer um interessante contributo no

processo de desenvolvimento social de uma determinada comunidade urbana, como plataforma de envolvimento de memórias colectivas. Desta forma, as instituições culturais estarão, de facto, a participar na consolidação de identidades urbanas fundamentais à sustentabilidade da nova cidade.

Como já anteriormente havíamos afirmado (Cavaco, 2002) - “ (...) *o novo museu é um lugar de descoberta da emoção, da intencionalidade do símbolo (...), museu relativizado na sua função social, onde já não existe divórcio entre a teoria e a prática. Um lugar de racionalidade simbólica, de descoberta, de novas estéticas que podem habitar o sagrado (representação social imagética) de cada indivíduo. Já não é mais o passado que reconstrói o presente mas, sobretudo, o futuro que revitaliza [e locomove] o presente. É a partir desta antropogenia [centrar o museu no cidadão] que se descobre o moderno discurso museológico, um campo de terapia da memória do passado*”.

Como dissemos no início deste capítulo, neste campo de pesquisa e ao que sabemos, ainda continuam a existir poucos trabalhos na área das representações sociais, a olhar para o Museu como local privilegiado de transmissão cultural e de desenvolvimento integrado. Este é o propósito da presente investigação. No capítulo seguinte procuraremos descrever, de forma detalhada, o conjunto diversificado de processos que deram origem a uma metodologia que consideramos singular e que serve precisamente de enquadramento primordial à nossa investigação.

# CAPÍTULO II

## METODOLOGIA

*“As clareiras do bosque oferecem (...) um meio de visibilidade onde a imagem seja real e o pensamento e o sentir se identifiquem sem ser à custa de se perderem um no outro, ou de se anularem.*

*(...) Todo o método surge de um instante glorioso de lucidez que está para lá da consciência e que a inunda”*

Maria Zambrano (1995).

## **Matriz Metodológica.**

Para cumprir os objectivos específicos da investigação foi necessário construir uma metodologia multidisciplinar, de natureza quantitativa e qualitativa, que resultou numa construção original decorrente da combinação entre os vários modelos de avaliação utilizados.

De forma a melhor definir o processo de recolha e análise de dados que utilizámos no presente trabalho de investigação, elaborámos uma Matriz Metodológica que se apresenta na página seguinte, na qual procurámos pôr em evidência, todas as etapas que percorremos durante o nosso estudo.

Partindo desta estrutura, retomaremos neste capítulo os modelos teóricos da TRS de Moscovici (1961), concentrando-nos na operacionalização do Núcleo Central de Abric (1984) e na Teoria da Imaginabilidade proposta por Lynch em (1960) para apresentar de forma mais detalhada, os respectivos processos e procedimentos de operacionalização informática que estamos a trabalhar.

Posteriormente, apresentaremos a constituição da nossa Amostra e, finalmente, descreveremos o Questionário/ Entrevista que constituiu o instrumento principal de recolha de dados da nossa investigação.

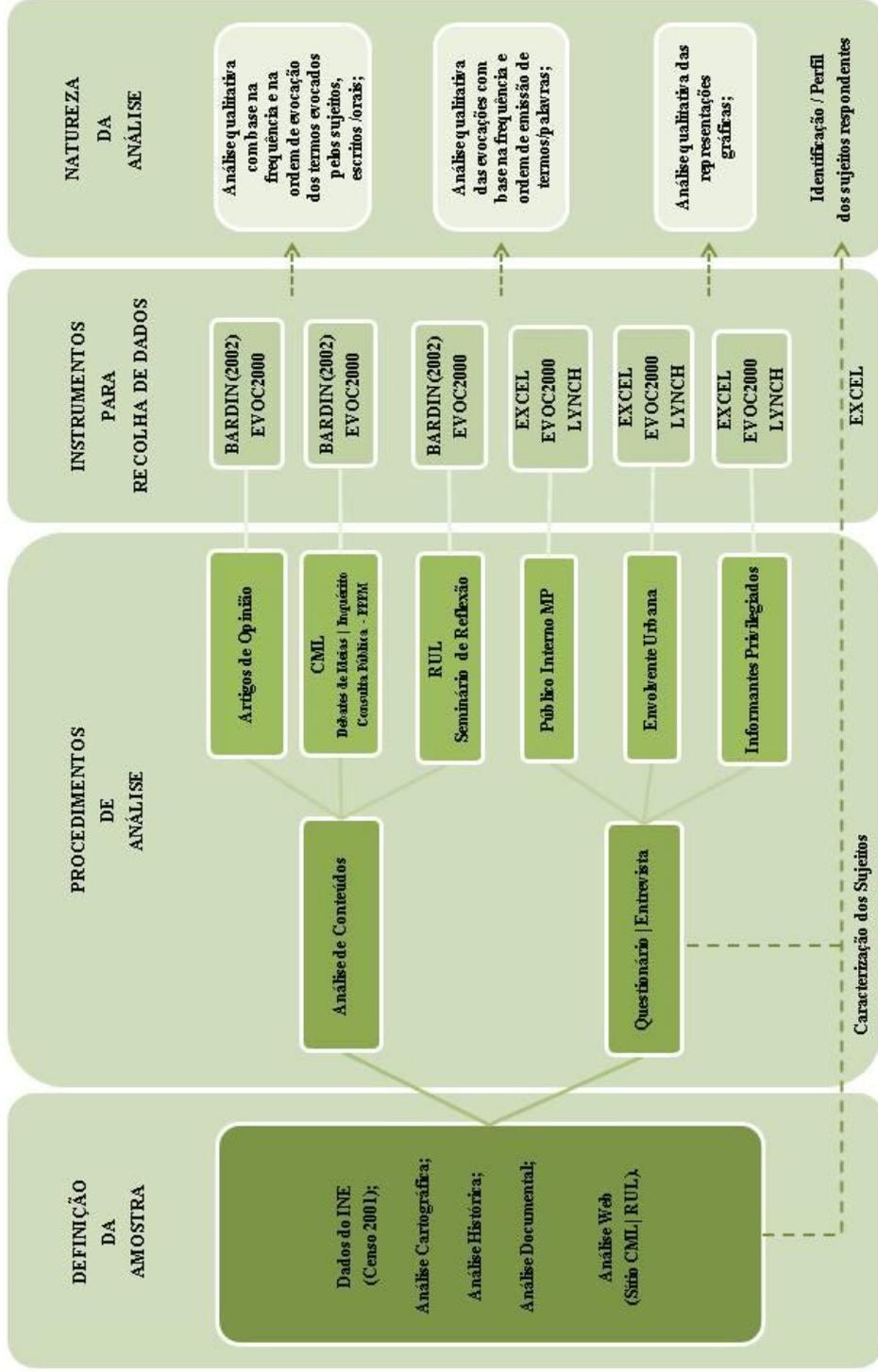


Tabela nº1 – Matriz Metodológica.

## O Conjunto de Programas Que Permitem a Análise das Evocações e a Análise de Similitude EVOC 2000<sup>31</sup>.

### Historial da Operacionalização da Teoria do Núcleo Central.

Os primeiros estudos que tentaram operacionalizar o conceito de Núcleo Central, basearam-se numa perspectiva quantitativa das cognições (representações) em relação com o objecto de representação. Foram tentativas que se mostraram insuficientes, nomeadamente no que concerne à definição do conceito de centralidade.

Estes primeiros trabalhos partiram do pressuposto que era a própria centralidade de uma evocação que originava a sua representação. Mais tarde, veio a verificar-se que a centralidade das representações deveria ser essencialmente considerada como causa e não como consequência da representação. Hoje sabemos que a co-ocorrência, a relação e a frequência de uma cognição relativamente a outras gera a sua própria centralidade. Moliner (1994) mostrou-nos, por exemplo, através dos seus estudos, como as cognições revelam este primado de relação entre qualidades qualitativas e quantitativas. Este autor atribui às cognições duas propriedades qualitativas essenciais:

- **O Valor Simbólico.** Dizem-se com propriedades simbólicas os termos evocados que não possam ser dissociados do objecto de representação. Mantêm uma forte relação de indispensabilidade com o próprio significado do Objecto;
- **O Poder Associativo.** As evocações com características de mútua polissemia e capacidade associativa internas, revelam poder associativo. Este poder associativo das evocações permite modificar o próprio sentido das evocações às quais se encontra ligado.

---

<sup>31</sup> Pierre Vergès Versão 15 Outubro 2003.

No que respeita às propriedades quantitativas, Moliner conclui que a característica da saliência<sup>32</sup> é uma consequência (efeito) do valor simbólico das cognições centrais. No Campo semântico definido pela representação, o termo atribuído a uma cognição, é mais frequente do que um outro, ou seja, existem cognições que são mais frequentes no nosso discurso e que se destacam no estudo de uma determinada representação. Enquanto o poder associativo das propriedades qualitativas determina a capacidade de um cognição estar em relação com um grande número de outros elementos da representação, parece possível destacar a maior ou menor conexidade dos termos que correspondem a cada evocação. É a partir deste processo que se define o lugar na estrutura de relação estabelecida entre os diferentes termos.

Por sua vez, grande parte destas propriedades estão implicadas na análise de similitude proposta por Flament (1996). Este autor estudou a forma como dois objectos podem possuir uma proximidade de representação face ao aumento do número de sujeitos observadores que, em sucessivos processos de *objectivação – ancoragem*, classificam de forma semelhante (escolhendo, rejeitando e evocando). Flament permitiu, com os seus trabalhos, conhecer as relações de proximidade entre dois ou mais objectos de um dado conjunto, a partir do seu índice de similitude (*coeficiência e contingência*). A partir das suas investigações, constrói uma matriz e respectivo gráfico, simplificando e clarificando as potenciais relações entre elementos de um determinado conjunto representatorial.

Como mostrámos em 2002, este tratamento metodológico de Flament decorre de um modelo matemático suportado pela Teoria dos Grafos (TG) e vem trazer uma maior objectividade às análises de dados sugeridas pela Teoria das Representações Sociais. No fundamental, a TG procura avaliar as formas e as características das relações entre elementos de um ou vários conjuntos. Revela, sobretudo, relações habitualmente não quantificáveis em termos de compatibilidade, semelhança, proximidade, comparação, classificação, hierarquia, troca, comunicação e circulação. A metodologia de Flament permite, desta forma, a construção de *árvores de conexões* quantificadas para cada organização cognitiva, demonstrando que através de um simples valor numérico (grafo) é possível exprimir a relação entre elementos de um conjunto. Estes elementos designam-se por *pontos* ou *vértices (termos)*

---

<sup>32</sup> Moliner utiliza o termo *Saliência* para designar a frequência com que se destacam no nosso discurso, alguns termos correspondentes a cognições centrais.

e os pares constituintes de correspondência são denominados como *arcos* do Grafo, representados graficamente por uma linha, mais ou menos espessa, consoante a carga numérica relativa a cada relação da árvore.

O significado dos termos e dos arcos depende do objecto de estudo. Na nossa investigação e como veremos posteriormente na apresentação dos resultados, os *termos* são evocações. Os *arcos* quantificados corresponderão à frequência da evocação.

Em 2000 utilizámos uma primeira aplicação informática, desenvolvida nos anos 90 por Pierre Vergès (1992, 1996). Esta versão apenas corria em MSDOS e só mais tarde foi aplicada ao ambiente Windows. Quando iniciámos a presente investigação, já conhecíamos, deste modo, a metodologia e terminologia associada ao programa que serviria de base para o tratamento da maioria dos dados recolhidos. Dado que a última versão desta aplicação sofreu algumas alterações de fundo, considerámos necessário voltar a rever e a estudar profundamente os manuais associados.

A *Análise de Conteúdos* e os *Questionários/Entrevista* foram tratados, quase na totalidade, a partir da última revisão do programa realizada em 2003 por Pierre Vergès, denominada EVOC2000. Esta actualização compreende um conjunto de 16 programas que permitem a análise das evocações a dois níveis: Lexicográfico e Caracterização por Análise de Conteúdos.

Começámos por criar para cada item analisado um ficheiro EXCEL, onde lançámos os dados recolhidos que foram posteriormente, tratados lexicograficamente. Em seguida, com a ajuda deste software calculámos, para o conjunto das evocações, a frequência de cada termo evocado, as ordens médias de evocação, a contextualização de cada termo relativamente a outros evocados e a co-ocorrência dos termos mais frequentes. A partir deste processo, operacionalizámos o entendimento de um esquema gráfico com a estrutura interna de uma primeira representação conforme o esquema que se apresenta:

		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO					
		< Q (A)		Q (C) >		+ -	
		%		%		média	
EIXO DE FREQUÊNCIA		<i>NÚCLEO CENTRAL</i>		<i>I NÍVEL DO SISTEMA PERIFÉRICO</i> <i>CONJUNTO DE TERMOS ENVOLVENTES</i>			
	F >					F >	
	F <					F <	
		<i>I NÍVEL DO SISTEMA PERIFÉRICO</i> <i>CONJUNTO DE TERMOS DE MENOR CENTRALIDADE</i>		<i>II NÍVEL DO SISTEMA PERIFÉRICO</i>			
	%		%		média		
		< Q (D)		Q (B) >		- -	

**Fig. Nº16 – Estrutura Interna da representação.**

Nesta tabela podemos observar o modelo operacional de todo o conjunto de conceitos que temos vindo a desenvolver nesta secção. Assim:

- O *Núcleo Central* e o *Sistema Periférico* que constituem a Estrutura Interna da Representação;
- A *Objectivação*, que resulta desta estrutura interna, pode definir-se como sendo uma primeira aproximação ou concretização da ideia-comum (conjunto de evocações) da representação que na nossa investigação se prende com a imagem do Museu Nacional de História Natural e da Ciência;
- A *Ancoragem*, que resulta de uma categorização por parte do próprio investigador no sentido de reforçar com homogeneidade as informações anteriores, tornando familiar o que ainda era uma simples classificação;

- A *Verificação da Centralidade* e a *Caracterização da Representação* que resultam de uma matriz de frequências entre as escolhas de frases sugeridas e que podem caracterizar (ou não) o espaço em estudo.

Podemos afirmar que são estes conceitos que nos permitem o conhecimento do conteúdo e da estrutura da representação. O seu suporte mais profundo reside nas próprias experiências vivenciadas (de carácter individual ou colectivo) e que se exprimem através das respectivas atitudes e valores (Abric, 1994). Na presente investigação, a avaliação da relação do espaço do Museu Nacional de História Natural e da Ciência com a sua envolvente urbana, resultou também da *Análise das Expectativas*, do *Grau de Satisfação* e das *Projeções de Futuro* individuais e colectivas que derivou da análise da implicação e das co-ocorrências entre elementos semânticos (termos) evocados pelo total de inquiridos, em resposta aberta a uma pergunta do nosso principal instrumento de análise (Apêndice I) e a partir dos quais foram construídos grupos de significado homogéneo, tratados posteriormente no programa informático *Avril 2003*.

Finalmente, podemos afirmar que todas estas conceptualizações que estão presentes no modelo de Abric são suportadas, igualmente, pela *Teoria Matemática dos Grafos*. É esta Teoria que nos permitiu a elaboração informática de *árvores de conexões* que correspondem à organização cognitiva dos termos ou frases evocadas pelos sujeitos. As análises de semelhanças daí decorrentes possibilitaram a identificação de três tipos de estruturação dos Mapas Cognitivos que viabilizaram a interpretação da representação do espaço em estudo, a saber:

- **Estrelas** – São organizações que nos permitem uma apreciação qualitativa da representação. Em volta de elementos nucleares e fortemente organizadores da representação desenvolve-se uma estrela sempre que o sujeito respondente interliga esse elemento condicionante com mais de cinco outros termos.
- **Triângulos / Quadrados** – Sempre que se interliguem entre si três ou quatro categorias, duas a duas, constitui-se um triângulo ou um quadrado no mapa da representação. Estes triângulos e quadrados são constituídos pelas categorias mais frequentemente citadas pelos respondentes, demonstrando que têm peso no

domínio do consciente mas onde, à partida, a polarização associativa entre categorias não é tão evidente.

- **Círculos** – Estruturas mais complexas e menos polarizadas. Interligam em círculo mais de três categorias e, normalmente, a polarização só se verifica se considerarmos resultados globais. Os círculos, constituídos por elementos suficientemente necessários à representação, são extremamente interessantes porque permitem pôr em evidência as causalidades entre termos. Por outro lado, permitem visualizar a importância relativa das categorias intermediárias, no conjunto da representação.

## Método Prático para Dedução da *Imaginabilidade*.<sup>33</sup>

Como refere Moscovici (2007), desde o início que a Teoria das Representações Sociais, regressa várias vezes (porque também depende da observação) à dimensão figurativa das representações, mesmo no que se refere à sua essência.

Como vimos em capítulos anteriores, Kevin Lynch (1960) foi pioneiro na abordagem pragmática desta dimensão figurativa da cognição de um espaço. Reconhecidamente, foi na sua obra – *A Imagem da Cidade* – que encontramos as bases de um entendimento sistematizado da percepção visual acerca do território urbano (Moutinho, 2007). A aplicação do seu conceito de *Imaginabilidade* à observação da cidade, assenta nos conceitos de *legibilidade* e de *orientação* a partir de quatro práticas fundamentais:

- O **Inquérito** – que consiste em solicitar a um grupo de participantes para desenharem um esboço do lugar em estudo, incluindo uma enumeração detalhada de pormenores, percursos e uma breve descrição dos elementos estruturantes desse espaço.
  
- O **Reconhecimento do Terreno** - que se baseia na leitura sistematizada de uma área, percorrida numa primeira fase a pé e numa segunda etapa de carro a várias horas do dia, por um observador experiente, com formação prévia acerca do conceito de *Imaginabilidade*. Este observador, deverá construir um mapa da área, indicando as presenças, visibilidade e inter-relações entre elementos físicos que permitam uma análise morfológica da cidade, através da identificação de vias (canais de movimento), limites (linhas de contenção), bairros (região urbana de semelhança), cruzamentos (pontos estratégicos de mudança) e pontos marcantes (marcas em evidência). Deve por fim, anotar a força e a fraqueza da imagem destes elementos no contexto urbano.

---

<sup>33</sup> Para futuras referências a esta metodologia de Kevin Lynch utilizaremos apenas a sigla – MPDI.

- **A Enumeração dos Aspectos Distintivos** – que estabelece ligação com as duas fases anteriores mas assinala, apenas, os elementos mais fortemente mencionados na análise de terreno ou nos inquéritos verbais. Este processo parece convir particularmente às características proeminentes de uma cidade – à sua essência visual.
- **O Teste de Reconhecimento Fotográfico** – que consiste na identificação de um espaço com fraca identidade e estrutura difusa, através de fotografias que permitam um rápido recolhimento ou sejam indutoras de evocações associadas ao lugar<sup>34</sup>.

A coerência interna dos dados recolhidos através desta metodologia sugere uma percepção (visão) fiável da imagem urbana por parte dos participantes no processo. Neste sentido, é uma didáctica que pode ser reproduzida em diversos espaços urbanos. Lynch (1960) sugere mesmo que seria interessante aplicar este procedimento a países e ambientes de escala diferente (edifícios, paisagens, sistemas de transportes, uma vasta região)<sup>35</sup>.

Como vimos anteriormente, este modo de olhar a cidade de Lynch foi, posteriormente, tratado e aperfeiçoado por inúmeros autores como foi o caso de Jan Gehl. Continua hoje actual com hipóteses muito fiáveis em termos de transformações essenciais, na cultura, nos quotidianos de cada um e na nossa urbanidade. Constitui, sobretudo, um modelo de investigação no campo da memória e toca num aspecto fundamental, discutido hoje por autores como Damásio (2010), que se prende com a questão de que uma imagem (da cidade), não é apenas resultado das suas características externas mas é, também, fruto de um dado observador e da capacidade que o ser humano tem em criar *mapas neurais* que dão origem a cognições figurativas de um determinado lugar.

---

<sup>34/29</sup> Foi a partir destas sugestões de Kevin Lynch que aplicámos e adaptámos parte da sua metodologia à nossa investigação sobre a representação de um conjunto de Edifícios/Instituições e respectivo bairro envolvente.

## **Modelo Metodológico.**

### **Amostra e Procedimento.**

A presente investigação incidiu sobre três núcleos de população, constituídos por:

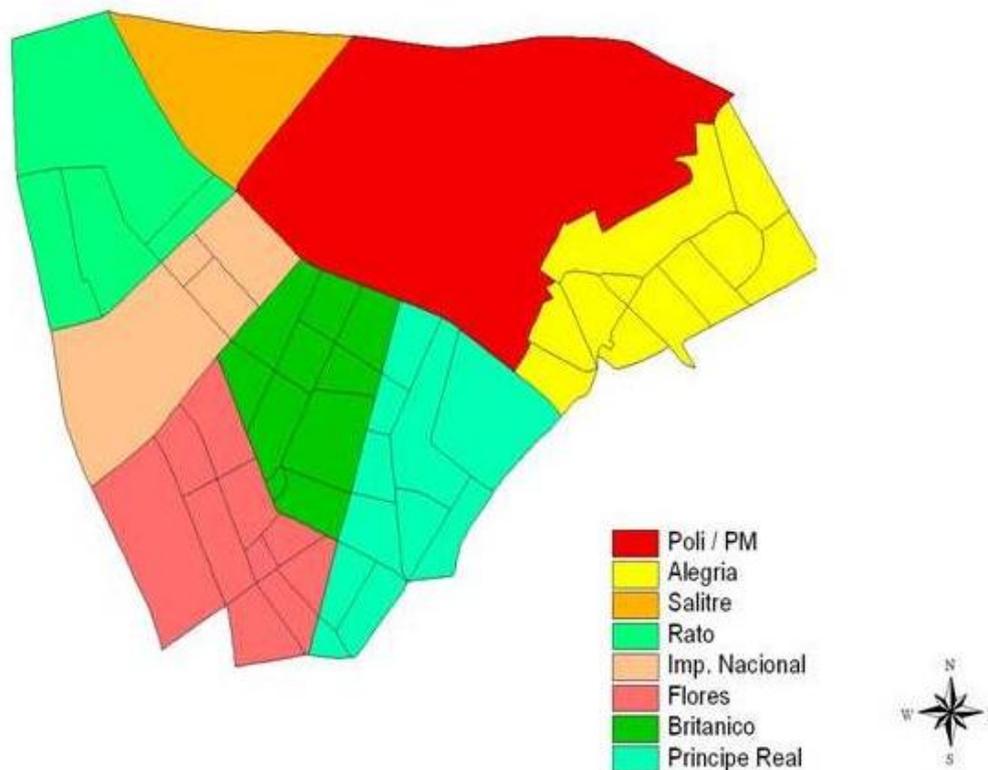
- População Interna do Museu Nacional de História Natural e da Ciência;
- Envolvente Externa do Espaço;
- Informadores Privilegiados / Grupo Preferencial de Entrevistados.

Numa primeira fase, foram convidados pessoalmente a participar na investigação todos os sujeitos a trabalhar ou a habitar no espaço do MNHNC, funcionários, investigadores, residentes e colaboradores. Simultaneamente, tentámos definir um *Campus de Amostragem Externa* partindo de uma pesquisa a nível da:

- Análise Histórica e Documental;
- Análise Local, referente aos dados do Instituto Nacional de Estatística recolhidos durante o Censo 2001;
- Análise da Cartografia oficial nos sites da Câmara Municipal de Lisboa, do Turismo de Lisboa e da Reitoria da Universidade de Lisboa;

No decorrer deste processo começámos por entrevistar o Professor Doutor José-Augusto França, morador da envolvente durante largos anos e historiador profundo daquele lugar da cidade, com várias obras publicadas sobre o que o próprio denomina – *Monte Olivete a minha aldeia* (2001). Foi a partir da sua definição de “comunidade” circundante do Museu Nacional de História Natural e da Ciência e das análises de dados referidas anteriormente que traçámos os limites do nosso campo de trabalho, considerando todas as suas componentes - residentes, serviços, comércio, instituições, equipamentos e Parque Mayer.

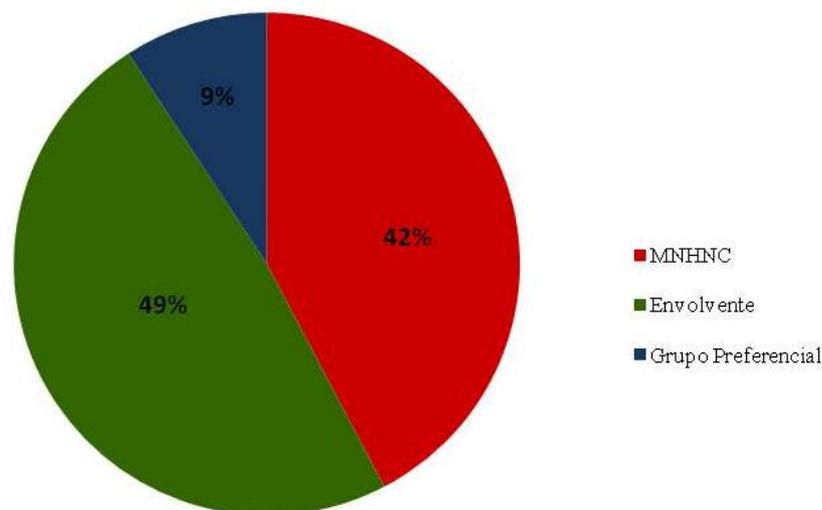
Nesta área começámos por definir quem eram os pares com interesse na ajuda à boa execução do processo de recolha de dados.



**Figura N°17 – Campus de Amostragem, informação de contexto BGRI / QGIS.**

Numa segunda fase do trabalho, iniciámos exactamente por identificar um grupo de 22 colaboradores que viviam na área e pedimos ajuda na recolha de dados, também, junto dos seus vizinhos e residentes locais. Numa terceira fase, elegemos uma amostra de conveniência, lojas locais, serviços, equipamentos, instituições públicas e privadas com sede no “Bairro”. Por último, entrevistámos um conjunto de personalidades da área da Museologia e do Urbanismo, representantes da Tutela e entidades envolvidas no processo de reabilitação do espaço (RUL, CML e as três Juntas de Freguesia locais). Finalmente, auscultámos as direcções das instituições Museológicas situadas na coroa da envolvente.

Foram inquiridos um total de 163 sujeitos (N=163) que compuseram uma amostra dividida por 69 sujeitos da População Interna do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, correspondendo a 41% do total de sujeitos, 79 sujeitos da Envolvente Externa do espaço, correspondendo a 46% do total de sujeitos e 16 sujeitos do Grupo de Informadores Privilegiados / Grupo Preferencial de Entrevistados que respeitam a 9% do número total de inquiridos como podemos ver na Figura que se segue:



**Gráfico.nº1 – Distribuição dos Sujeitos por Núcleo de População Respondente.**

A recolha dos dados decorreu no período compreendido entre 1 de Julho e 30 de Novembro de 2010, tendo sido previamente realizado um estudo piloto junto de alguns voluntários, colegas de Departamento, familiares e amigos residentes na área em estudo. Este pré-teste, consistiu em solicitar aos nossos voluntários que preenchessem uma primeira versão do instrumento que pretendíamos utilizar. Resultou num auxílio prático para a simplificação da linguagem a utilizar, assim como no esclarecimento de algumas dúvidas relativas à organização e extensão do nosso *Questionário / Entrevista* (Apêndice I). Estes voluntários foram, sobretudo, uma inestimável ajuda na decisão de utilização de uma imagem inicial<sup>36</sup> como estímulo de evocação, o que nos resolveu o problema da identificação precisa do local em estudo.

A versão final do *Questionário / Entrevista* procurou pôr em evidência o processo de transmissão social das representações e os valores veiculados pelos sujeitos inquiridos. Tentámos construir um instrumento que permitisse revelar e interligar aspectos do real e do imaginário dos respondentes. O objectivo foi o de tentar avaliar a natureza da relação entre o seu grau de satisfação, as suas potenciais expectativas e as suas projecções de futuro, face ao espaço que estávamos a estudar.

<sup>36</sup> Adaptando à nossa investigação o *Teste de Reconhecimento Fotográfico* da metodologia de Kevin Lynch que, como referimos anteriormente, consiste na identificação de um espaço com fraca identidade e estrutura difusa, através de fotografias que permitam um rápido recolhimento ou sejam indutoras de evocações associadas a um lugar em estudo.

## **Análise de Conteúdo e Instrumento Utilizado.**

### **Análise de Conteúdo.**

A *Análise de Conteúdo* das evocações orais e escrita, referida anteriormente<sup>37</sup>, resultou da pesquisa feita em inúmera documentação produzida ao longo de três anos:

- Artigos de opinião nos anos de 2008 / 2009 / 2010;
- Inquérito realizado pela Câmara Municipal de Lisboa por altura da exposição no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, dos trabalhos procedentes do Concurso de Ideias;
- Debates de Ideias realizados a propósito do mesmo Concurso a 7, 14 e 21 de Abril de 2008;
- Seminário de Reflexão sobre o Futuro dos Museus da Politécnica<sup>38</sup>, organizado pela Reitoria da Universidade de Lisboa em Julho de 2010;
- Debate Público do Plano de Pormenor do Parque Mayer e área envolvente (PPPM), promovido pela CML, no Teatro Maria Matos, em Outubro/ Novembro 2010.

Todas as gravações áudio dos Debates de Ideias, Seminário de Reflexão e Debate Público do PPPM foram transcritas. Para o tratamento de toda esta informação, utilizámos primeiramente a metodologia proposta por Bardin (2002) que aponta como fundamental uma pré-análise em *leitura flutuante* para um primeiro contacto com os textos. Posteriormente, procedemos a uma *análise temática* ou *categórica* que se baseou no desmembramento do texto em unidades, descodificando-o em núcleos de sentido que foram depois, por nós, reagrupados num máximo de oito categorias/termos. Estas unidades, foram finalmente trabalhadas no programa Evoc2000, utilizando um procedimento semelhante com o que agimos no Módulo A do Questionário / Entrevista, que descreveremos seguidamente.

---

<sup>37</sup>Na Matriz Metodológica da Tabela nº1.

<sup>38</sup> Relembramos que esta era ainda a designação do MNHNC em 2010.

## Questionário / Entrevista.

Como já observámos na secção anterior, o *Questionário / Entrevista* (Apêndice I) utilizado na presente investigação visou colocar em evidência alguns pontos-chave, quer em termos da sua clareza e rigor metodológico, quer em termos das características do universo da amostra.

Assim, no Questionário interessou assegurar um conjunto de questões que permitisse alcançar os seguintes objectivos:

- Definir o formato e a natureza das questões a colocar;
- Definir a sequência lógica e o próprio encadeamento das questões;
- Definir o tipo de linguagem a utilizar em função dos respondentes;
- Definir os seus aspectos gráficos e extensão.

Para a apresentação gráfica do Questionário inspirámo-nos, mais uma vez, no estudo de avaliação de exposição “*Os Dinossáurios regressam em Lisboa*”, realizado pela GEOIDEIA e pelo MNHN, em 1994. Também nos serviram de modelo os trabalhos de investigação, realizados em França nos anos setenta e oitenta, por vários autores no campo das representações sociais. Destes investigadores destacamos os trabalhos de Chombart de Lauwe sobre as representações sociais da infância e os trabalhos de Denise Jodelet sobre a representação e imagem da cidade de Paris. Foi a partir desta última autora que tivemos contacto com os trabalhos do urbanista Kevin Lynch que em 1960, antes da formulação da Teoria das Representações Sociais, inicia trabalhos sobre a percepção e imaginário do espaço urbano, utilizando uma metodologia muito semelhante à que viria mais tarde a ser utilizada pelos sociólogos que operacionalizaram os métodos de pesquisa em Representações Sociais. Como já referimos em capítulos anteriores, foi na complementaridade destas metodologias que encontramos matéria-prima para a construção do nosso Instrumento de trabalho.

Seguidamente, apresentamos uma descrição sucinta dos quatro Módulos do *Questionário / Entrevista* organizados alfabeticamente de **A** a **D** e que constituíram esse nosso instrumento de análise.

## Módulo A | Primeira Identidade

Este primeiro módulo (Apêndice I) começa com uma pergunta (questão) de evocação sobre o lugar em estudo. Nesta questão, solicitámos aos respondentes que, a partir de uma imagem indutora que considerámos representativa do local (Apêndice I), produzissem todas as palavras ou expressões que de imediato lhes ocorressem. Enquanto associação livre, de carácter espontâneo, esta questão permitiu-nos avaliar a ocorrência de elementos implícitos ou latentes nas respostas dos inquiridos.

No tratamento dos dados, utilizámos a técnica de *análise de conteúdo* (associações livres de palavras e análises de proximidade semântica) que consiste numa sistematização lexicográfica dos termos a evocar pelos respondentes. Pudemos, assim, determinar tanto a *objectivação* e a *ancoragem*, como o *núcleo central e sistema periférico*, através da análise das relações entre os elementos da representação.

Simplificámos a análise de conteúdos na medida em que o suporte informático e estatístico utilizado por Pierre Vergés (2003) permite, precisamente, a introdução prévia de todo o texto recolhido, simplificando qualitativamente o conteúdo das expressões mais complexas. A partir do sistema operativo de Vergés pudemos construir “dicionários” de palavras e efectuar uma análise qualitativa detalhada de todas as palavras no seu contexto (Apêndice II).

O *núcleo central e sistema periférico* foram distribuídos automaticamente pelos quadrantes do modelo informático<sup>39</sup>, consoante a frequência das palavras evocadas e a ordem média de evocação. O *núcleo central* foi então, construído a partir da seriação dos termos de maior frequência e de primeira ordem de evocação; o *sistema periférico*, por sua vez, foi elaborado a partir da seriação informática dos termos de menor frequência e maior ordem de evocação. Ficaram assim constituídos, a partir do software utilizado, os quatro níveis de evocação.

---

<sup>39</sup> Conjunto de Programas Que Permitem a Análise das Evocações e a Análise de Similitude EVOC 2000, Pierre Vergés, Versão 15 Outubro 2003.

Posteriormente, com a ajuda do programa utilizado, procedemos à categorização qualitativa das palavras evocadas, com as quais se construíram categorias de significado homogéneo para cada grupo em estudo. Para simplificação da leitura, procedemos a uma depuração linguística, tendo em conta os seguintes procedimentos de validação: as formas verbais foram transformadas em adjectivos ou substantivos; conforme o caso, os adjectivos e substantivos foram convertidos para o singular e para o masculino ou feminino; os sinónimos foram transformados para a forma mais frequentemente utilizada no conjunto de todos os dicionários construídos.

Para evitar desvios relativamente ao entendimento dos participantes e uma má execução do programa informático, esta fase da análise de conteúdo requereu cuidados especiais. Solicitámos então ajuda a um pequeno grupo de voluntários “juízes” que individualmente se dispuseram a classificar cada uma das palavras evocadas. Foram validadas apenas aquelas onde foi verificado acordo entre os “juízes”. As palavras seleccionadas ficaram na sua forma mais simples, sendo-lhes retirados os sufixos, os prefixos, as formas negativas, abreviando-se, em código, todas as frases.

Em seguida, as categorias daqui resultantes foram posteriormente analisadas através dos *gráficos de semelhança*, de modo a determinar as relações entre as várias categorias.

Como complemento à questão anterior, na segunda e terceira perguntas, aferimos o posicionamento dos elementos componentes das *Estrutura Interna da Representação*. Tentámos verificar a centralidade desses elementos com perguntas muito directas. Neste sentido, solicitámos aos respondentes que escolhessem, segundo o grau de importância, evocações feitas anteriormente na pergunta inicial. Por fim, para tentarmos alinhar uma primeira Identificação relativamente aquele espaço, solicitámos que nos referissem qual era a denominação utilizada, sempre que tinham que se referir ao espaço numa eventual conversa informal.

A quarta Questão permitiu-nos estudar de *per si* as relações de antagonismo relativas à imagem associada à área em estudo. A partir de uma lista de 12 frases, solicitámos aos participantes para efectuar uma primeira selecção de frases do *Questionário / Entrevista* que considerassem ser as mais importantes na sua representação do espaço e uma segunda escolha

de frases que lhes parecessem ser menos representativas. Esta Questão permitiu fazer a comparação entre a importância relativa de certos elementos da representação em grupos diferentes, possibilitando ainda a verificação da *centralidade* de cada frase e a *caracterização* da representação.

## **Módulo B | Segunda Identidade / Relação**

Na primeira questão do Módulo B (Apêndice I), seguindo o modelo de Lynch (1959) solicitámos aos participantes para nos desenharem, rapidamente, um pequeno esboço do espaço em estudo, mostrando os seus aspectos mais interessantes / importantes e de forma a dar a um observador estranho o conhecimento suficiente para que este, sem dificuldade, se pudesse orientar dentro do espaço. Solicitámos, também, que nos fizessem uma legenda com numeração graduada de forma a revelar a importância percebida do local.

A variedade de informações que obtivemos tornaram o seu tratamento numa operação delicada e foi necessário, para proceder à leitura dos mapas cognitivos que resultaram deste processo, elaborar uma base de dados específica que permitisse uma descodificação eficaz de todos os elementos percebidos. Para simplificar esta análise figurativa, construímos de raiz no programa EXCEL, um modelo de observação que nos permitiu quantificar e estabelecer relações entre informações recolhidas.

Os parâmetros de análise que utilizámos na construção deste nosso *Diagrama de Análise Figurativa*, decorrem da Teoria da *Imaginabilidade* de Lynch (1960), dos critérios estabelecidos por Jan Gehl (1971) para a análise de espaços públicos das cidades e dos trabalhos de Denise Jodelet (1976-82-84) sobre a imagem de Paris.

Modelo de Observação dos Mapas Cognitivos do Quarteirão MP	Forma	Escala	Ajustada
			Desajustada
		Tipologia	Planta
			Fachada
			Mista
		Orientação	Ajustada
			Desajustada
		Estrutura	Limites
	Exterior		
	Jardim		
	Misto		
	Interfaces		Internas
			Externas
	Vias		Internas
			Externas
	Áreas/Bolsas		Existentes
			N/existentes
	Elementos Marcantes	Existentes	
		N/existentes	
	Sociabilidade	Continuidade	Fragmentado
			N/Fragmentado
		Mobilidade	Existente
			N/existente
		Acessibilidade	Existente
			N/existente
	Coerência	Evocações	-
		Toponímia	-
		Esboço/Entrevista	Existente
N/existente			

**Tabela.nº2 – Diagrama de Análise Figurativa** construído especificamente para a análise dos desenhos resultantes do **Modulo B, pergunta B1, do nosso Questionário/Entrevista (Anexo I).**

Utilizando este *Diagrama*, realizámos uma observação detalhada da totalidade dos desenhos orientada para a leitura dos seguintes temas: *Forma, Estrutura, Sociabilidade e Coerência*. Os *Elementos Marcantes, Evocações e Toponímia* apontados por cada um dos respondentes, foram ainda tratados e co-relacionados utilizando o EVOC2000, numa tentativa de aferir o seu grau de importância, face à imagem colectiva do espaço.

As restantes dez perguntas do Módulo B, que foram tratadas através do programa EXCEL, auxiliaram no sedimentar da leitura icónica destes *mapas mentais*. Sobretudo, constituíram uma estrutura de análise para a destrição entre o que eram meras informações gráficas sobre o território e as indicações relativas à representação do espaço vivido ou imaginado por cada um dos sujeitos respondentes. Foi a partir destas perguntas que tentámos definir uma identidade de lugar, a partir dos seguintes dados indicados pelos respondentes:

- Limites para implantação do MNHNC na envolvente urbana;
- Vivências e usos do espaço;
- Relações quotidianas que se estabeleceram ao longo do tempo e estabelecem hoje entre aquele lugar e a cidade.

Por fim tentámos, ainda, perceber expectativas futuras dos respondentes face à reabilitação e requalificação do espaço em estudo.

### **Módulo C | Proximidade / Espacialidade.**

A constituição deste módulo (Apêndice I) foi elaborada a partir de um conjunto de perguntas directas aos participantes. O objectivo destas questões prendia-se com a orientação espacial dos respondentes face à localização do espaço em estudo, na cidade. A nossa intenção foi avaliar a *variância* de representação do espaço vivido, em função da distância do lugar de residência e em função da própria representação de Museu.

## **Módulo D | Identificação dos Sujeitos.**

Finalmente, este último módulo (Apêndice I) utilizado refere-se à identificação dos sujeitos. Permitiu, sobretudo, a sistematização e divisão do universo respondente por género, idade, classe social (presumida a partir da referência ao grau de instrução e profissão/ocupação), instituição/departamento, local de residência e tempo de colaboração/vivência do espaço em estudo.

O Capítulo III / Resultados, que se segue, orienta-se precisamente na mesma linha de exposição geométrica desta Metodologia, que agora termina, quer em termos de exposição quantitativa, quer em termos de enunciado qualitativo.

## CAPÍTULO III

### RESULTADOS

*“Tornar geométrica a representação, isto é, delinear os fenómenos e ordenar em série os acontecimentos decisivos de uma experiência, eis a tarefa primordial em que se firma o espírito científico. De fato, é desse modo que se chega à quantidade representada, a meio caminho entre o concreto e o abstracto, numa zona intermédia em que o espírito busca conciliar matemática e experiência, leis e fatos”*

Gaston, Bachelard, (1996).

## **Apresentação dos Resultados.**

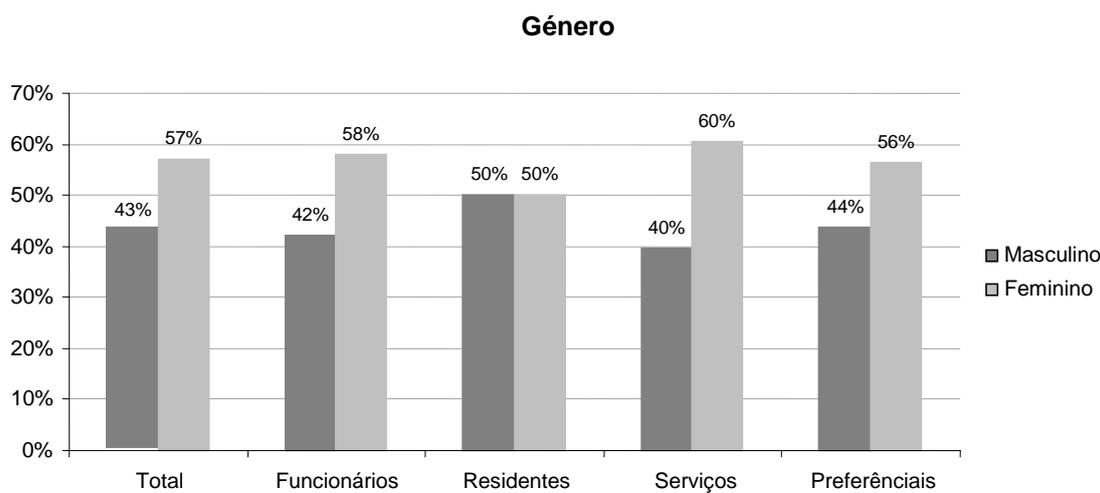
A sequência de apresentação dos resultados alcançados na presente investigação contempla quatro etapas fundamentais:

- Num primeiro momento, procederemos a uma breve Caracterização Social dos Inquiridos resultante do Módulo D do Questionário/Entrevista;
- Num segundo momento, mostraremos os resultados da Análise de Conteúdo de toda a informação escrita e oral recolhida;
- Em terceiro lugar, apresentaremos os resultados de natureza indutiva, referentes ao estudo da Representação Social do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Módulo A do Questionário/Entrevista);
- Num quarto momento, apresentaremos numa primeira fase os resultados respeitantes à Relação com o Espaço e, numa segunda fase, os dados correspondentes às Expectativas e Projecções de Futuro dos inquiridos relativamente à reabilitação do local. Estes resultados foram alcançados por via do tratamento das respostas ao Módulo B do mesmo Questionário/Entrevista;
- Finalmente, consideraremos a questão da não inclusão dos resultados respectivos à variância de representação do espaço vivido, quer em função da distância do lugar de residência dos respondentes, quer da sua própria representação de Museu (Modulo C).

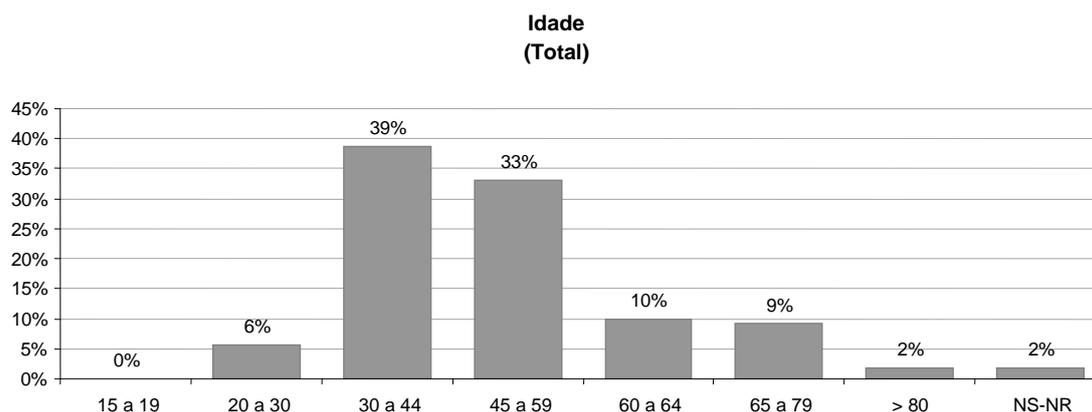
De seguida descreveremos até ao detalhe necessário, apenas os resultados mais relevantes da investigação, enquanto os restantes ficarão em apêndice podendo ai, se necessário, ser consultados.

## Caracterização Social dos Inquiridos.

Como referimos anteriormente, o *Questionário / Entrevista* utilizado na presente investigação foi passado a 163 sujeitos (N=163) que compuseram uma amostra total dividida por 43% de sujeitos do género masculino e 57% do género feminino com demonstra o gráfico com distribuição dos sujeitos por género e categorias de respondentes que se segue:



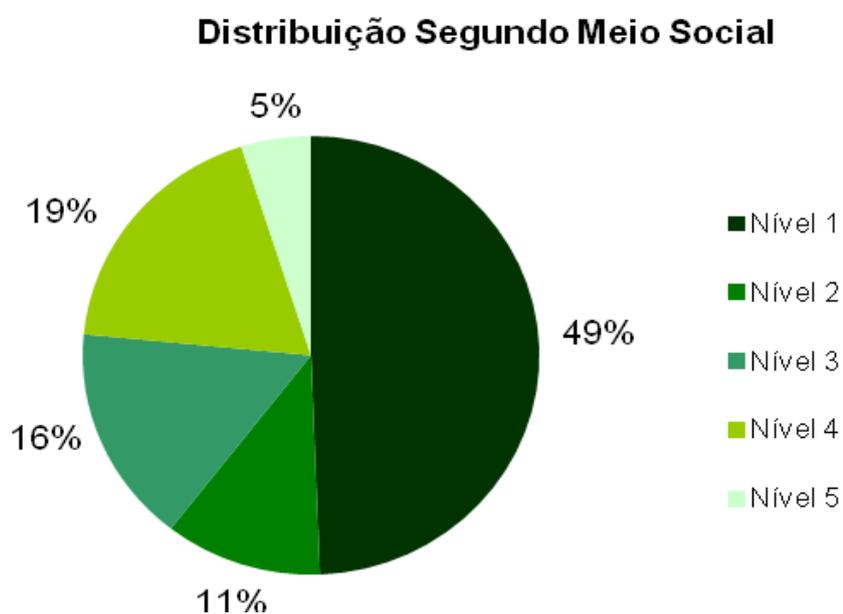
No que respeita a distribuição etária, as mesmas quatro categorias apresentaram uma amostra total com idades compreendidas entre os 20 e os 85 anos de idade, da seguinte forma:



Na análise do total da amostra, 39% dos inquiridos situa-se na faixa etária entre os 30 e os 44 anos, 33% apresenta idades compreendidas entre os 45 e os 59 anos, 10% têm entre 60 e 64 anos, 9% possuem idades que se situam entre os 65 e os 79 anos, 6% apresenta idades

entre os 20 e os 30 anos e 2% dos inquiridos, tem uma idade superior a 80 anos. Existem ainda 2% da amostra que não responderam esta Questão. No Apêndice II podemos consultar ainda a distribuição etária detalhada por grupos de respondentes.

Os dados referentes à distribuição social presumida dos inquiridos foram recolhidos a partir de uma categorização da profissão indicada no Módulo D do *Questionário / Entrevista*, informação que foi hierarquizada em cinco níveis:



Níveis:

Nível 1 – Quadros, Profissões Liberais e Empresários;

Nível 2 – Comerciantes, Professores e Artistas;

Nível 3 – Trabalhadores Administrativos e Pequenos Comerciantes;

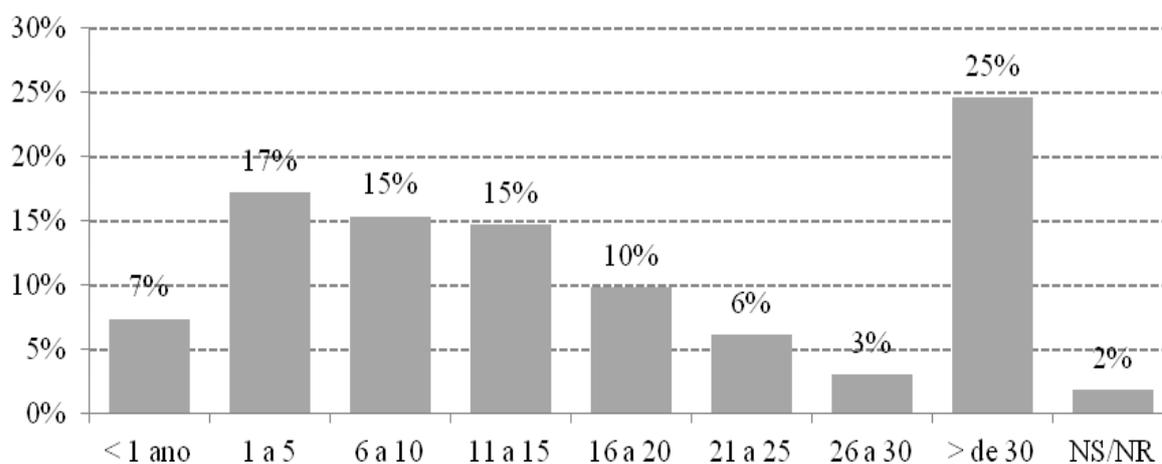
Nível 4 – Operários, Trabalhadores por conta de Outrem;

Nível 5 – Desempregado e Situações Diversas.

No gráfico anterior de distribuição dos inquiridos segundo o meio social, constatámos que 49 % dos inquiridos pertence ao Nível 1, 19% ao Nível 4 e 16% ao Nível 3. Estes Níveis contêm 84% da amostra da população inquirida. No que se refere ao Nível 2 verificámos que apresenta uma percentagem de 11% e no quinto Nível encontrámos apenas uma percentagem na ordem de 5% de inquiridos. Como voltaremos a mencionar no Capítulo seguinte estes dados referem-se a uma amostra maioritariamente proveniente da classe média (média alta, média e média baixa).

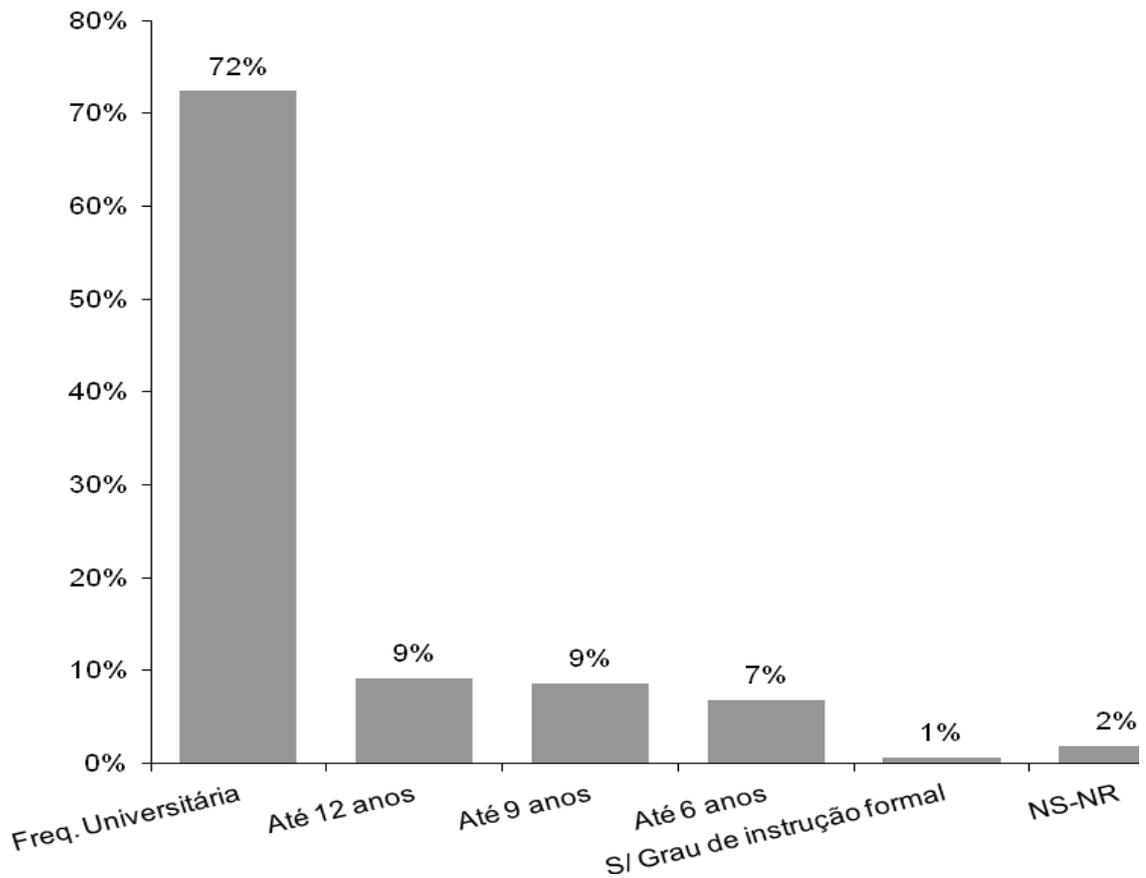
No que respeita ao tempo de relação / vivências que os respondentes ao nosso Questionário / Entrevista têm com o espaço em estudo, é de referir que grande parte dos sujeitos refere ter relação com o espaço, há mais de 30 anos. Como se pode verificar no gráfico seguinte, existe ainda, parte significativa dos sujeitos que declara ter estabelecido recentemente relação com este lugar da cidade, num espaço temporal que se situa entre 1 a 5 anos de contacto.

**D7 - Há quanto tempo vive / trabalha / tem contacto com o espaço/bairro?  
(Total)**



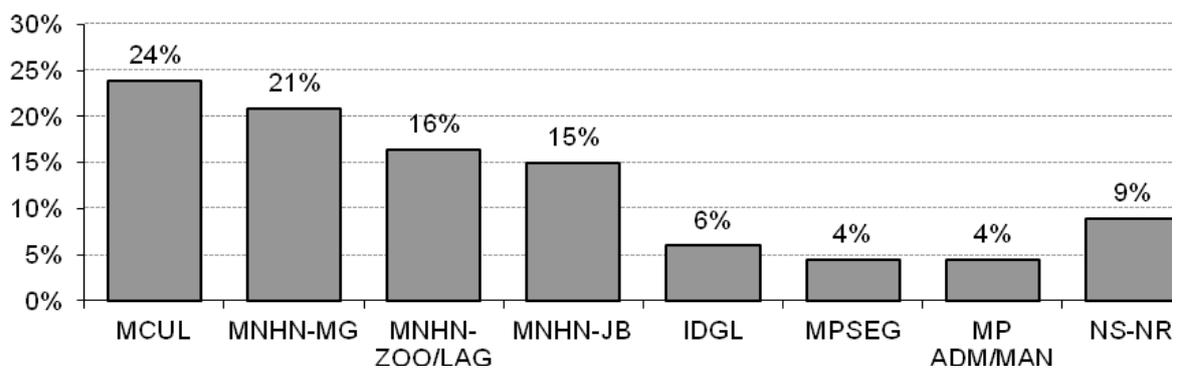
Relativamente ao grau de instrução verificamos que 72% do total da amostra refere ter frequência universitária. Esta referência atinge 83% no grupo de residentes inquiridos e no grupo de informadores privilegiados / entrevistados preferenciais. O mesmo parâmetro atinge 100% da totalidade dos respondentes, como se mostra seguidamente:

### D3 - Instrução



De notar que relativamente ao grupo de cerca de 120 funcionários do MNHNC a quem propusemos inicialmente participar no nosso Inquérito, a resposta dependeu da sua disponibilidade para participar no Questionário/Entrevista. Só responderam 69 elementos, distribuídos pelas seguintes áreas científicas / instituições e serviços:

### Departamento



A análise deste Gráfico revela que 24% dos respondentes pertence ao MCUL e 52% corresponde a funcionários do MNHN, distribuídos estes últimos pelas áreas científicas de Mineralogia e Geologia (21%), de Zoologia e Antropologia (16%) e Botânica (15%). Verificamos ainda que 6% dos inquiridos pertencem ao IGIDL, 4% pertence à Equipa de Segurança e 4% corresponde a funcionários que trabalham directamente nos serviços administrativos e manutenção do espaço comum. Finalmente não podemos deixar de notar que 9% dos inquiridos não quiseram identificar a sua área científica, instituição ou serviço de pertença.

## Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo das evocações orais e escritas, referida anteriormente no Capítulo II (Metodologia), resultou da pesquisa realizada ao longo de três anos sobre documentação considerada pertinente (artigos de jornal, debates públicos, documentação oficial da UL e da CML, com carácter público). Para tal e seguindo a metodologia proposta por Bardin (2002), procedemos à análise de um total de 29 documentos.

Primeiro realizámos, em leitura flutuante, uma pré-análise desta informação e só depois uma categorização de cada documento no qual formámos grupos com o máximo de oito termos mais relevantes. Todas estas unidades semânticas foram então trabalhadas no programa Evoc2000 seguindo uma sistematização lexicográfica dos 172 termos evocados. Pudemos finalmente determinar uma primeira aproximação à estrutura do *núcleo central* e *sistema periférico* da representação social do Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

De notar que todo esse conjunto de termos recolhidos sofreu uma distribuição automática pelos quadrantes do modelo informático<sup>40</sup>, segundo a frequência dos termos evocados e segundo a ordem média de evocação. O *núcleo central* ficou assim constituído a partir da seriação dos termos de maior frequência e de primeira ordem de evocação. O *sistema periférico*, por sua vez, foi elaborado a partir da distribuição informática dos termos de menor frequência e maior ordem de evocação.

Ficaram assim constituídos os quatro níveis de evocação, como se pode verificar na Tabela nº 3 que se apresenta na página seguinte.

---

<sup>40</sup> Conjunto de Programas Que Permitem a Análise das Evocações e a Análise de Similitude EVOC 2000, Pierre Vergés, Versão 15 Outubro 2003.

ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO

		< 2,3		2,3 >				
		%		%				
EIXO DE FREQUÊNCIA	++					+-		
		média		média				
	2,143	Colecções-Tesouros	28	3,444	Dinamismo	9		
	2,158	História-Património	19	4,750	Divulgação-Comunicação	8		
				3,375	Preservação	8		
		F > 5					F > 5	
		F < 5					F < 5	
	2,000	Meios-Precários	6	5,714	Abertura-Cidade	7		
				4,667	Actividades-Lazer	6		
				2,667	Parceria-UL-CML	6		
			6,571	Degradação-Abandono	7			
			3,429	Requalificação	7			
			5,333	Sustentabilidade	6			
		média		média				
		%		%				
	- +	< 2,3		2,3 >		- -		

Tabela.nº3 – Organização automática dos termos recolhidos nos 29 documentos escritos e orais, segundo as frequências e ordem média de evocação.

Os termos correspondentes ao *núcleo central*, ditos mais rapidamente e maior número de vezes são: **Colecções-Tesouros** e **História-Património**. Os termos **Dinamismo** e **Divulgação-Comunicação** e **Preservação**, embora tenham sido percentualmente muito referidos, apresentam ordens de evocação superiores à média, pelo que integram o quadrante superior direito, correspondente a uma periferia que envolve o *núcleo central*. Este primeiro nível do *sistema periférico* ao qual pertence, também, o quadrante inferior esquerdo, é constituído por informação de significado contraditório em relação aos critérios de frequência e de ordem de evocação. No quadrante inferior direito encontramos, ainda, as evocações **Abertura-Cidade**, **Actividade-Lazer**, **Parceria-UL-CML**, **Degradação-Abandono**, **Requalificação** e **Sustentabilidade**. São termos mais periféricos, pertencentes a uma zona de instabilidade que potencialmente, pode gerar futuras transformações/mudanças na representação. Nas análises que se seguem voltaremos novamente a descrever o modelo operacional que deu origem a este esquema gráfico da estrutura da representação social do MNHNC a partir dos resultados recolhidos através do nosso *Questionário / Entrevista*.

## **A Representação Social do Museu Nacional de História Natural e da Ciência.**

Nesta fase de apresentação dos resultados e em primeiro lugar procedemos ao tratamento do total de sujeitos da nossa amostra. Posteriormente, consideramos quatro grupos distintos, em função das categorias respondentes: Funcionários, Residentes, Serviços / Comércio, Informadores Privilegiados / Grupo Preferencial.

- **Objectivação e Estrutura Interna da Representação.**

As respostas obtidas no Modulo A, pergunta A.1, do *Questionário/Entrevista*, foram submetidas a um tratamento lexicográfico (Apêndice IV) com utilização do programa informático desenvolvido por Pierre Vergès (2003). Este tratamento classifica e distribui automaticamente, através do programa EVOC2000, os termos evocados de acordo com a frequência e ordem média de evocação pelos quatro quadrantes do esquema gráfico apresentado no Capítulo II (Fig. Nº 16). Ficam desta forma constituídos pelo *software*, quatro níveis de evocação que correspondem à estrutura interna da representação (Tabela nº4).

A partir do conjunto das evocações recolhidas, a leitura desta Tabela que se apresenta na página seguinte, revela o conteúdo quer do *núcleo central*, quer do *sistema periférico*, quer ainda a própria *objectivação* da representação do MNHNC para os sujeitos inquiridos. Estes dados põem em relevo a existência de duas importantes dimensões do conjunto dos resultados relativos a um total 770 evocações. Em primeiro lugar podemos falar de uma dimensão colectiva, perceptível através do número de vezes que uma palavra é enunciada no total dos termos evocados (frequência). Em segundo lugar, ressalta uma dimensão individual (ordem de evocação) em que se refere a média da distribuição estatística de cada evocação. Estes resultados são produto do já referido tratamento automático (hierarquicamente organizado) das respostas à pergunta A.1 do Modulo A – *Quando vê esta imagem que ideias lhe vêm à cabeça? De que é que se lembra?*

ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO

		< 2,5		2,5 >				
		%		%		%		
		média		%		média		
EIXO DE FREQUÊNCIA	1.778	Escola Politécnica	18	3.625	Exposições		16	
	1.841	Faculdade de Ciências da UL	44	3.510	Jardim Botânico		49	
	2.088	Museu	34					
	2.185	Museu Nacional de História Natural	27					
	F > 15						F > 15	
	F < 15						F < 15	
	2.143	Escola	7	3.625	Ciência		8	
	2.250	História	12	3.333	Colégio dos Nobres		5	
	2.111	Museus da Politécnica	9	5.143	Conhecimento		7	
	2.000	Palácio	9	2.833	Cultura		12	
2.000	Património	6	3.571	Dinossaúrios		7		
1.818	Rua da Escola Politécnica	11	3.400	Incêndio		10		
2.455	Universidade	11	2.769	Museu de Ciência		13		
			3.000	Museus		7		
			3.800	Saber		5		
			4.600	Sala do Veado		5		
			4.000	Trabalho		6		
		%		%		%		
		média		%		média		
		< 2,5		2,5 >				

Tabela.nº4 – Organização automática dos termos evocados pelo total de inquiridos, segundo as frequências e ordem média de evocação, face à imagem indutora do Módulo A / pergunta A. 1. no Questionário/Entrevista.

É da combinação destas duas dimensões que resulta a *objectivação* da representação do espaço do Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Efectivamente, da classificação resultante do cruzamento dos dois eixos que representam as frequências e ordens de evocação, é possível obter uma classificação dos termos evocados. O *núcleo central* correspondente ao quadrante superior esquerdo e o *sistema periférico* respeita aos quadrantes superior direito e inferior esquerdo (primeiro nível envolvente do *sistema periférico*) e, ainda, ao quadrante inferior direito (segundo nível do *sistema periférico*). É esta, precisamente, a estrutura interna da representação.

As palavras ditas mais rapidamente (ordem de evocação) e o maior número de vezes no grupo, correspondem aos termos do *núcleo central*, ou seja: **Escola Politécnica**, **Faculdade de Ciências**, **Museu**, **Museu Nacional de História Natural**. Os termos **Exposições** e **Jardim Botânico**, embora percentualmente muito evocados pelos respondentes, apresentam ordens de evocação claramente superiores à média, pelo que passaram a integrar o quadrante superior direito, correspondente ao nível que envolve o *núcleo central*. Os dois quadrantes, superior direito e inferior esquerdo, correspondem a um primeiro nível do *sistema*

*periférico* envolvente, dão-nos informação de natureza contraditória em relação aos critérios de frequência e de ordem de evocação. Em conjunto com o quadrante inferior direito (onde se situam os termos mais periféricos) este *sistema* é interpretado por Pierre Vergès (1994) como contendo significado ambíguo e respeitando a uma zona de instabilidade de onde, potencialmente, podem ter origem futuras transformações/mudanças na representação. Quer isto dizer que são quadrantes constituídos por informação abundante mas não consistente, onde se incluem termos em mutação e conflito.

- **Ancoragem da Representação.**

Os mesmos 770 termos evocados e obtidos na resposta A.1 do *Questionário/Entrevista*, foram posteriormente agrupados em categorias de significado homogéneo, analisando a sua relação e de modo a poder determinar a *ancoragem* da representação. Neste sentido, através de uma análise temática inicial, foi realizado um levantamento do conteúdo de toda a informação veiculada. Pretendemos, desta maneira, identificar as diferentes categorias encontradas a partir da produção de termos reproduzidos pelos sujeitos respondentes, com o objectivo de descobrir quais os pilares em que assentam o total das evocações. Como vimos nos Capítulos I e II, estes pilares correspondem aos pontos de ancoragem mais comuns na amostra, ou seja, constituem o conteúdo activo que dá sentido ao objecto da representação.

Numa primeira fase, as categorias foram agrupadas com a ajuda de um pequeno grupo de juízes (voluntários) que codificaram a informação recolhida (Apêndice V). Este conjunto de voluntários foi fundamental para a estruturação de comum acordo das seguintes 30 categorias temáticas finais:

1 – Museu/Museus (MM);

Esta primeira categoria agrupa todos os termos evocados pelo total dos respondentes, referentes directa ou indirectamente a *museu* ou a *museus*. Fazem ainda, parte desta categoria, por exemplo, expressões como *dois museus* ou *espaço museológico*.

2 – Museu Nacional de História Natural (MNHN);

A segunda categoria reúne todas as referências evocadas directamente associadas ao Museu Nacional de História Natural.

3 – Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (MCUL);

Nesta categoria agrupámos todos os termos que directamente se relacionam com o Museu de Ciência.

4 – Museus da Politécnica (MP);

A quarta categoria agrega todas as evocações directas, referentes à designação Museus da Politécnica.

5 – Noviciado da Cotovia (NOV. COTOVIA);

Esta categoria para além de evocações directas ao Noviciado da Cotovia, reúne termos que de alguma forma lhe estavam indirectamente relacionados, como sejam, as referências a *Monte da Cotovia*, *Convento* ou *Mosteiro*.

6 – Colégio dos Nobres (COL. NOBRES);

Como acontece com a anterior categoria, neste sexto agrupamento de palavras, reunimos os termos que referiam o *Colégio dos Nobres*, ou que com ele se relacionavam directamente, como por exemplo, o termo *Colégio*.

7 – Escola Politécnica (ESC. POLITÉCNICA);

A sétima categoria, congrega referências directas à Escola Politécnica ou a expressões relacionadas como o espaço ocupado pelas antigas funções da Politécnica. Por exemplo, *Edifício que foi uma escola*, ou *Antiga escola*.

8 – Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL);

A categoria FCUL, agrupa todas as evocações directamente referentes à Faculdade de Ciências.

9 – Universidade de Lisboa (UL);

Na nona categoria, conglutinámos todos os termos que de alguma forma se associavam directamente à presença da Universidade de Lisboa no local em análise, como sejam, *Antiga Universidade, Escola/Universidade*, ou ainda *Doutores*.

10 – Ciência e Natureza (CIÊNCIA / NATURA);

Todos os termos desta categoria contêm a noção de Ciência ou Natureza. Referem-se a animais, plantas, ciências naturais ou às ciências ditas exactas.

11 – Cultura (CULTURA);

As palavras agrupadas nesta categoria relacionam-se com o carácter cultural do bairro de implantação dos Museus e com o espaço em estudo. São exemplo desta associação: *Zona cultural, Espaço Cultural, Muita cultura, Teatro*.

12 – História e Património (HIST. / PATRIMÓNIO);

A décima segunda categoria agrupa todos os termos com valor semântico próximo de referências temporais e de evolução histórica, acumulando ainda, evocações referentes a património.

13 – Ensino e Aprendizagem (ENSINO/APZ.);

Nesta categoria encontram-se organizadas as palavras que estão relacionadas como os termos ensino e aprendizagem ou ainda, evocações relativas a pedagogia e educação.

14 – Exposições (EXPOSIÇÕES);

A categoria Exposições congrega as palavras evocadas que se referem a exposições visitadas pelos respondentes, salas de exposição, temas ou aspectos museográficos.

15 – Colecções e Tesouros (COLCC. / TESOUROS);

A décima quinta categoria agrupa todos os termos evocados que se relacionam com, peças, objectos, ou espécimes das colecções científicas e *memorabilia*, associados ao espaço em estudo.

16 – Actividades de Lazer e Eventos (ACT. / LAZER / EVT);

Nesta categoria encontramos termos com referência a actividades, lazer e eventos, como sejam *Actividades Escolares*, *Visitas de Estudo*, *Lugar de Turismo*, *Feira de Gemas e Minerais* ou *Festa da Ciência*.

17 – Urbanismo e Vivencias (URB. / VIVÊNCIAS);

Esta categoria reúne expressões que exprimem vivencias urbanas e cívicas, entre o espaço em estudo e a sua envolvente urbana próxima, entre outras: *Urbanismo*, *Cidade Planeada*, *Espaço Público*, *Rua da Escola*, *Votar*, *Intervenção bairro – cidade*, *Centro de interesse da cidade*.

18 – Arquitectura (ARQUITECTURA);

A décima oitava categoria organiza todas as palavras relacionadas com arquitectura, materiais, formas e estilos arquitectónicos, assim como, referencias ao espaço edificado. São exemplos: *Obra de arte da arquitectura portuguesa*, *Lioz*, *Escadarias e Colunas*, *Perspectiva*, *Edifício muito grande*.

19 – Conhecimento e Investigação (CONHE. / INVESTIG.);

Os termos Conhecimento e Investigação denominam a categoria que reúne as evocações referentes, por exemplo: a *Sabedoria*, a *Curiosidade*, *Espaço de Investigação*, *Espaço dedicado ao conhecimento*, *Templo de Saber*.

20 – Pessoas (PESSOAS);

Nesta categoria foram organizados todos os termos que faziam referência a pessoas que estão relacionadas como o espaço em estudo, quer através de visitas, quer por trabalharem ou terem trabalhado nas instituições sedeadas naquele local. Algumas das palavras reunidas nesta categoria dizem respeito a evocações, como por exemplo: *Visitantes*, *Estudantes*, *Professores*, *Professor Galopim*, *Professor Bragança Gil*.

21 – Vias, Acessos e Transportes (VIAS / ACES. / TRANS.);

A vigésima primeira categoria aglomera todos os termos evocados relativos a circulação e circuitos, vias, acessos e meios de transporte, entre outras destacamos as referências a:

*Circuito de saída Lisboa, Eixo Sétima Colina / Relevante Eixo Cultural, Transito, Estacionamento, Eléctrico.*

22 – Aspectos Positivos e Memórias (ASP+/MEMÓRIAS);

Esta categoria agrega expressões que exprimem sentimentos positivos associados ao espaço em estudo, na sua maioria relacionados com memórias relatadas a partir da visualização da imagem indutora de evocações. São exemplos destas palavras: *Espaço agradável, Bonito edifício, Bilheteira não se pagava, Infância no Jardim Botânico, anos de namoro no Jardim Botânico, Explorações, Brincar dentro do edifício, Manifestações anos 70, [quando vinha a] PIDE havia sempre confusão, Alunos que vinham comer bolas de Berlim, Filas para escolher a melhor turma, Saudades do Eléctrico.*

23 – Aspectos Negativos (ASP –);

Os termos desta categoria foram organizados a partir de expressões evocadas pelos respondentes, que estejam directamente relacionadas com sentimentos negativos perante o espaço em estudo, como é o caso das enunciações: *Desperdício de local, Jardim Botânico praticamente abandonado, Passeio que esta partido, Problemas, Poderia ser e não é, Edifício fechado, Aguentar vir trabalhar, Falta respeito pelo público.*

24 – Ideias Criadoras de Futuro (ICF);

Nesta categoria reunimos os termos e expressões evocadas que se referem a ideias futuras para o espaço em estudo ou que se referem ao potencial do espaço e instituições que o habitam, como sejam: *Local que podia ser fantástico, Maior dinamização, Enorme potencial, Deveria ser museu, Tem mais para partilhar, Espaço utilizados para opera ou ainda Compatibilidade Tradição/Inovação.*

25 – Incêndio (INCÊNDIO);

Nesta categoria, foram agrupados todos os termos que dizem directamente respeito ao incêndio de 1978. São exemplo as expressões, *Fogo - incêndio, Recuperação museu pós - incêndio e Bombeiros.*

26 – Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO);

Na categoria Jardim Botânico estão reunidos todos os termos que directa ou indirectamente estão associados a espécimes da colecção viva dos Jardim, colecção botânica, ou ao espaço do Jardim.

27 – Elementos Marcantes (ELEM. MARCANTES);

Fazem parte desta categoria, todos os elementos com carácter familiar, objectos físicos, edifícios / locais nos edifícios, sinais ou marcas, lojas ou referências externas que impliquem distinção e evidência em relação a outros elementos e que tenham sido evocados, como indicações de identidade e de organização do espaço em estudo. Como exemplo citamos as referências às *Palmeiras* e à *Avenida das Palmeiras*, à *Antiga Cantina* e à *Cister*.

28 – Comunicação e Divulgação (COMUN. / DIVULG.);

A Categoria Comunicação e Divulgação, agrupa uma série de termos referidos pelos respondentes que estão directamente relacionados com a *Transmissão de saberes* e com a *Divulgação científica*.

29 – Carácter Institucional e Poder (C.INST. / PODER);

Esta categoria reúne, o conjunto de palavras evocadas para referir aspectos directa ou indirectamente ligados quer ao carácter institucional do espaço, quer ao poder das instituições ali sedeadas ou do edifício principal. Neste sentido, a categoria anexa alguns termos, como sejam, *Carácter Institucional*, *Instituição Pública*, *Instituição Antiga*, *Sede Importante*, *Poder*, *Imponência*, entre outros.

30 – Outros (OUTROS);

Nesta última categoria agrupámos o conjunto de termos que não tinham directamente a ver com o local em estudo, mas que contudo foram evocados por associação a outras instituições face à imagem apresentada aos respondentes. Agrupamos nesta categoria, por exemplo, termos como; *Hospital*, *Hospital Militar do Porto*, *São Bento*, *Parlamento*, ou ainda *Quartel*.

Posteriormente, numa segunda fase deste processo, as palavras evocadas foram revistas, limpas de erros e codificadas, uma a uma, no sistema informático utilizado por Pierre Vergès (2003) fazendo corresponder cada uma, a uma das categorias definidas. Desta forma,

foram novamente tratadas através do mesmo suporte estatístico como podemos consultar no Apêndice VI.

A Tabela nº5 que se apresenta seguidamente, expressa os resultados mais significativos deste tratamento e categorização.

CATEGORIAS	TERMOS		EVOCAÇÕES	
	NÚMERO	%	%	OCORRENCIAS
1 – Museu/Museus	7	1,8	6,1	47
2 – Museu Nacional de História Natural	2	0,5	3,6	28
3 – Museu de Ciência da UL	1	0,3	1,7	13
4 – Museus da Politécnica	1	0,3	1,2	9
5 – Noviciado da Cotovia	4	1	1,4	11
6 – Colégio dos Nobres	2	0,5	0,9	7
7 – Escola Politécnica	5	1,3	2,9	22
8 – Faculdade de Ciências da UL	1	0,3	5,7	44
9 – Universidade de Lisboa	7	1,8	2,2	17
10 – Ciência e Natureza	9	2,3	2,2	17
11 – Cultura	7	1,8	2,5	19
12 – História e Património	32	8	6,9	53
13 – Ensino e Aprendizagem	6	1,5	1,7	13
14 – Exposições	13	3,3	5,3	41
15 – Coleções e Tesouros	5	1,3	0,9	7
16 – Actividades de Lazer e Eventos	17	4,3	2,2	17
17 – Urbanismo e Vivências	20	5	4,4	34
18 – Arquitectura	25	6,3	3,6	28
19 – Conhecimento e Investigação	8	2	2,5	19
20 – Pessoas	8	2	1,3	10
21 – Vias, Acessos e Transportes	3	0,8	0,4	3
22 – Aspectos Positivos e Memórias	56	14	7,4	57
23 – Aspectos Negativos	73	18,3	10	77
24 – Ideias Criadoras de Futuro	12	3	1,6	12
25 – Incêndio	3	0,8	1,6	12
26 – Jardim Botânico	2	0,5	6,5	50
27 – Elementos Marcantes	13	3,3	1,8	14
28 – Comunicação e Divulgação	4	1	0,5	4
29 – Carácter Institucional e Poder	43	10,8	8,2	63
30 – Outros	11	2,8	2,9	22
TOTAIS	400	100%	100%	770

**Tabela nº5 – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelo total de inquiridos.**

Esta Tabela nº5 indica a importância relativa de cada categoria em função do número de palavras diferentes que a compõem e da percentagem e número de evocações produzidas em cada categoria. Desta forma, podemos verificar que a categoria 23/*Aspectos Negativos (ASP -)* é a que mais se destaca porque apresenta mais palavras (73), registando uma maior percentagem de evocação (10%) e o maior número de ocorrências (77). A percentagem de evocação de cada uma das categorias foi obtida em função do total de evocações verificadas (770).

A leitura desta mesma Tabela põe ainda em evidência a importância relativa das evocações por ordem de evocação. Neste sentido, verificamos que os termos mais evocados nos primeiros lugares pertencem à vigésima terceira (23ª), vigésima nona (29ª) e vigésima segunda (22ª), categorias respectivamente: 23/*Aspectos Negativos (ASP -)*, 29/*Carácter Institucional e Poder (C.INST. / PODER)* e 22/*Aspectos Positivos e Memórias (ASP+/MEMÓRIAS)*.

Com os resultados desta categorização o *software* construiu automaticamente, uma matriz de semelhanças (Apêndice VII) que exprime o cálculo do índice de implicação. Esta matriz revela a forma como as categorias se relacionam entre si. Ou seja, mostra o grau de associação entre duas categorias, no conjunto da amostra.

Com base nesta matriz de semelhanças foi efectuado um tratamento gráfico de correspondências que deu origem aos grafos das Figura nº 19 e nº 20 que se apresentam nas páginas seguintes:

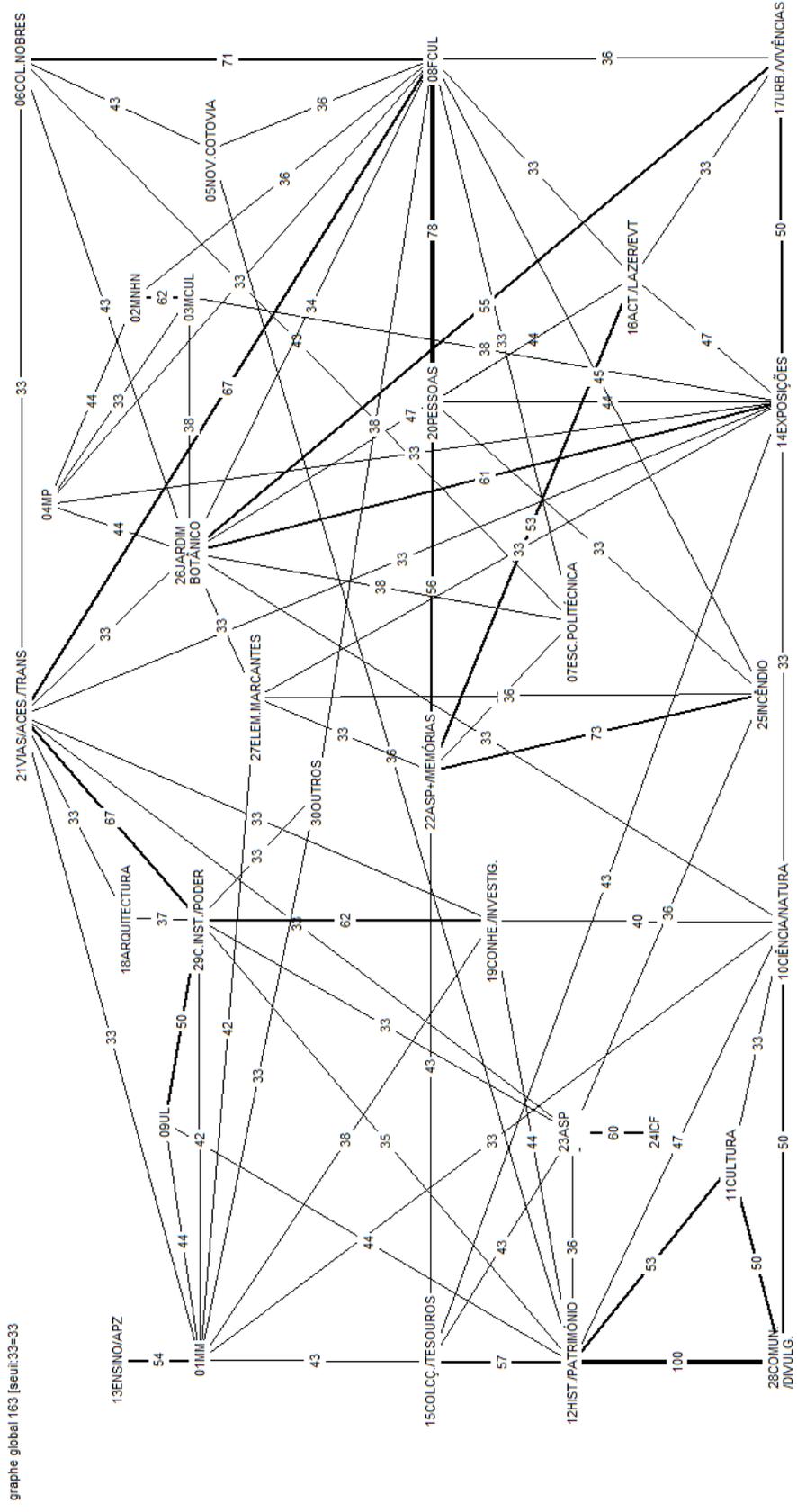


Figura nº 19 – Gráfico Total das categorias para a globalidade de inquiridos, com filtro 33.

Este Gráfico Total da Figura nº 19, expressa a importância da relação das categorias entre si. Ou seja, a implicação existente, entre todas as categorias, para a globalidade dos inquiridos. As várias categorias aparecem ligadas por linhas que variam quanto à sua espessura, de acordo com o número de sujeitos que estabeleceram essa relação. Sobre essa linha, inscreve-se o valor do índice de implicação verificado para cada filtro escolhido previamente no programa. Para delinear um Gráfico Global de implicação ou a sua árvore máxima, estes filtros podem variar de modo a identificar as potenciais relações associativas, em função desse valor específico para cada grafo. No presente tratamento, como referimos anteriormente, a análise hierárquica estabeleceu-se no filtro 33.

Nesta matriz cognitiva da Figura nº 19, a representação associada ao espaço do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, surge polarizada pela oitava categoria *8/Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL)*, décima quarta categoria *14/Exposições (EXPOSIÇÕES)* e a vigésima sexta categoria *26/Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)*. Estes três pólos, surgem como elementos centrais, fortemente organizadores da representação, distinguindo-se também no gráfico, outros pólos menos estruturantes, ainda assim, com algum significado, como sejam as associações em torno da décima segunda categoria *12/História e Património (HIST. / PATRIMÓNIO)*, da vigésima nona categoria *29/Carácter Institucional e Poder (C.INST. / PODER)*, da vigésima primeira categoria *21/Vias, Acessos e Transportes (VIAS / ACES. / TRANS.)* e da primeira categoria *1/Museu/Museus (MM)*, apresentado, esta última, uma expressão mais ténue.

Na Figura nº 20 que podemos observar seguidamente, apresentamos a representação figurativa resultante deste mesmo processo de tratamento de correspondências, neste caso, para uma árvore máxima (cálculo automático do valor máximo de índice de implicação verificado entre as diferentes categorias) que simplifica a interpretação / leitura gráfica.

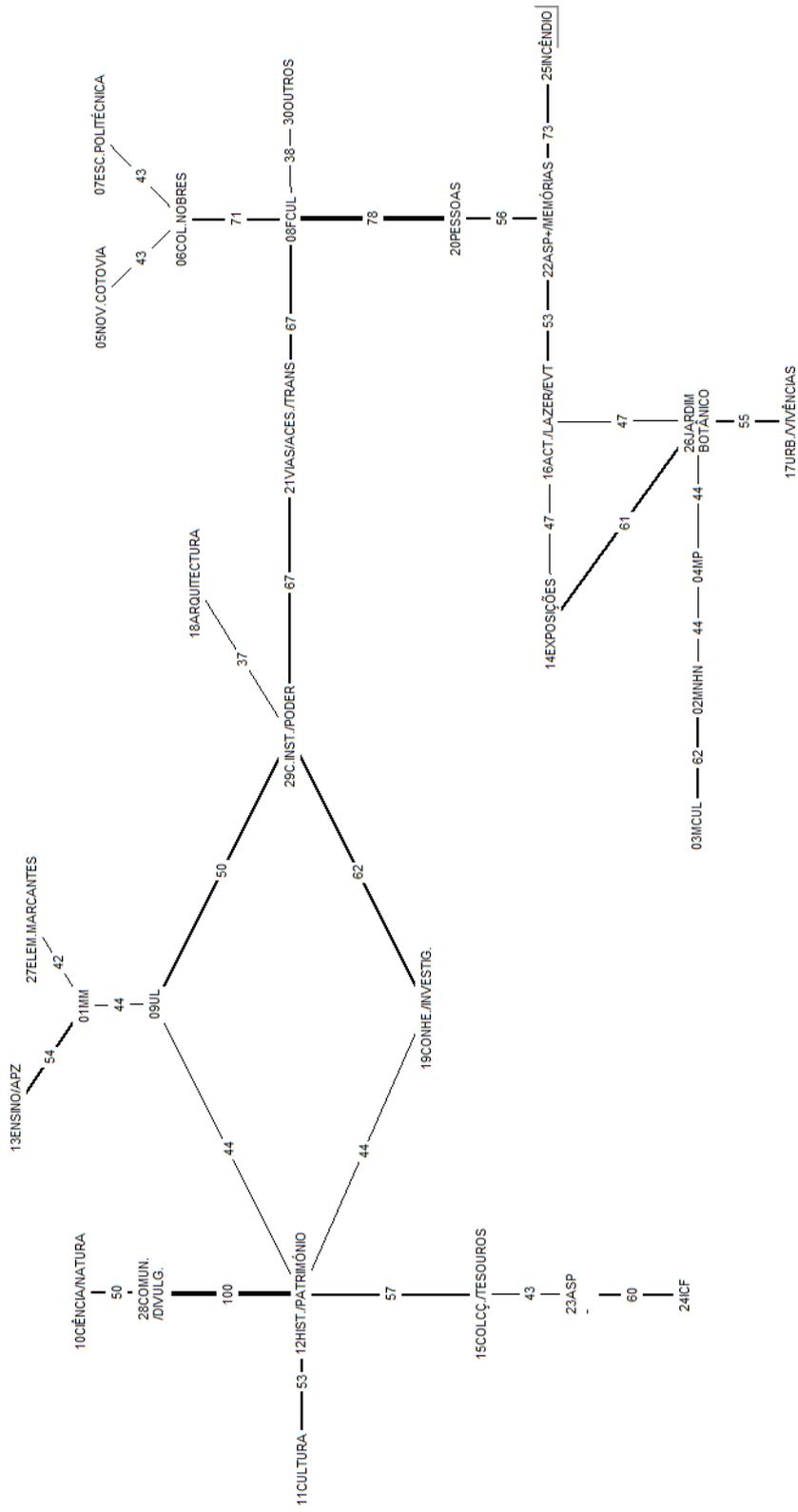


Figura N° 20 - Árvore máxima das categorias para o total de inquiridos.

São evidentes nesta Figura nº 20 cinco pólos associativos fortemente organizadores da representação. O maior em torno da décima segunda categoria – *12/História e Património (HIST. / PATRIMÓNIO)* e os restantes em torno da vigésima nona categoria *29/Carácter Institucional e Poder (C.INST. / PODER)*, da vigésima sexta categoria - *26/Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)* e da oitava categoria – *8/Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL)*.

Esta árvore máxima revela-nos igualmente, uma forte relação entre as categorias - *28/Comunicação e Divulgação (COMUN. / DIVULG.)* e *12/História e Património (HIST. / PATRIMÓNIO)*, com um índice de implicação de 100%. Destacam-se ainda, as relações de implicação entre a oitava categoria – *8/Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL)* e a vigésima categoria - *20/Pessoas (PESSOAS)* com 78% de implicação. Destaca-se ainda uma forte relação entre a vigésima segunda categoria – *22/Aspectos Positivos e Memórias (ASP+/MEMÓRIAS)* e a vigésima quinta categoria – *25/Incêndio (INCÊNDIO)* que registam entre si um índice de implicação de 73%. Estes índices de implicação, correspondem a um processo simultâneo de evocação de uma categoria que, ao mesmo tempo, reenvia (evoca) para outra categoria e vice-versa. Por exemplo, o pólo associativo correspondente à vigésima nona categoria *29/Carácter Institucional e Poder (C.INST. / PODER)*, encontra-se directamente relacionado com as categorias – *21/Vias, Acessos e Transportes (VIAS / ACES. / TRANS.)* com 67% de implicação, *19/Conhecimento e Investigação (CONHE. / INVESTIG.)* com 62% de implicação. Liga-se ainda com as categorias *9/Universidade de Lisboa (UL)* e *18/Arquitectura (ARQUITECTURA)*, respectivamente com 50% e 37% de valores de implicação.

Após a verificação dos resultados para o total de inquiridos, repetimos todo o processo anteriormente descrito para os quatro grupos de respondentes: Funcionários, Residentes, Serviços/Comercio, Informadores Privilegiados/Preferenciais. Daí resultaram as Tabelas e as representações gráficas obtidas para árvore máxima das Figuras, como se segue:

CATEGORIAS	TERMOS		EVOCAÇÕES	
	NÚMERO	%	%	OCORRENCIAS
1 – Museu/Museus	6	3	7,4	24
2 – Museu Nacional de História Natural	2	1	5,9	19
3 – Museu de Ciência da UL	1	0,5	2,5	8
4 – Museus da Politécnica	1	0,5	1,9	6
5 – Noviciado da Cotovia	3	1,5	2,2	7
6 – Colégio dos Nobres	2	1,0	0,9	3
7 – Escola Politécnica	3	1,5	3,1	10
8 – Faculdade de Ciências da UL	1	0,5	5	16
9 – Universidade de Lisboa	5	2,5	1,9	6
10 – Ciência e Natureza	7	3,5	3,7	12
11 – Cultura	5	2,5	2,8	9
12 – História e Património	24	12,1	9,9	32
13 – Ensino e Aprendizagem	5	2,5	2,2	7
14 – Exposições	4	2	2,5	8
15 – Coleções e Tesouros	4	2	1,9	6
16 – Actividades de Lazer e Eventos	2	1	0,6	2
17 – Urbanismo e Vivências	8	4	2,5	8
18 – Arquitectura	10	5	3,4	11
19 – Conhecimento e Investigação	7	3,5	3,4	11
20 – Pessoas	0	0	0	0
21 – Vias, Acessos e Transportes	0	0	0	0
22 – Aspectos Positivos e Memórias	15	7,5	4,6	15
23 – Aspectos Negativos	34	17,1	10,5	34
24 – Ideias Criadoras de Futuro	8	4	2,5	8
25 – Incêndio	1	0,5	0,6	2
26 – Jardim Botânico	1	0,5	3,1	10
27 – Elementos Marcantes	5	2,5	1,9	6
28 – Comunicação e Divulgação	4	2	1,2	4
29 – Carácter Institucional e Poder	26	13,1	9,9	32
30 – Outros	5	2,5	2,2	7
<b>TOTAIS</b>	<b>199</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>323</b>

**Tabela nº6 – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelos funcionários inquiridos.**

Prosseguindo com a mesma metodologia utilizada para a análise estatística dos termos evocados pelo total de respondentes, na Tabela nº6, verificamos que, para o grupo de Funcionários inquiridos, a categoria que mais se destaca em termos de número de palavras, valor relativo face ao total de evocações e respectivas percentagens, continua a ser a vigésima terceira categoria 23 / *Aspectos Negativos (ASP -)*, com 34 palavras, uma percentagem de evocação de 10,5% e com 34 ocorrências.

Na mesma Tabela nº6 constatamos que as palavras mais evocadas nos primeiros lugares pertencem à vigésima terceira categoria 23 / *Aspectos Negativos (ASP -)*, décima segunda 12 / *História e Património (HIST. / PATRIMÓNIO)*, categoria e vigésima nona categoria 29 / *Carácter Institucional e Poder (C.INST. / PODER)*.

Entretanto, na árvore máxima correspondente à Figura Nº 21 que se mostra seguidamente e também construída pelo programa informático a partir da matriz de semelhanças em Apêndice VIII, podemos observar que existem três pólos associativos, fortemente organizadores da representação, em torno das categorias 12 / *História e Património (HIST. / PATRIMÓNIO)*, 16 / *Actividades de Lazer e Eventos (ACT. / LAZER / EVT)*, 1 / *Museu/Museus (MM)*.

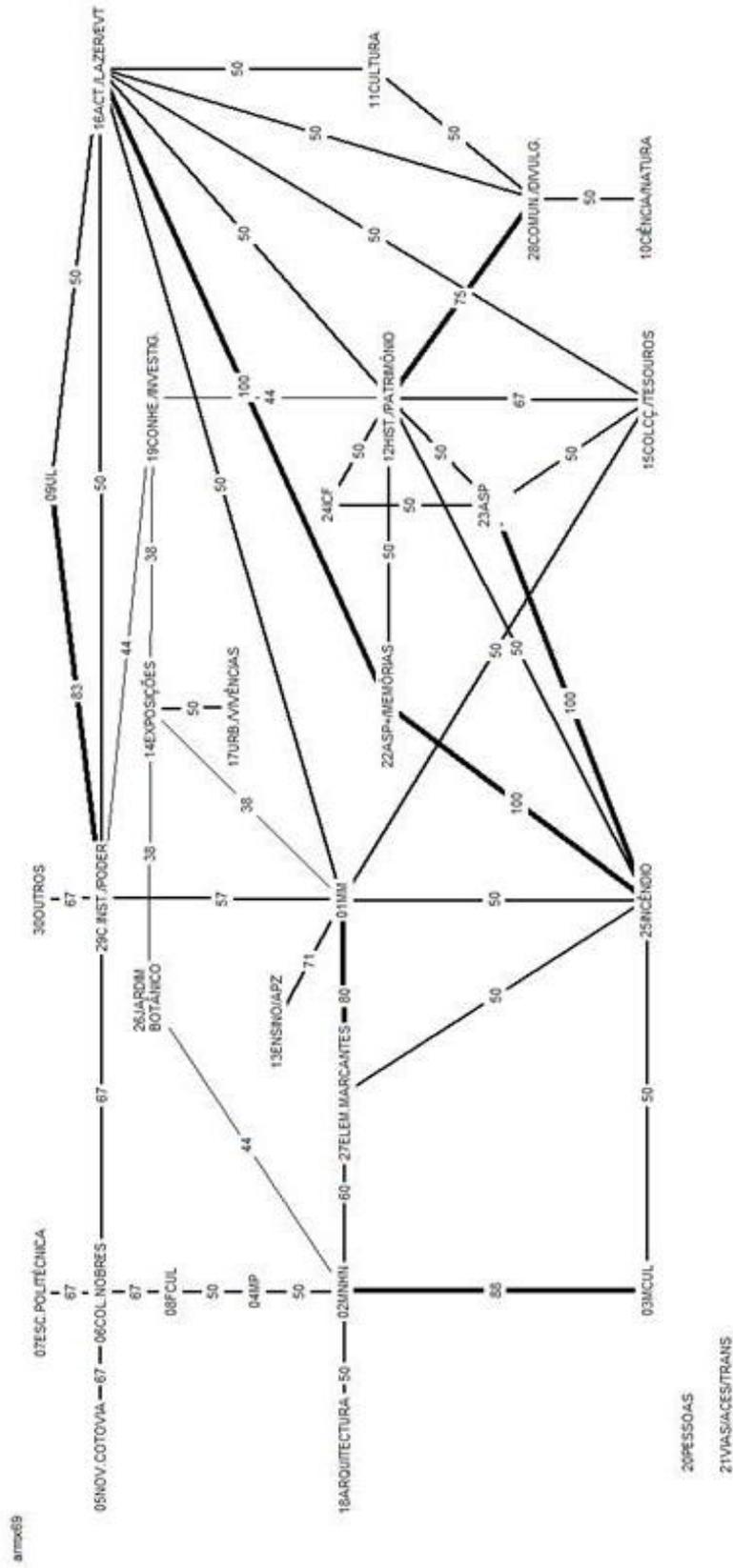


Figura N° 21 - Árvore máxima das categorias para os Funcionário inquiridos.

Nesta matriz cognitiva verificamos, também, fortes níveis de implicação entre as categorias 23 / *Aspectos Negativos (ASP -)* e 25 / *Incêndio (INCÊNDIO)* com uma percentagem de 100%, entre as categorias 22 / *Aspectos Positivos e Memórias (ASP+/MEMÓRIAS)* e 25/ *Incêndio (INCÊNDIO)*, também, com 100%, entre a 2 / *Museu Nacional de História Natural (MNHN)* e a 3 / *Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (MCUL)* com 88% de implicação, entre a categoria 9 / *Universidade de Lisboa (UL)* e a 29 / *Carácter Institucional e Poder (C.INST. / PODER)* com uma implicação de 83% e ainda entre a 1 / *Museu/Museus (MM)* e a 27 / *Elementos Marcantes (ELEM. MARCANTES)* com um índice de 80%.

Esta mesma matriz revela-nos, ainda, que para Funcionários a categoria 20 / *Pessoas (PESSOAS)* e a categoria 21 / *Vias, Acessos e Transportes (VIAS / ACES. / TRANS.)*, não têm expressão na representação.

Como assinalamos na página seguinte, na Tabela nº7 verificamos que no grupo de Residentes é a 26ª categoria - 26 / *Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)* que se destaca, tanto no que diz respeito à percentagem de evocação, como em número de ocorrências (tendo 2 termos associados, 13,4% das evocações e 20 ocorrências).

As categorias mais evocadas pelos residentes e nos primeiros lugares, pertencem às seguintes categorias: 26 / *Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)*, 14 / *Exposições (EXPOSIÇÕES)* e 17 / *Urbanismo e Vivências (URB. / VIVÊNCIAS)* e 23 / *Aspectos Negativos (ASP -)*.

CATEGORIAS	TERMOS		EVOCAÇÕES	
	NÚMERO	%	%	OCORRENCIAS
1 – Museu/Museus	2	2,4	6,7	10
2 – Museu Nacional de História Natural	1	1,2	2	3
3 – Museu de Ciência da UL	1	1,2	0,7	1
4 – Museus da Politécnica	1	1,2	1,3	2
5 – Noviciado da Cotovia	2	2,4	1,3	2
6 – Colégio dos Nobres	1	1,2	0,7	1
7 – Escola Politécnica	3	3,5	2,7	4
8 – Faculdade de Ciências da UL	1	1,2	4,7	7
9 – Universidade de Lisboa	2	2,4	4	6
10 – Ciência e Natureza	1	1,2	1,3	2
11 – Cultura	2	2,4	4	6
12 – História e Património	5	5,9	6	9
13 – Ensino e Aprendizagem	0	0	0	0
14 – Exposições	9	10,6	9,4	14
15 – Coleções e Tesouros	0	0	0	0
16 – Actividades de Lazer e Eventos	3	3,5	2	3
17 – Urbanismo e Vivências	7	8,2	9,4	14
18 – Arquitectura	5	5,9	3,4	5
19 – Conhecimento e Investigação	2	2,4	2	3
20 – Pessoas	2	2,4	1,3	2
21 – Vias, Acessos e Transportes	0	0	0	0
22 – Aspectos Positivos e Memórias	6	7,1	4	6
23 – Aspectos Negativos	11	12,9	7,4	11
24 – Ideias Criadoras de Futuro	2	2,4	1,3	2
25 – Incêndio	3	3,5	2,7	4
26 – Jardim Botânico	2	2,4	13,4	20
27 – Elementos Marcantes	4	4,7	2,7	4
28 – Comunicação e Divulgação	0	0	0	0
29 – Carácter Institucional e Poder	4	4,7	2,7	4
30 – Outros	3	3,5	2,7	4
TOTAIS	85	100%	100%	149

**Tabela nº7 – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelos residentes inquiridos.**

Entretanto, a partir da matriz de semelhança em Apêndice IX, foi construída automaticamente pelo programa informático, com base nos índices de implicação das categorias evocadas pelos residentes, uma estrutura cognitiva, como se segue:

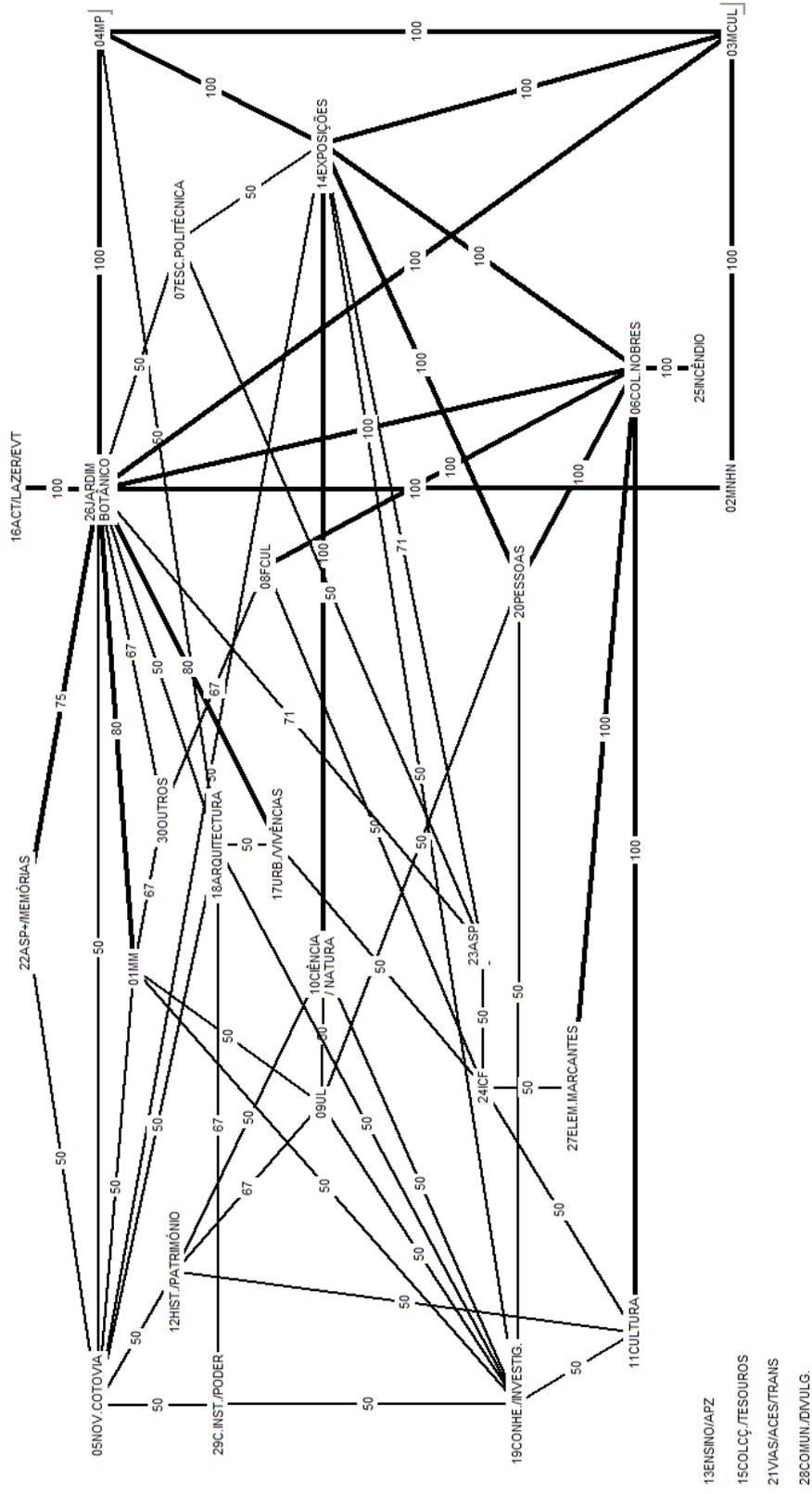


Figura Nº 22 - Árvore máxima das categorias para os Residentes inquiridos.

Esta árvore máxima da Figura nº 22, revela-nos que a 26ª categoria - 26 / *Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)* emerge graficamente como principal organizadora da representação dos residentes sobre o espaço do MNHNC. Como ali se pode observar, existem ainda, nesta estrutura vários pólos associativos dos quais se destacam os que se desenvolvem a partir da categoria 14 / *Exposições (EXPOSIÇÕES)*, da categoria 19 / *Conhecimento e Investigação (CONHE. / INVESTIG.)* e da categoria 6 / *Colégio dos Nobres (COL. NOBRES)* em torno da qual se desenvolve um pólo com índices de implicação, todos na ordem dos 100%.

Verificamos também que existe nesta mesma árvore máxima, um quadrado e triangulações bem vincadas, com índices de implicação de 100%, entre as categorias 2 / *Museu Nacional de História Natural (MNHN)*, 3 / *Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (MCUL)*, 4 / *Museus da Politécnica (MP)* e 26 / *Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)*. Este tipo de esquemas e como vimos no capítulo anterior, são demonstrativos de estruturas cognitivas que revelam ter peso no domínio consciente dos respondentes embora, onde à partida, a polarização entre categorias não seja tão evidente. Por outro lado e ainda relativamente a Índices de Implicação, registamos percentagens elevadas nas associações entre as categorias 26 / *Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)* e 16 / *Actividades de Lazer e Eventos (ACT. / LAZER / EVT)* e entre a categoria 14 / *Exposições (EXPOSIÇÕES)* e as categorias 10 / *Ciência e Natureza (CIÊNCIA / NATURA)* e 20 / *Pessoas (PESSOAS)*.

Finalmente, da análise desta complexa estrutura cognitiva, verificamos que não têm expressão na representação do espaço, por parte dos residentes as categorias 13 / *Ensino e Aprendizagem (ENSINO/APZ.)*, 15 / *Coleções e Tesouros (COLCÇ. / TESOUROS)*, 21 / *Vias, Acessos e Transportes (VIAS / ACES. / TRANS.)*, 28 / *Comunicação e Divulgação (COMUN. / DIVULG.)*.

Na Tabela nº8, que se apresenta na página seguinte, mais uma vez verificamos que o maior número de palavras (25) e a maior percentagem de evocação (13,1%) estão associadas à 23ª categoria - 23 / *Aspectos Negativos (ASP -)* também a categoria mais evocada, com 28 ocorrências.

Na mesma tabela, podemos observar que os termos mais evocados nos primeiros lugares, pelos Serviços / Comércio inquiridos, pertencem à categoria 22 / *Aspectos Positivos e Memórias (ASP+/MEMÓRIAS)* e à categoria 29 / *Carácter Institucional e Poder (C.INST. / PODER)*.

CATEGORIAS	TERMOS		EVOCAÇÕES	
	NÚMERO	%	%	OCORRENCIAS
1 – Museu/Museus	2	1,5	4,2	9
2 – Museu Nacional de História Natural	1	0,8	2,3	5
3 – Museu de Ciência da UL	1	0,8	0,9	2
4 – Museus da Politécnica	1	0,8	0,5	1
5 – Noviciado da Cotovia	1	0,8	0,5	1
6 – Colégio dos Nobres	1	0,8	0,5	1
7 – Escola Politécnica	1	0,8	1,4	3
8 – Faculdade de Ciências da UL	1	0,8	8,9	19
9 – Universidade de Lisboa	2	1,5	2,3	5
10 – Ciência e Natureza	5	3,8	2,3	5
11 – Cultura	2	1,5	1,4	3
12 – História e Património	7	5,3	5,6	12
13 – Ensino e Aprendizagem	3	2,3	3,3	7
14 – Exposições	5	3,8	6,5	14
15 – Coleções e Tesouros	0	0	0	0
16 – Actividades de Lazer e Eventos	10	7,6	4,7	10
17 – Urbanismo e Vivências	5	3,8	3,3	7
18 – Arquitectura	5	3,8	2,3	5
19 – Conhecimento e Investigação	3	2,3	1,4	3
20 – Pessoas	6	4,5	3,3	7
21 – Vias, Acessos e Transportes	2	1,5	0,9	2
22 – Aspectos Positivos e Memórias	20	15,2	9,3	20
23 – Aspectos Negativos	25	18,9	13,1	28
24 – Ideias Criadoras de Futuro	1	0,8	0,5	1
25 – Incêndio	0	0	0	0
26 – Jardim Botânico	1	0,8	6,1	13
27 – Elementos Marcantes	2	1,5	0,9	2
28 – Comunicação e Divulgação	0	0	0	0
29 – Carácter Institucional e Poder	12	9,1	8,9	19
30 – Outros	7	5,3	4,7	10
TOTAIS	132	100%	100%	214

**Tabela nº8 – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelos Serviços / Comercio inquiridos.**

Prosseguindo a mesma linha de apresentação e a partir desta categorização, elaborámos uma matriz de semelhanças que se apresenta em Apêndice X e com a qual construímos o diagrama cognitivo, como se segue:

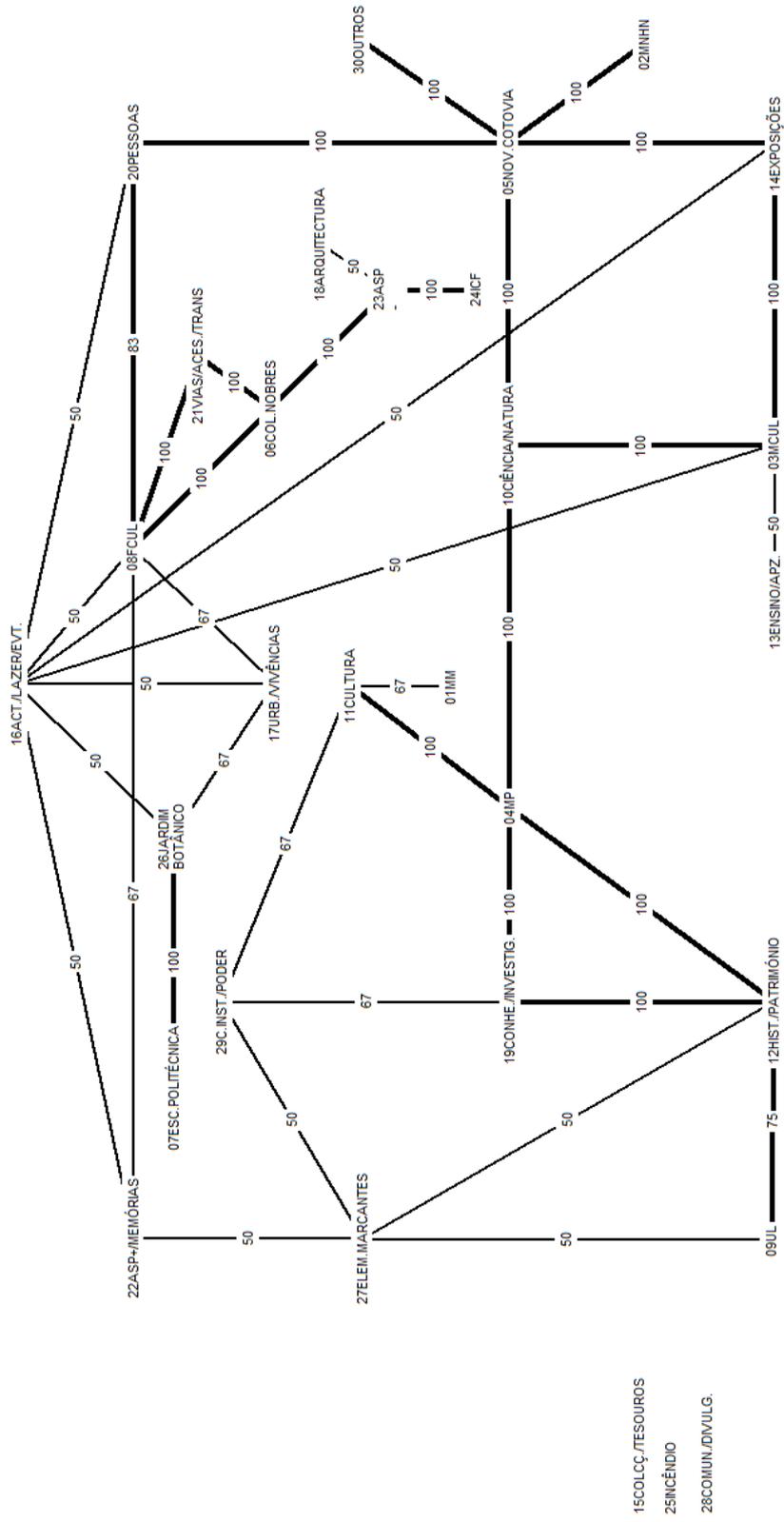


Figura N° 23 - Árvore máxima das categorias para os Serviços / Comercio inquiridos.

Nesta estrutura polarizada destaca-se, de entre os restantes núcleos organizadores da representação, a categoria 16 / *Actividades de Lazer e Eventos (ACT. / LAZER / EVT)*. Verificamos, também, a existência de dois pólos associativos que se desenvolvem em torno da categoria 5 / *Noviciado da Cotovia (NOV. COTOVIA)* e 4 / *Museus da Politécnica (MP)*, com índices de implicação na ordem dos 100% com outras categorias. Podemos aqui observar, igualmente, nesta matriz, a existência de esquemas quadrangulares e triangulares, com índices de implicação máxima. Destas estruturas destacamos um quadrado, envolvendo as categorias 3 / *Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (MCUL)*, 10 / *Ciência e Natureza (CIÊNCIA / NATURA)* e 14 / *Exposições (EXPOSIÇÕES)*, um primeiro triângulo, envolvendo as categorias 6 / *Colégio dos Nobres (COL. NOBRES)*, 8 / *Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL)*, 21 / *Vias, Acessos e Transportes (VIAS / ACES. / TRANS.)* e, por último, um segundo triângulo que envolve as categorias 4 / *Museus da Politécnica (MP)*, 12 / *História e Património (HIST. / PATRIMÓNIO)* e 19 / *Conhecimento e Investigação (CONHE. / INVESTIG.)*.

Registamos também uma forte implicação entre as categorias 23 / *Aspectos Negativos (ASP –)* e 24 / *Ideias Criadoras de Futuro (ICF)*, 23 / *Aspectos Negativos (ASP –)* e 6 / *Colégio dos Nobres (COL. NOBRES)* e ainda, entre as categorias 7 / *Escola Politécnica (ESC. POLITÉCNICA)* e 26 / *Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)*.

Registamos ainda que, na organização cognitiva dos Serviços / Comércio inquiridos, não têm expressão para a representação do espaço, as categorias: 15 / *Colecções e Tesouros (COLCÇ. / TESOUROS)*, 25 / *Incêndio (INCÊNDIO)*, 28 / *Comunicação e Divulgação (COMUN. / DIVULG.)*.

Por último, e como se segue, organizámos os resultados referentes aos termos evocados pelos Informadores Privilegiados / Grupo Preferencial que passaremos a apresentar, na Tabela nº9:

CATEGORIAS	TERMOS		EVOCAÇÕES	
	NÚMERO	%	%	OCORRENCIAS
1 – Museu/Museus	1	1,6	3,6	3
2 – Museu Nacional de História Natural	1	1,6	1,2	1
3 – Museu de Ciência da UL	1	1,6	2,4	2
4 – Museus da Politécnica	0	0	0	0
5 – Noviciado da Cotovia	1	1,6	1,2	1
6 – Colégio dos Nobres	1	1,6	2,4	2
7 – Escola Politécnica	1	1,6	6	5
8 – Faculdade de Ciências da UL	1	1,6	2,4	2
9 – Universidade de Lisboa	0	0	0	0
10 – Ciência e Natureza	1	1,6	1,2	1
11 – Cultura	1	1,6	1,2	1
12 – História e Património	4	6,3	4,8	4
13 – Ensino e Aprendizagem	1	1,6	1,2	1
14 – Exposições	4	6,3	7,1	6
15 – Coleções e Tesouros	0	0	0	0
16 – Actividades de Lazer e Eventos	1	1,6	1,2	1
17 – Urbanismo e Vivências	6	9,4	7,1	6
18 – Arquitectura	9	14,1	11,9	10
19 – Conhecimento e Investigação	2	3,1	2,4	2
20 – Pessoas	0	0	0	0
21 – Vias, Acessos e Transportes	1	1,6	1,2	1
22 – Aspectos Positivos e Memórias	15	23,4	17,9	15
23 – Aspectos Negativos	2	3,1	2,4	2
24 – Ideias Criadoras de Futuro	1	1,6	1,2	1
25 – Incêndio	1	1,6	2,4	2
26 – Jardim Botânico	1	1,6	8,3	7
27 – Elementos Marcantes	2	3,1	2,4	2
28 – Comunicação e Divulgação	0	0	0	0
29 – Carácter Institucional e Poder	4	6,3	6	5
30 – Outros	1	1,6	1,2	1
TOTAIS	64	100%	100%	84

**Tabela nº9 – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas pelos Informadores Privilegiados.**

Aqui, e ao contrario dos grupos anteriores, para os mesmos dezaseis entrevistados, a categoria que mais se destaca em número de palavras, valor relativo e respectivas

percentagens de evocação, é a 22ª categoria - 22 / *Aspectos Positivos e Memórias (ASP+/MEMÓRIAS)*, com 15 termos associados, 17% de evocação e maior número de ocorrências (15). Podemos observar na mesma Tabela nº9 que nos termos mais evocados e nos primeiros lugares, pertencem à categoria 18 / *Arquitectura (ARQUITECTURA)* com 11,9% das evocações e 26 / *Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)* com 8,3% de percentagem de evocação.

Como anteriormente, foi construída, com estes dados pelo programa informático, uma matriz de semelhanças (Apêndice XI) que deu origem à árvore cognitiva que se apresenta na página seguinte.

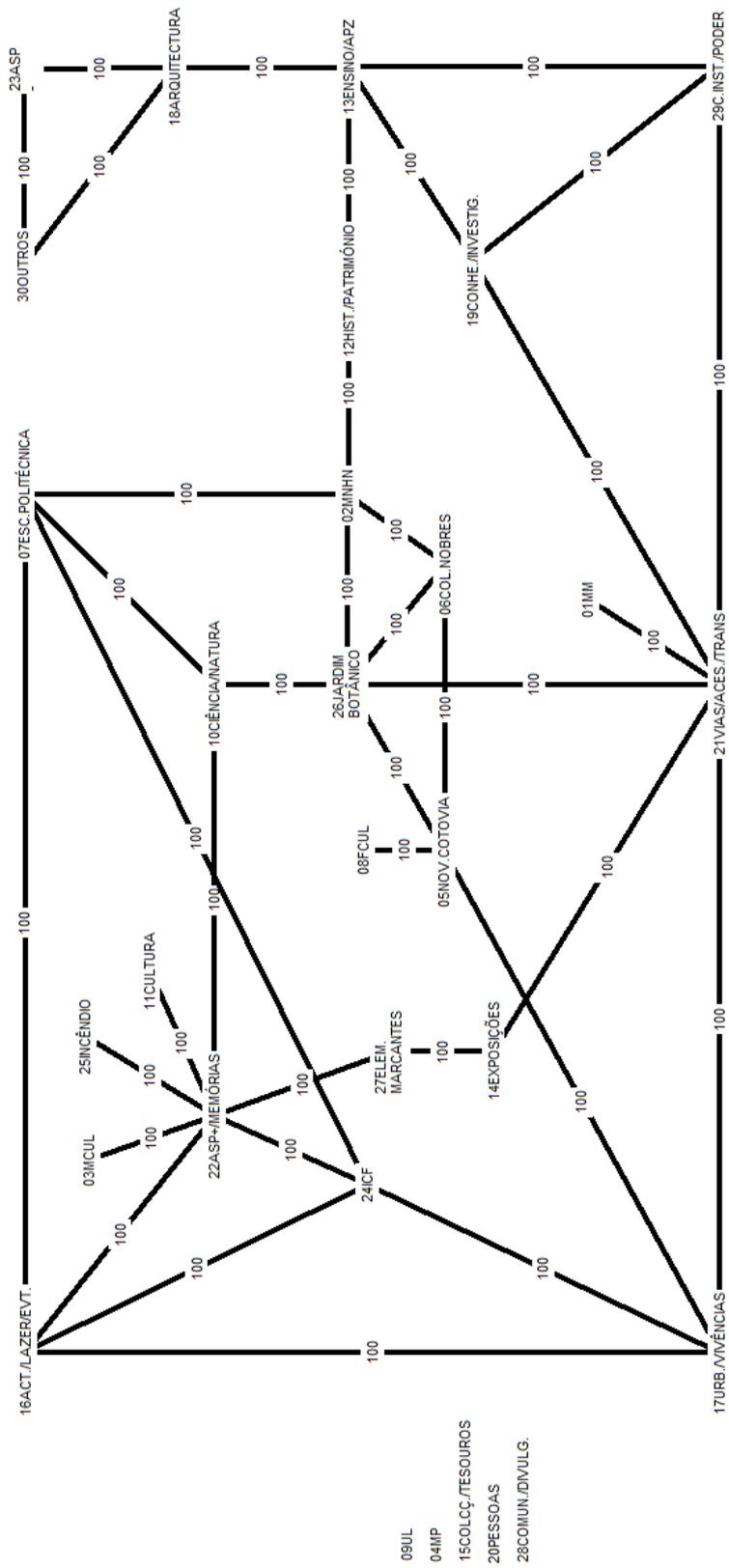


Figura N° 24 - Árvore máxima das categorias para os Informadores Privilegiados inquiridos.

Nesta estrutura verificamos que todas as categorias com implicação entre si se associam de forma polarizada com Índice de Implicação máxima (100%). Destaca-se principalmente, um pólo fortemente organizador da representação em torno da 22ª categoria - *22 / Aspectos Positivos e Memórias (ASP+/MEMÓRIAS)*. Podemos observar, ainda, a importância dos núcleos formados em torno das categorias *21 / Vias, Acessos e Transportes (VIAS / ACES. / TRANS.)* e *26 / Jardim Botânico (JARDIM BOTÂNICO)*.

Por sua vez e para os Informadores Privilegiados, verificamos que não têm expressão na representação do espaço as seguintes categorias: *4 / Museus da Politécnica (MP)*, *9 / Universidade de Lisboa (UL)*, *15 / Coleções e Tesouros (COLCÇ. / TESOUROS)*, *20 / Pessoas (PESSOAS)*, *28 – Comunicação e Divulgação (COMUN. / DIVULG.)*.

- **Centralidade e Caracterização da Representação.**

Como complemento aos resultados anteriores, o tratamento dos dados referentes à segunda e terceira perguntas do Módulo A do *Questionário / Entrevista*, foi realizado com o programa EXCEL e pretendeu aferir o posicionamento dos elementos componentes da *Estrutura Interna da Representação*. Neste sentido, e no que respeita a centralidade e caracterização desses elementos, a maioria dos inquiridos associa o Museu Nacional de História Natural e da Ciência ao espaço habitado por um Museu, como podemos observar no Gráfico A3/Total que se apresenta na página seguinte. No entanto, esta imagem aparece fragmentada e, em termos percentuais, foi por nós presumida a partir da soma de cinco subcategorias: Museu Nacional de História Natural (MNHN), Museus da Politécnica (MP), Museu de Ciência (MCUL), Museu/Museus (MM) e Museus da Universidade de Lisboa (MUL). O Museu Nacional de História Natural (MNHN) destaca-se das restantes com 15% de evocação, como se pode verificar no mesmo Gráfico A3/Total.

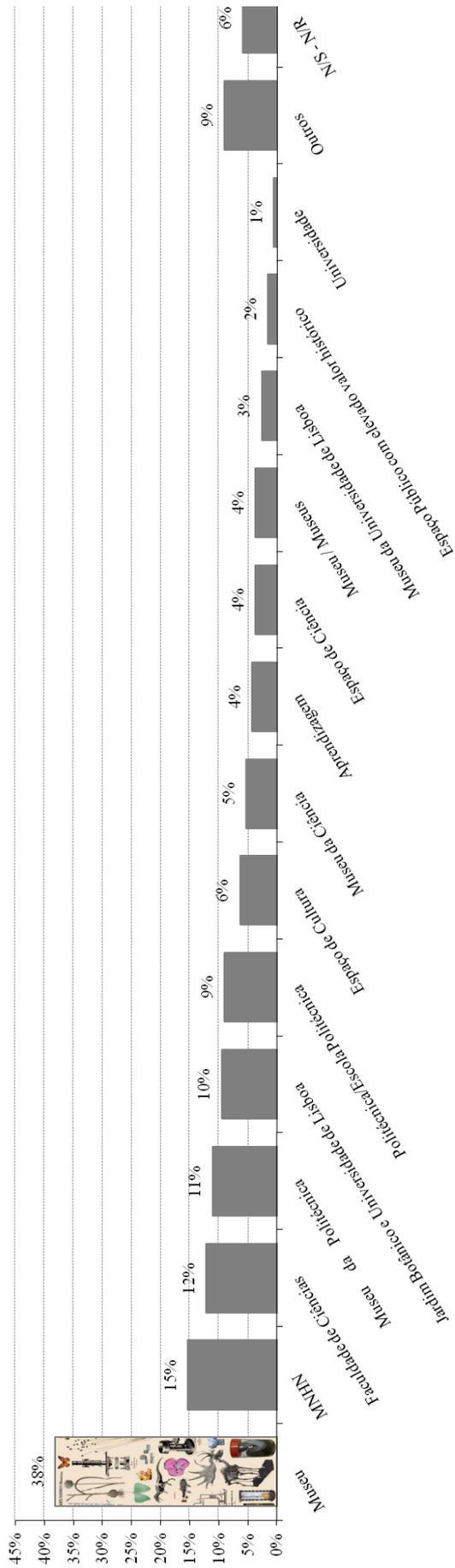
No Gráfico A3/Funcionários verificamos que para este grupo de respondentes a associação do espaço com um Museu é claramente visível com 56% de referências, existindo uma evocação superior, relativa às denominações Museu Nacional de História Natural (MNHN) com 29% de respostas e Museus da Politécnica (MP) com uma percentagem de 17%, sendo que a referência à Universidade (UL) não aparece evocada.

No Gráfico A3/Residentes o grupo de inquiridos, a correlação do espaço do MNHNC com a instituição Museu é menor, apenas com 20% de referências e destacam-se como denominações as categorias Faculdade de Ciências (FCUL) com 18% de evocação, o Jardim Botânico (JB) com 16% das respostas e a referência Politécnica /Escola Politécnica (EP) com 11% de alusão.

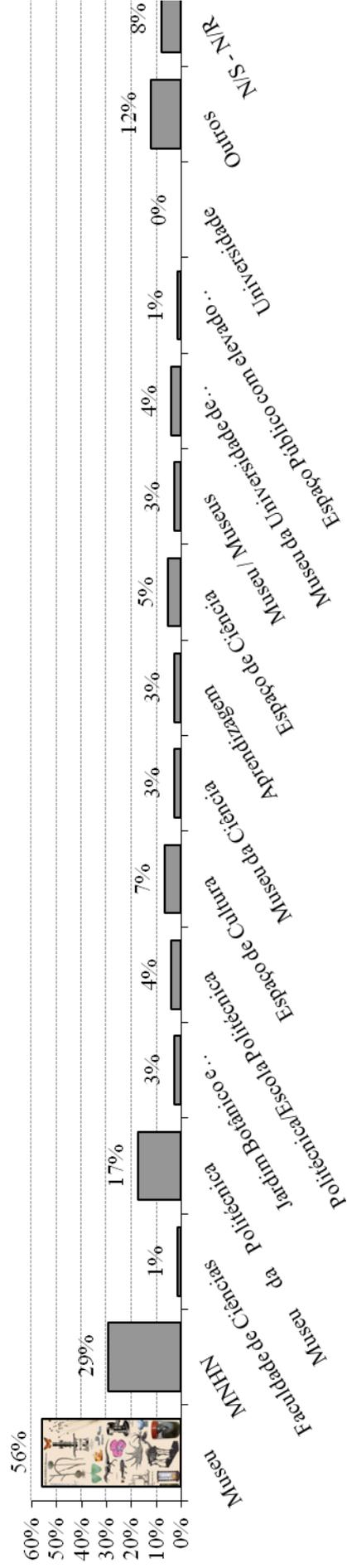
À semelhança dos resultados do grupo de Residentes no Gráfico A3/Serviços, destacam-se com 23% das respostas a denominação Faculdade de Ciências (FCUL) e existe relevância de 15% face à categoria Jardim Botânico (JB), sendo a única categoria de respondentes que associa o espaço à Universidade (UL).

A maioria dos Informadores Privilegiados respondentes, como podemos verificar no Gráfico A3/Preferenciais 53%, associa o MNHNC à categoria Museu, sendo que essa agremiação é feita a partir das referências às denominações Museus da Politécnica 29% e Museu de Ciência 12%, as denominações que prevalecem no entanto, são Museus da Politécnica e Politécnica / Escola Politécnica ambas com 29% de alusão.

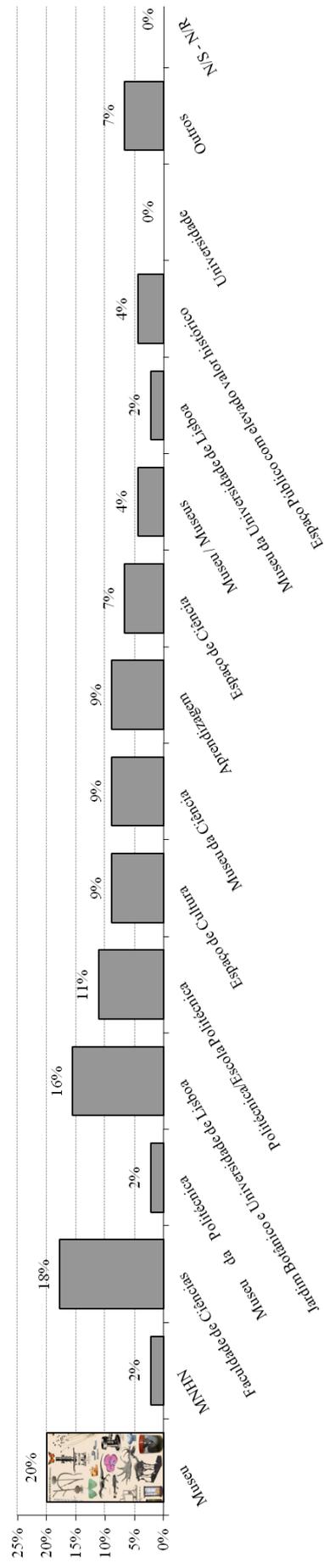
A3 - Como é que denomina / denominaria este espaço?  
(Total)



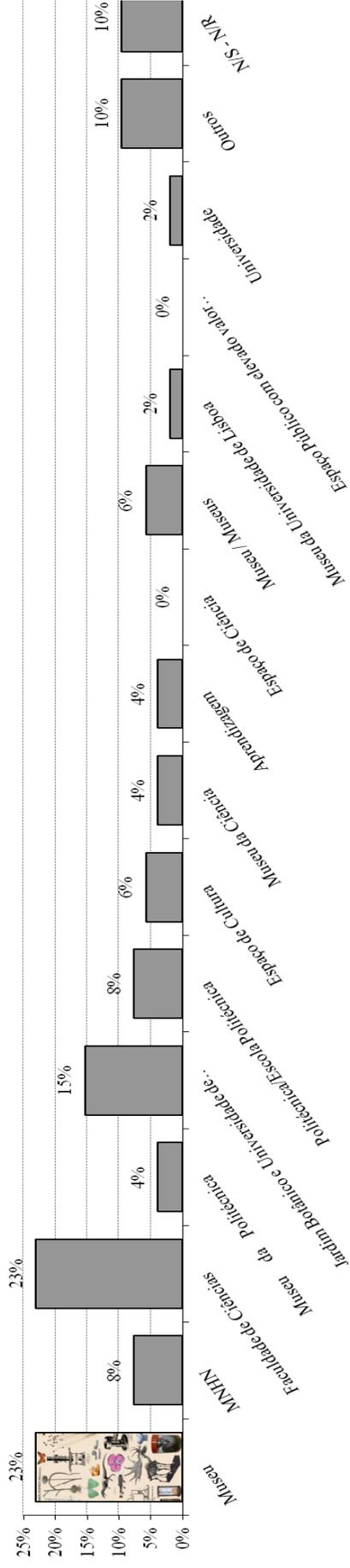
A3 - Como é que denomina / denominaria este espaço?  
(Funcionários)



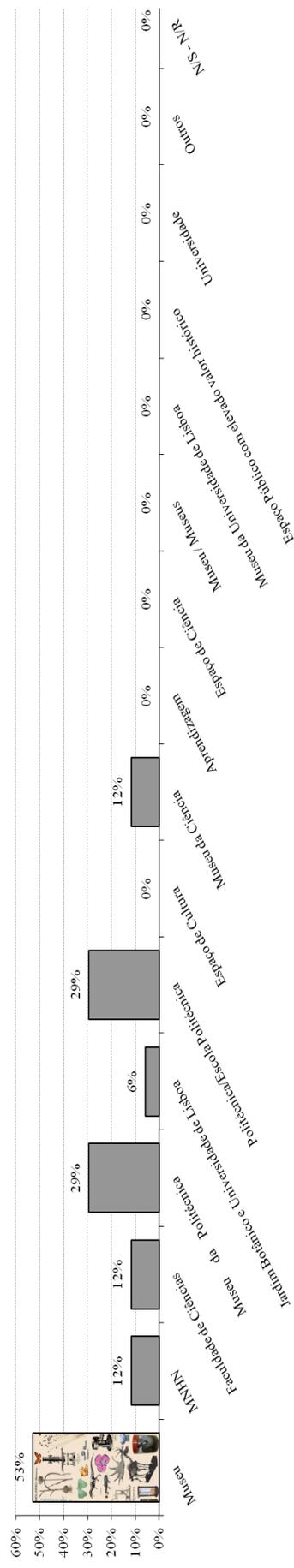
A3 - Como é que denomina / denominaria este espaço?  
(Residentes)



A3 - Como é que denomina / denominaria este espaço?  
(Serviços)

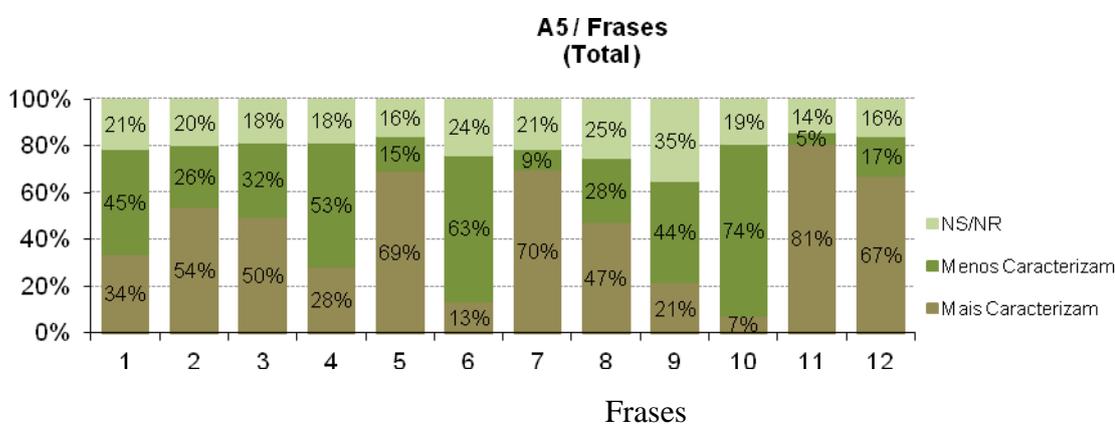


A3 - Como é que denomina / denominaria este espaço?  
(Preferenciais)



Ainda no que respeita a centralidade e caracterização da representação e como dissemos no Capítulo II, na questão A5 do primeiro Módulo do *Questionário / Entrevista* pretendemos avaliar *per si* as relações de conflito relativas à caracterização do espaço do MNHNC. Desta forma conseguimos avaliar alguns elementos da representação a partir da selecção de doze frases, que os respondentes organizaram conforme as encararam como mais, ou menos representativas da sua imagem do espaço. Apresentamos seguidamente os resultados mais relevantes desta questão para o total de respondentes, remetendo para o Apêndice XIII os resultados correspondentes aos grupos inquiridos.

Nesta perspectiva, 81% do total de respondentes encara, como se pode verificar no Gráfico A5/Total, o do MNHNC como um “... um sítio agradável onde há lugar para aprendizagens variadas” (Frase11), 74% dos inquiridos considera que o espaço não existe “...apenas para servir a Universidade de Lisboa” (Frase10), 70% menciona, o espaço como “... um lugar onde se ensinam coisas importantes e onde estão guardadas coisas raras” (Frase 7) e 69% refere que o espaço “...tem um enorme potencial como motor de desenvolvimento da cidade de Lisboa” (Frase 5).



- |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>1. <i>Este espaço é um lugar, em constante transformação, onde todos os dias temos o privilégio de contemplar e experimentar a diversidade.</i></p> <p>2. <i>Este espaço é guardião de um importante espólio, unicamente dedicado à ciência.</i></p> <p>3. <i>Este espaço é um importante pólo dinamizador em termos culturais da cidade de Lisboa.</i></p> <p>4. <i>Este espaço é sobretudo um importante centro de investigação da Universidade de Lisboa.</i></p> <p>5. <i>Este espaço tem um enorme potencial como motor de desenvolvimento da cidade de Lisboa.</i></p> <p>6. <i>Este espaço é habitado unicamente por dois Museus.</i></p> | <p>7. <i>Este espaço é um lugar onde se ensinam coisas importantes e onde estão guardadas coisas raras.</i></p> <p>8. <i>Este espaço é partilhado por várias instituições dependentes de uma mesma entidade gestora.</i></p> <p>9. <i>Este espaço tem gestão integrada a nível das instituições aqui sedeadas.</i></p> <p>10. <i>Este espaço existe apenas para servir a Universidade de Lisboa.</i></p> <p>11. <i>Este espaço é um sítio agradável onde há lugar para aprendizagens variadas.</i></p> <p>12. <i>Este espaço é um lugar aberto a todas as pessoas que se interessam por reflectir sobre o mundo que as rodeia.</i></p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

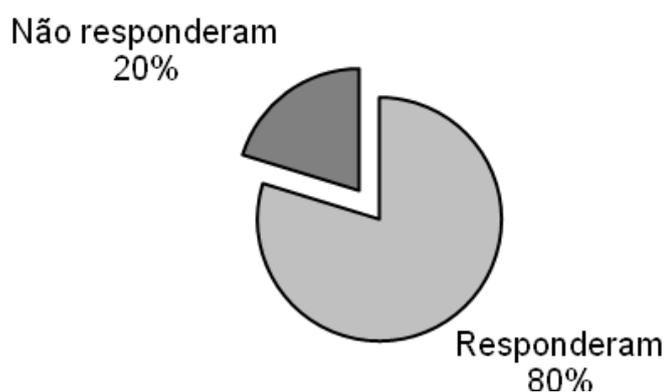
## Relação com o Espaço, Expectativas e Projectões de Futuro.

### Relação com o Espaço

No que respeita à relação dos inquiridos com o espaço - Pergunta B.1 do *Questionário / Entrevista* (Apêndice I) – seguindo o MPDI de Kevin Lynch (1960), pedimos aos inquiridos que nos desenhassem, rapidamente, um pequeno esboço do espaço do Museu, mostrando os seus aspectos mais interessantes e de forma a permitir a um observador estranho o conhecimento suficiente para que este se conseguisse orientar sem dificuldade no interior do espaço. Solicitámos ainda que fizessem acompanhar este desenho de uma legenda numerada e graduada de forma a revelar a importância dos elementos que desenhavam.

Em resposta a esta questão, obtivemos apenas 80% de respostas para o total da amostra como se pode verificar no Gráfico B1/DAF – Respondentes, que se segue:

B1 - DAF - Respondentes



A análise dos desenhos produzidos, foi efectuada em três fases: uma primeira observação detalhada e pessoal, desenho a desenho, de carácter qualitativo, uma segunda análise quantitativa, com base no nosso *Diagrama de Análise Figurativa* (DAF), que serviu para confirmação da primeira observação, e finalmente o tratamento semântico da legenda que acompanhava os desenhos através do programa EVOC2000 e conforme procedemos anteriormente para os resultados da representação social do Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

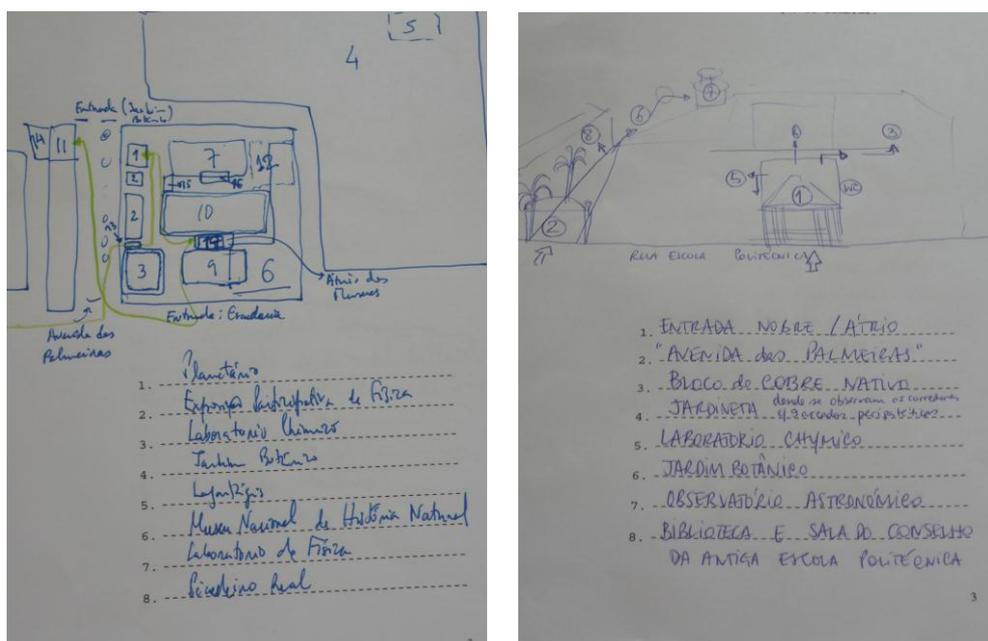
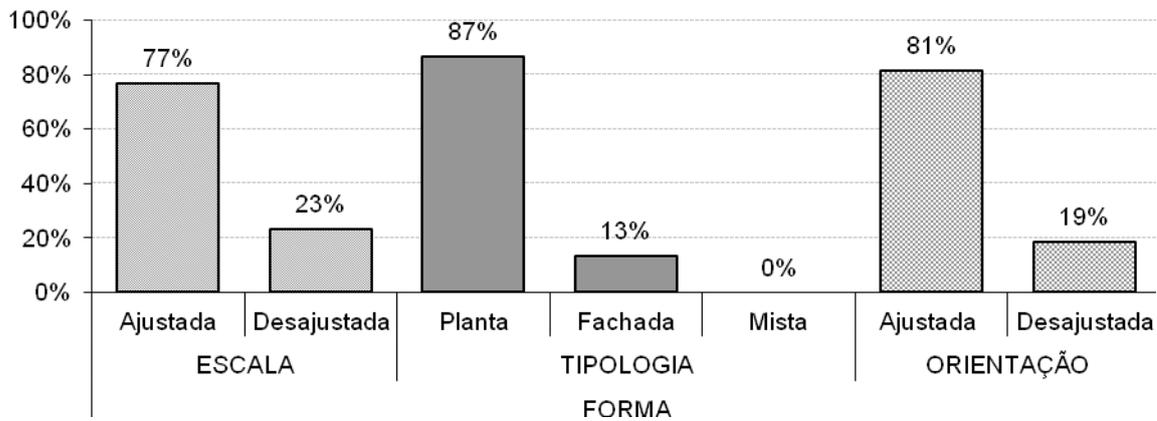


Figura Nº 25 – Exemplos de desenhos resultantes do Modulo B / Pergunta B.1.

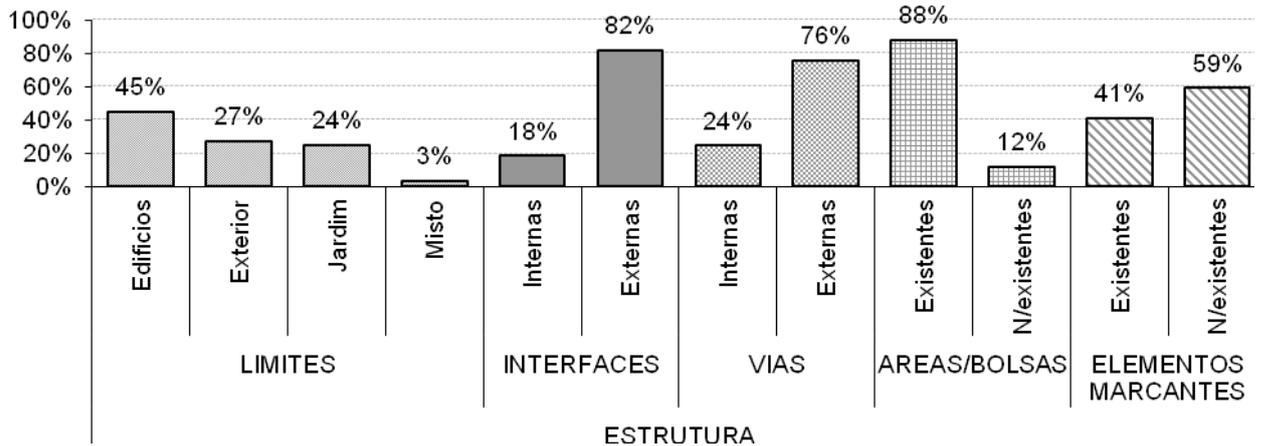
A primeira observação mostra claramente que os desenhos resultantes identificam um espaço, fortemente fragmentado, formado por bolsas autónomas, onde se destacam elementos condicionantes de circulação interna, com pouca abertura ao espaço público e onde são raras as referências de contacto com o exterior. De referir também que apenas num dos desenhos da totalidade de respondentes aparece referência à figura humana.

B1 - DAF1



Num segundo tempo e com a utilização do nosso diagrama de análise, obtivemos dados quantitativos relativos à **Forma** dos desenhos que consolidam a primeira observação e que indicam que 77% dos desenhos foram realizados com uma escala ajustada, 87% dos esboços correspondem a uma tipologia em planta e que 81% destes traçados estavam bem orientados na superfície de desenho fornecida no nosso *Questionário / Entrevista*.

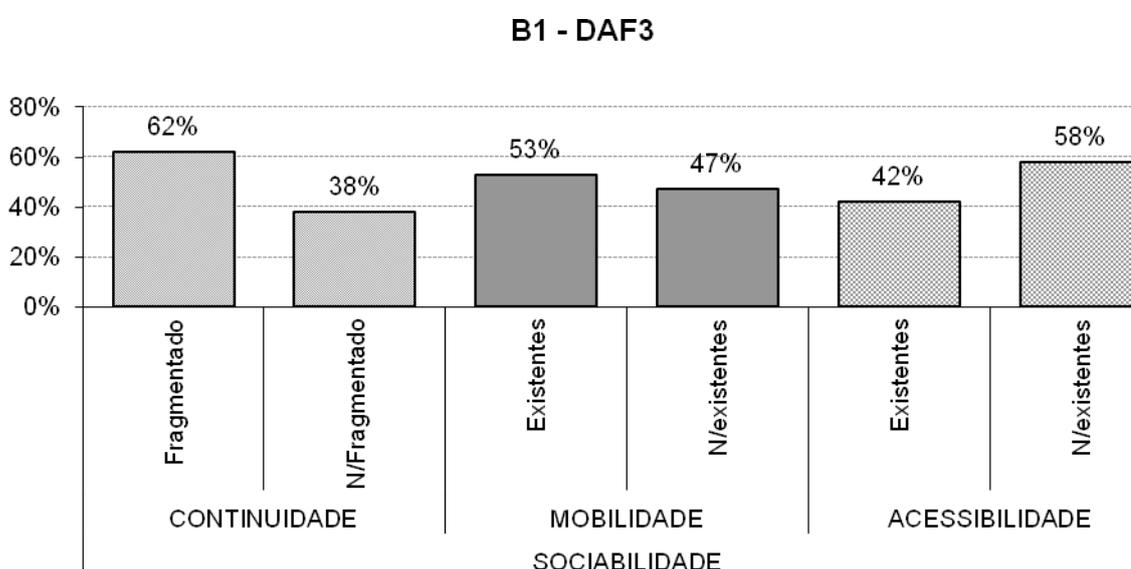
B1 - DAF2



No que respeita a **Estrutura** destas representações gráficas, 45% dos inquiridos desenharam, sobretudo os limites correspondentes ao edificado, 24% só desenharam o Jardim Botânico, 27% dos respondentes apenas representam o espaço exterior do MNHNC e só 3%

desenharam o espaço como um todo – MNHNC com JB e o Bairro (ou elementos marcantes da envolvente urbana). Ainda no que se refere à estrutura do espaço, 82% dos respondentes identificaram interfaces com o exterior e 76% traçaram vias externas (em particular, a Rua da Escola Politécnica).

Confirmando a nossa primeira observação qualitativa, os dados confirmaram que a maioria dos respondentes (88%) desenhou um espaço composto por bolsas isoladas sem conexão entre si onde existem apenas 41% de referências a elementos marcantes.



Relativamente à **Sociabilidade**, 62% dos respondentes traçaram um espaço não contínuo e fragmentado, 53% desenharam percursos que indicam a existência de mobilidade no espaço e 58% desenharam elementos que condicionam a sua acessibilidade.

Finalmente, numa terceira fase, apresentamos os resultados que obtivemos a partir da análise informática da legenda com numeração graduada que acompanhava os desenhos da Questão B1. Os elementos da Tabela nº10 que se apresenta seguidamente, constituem a estrutura interna da representação do espaço do MNHNC, a partir deste tratamento.

ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO

EIXO DE FREQUÊNCIA	< 2,8		2,8>		+ -
	%	média	%	média	
	2.380	Atrium	50	3,244	
1.696	Edifício Principal	23	4,059	Claustro	17
1.684	Entrada Principal	19	3,987	Jardim Botânico	77
2.591	Escadaria Principal	22	3,529	Laboratório Chimico	17
2.474	Portão Jardim Botânico	19	4,783	Picadeiro	23
			3,143	Portarias/Portão	28
			3,333	Rua da Escola Politécnica	21
	F > 15				F > 15
	F < 15				F < 15
2.714	Museu/Museus	14	6,636	Antiga Cantina	11
			5,400	Aventura da Terra	5
			6,200	Biblioteca	10
			5,333	Biblioteca Museu de ciência	6
			4,300	Dragoeiro	10
			3,500	Edifício Administrativo	6
			4,583	Estufa	12
			5,333	IGIDL	6
			5,500	Lagartagis	10
			3,333	Lago de Cima	6
			6,600	Loja	5
			3,300	Museu de Ciência	10
			3,167	Museu Nacional de História Natural	12
			5,786	MNHN/MCUL	6
			6,000	Observatório Astronómico	14
				Sala do Veado	12
	%	média	%		média
	- +	< 2,8		2,8>	- -

Tabela.nº10 – Organização automática das referências a espaços desenhados e evocados pelo total de inquiridos, segundo as frequências e ordem média de evocação, em resposta ao Módulo B / pergunta B. 1. do Questionário/Entrevista (Apêndice I).

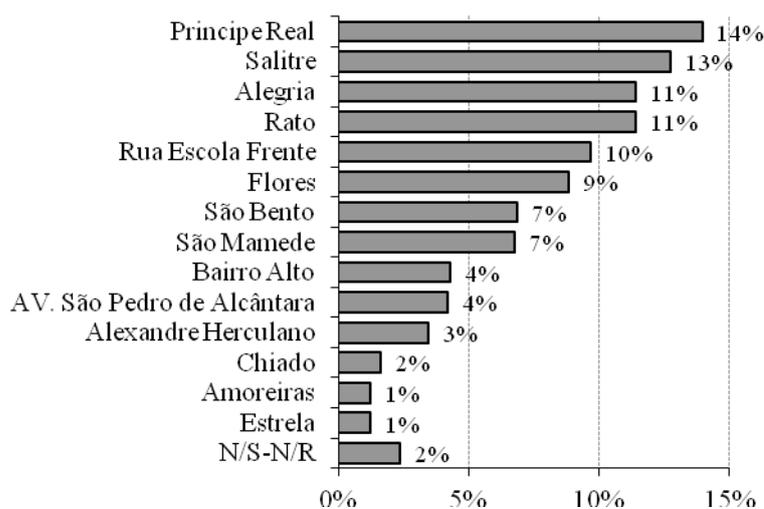
Podemos observar nesta tabela que, os espaços mais desenhados e evocados em primeiro lugar, correspondentes ao *núcleo central* são: o **Edifício Principal**, a **Escadaria Principal**, a **Entrada Principal** e o **Atrium** do MNHNC. Os espaços da **Avenida das Palmeiras**, do **Claustro**, do **Jardim Botânico**, do **Laboratório Químico**, do **Picadeiro**, da **Portaria/Portão** e da **Rua da Escola Politécnica**, embora percentualmente muito desenhados e evocados pelos respondentes, apresentam ordens de evocação claramente superiores à média, pelo que passaram a figurar no quadrante superior direito, correspondente ao nível que envolve o *núcleo central*.

Os respondentes, só posteriormente, consideram o desenho e as evocações de espaços como por exemplo, a **Antiga Cantina**, a **Exposição Aventura da Terra**, o **Lagartagis**, a **Biblioteca**, o **MNHN/MCUL** ou a **Sala do Veado**. A evocação destes espaços corresponde a um *sistema periférico* ao *núcleo central* da representação que, nos dá

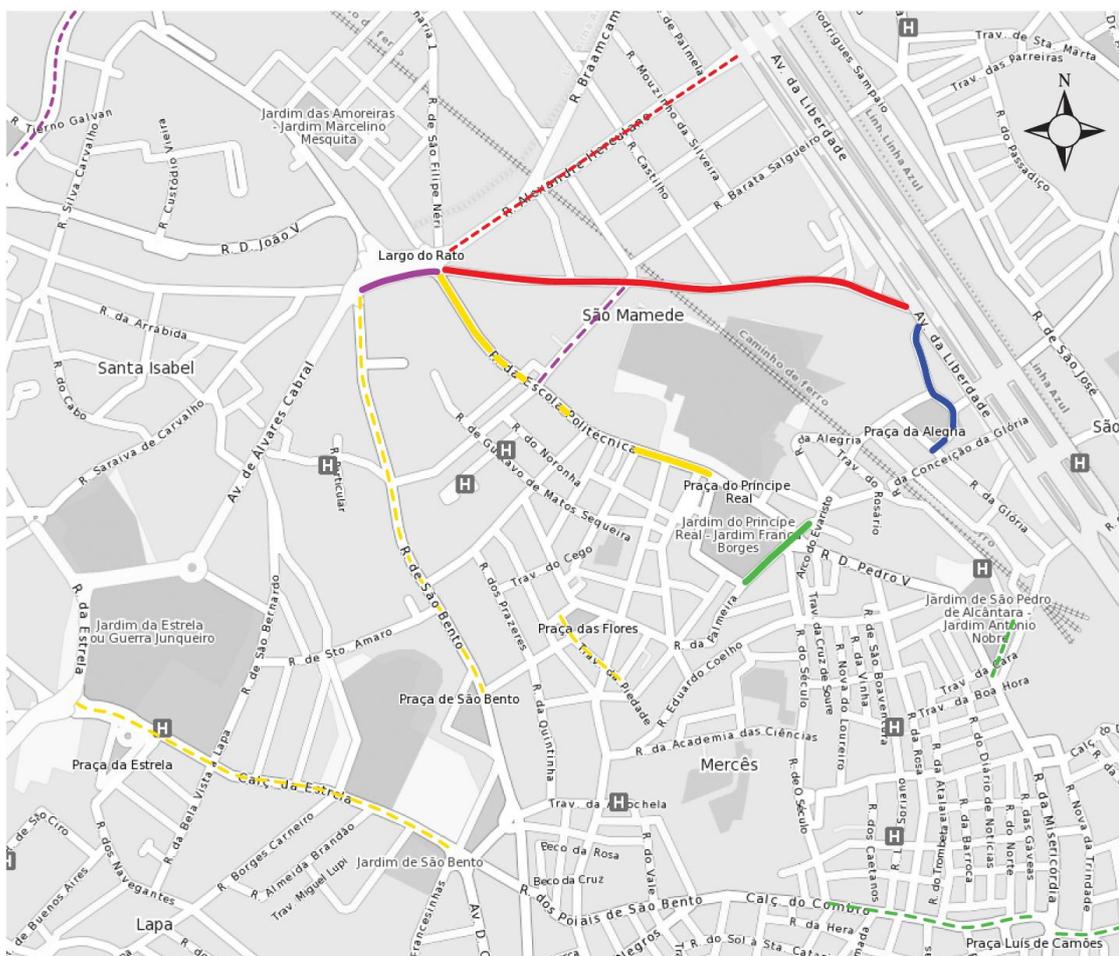
significado contraditório em relação aos critérios de frequência e de ordem de evocação, contendo informação abundante mas não consistente. Este *sistema periférico*, no entanto, contém conteúdo activo que dá sentido ao objecto da representação. Ou seja: as evocações do *sistema periférico*, correspondem aos espaços funcionais/práticos que permitem aos respondentes fazer a ponte com os elementos do *núcleo central*, tornando-os familiares/acessíveis, segundo a teoria e métodos utilizados. No Capítulo seguinte, da *Discussão* faremos uma interpretação sobre o possível significado destes resultados em face dos autores que estudámos.

Em resposta à B2.1 do nosso *Questionário/Entrevista*, sobre os limites do bairro onde se inserem os Museus, a totalidade dos respondentes circunscreve uma área com limites pouco precisos entre o Largo do Príncipe Real a Sudeste (14% de evocação) e o Largo do Rato a Oeste (11% de evocação), entre a Rua do Salitre a Norte (13% de evocação) e a Praça da Alegria a Este (11% de evocação), sendo que esta ultima, aparece como sendo o limite mais definido, tendo como barreira natural a Avenida da Liberdade. A Rua da Escola Politécnica é referida por 10% do total de inquiridos, surgindo como uma via importante de comunicação. A Praça das Flores aparece, também, referida como limite a Sudoeste por 9% dos inquiridos, ficando notório que, os limites do bairro nesta vertente da cidade são claramente mais difusos.

**B2-1 - Delimite o bairro onde se inserem os Museus (Total)**



Para visualizar melhor estes resultados desenhámos num mapa da cidade os dados obtidos a partir do tratamento EXCEL. Imagem que se apresenta seguidamente:



- |                                                 |                                                       |                                                    |
|-------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|
| <span style="color: red;">■</span> Limite Norte | <span style="color: green;">■</span> Limite Sudeste   | <span style="color: purple;">■</span> Limite Oeste |
| <span style="color: blue;">■</span> Limite Este | <span style="color: yellow;">■</span> Limite Sudoeste |                                                    |

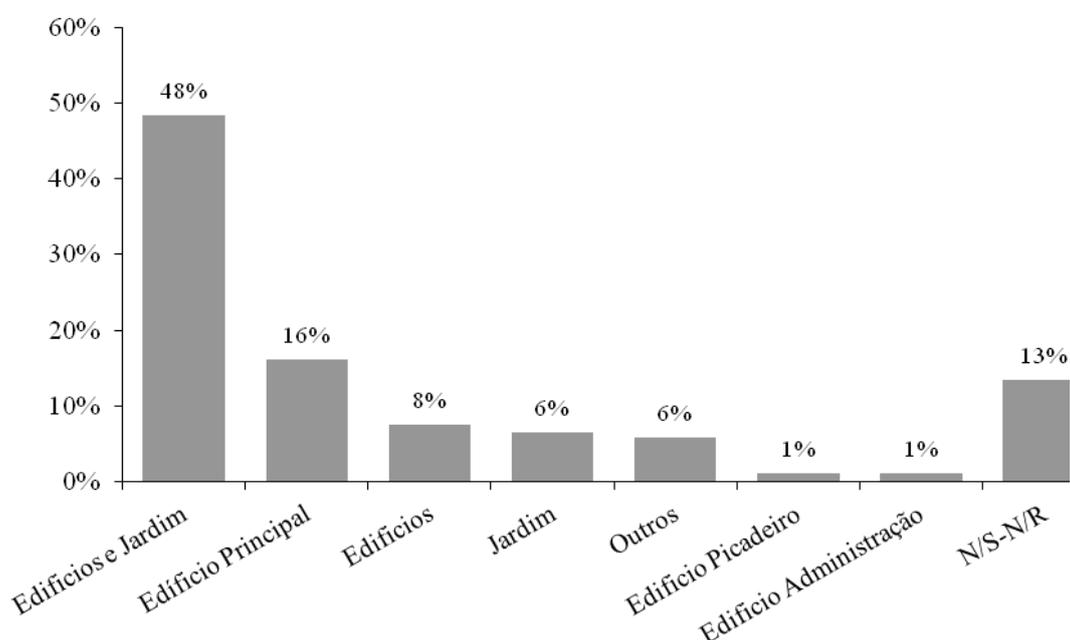
**Mapa nº 2 – Quarteirão / Bairro envolvente do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, referências geográficas mais evocadas pelo total de inquiridos no Modulo B / B.2. Informação de contexto Google Maps.**

Como se pode verificar nos Mapas nº3, nº4, nº5 e nº6 em Apendice XII, repetimos este processo de tratamento para os diferentes grupos da nossa amostra – Funcionários, Residentes, Serviços/Comércio e Informadores Privilegiados. Não detectámos diferenças percentuais significativas, mas registámos algumas diferenças a nível da percepção geográfica do espaço, nomeadamente no que diz respeito aos limites Sudoeste e Oeste, no grupo entrevistado de residentes. Na informação recolhida junto dos residentes, para além dos limites Norte, Este e Oeste, destaca-se a indicação de 10% dos respondentes relativamente ao limite Sudoeste que contrariamente aos outros grupos respondentes se concentra na Praça das Flores. Para os Serviços e Comercio entrevistados o Largo do Rato a Oeste, aparece largamente destacado dos restantes limites com 15% de evocações. Voltaremos a mencionar

estes dados no Capítulo seguinte para os interpretar segundo referências dos trabalhos de Jodellet (1982) e Humain-Lamoure (2007), sobre a percepção geográfica e as representações sócio-espaciais da cidade de Paris.

Na pergunta B2.2 pedimos ainda, aos respondentes para delimitarem numa planta do bairro, o espaço ocupado pelos Museus.

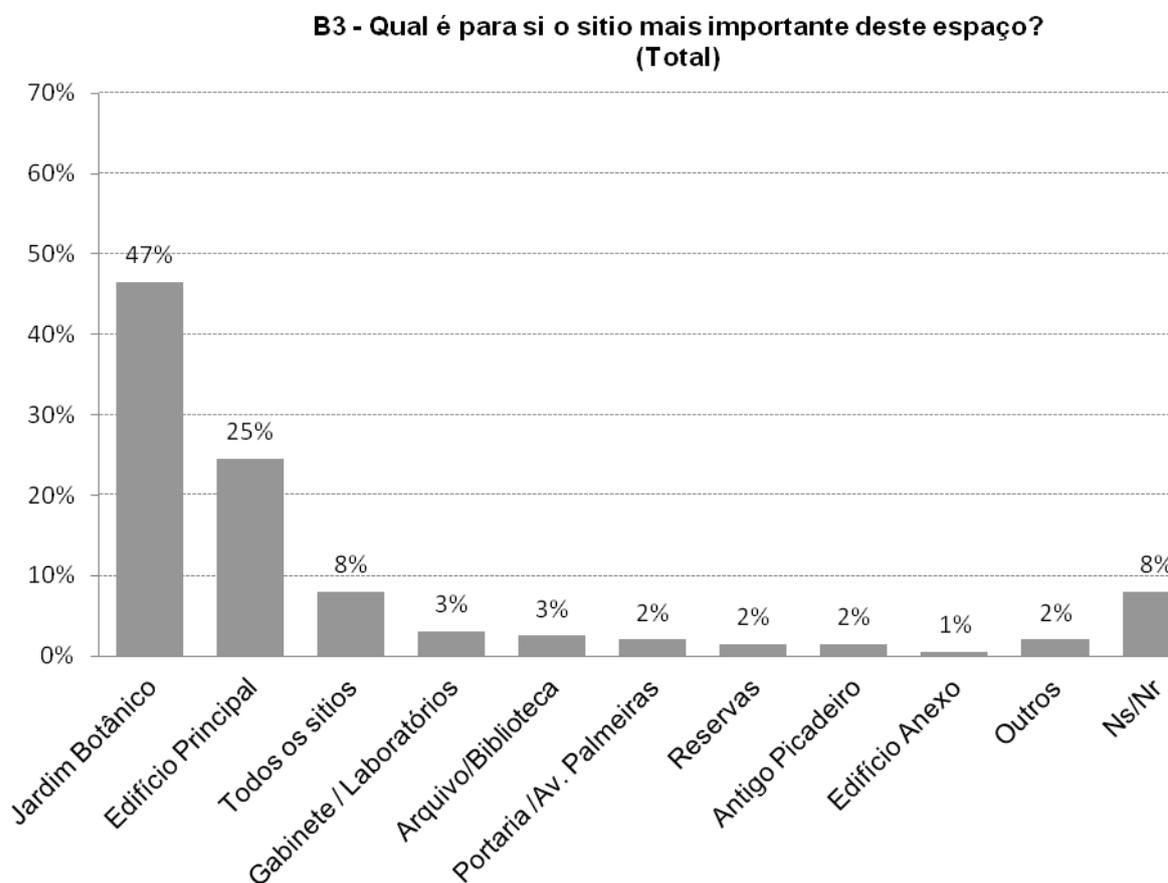
**B2.2 - Delimite o espaço ocupado pelos museus  
(Total)**



Apenas 48% dos respondentes considera que o espaço ocupado pelos Museus corresponde ao todo – Edifícios e Jardim do MNHNC, 16% dos respondentes refere que os Museus ocupam apenas o Edifício principal e 6% considera o Jardim Botânico como um espaço museológico independente do resto dos edifícios do MNHNC.

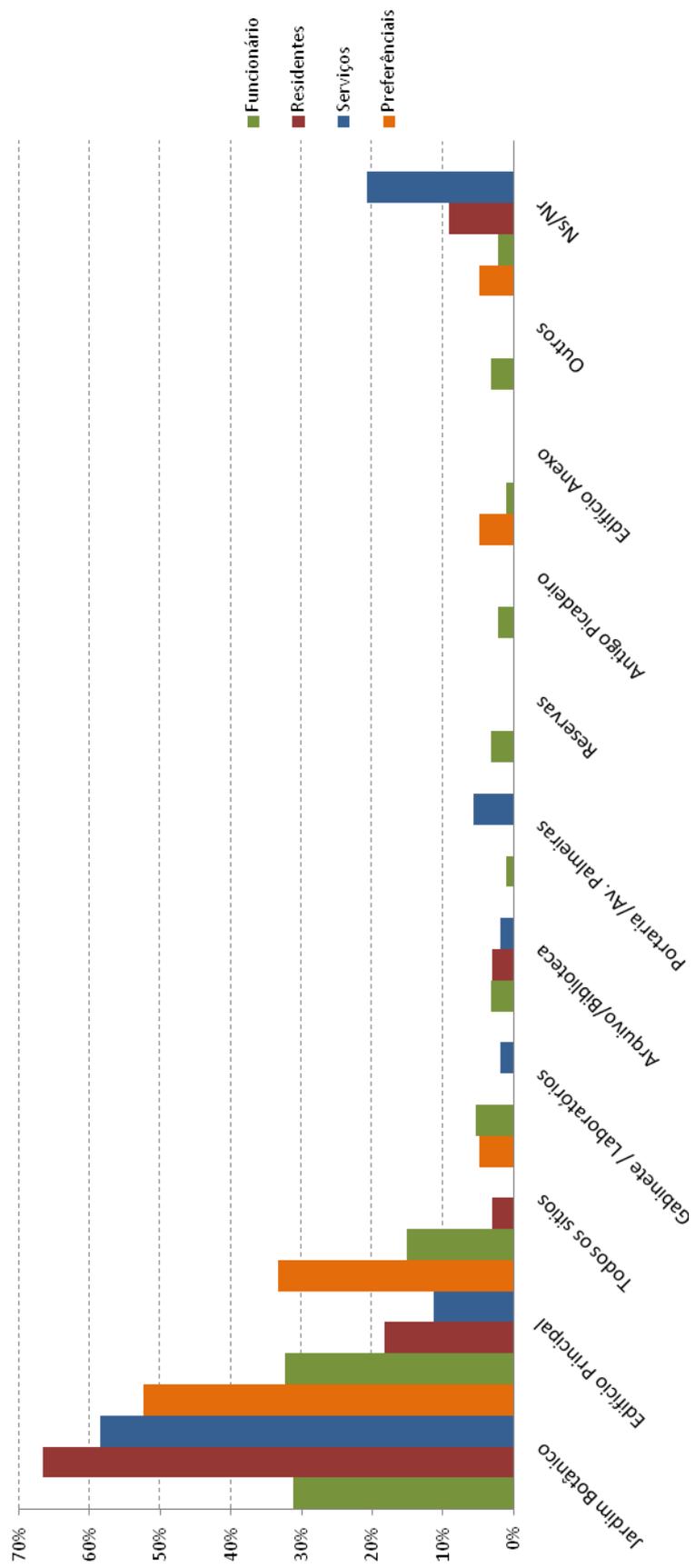
No que respeita a Pergunta B2.3. do *Questionário / Entrevista*, era nossa intenção proceder a um tratamento semelhante ao da pergunta B1, no entanto e após uma primeira observação qualitativa, desenho a desenho, optámos por não tratar os dados quantitativamente por considerar que os traçados dos circuitos obtidos se mostravam complexos, incoerentes.

Na Pergunta B3, sobre o sítio mais importante do espaço, verificámos que para 47% do total de respondentes o Jardim Botânico aparece como o sítio mais importante do MNHNC.

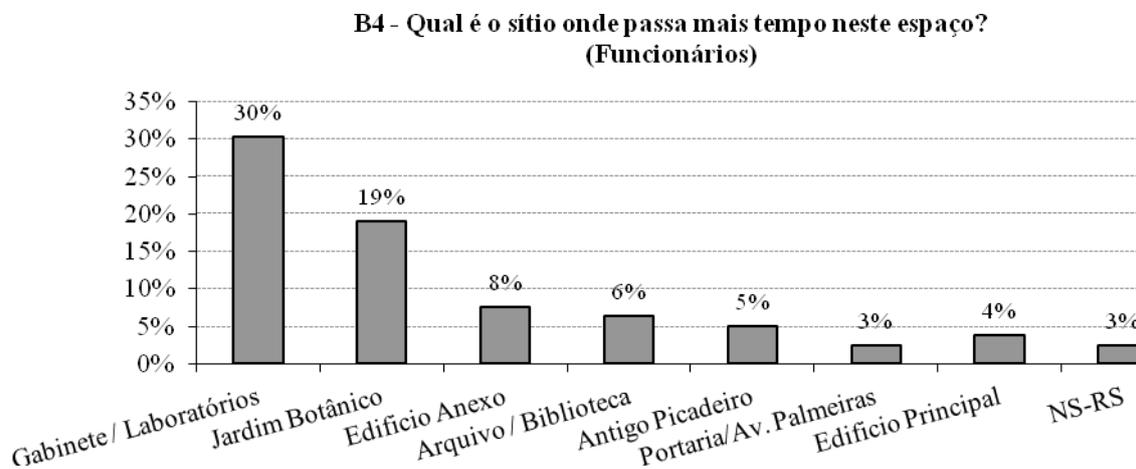


Como podemos constatar no Gráficos B3 que se apresenta na página seguinte, esta importância do Jardim Botânico é confirmada em todas as categorias de respondentes excepto na categoria Funcionários. Para estes inquiridos, é o Edifício Principal que surge com leve preponderância sobre o Jardim, com 32% de evocação.

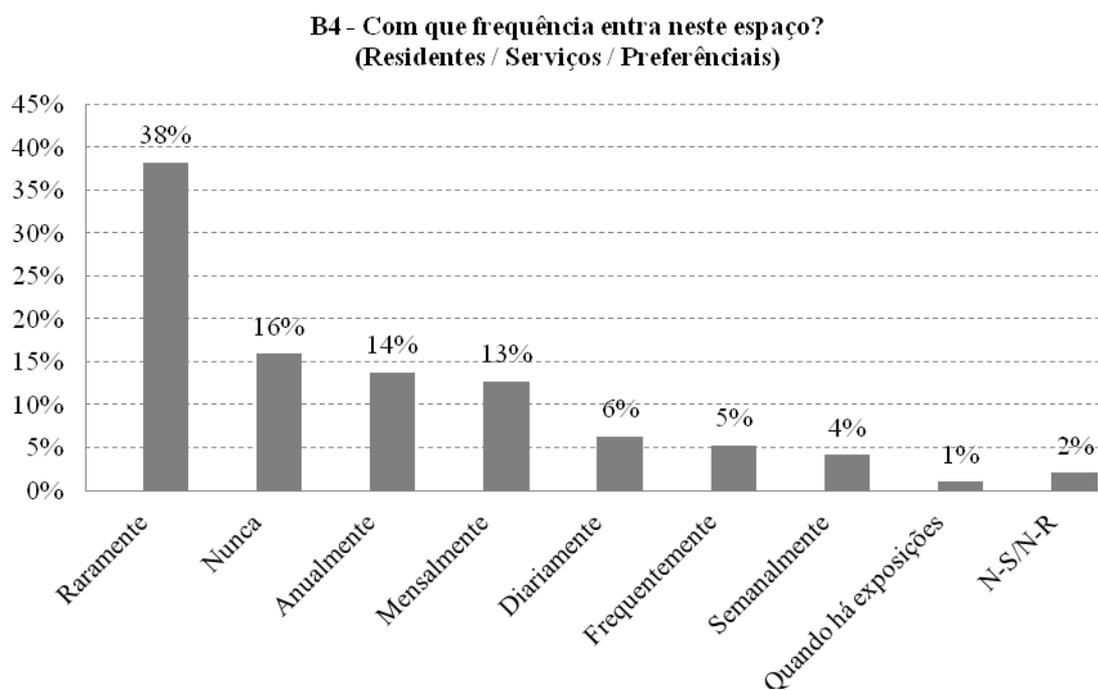
### B3 - Qual é para si o sitio mais importante deste espaço?



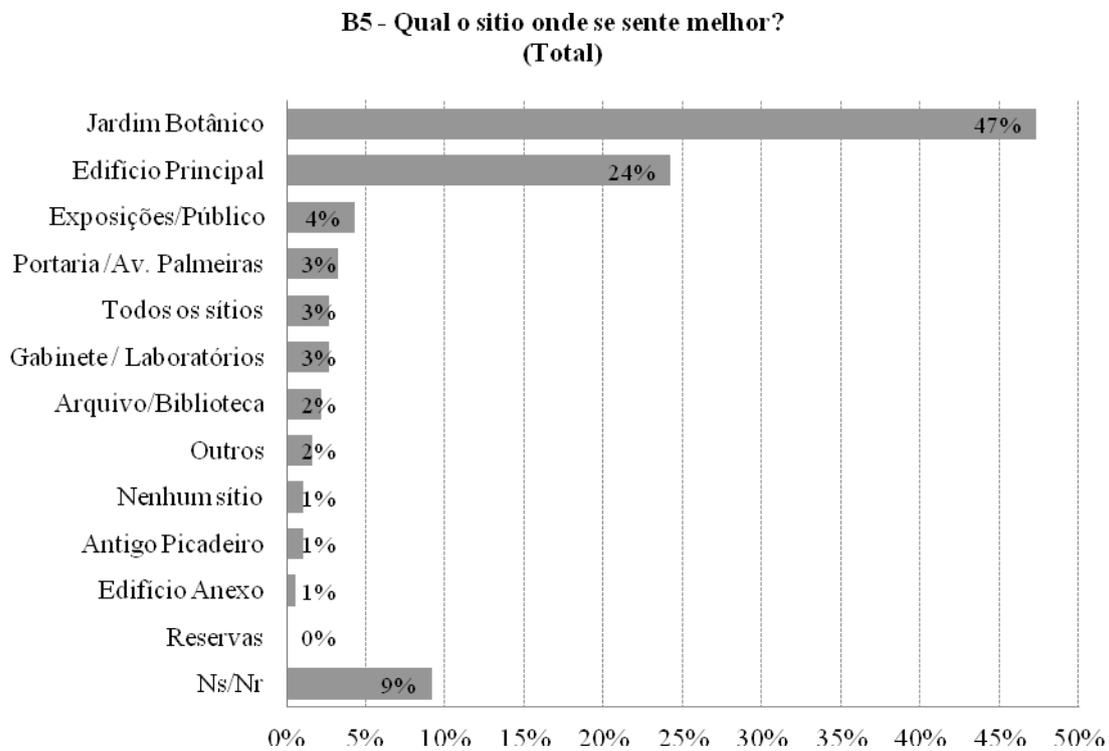
Inquirimos ainda os Funcionários sobre o local onde passavam mais tempo no espaço em estudo. Face ao total de respondentes, nesta categoria, 30% dos Funcionários declarou que passava mais tempo no Gabinete/Laboratórios e 19% indicou o Jardim Botânico.



Para melhor compreender a relação da envolvente com o espaço em estudo, perguntámos também às categorias – Residentes, Serviços e Preferenciais, com que frequência, entravam no espaço. Na resposta que obtivemos, 38% dos indivíduos raramente entram no MNHNC e 16% declara mesmo *Nunca* entrar no espaço em estudo.

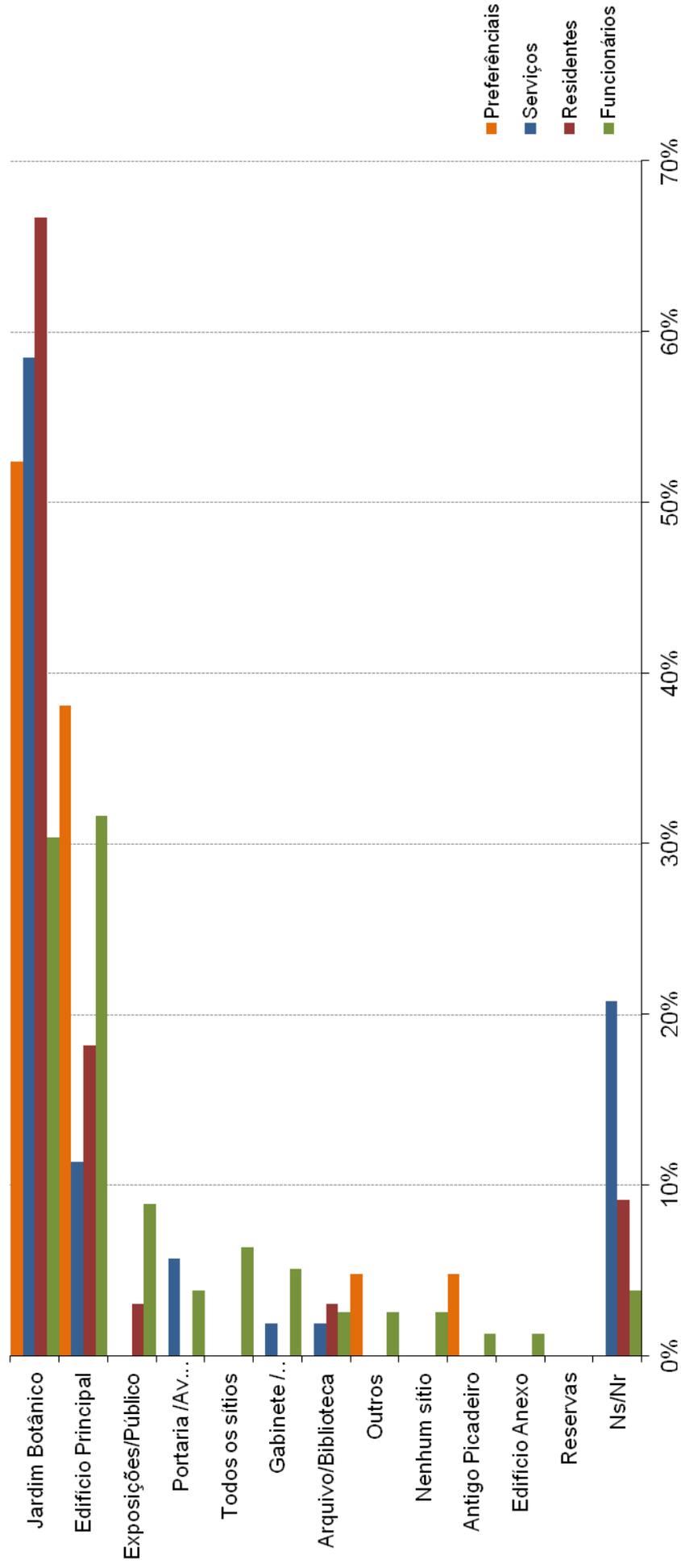


Para a totalidade dos inquiridos que declararam utilizar o espaço, quisemos saber qual era o sítio onde se sentiam melhor. Destes respondentes, 47% apontaram o Jardim Botânico como o local onde se sentem melhor e 24% referiram o Edifício Principal.



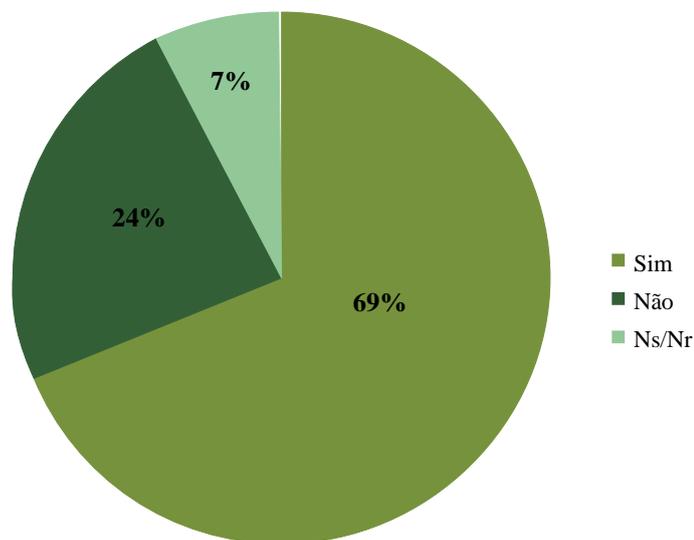
Esta preponderância do Jardim Botânico e, como verificar nos gráficos que se seguem, é uma constante em todos os respondentes excepto na categoria Funcionários, onde existe uma maior ênfase relativa ao espaço do Edifício Principal com 32% de resposta.

**B5 - Qual o sitio onde se sente melhor?**  
 (Funcionários/ Residentes/ Serviços /Preferênciais)



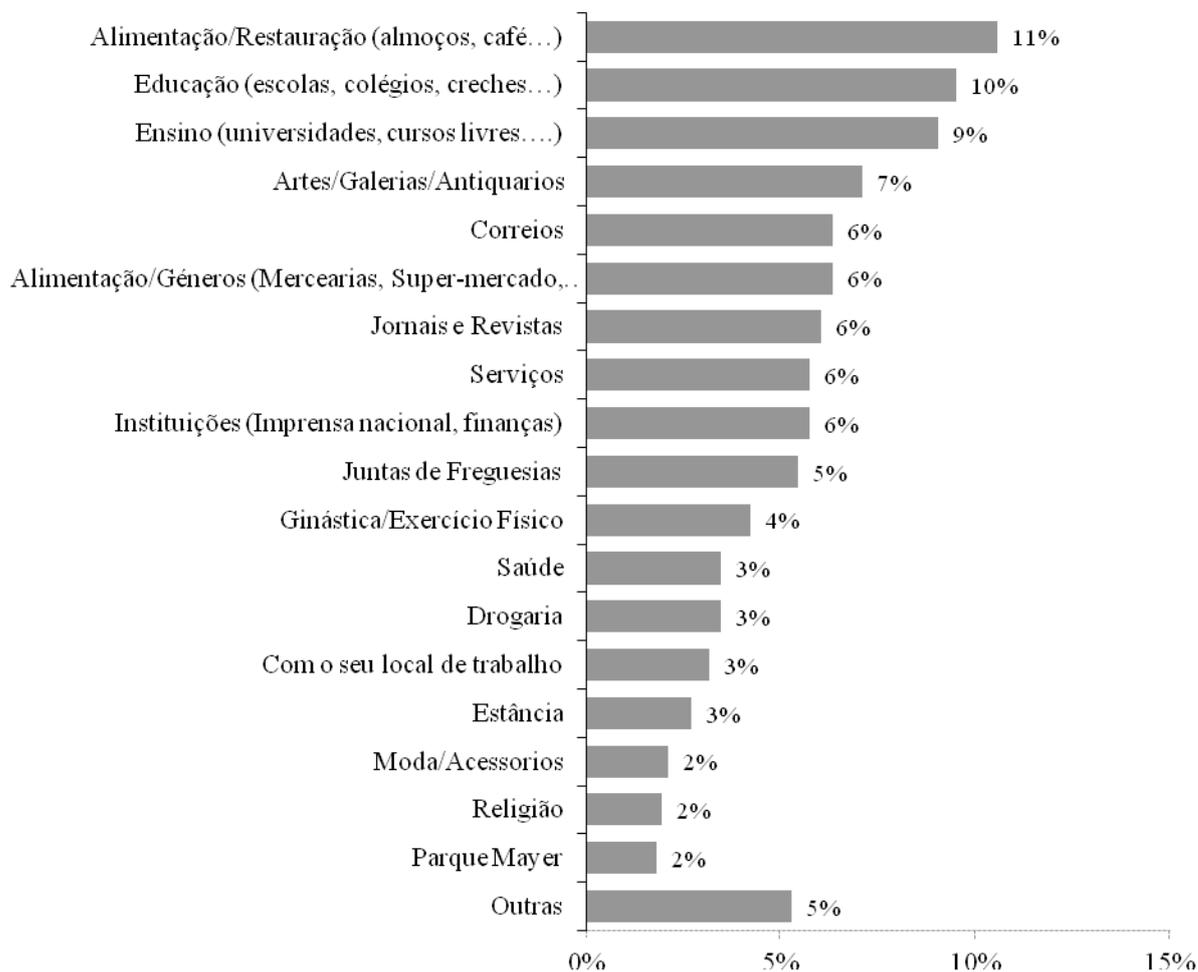
No que respeita a relação do espaço do Museu e do Bairro, nos resultamos que apuramos a esmagadora maioria dos respondentes, 69%, considera existir relação do espaço do MNHNC com a envolvente urbana.

**B6 - Considera que existe relação deste espaço com a envolvente urbana/bairro?**

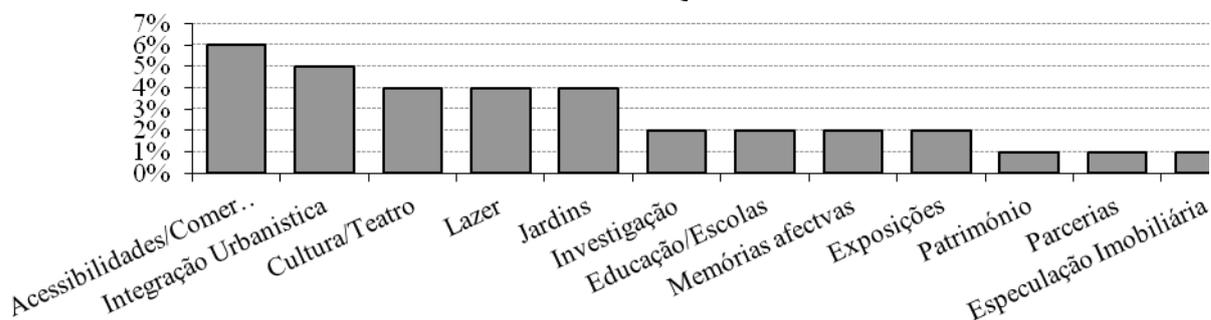


No entanto, quando inquiridos sobre a natureza dessa relação, e como podemos analisar nos gráficos que se apresentam na página seguinte, 11% dos respondentes indica - almoços e cafés e 10% refere, ainda, a relação com as instituições de educação da envolvente. No que respeita a outro tipo de contacto, surgem-nos apontadores muito ténues que aludem para questões de acessibilidade e integração urbanística do MNHNC no Bairro.

**B6 - Qual a natureza dessa relação?  
(Total)**



**B6.1 - Outras - Quais?**



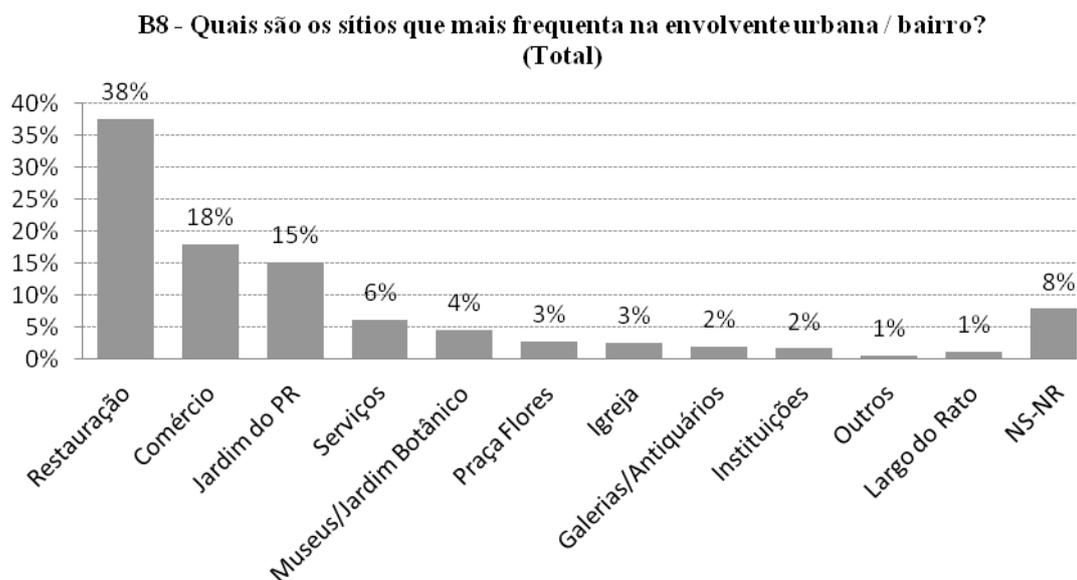
Em resposta à Questão B7 do *Questionário/ Entrevista* (Apêndice I), e como podemos verificar nos gráficos que se seguem, 26% dos respondentes, considera que o principal factor para estabelecer relação entre o espaço do MNHNC e a envolvente, é primeiramente a existência de mais actividades e eventos e em segundo lugar com 14% de evocação, a informação e divulgação sobre essas actividades e sobre as novas funções do espaço. Este último aspecto é sobretudo referido pelo grupo de Serviços/Comércio entrevistados.

**B 7 - Como é que este espaço poderia relacionar + com a envolvente?**



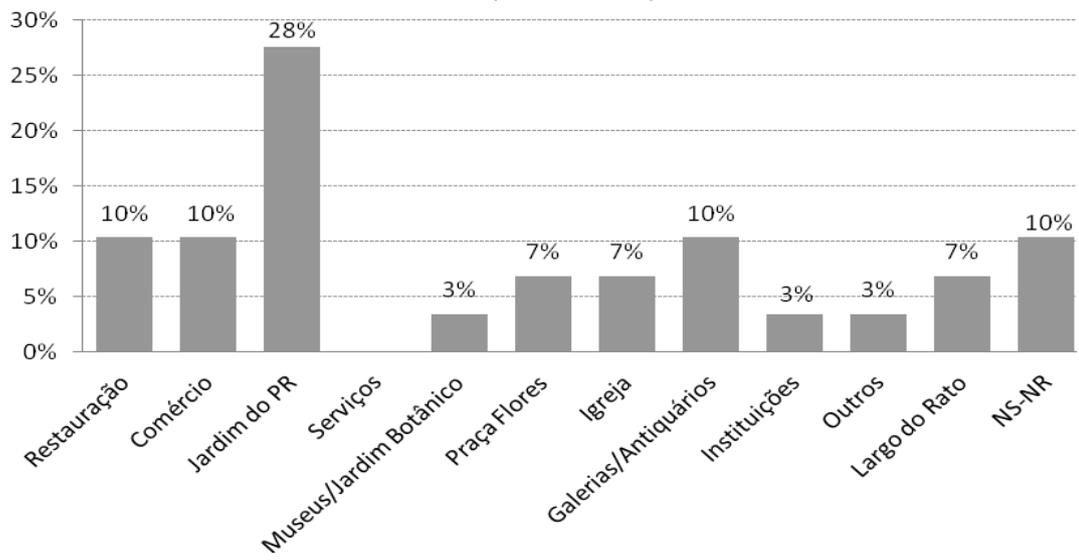
Ainda em resposta à mesma Questão B7, a abertura do espaço é considerada por 24% do grupo de Informadores Privilegiados (Apêndice XIV), como sendo fundamental para se constituir uma relação entre o Museu e a sua envolvente de implementação.

Na pergunta B8, sobre os sítios que os inquiridos mais frequentavam no Bairro, obtivemos 38% de respostas respeitantes à categoria Restauração (cafés, bares, restaurantes), 18% dos resultados referem a frequência do Comércio local, 15 % dos respondentes faz referência ao Jardim do Príncipe Real e apenas 4% dos inquiridos frequenta os Museus e o Jardim Botânico, como se pode verificar no Gráfico B8/Total que se segue:

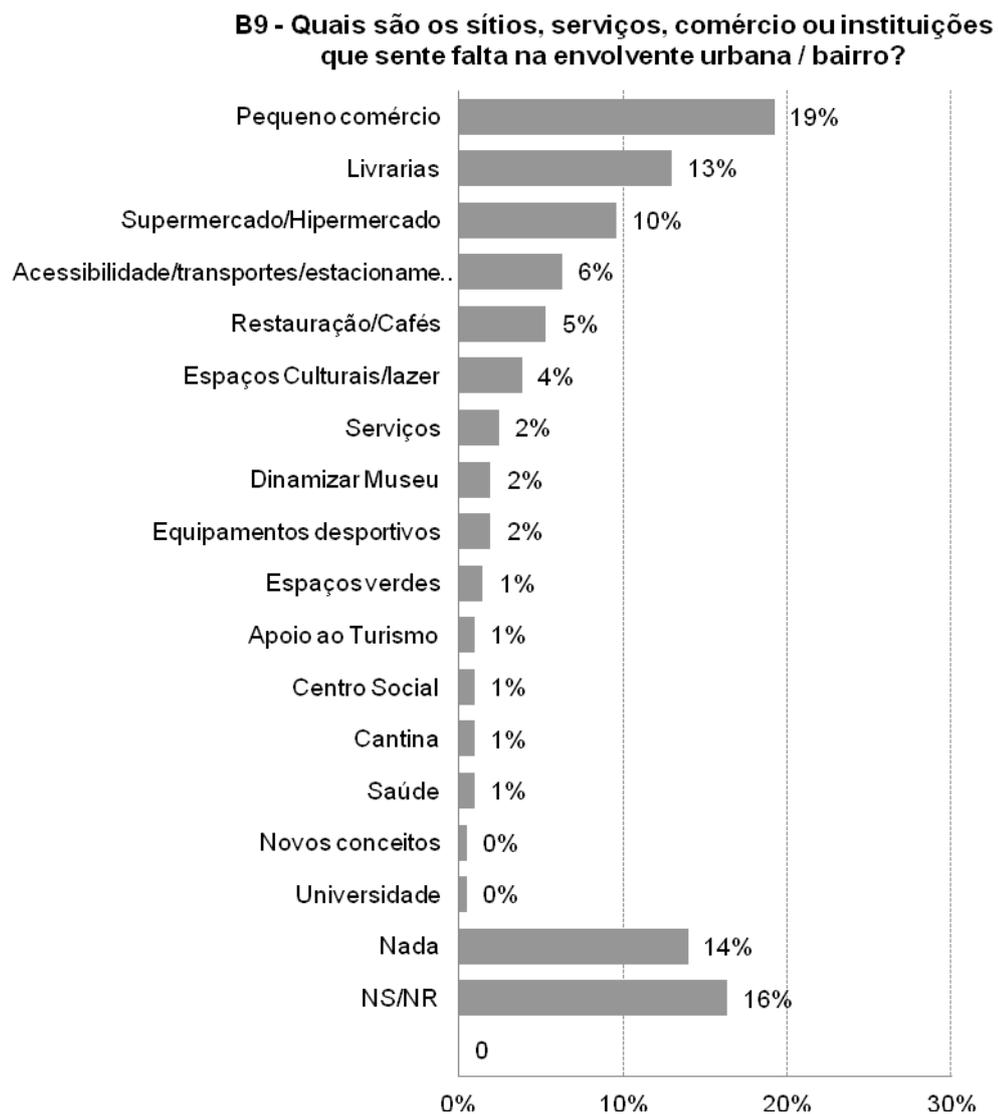


Repetimos o mesmo tratamento para todos os grupos de respondentes (Apêndice XV) e apenas encontramos diferenças significativas nos resultados do grupo de Informadores Privilegiados, onde verificamos que o sítio mais frequentado por estes inquiridos, é o Jardim do Príncipe Real com 28% de referências, como se apresenta seguidamente:

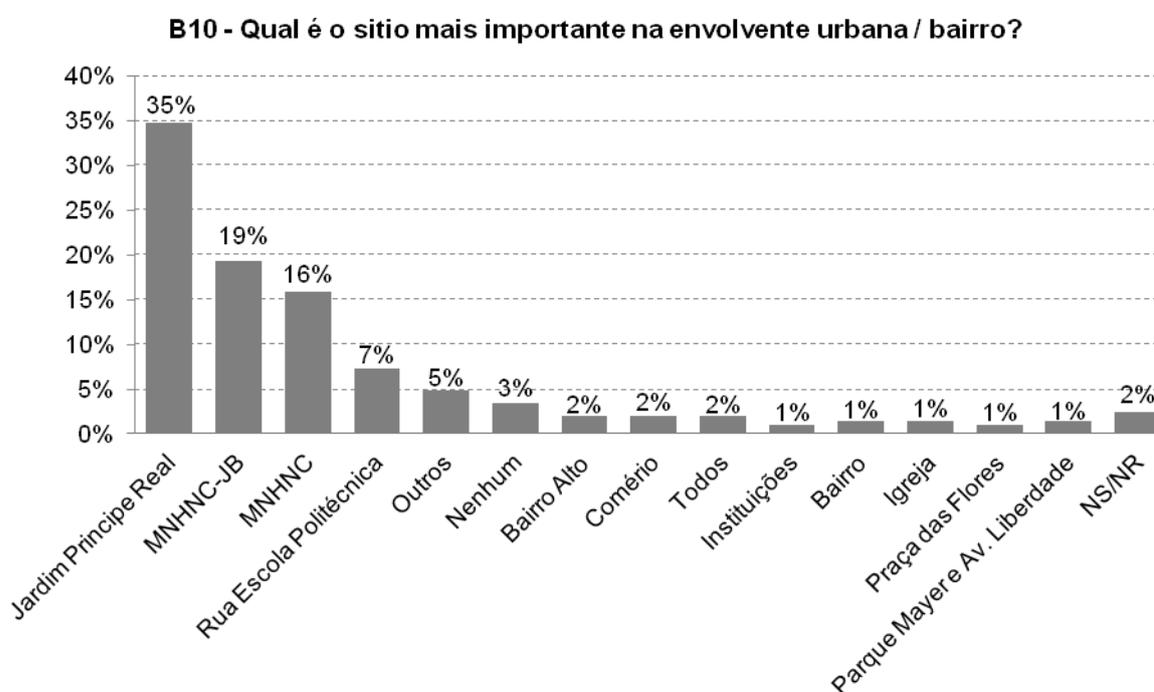
**B8 - Quais são os sítios que mais frequenta na envolvente urbana / bairro?  
(Preferenciais)**



Ainda no Módulo B na pergunta B9 do *Questionário/Entrevista*, perguntámos aos inquiridos quais os sítios, serviços, comércio ou instituições que sentiam faltam no Bairro. As respostas que obtivemos são sobretudo relativas à falta de Pequeno Comércio local (19%) e à necessidade de uma Livraria (13%). Como podemos verificar no Gráfico B9 /Total que se segue, 14% dos respondentes considera que «não falta nada» na envolvente urbana.



Finalmente, no que respeita à relação dos inquiridos com o espaço do Bairro e do Museu, na pergunta B10 do Módulo B do *Questionário/Entrevista*, quisemos saber qual era o sítio da envolvente urbana que os respondentes consideravam mais importante. O Jardim do Príncipe Real aparece como o local mais importante do Bairro com 35% de respostas face ao total da amostra. Não podemos deixar de notar que a soma das percentagens referentes ao MNHNC-JB e ao MNHNC perfaz igualmente o valor de 35% de respostas a esta questão, pelo que podemos concluir que os inquiridos consideram que os espaços mais importantes do Bairro são o Jardim do Príncipe Real e o espaço ocupado pelo Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

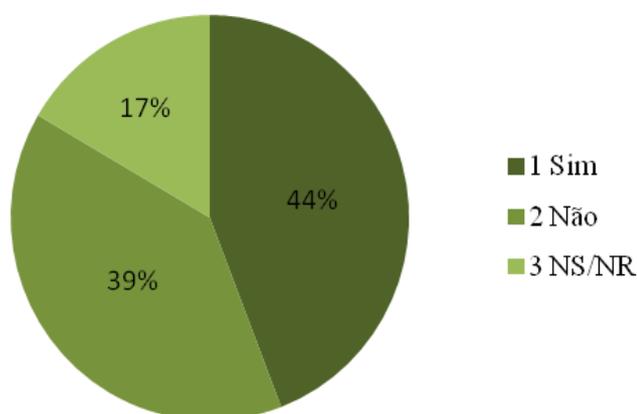


Em seguida e para concluir a apresentação dos resultados, apresentamos os dados referentes às expectativas e projecções de futuro dos inquiridos perante uma situação concreta de reabilitação urbana com implicações directas, em especial na requalificação do espaço do Museus Nacional de História natural e da Ciência.

## Expectativas e Projecções de Futuro.

Por fim, como tínhamos referido no anterior Capitulo (Metodologia), tentámos perceber expectativas futuras dos respondentes face à reabilitação e requalificação do espaço em estudo a partir de uma pergunta directa sobre o projecto vencedor do Concurso de Ideias para o Parque Mayer, Jardim Botânico, Edifícios da Politécnica e área envolvente, lançado em 2008 e o Plano de Pormenor para este espaço aprovado pela CML em 2009.

B- 11



Numa primeira fase, e em face da pergunta B11 do nosso Questionário/Entrevista, 17% do total dos inquiridos não respondeu, 39% mostrou desconhecer totalmente esta matéria e 44% dos respondentes afirmou que conhecia o projecto vencedor e o plano de pormenor. Numa segunda fase, quisemos apurar junto destes últimos inquiridos, qual era a sua opinião sobre o projecto e o PPPM.

Neste sentido, procedemos à análise de conteúdo das 72 respostas positivas que foi realizada seguindo a mesma metodologia proposta por Bardin (2002) e utilizada anteriormente. Partindo de uma pré-análise em leitura flutuante das respostas, foi feita uma categorização na qual reagrupamos um máximo de oito termos, que foram considerados como os mais relevantes de cada resposta. Com a ajuda de um pequeno grupo de juízes (voluntários) que codificámos a informação recolhida, correspondente a um total de 264 palavras. Este mesmo conjunto de voluntários, foi fundamental para a estruturação de comum acordo das seguintes 15 categorias temáticas finais:

#### 1 – Opinião Positiva (OP/Positiva);

Esta primeira categoria agrupa todos os termos evocados pelos respondentes, referentes directamente a opiniões positivas relativas ao processo de reabilitação dos espaços, ao projecto vencedor do concurso de ideias e ao PPPM. Fazem parte desta categoria, por exemplo, expressões como Muito bom, Muito positivo, Acho bem, É positivo arranjam o espaço, É bom fazer se um projecto, muito favorável, muito bom que pudesse ser realizado, Parece-me bem, Parece-me positivo, ou Vamos em frente!

#### 2 – Opinião Negativa (OP/Negativa);

A segunda categoria reúne todas as referências evocadas directamente associadas a opiniões negativas face ao processo de reabilitação dos espaços, projecto vencedor do concurso de ideias e ao PPPM de que são exemplo expressões como: *Projecto [tem] aspectos inaceitáveis, Discordo da alienação [do] edifício lateral, pode ser prejudicial, não revela conhecimento histórico do espaço, Alterar o ritmo do bairro, Não concordo com a abertura na rua Castilho ou Não concordo.*

#### 3 – Falta de Informação / Envolvimento (FALTA INF. / ENVOLV.);

Nesta categoria agrupámos todos os termos que directamente se relacionam com a falta de informação, sobre o espaço em estudo, sobre o Projecto vencedor do concurso de Ideias ou sobre o PPPM. Alguns exemplos destas evocações são termos como: *Não tenho informação em pormenor, Junta e Museu podiam ter mais informação, Necessita envolvimento de agentes [da] população, Devia haver mais informação Junta / Museu, Nunca recebemos informações, Informação devia chegar [às] pessoas [do] bairro.*

#### 4 – Novas Dinâmicas Culturais (NOVAS DINAM/CULT);

A quarta categoria agrega todas as evocações directas, referentes à designação novas dinâmicas culturais que possam vir a ser geradas no Bairro em face de uma reabilitação bem sucedida. Fazem parte desta categoria expressões como: *Dinamismo, Dinamização cultural, Atrair mais público, Voltar a ter actividades, Utilizar o espaço do jardim para eventos, Reactivar os teatros, Criação novas dinâmicas Museus / JB, Tornar local atractivo.*

5 – Desenvolvimento Bairro (DESENVOL/BAIRRO);

Esta categoria reúne termos que estão directa ou indirectamente relacionados como desenvolvimento do Bairro, como sejam, as referências: *Desenvolve o bairro, Revitalizar o bairro, dar maior vitalidade, cria articulações com Parque Mayer e envolvente.*

6 – Degradação, Abandono e Destruição (DEGR/ABAND/DESTR);

Como acontece com a anterior categoria, neste sexto agrupamento de palavras, reunimos os termos que referiam a Degradação, Abandono e Destruição do espaço ou elementos do espaço. São exemplos destas referências: *Há um vazio institucional no bairro, Há menos vida quotidiana, O Jardim Botânico está todo degradado, Está tudo abandonado.*

7 – Reabilitação e Preservação (REABILIT/PRESERV);

A sétima categoria congrega referências directas a questões relacionadas com Reabilitação e Preservação dos espaços. Por exemplo, *Preservação, Jardim Botânico deve ter obras de restauro, Defendo preservação jardim [e do] observatório, particular importância recuperação do JB, espaço necessita de restauros, Vão remodelar o espaço, Devem reabilitar tudo.*

.

8 – Inoperância (INOPERANCIA);

Esta categoria agrupa todas as evocações directamente referentes a aspectos ineficazes, adversidades à boa execução do projecto e PPPM. Por exemplo, são expressões desta categoria referências como: *Alguma indefinição, Não fazem nada, Não vejo como e quando se fará, Vai continuar tudo na mesma, Falta de conhecimento dos arquitectos, o pior é tempo de aprovação do plano.*

9 – Questões Económicas (ECONOMIA);

Na nona categoria juntámos todos os termos que de alguma forma se associavam directamente a questões económicas, como sejam: *Gastou se muito dinheiro, É muito caro, Não há dinheiro, É necessário investimento económico, Há problemas de pagamento aos arquitectos, Dá dinheiro muita gente sobretudo arquitectos.*

#### 10 – Impacto Ambiental (IMPACT/AMBIENTAL);

Todos os termos desta categoria estão de alguma forma relacionados com questões ambientais. Referem-se por exemplo a expressões como: *No bairro tudo a favor do jardim o impacto que pode causar no jardim, tenho reserva destruição árvores jardim, difícil escoar a água do jardim, aprofundar estudos científicos e impacto, aumento de cerceas altera circulação ar.*

#### 11 – Potencial (POTENCIAL);

As palavras agrupadas nesta categoria relacionam-se com o do espaço e dos projectos associados. São exemplo destas associações: *Muito potencial, potencialidade para o museu cumprir a sua missão, potencialidade ao nível do turismo e com , pode beneficiar o Museu.*

#### 12 – Inovação (INOVAÇÃO);

A décima segunda categoria agrupa todos os termos que se relacionam com inovação, mudança e renovação, como sejam: *Pensar tradição inovação dos museus, futuro passa por ai, Mudança radical melhoria.*

#### 13 – Urbanismo e Museologia (URB/MUSEOLOGIA);

Nesta categoria encontram-se organizadas as palavras que estão relacionadas como os termos Urbanismo e Museologia ou ainda, evocações relativas a vivências do espaço. Por exemplo: *Limpeza perímetro politécnica legibilidade, Minimizar efeitos trânsito densidade urbana, Articulação pedonal Jardim / Parque Mayer, Dinamizar pólo museológico, Preservação de todo e espólio museológico, Prever aumento área útil museus, Lisboa fica a ganhar e os museus também, Liga museu a avenida da liberdade, Ligação do espaço museológico à cidade.*

#### 14 – Abertura do Espaço (ABERTURA ESPAÇO);

Esta categoria congrega as palavras evocadas que se referem à abertura do espaço dos Museus à cidade, reunindo expressões como por exemplo: *Abertura Avenida das Palmeiras à vida do bairro, Abrir porta de baixo Jardim turistas, Estender JB pelo PM, Potenciar relação Politécnica / Envolvente, Abre novas frentes de acessibilidades, Abertura do espaço, Potenciar o Portão Alegria.*

15 – Outros (OUTROS);

A décima quinta categoria agrupa todos os termos evocados que se relacionam com ideias vagas e pouco precisas relativas ao espaço, ao projecto vencedor e ao PPPM, como sejam: *Conheço o projecto Ghery, Querem fazer um hotel, vão fazer um hotel, Hotel de charme, Espaço já teve muitos projectos, São uns Franceses que estão fazer tudo.*

Estas unidades foram finalmente trabalhadas Evoc2000, utilizando o mesmo procedimento com que agimos no Modulo A do *Questionário / Entrevista* e que descreveremos anteriormente.

CATEGORIAS	TERMOS		EVOCAÇÕES	
	NÚMERO	%	%	OCORRENCIAS
1 – Opinião Positiva	65	24,7	24,6	65
2 – Opinião Negativa	36	13,7	13,6	36
3 – Falta de Informação / Envolvimento	27	10,3	10,6	28
4 – Novas Dinâmicas Culturais	11	4,2	4,2	11
5 – Desenvolvimento Bairro	7	2,7	2,7	7
6 – Degradação, Abandono e Destruição	3	1,1	1,1	3
7 – Reabilitação e Preservação	24	9,1	9,1	24
8 – Inoperância	17	6,5	6,5	17
9 – Questões Económicas	11	4,2	4,2	11
10 – Impacto Ambiental	14	5,3	5,3	14
11 – Potencial	3	1,1	1,1	3
12 – Inovação	3	1,1	1,1	3
13 – Urbanismo e Museologia	13	4,9	4,9	13
14 – Abertura do Espaço	15	5,7	5,7	15
15 – Outros	14	5,3	5,3	14
TOTAIS	263	100%	100%	264

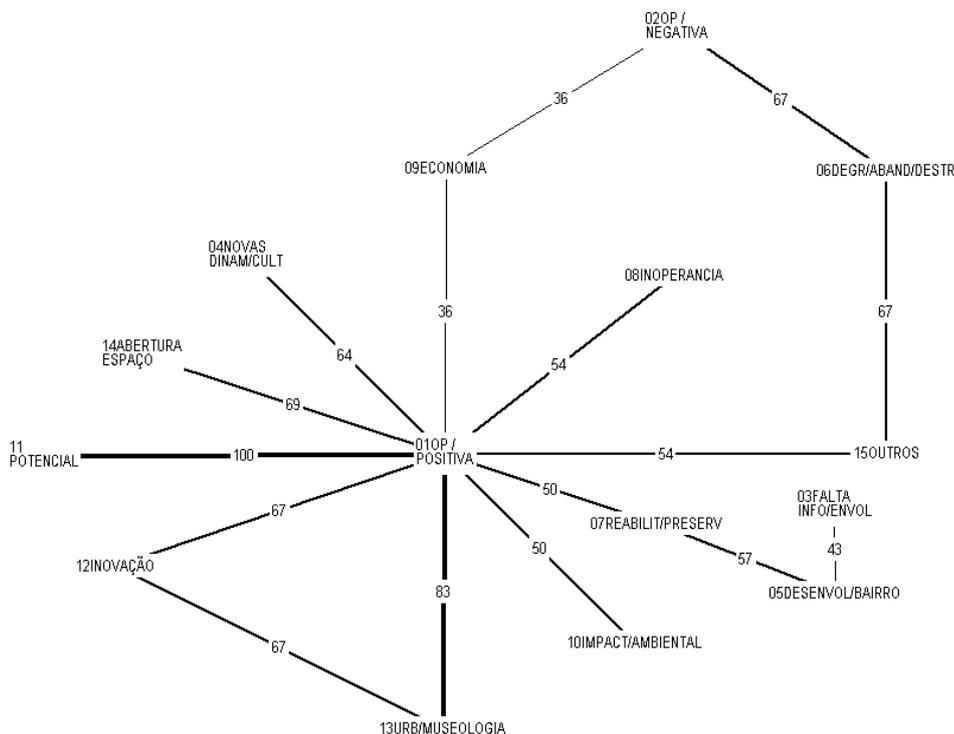
**Tabela.nº10 – Resultados por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação dos termos/palavras ditas na resposta B11.1 e pelo total de inquiridos.**

Na Tabela nº 10 podemos desta forma verificar as palavras que compõem cada categoria, o valor relativo para o total de evocações e respectivas percentagens. Neste sentido, verificamos que a categoria 1 / *Opinião Positiva (OP/Positiva)* é a que mais se destaca apresentando mais palavras (65), registando uma maior percentagem de evocação (24,7%) e o maior número de ocorrências (65). A percentagem de evocação de cada uma das categorias, foi obtida em função do total de evocações verificadas (264).

Como vimos anteriormente no tratamento dos resultados do Modulo A, a leitura desta tabela põe ainda em evidência a importância relativa das evocações por ordem de evocação. Desta forma, verificamos que os termos mais evocados nos primeiros lugares pertencem às seguintes categorias: 1 / *Opinião Positiva (OP/Positiva)*, 2 / *Opinião Negativa (OP/Negativa)* e 3 / *Falta de Informação / Envolvimento (Falta Inf. / Envolv.)*.

Para verificar a forma como estas categorias se relacionam entre si e perceber o grau de associação entre categorias no conjunto da amostra, construiu-se, a partir dos resultados desta categorização, uma matriz de semelhanças que exprime o cálculo do índice de implicação (Apêndice XVI).

Com base nesta matriz de semelhanças foi efectuado automaticamente pelo programa informático um tratamento gráfico de correspondências que deu origem ao grafo da Figura nº 25 que se segue:



**Figura nº 26 – Árvore máxima de implicação entre categorias da pergunta B11.1, Total / inquiridos.**

Na árvore máxima da Figura nº 25, que como acabámos de mencionar constitui a estrutura gráfica da matriz de semelhanças (Apêndice XVI), podemos verificar que a maior parte das categorias se organizam em torno de um elemento central referente à primeira categoria - *1 / Opinião Positiva (OP/Positiva)*. Esta matriz cognitiva revela-nos, também, a existência de estruturas de tipo triangular e quadrangular que se desenvolvem em conexão com esta primeira categoria e que ligam entre si, com fortes índices de implicação as categorias: *1 / Opinião Positiva (OP/Positiva)*, *13 / Urbanismo e Museologia (URB/MUSEOLOGIA)*, *12 / Inovação (INOVAÇÃO)* e *1 / Opinião Positiva (OP/Positiva)*, *15 / Outros (OUTROS)*, *6 / Degradação, Abandono e Destruição (DEGR/ABAND/DESTR)*, *2 / Opinião Negativa (OP/Negativa)*, *9 / Questões Económicas (ECONOMIA)*. Finalmente, destacamos a forte implicação (100%) entre a primeira categoria e a décima primeira categoria *11 / Potencial (POTENCIAL)*.

Para encerrar esta apresentação dos resultados, não queremos deixar de referir a não inclusão dos dados respectivos à *variância* de representação do espaço vivido, quer em função da distância do lugar de residência dos respondentes, quer da sua própria representação de Museu (Modulo C). As respostas obtidas, não apresentaram no seu conjunto a coerência necessária para tratamento estatístico e serviram apenas de referência muito ténue e pouco consistente. No respeitante à representação dos Museus da cidade de Lisboa, e como se pode verificar em Apêndice XVII o Museu que aparece mais rapidamente evocado e o maior número de vezes referido pelos inquiridos é o Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA).

No Capítulo IV, que se segue, procederemos a uma análise detalhada e argumentaremos o possível significado destes resultados que acabámos de apresentar em face do enquadramento teórico e dos autores que serviram de base a esta investigação.

# **CAPÍTULO IV**

## **DISCUSSÃO**

*“Os factos sem teoria são pedaços de informação sem sentido. Eles adquirem significado quando se relacionam entre si por meio da construção teórica”*

Cliff Moughtin, (2003).

## Discussão dos Resultados

Com base nos resultados que no Capítulo anterior acabámos de expor, apresentamos seguidamente uma análise detalhada das características mais salientes da representação social que o público interno do Museu Nacional de História Natural e da Ciência e a sua envolvente urbana têm acerca do espaço que foi tema central desta investigação. Estes resultados permitiram identificar quantitativa e qualitativamente a estrutura interna dessa rerepresentação.

Como vimos, os resultados quantitativos, nomeadamente a *objectivação* e *ancoragem* da representação, foram fruto da aplicação do programa informático EVOC2000 (Vêrges, 2003). Em primeiro, no que se refere à *objectivação*, obtivemos por essa via a concretização da ideia-comum da representação e só depois o grau da sua homogeneidade. Em segundo lugar, no que respeita à *ancoragem*, foi possível a obtenção de dados quantitativos que possibilitaram a análise das diferenças relativas à estrutura cognitiva da representação, nos quatro subgrupos de respondentes. Já os resultados de natureza qualitativa foram principalmente fruto de um tratamento e análise, assente no modelo de trabalho desenvolvido por Kevin Lynch (1960) e baseado na descrição individual das vivências quotidianas solicitadas aos diversos grupos inquiridos, seus testemunhos, graus de satisfação e expectativas sobre as transformações do Bairro, bem como sobre o futuro da Unidade de Museus que se encontra sob Tutela da Universidade de Lisboa.

Seguiremos, nesta discussão, a mesma linha de exposição do capítulo anterior mantendo, a mesma coerência de apresentação dos resultados. Assim:

- Uma breve Caracterização Social dos Inquiridos;
- A Análise de Conteúdo que resultou do tratamento semântico e de uma categorização dos termos e conceitos mais salientes nas narrativas escritas e orais recolhidas;
- A Representação Social do Museu Nacional de História Natural e da Ciência. A totalidade dos inquiridos (em resposta ao Módulo A do Questionário /

Entrevista), produziu associações livres em face de uma imagem indutora (Apêndice I), que foram automaticamente distribuídas pelos quadrantes do modelo informático que utilizámos, a partir do qual obtivemos uma primeira estrutura da representação. Os termos evocados foram posteriormente categorizados e analisados;

- A Relação com o Espaço, Expectativas e Projecções de Futuro. Lembramos que foi solicitado aos respondentes que desenhassem um pequeno esboço do espaço em estudo acompanhado por uma legenda com numeração graduada, de forma a revelar a importância percebida do local. Estes desenhos foram posteriormente tratados a partir de um Diagrama de Análise Figurativa que construímos para o efeito. A sua legenda foi submetida primeiro a um tratamento semântico e posteriormente a uma análise, por categorias;
- Finalmente, apresentamos neste Capítulo uma proposta de Modelo de Acção que pensamos possa vir a contribuir para a avaliação conjunta e sistematizada de natureza quantitativa e qualitativa do impacto social do museu e das instituições culturais na cidade e que foi por nós construído a partir, sobretudo, dos modelos teóricos de Moscovici (1961) e Lynch (1960). Este Modelo foi ele mesmo consequência lógica do processo de trabalho utilizado na presente investigação.

Em primeiro lugar, convém referir a categorização social dos inquiridos. Como expresso anteriormente, apurámos que, quer as intervenções orais e escritas, quer as respostas ao nosso *Questionário/ Entrevista*, foram produzidas por uma amostra maioritariamente de Género feminino (Gráfico nº 3/Género), cuja média de idades oscilou entre os 30 e os 59 anos, com um grau de instrução superior e quase na totalidade provenientes da classe média (média alta, média, média baixa). Em segundo lugar, interessa referir que existe um grupo significativo de respondentes que mantêm contacto com o espaço há mais de 25 anos (Gráfico D7), mas a grande maioria de respondentes refere ter um contacto relativamente recente com o lugar em estudo, estabelecido numa faixa temporal que se situa entre os 1 a 15 anos.

Face às narrativas obtidas, será interessante notar que o discurso se centra quase sempre num passado relacionado com aspectos patrimoniais e históricos onde, sobretudo, são

marcantes as referências que remetem para a «riqueza» das colecções de que aquelas instituições são «guardiãs», para o carácter institucional e para o poder associado aos aspectos físicos / arquitectónicos do edificado existente. Como vimos no Capítulo I, e como nos refere Hooper-Greenhil (1990), estes dados parecem confirmar uma imagem intangível e pouco contemporânea do Museu – “*Contemporary [Museum] space is still not entirely desanctified and this hidden presence of the sacred nurtures spatial divisions that we nowadays take for granted*”. O discurso sobre o futuro do espaço assenta quase sempre nesta memória de um passado notável, erudito e inestimável (Tabela nº 3).

No tocante aos espaços do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, os resultados revelaram (Tabela nº 4) que os respondentes identificam primeiramente a imagem do espaço com a **Escola Politécnica**, com a **Faculdade de Ciências**, com um **Museu**, com o **Museu Nacional de História Natural**. Estes termos correspondem ao *núcleo central* da representação e revelam uma forte associação a um carácter institucional e, em nosso entender, uma identidade fragmentada do espaço, ainda relacionada a um tempo e a uma função que só tenuemente corresponde à realidade presente. No entanto, em termos de senso-comum, a ideia da existência de um Museu, nomeadamente do Museu Nacional de História Natural, constitui parte integrante dos elementos estáveis/concretos da representação do espaço.

Num primeiro nível do *sistema periférico* e envolvendo este *núcleo central*, surgem as referências às **Exposições** e ao **Jardim Botânico**, bem como à designação **Museus da Politécnica**, ao **Património** existente, à **Universidade**, às funções de ensino (**Escola**) e à **História**. A envolvente urbana próxima através da evocação da **Rua da Escola Politécnica** também aparece aqui referida. Estes elementos equivalem a evocações ambíguas, ainda indefinidas. Ou seja: a informação encontra-se ainda pouco estruturada mas já quantitativamente acessível (são estes elementos que podem alterar o *núcleo central* da representação ao longo do tempo e das vivências, contribuindo eventualmente para uma maior definição do espaço). Na linha do pensamento de Kevin Lynch (1960), poderíamos afirmar que estes mesmos elementos contêm um potencial latente para reforçar a *Imaginabilidade* do lugar “ (...) *facilitando a produção de imagens mentais vivamente identificadas [e] poderosamente estruturadas*” (Lynch, 1960; p.17). Só posteriormente os respondentes

consideram as evocações, **Ciência / Museu de Ciência, Conhecimento, Saber, Cultura, Dinossáurios, Incêndio, Colégio dos Nobres** e, ainda, **Sala do Veado e Trabalho**. Estas evocações que surgem num segundo nível do *sistema periférico* constituem o conteúdo activo que dá sentido ao objecto da representação, correspondendo em nosso entender aos elementos funcionais/ práticos que permitem aos sujeitos fazer a ponte com os elementos do *núcleo central*, tornando-os familiares.

No que respeita à categorização, o espaço surge associado a uma imagem negativa – espaço fechado e abandonado – sendo, no dizer dos respondentes, um “*desperdício de local*” ou um “*local que poderia ser e não é*”, com forte carácter institucional, uma “*Instituição Pública*” ou uma “*Instituição Antiga*” mas ainda assim, associado a memórias de um passado positivo, um “*espaço agradável*”, um “*bonito edifício*”, onde se vivenciaram momentos importantes quer da vida pessoal e afectiva dos respondentes – recordações da “*infância no Jardim Botânico*” ou os “*anos de namoro no Jardim Botânico*”; quer da vida social da cidade – os alunos que “*(...) vinham comer Bolas de Berlim*” à leitaria do Bairro ou que alugavam quartos na vizinhança “*(...) o quarto da Cecílio de Sousa*”. Ou, ainda, da vida política do País – a importância política daquele lugar da cidade e as “*Manifestações nos anos 70*” na Faculdade de Ciências ou as investidas da polícia política sobre os alunos, antes do 25 de Abril, “*(...) quando aparecia a PIDE havia sempre confusão*”. A imagem positiva do espaço só aparece saliente no grupo de informadores privilegiados e em forte associação com as categorias **Actividades, Lazer e Eventos e Ideias Criadoras de Futuro**.

Na representação gráfica de implicação das categorias, em árvore (Figura nº 19), a ideia do espaço mais uma vez surge associada à **Faculdade de Ciências**, confirmando a *objectivação* expressa no *núcleo central* da representação. Numa análise mais fina, as categorias que *ancoram* essa representação continuam a ser as categorias associadas à **História / Património**, ao **Carácter Institucional e Poder** e à memória da **Faculdade de Ciências** que é uma realidade para o total dos inquiridos, prevalecendo em todos os grupos que compuseram a nossa amostra. Ainda neste mapa cognitivo, facilmente percebemos que as evocações relativas às categorias **Exposições e Jardim Botânico** são também condicionantes da representação. Este aspecto é também confirmado na árvore máxima do total de respondentes, onde é igualmente bem visível a forte relação existente entre a categoria **Comunicação/ Divulgação e História / Património**. Nesta mesma árvore, por nos parecerem

particularmente interessantes, destacamos as triangulações e os esquemas quadrangulares que se estabelecem em torno da categoria **Universidade de Lisboa** e em torno da categoria **Jardim Botânico**. A observação desta estrutura sugere-nos a seguinte leitura:

- A **Universidade de Lisboa** imprime um **Carácter Institucional e Poder** à representação do espaço;
- O espaço é parte integrante da **História e Património da Universidade de Lisboa**;
- O **Conhecimento e a Investigação** produzidos nas Instituições que habitam o espaço, são uma forma de Poder e constituem, também, **História e Património da Universidade de Lisboa**;
- Naquele espaço existem um **Jardim Botânico, Exposições e Actividades de Lazer e Eventos**.

Como vimos anteriormente no Capítulo II, segundo a TRS, este tipo de esquemas sintetizam associações do domínio consciente, necessárias à organização interna da representação.

Por seu turno, no grupo de Residentes (Figura nº 22) e muito embora persista uma ténue imagem negativa do espaço, destaca-se na representação, a evocação de termos associados ao **Jardim Botânico**. Constatamos ainda uma conexão deste jardim com as **Exposições** e com as evocações relacionadas com **Urbanismo e Vivências** exprimindo, em nosso entender, um significativo potencial do espaço como lugar de encontro e lazer no Bairro. No entanto, é igualmente perceptível, na análise da estrutura cognitiva destes respondentes, uma clara fragmentação da identidade do lugar. Esta dispersa-se pelas diversas instituições com existência real no espaço – **Museus da Politécnica, Jardim Botânico, MNHN, MCUL**. Interessante é verificar, ainda, as fortes implicações estabelecidas em torno da categoria **Exposições** (Figura nº 22), que em nosso entender evidenciam claramente uma lógica que se poderia descrever sucintamente como:

- O espaço onde se fazem as **Exposições** é o espaço do **Colégio dos Nobres**;
- O espaço tem **Exposições de Ciência e Natureza da Universidade de Lisboa**;
- As **Exposições** são organizadas pelo **MCUL** e pelos **MP** que habitam no espaço;

- As **Exposições** implicam **Pessoas** no espaço.

Esta cognição espacial vem confirmar, novamente e em nosso entender, uma imagem pouco precisa do espaço quer no que respeita às actuais funções, quer em termos institucionais.

No que diz respeito aos resultados do grupo de Serviços e Comércio (Tabela nº 8), permanece também uma imagem associada a **Aspectos Negativos** e ao **Carácter Institucional e Poder** do espaço. Na estrutura cognitiva (Figura nº 23) é, no entanto, perceptível que a representação se organiza a partir da associação estabelecida com as **Actividades, Lazer e Eventos** que acontecem na envolvente urbana (**Urbanismo e Vivências**), no espaço da **Faculdade de Ciências** e no **Jardim Botânico da Escola Politécnica**. Nesta estrutura gráfica, mais uma vez se verifica que a identidade do espaço é fragmentada. De facto, o MCUL e os MP são elementos que fazem parte do domínio consciente na representação mas aparecem com ténue expressão, enquanto o MNHN se articula com o **Noviciado da Cotovia**, elemento fundador fortemente associado a uma memória institucional do espaço.

Durante a recolha de dados junto dos Informadores Privilegiados / Grupo Preferencial anotámos nas suas respostas ao *Questionário / Entrevista*, uma visível resistência / defesa, de grande parte dos respondentes. Numa análise detalhada à árvore máxima elaborada a partir dos dados recolhidos, verificámos que existe uma forte implicação entre as categorias que fazem parte da estrutura cognitiva deste grupo de respondentes. Assinalámos, ainda, que os inquiridos se centraram sobretudo em evocações relativas a **Aspectos Positivos** categoria que corresponde a um núcleo fortemente organizador da representação. Estes **Aspectos Positivos** aparecem, na sua maioria, associados a **Memórias** pessoais e afectivas e à sua própria vivência pessoal do espaço. É muito interessante analisar que, neste grupo, as evocações relativas a **Ideias Criadoras de Futuro** surgem relacionadas à evocação da **Escola Politécnica** e a aspectos relacionados com o **Urbanismo e Vivências** no Bairro.

Destacamos que na análise dos mapas cognitivos dos diferentes grupos de respondentes (Figuras nº 21, nº 22, nº 23 e nº24) existem algumas categorias que não têm qualquer expressão na representação. Em contraste com este resultado, contudo, no Gráfico

Total das categorias como na respectiva árvore máxima (Figuras nº 19 e nº 20), verifica-se exactamente o oposto. Ou seja: aqui todas as categorias surgem implicadas entre si. Por exemplo, dos resultados apurados para o grupo de Funcionários, não fazem parte da estrutura cognitiva as categorias – **Pessoas e Acessibilidade Vias e Transportes**. Este facto reforça a ideia com que ficámos inicialmente de que as instituições que habitam aquele lugar, estão sobretudo centradas no seu património e nas suas colecções e estão fechadas sobre si próprias, num modelo de gestão «*inward-looking*» – menos centrado no visitante ou nas pessoas da envolvente próxima. Já para os Residentes, não têm expressão na representação as categorias **Ensino e Aprendizagem, Colecções e Tesouros, Vias, Acessibilidades e Transportes e Comunicação e Divulgação**. Assim sendo, para estes Residentes o espaço já não aparece associado a um lugar de ensino. O interior e conteúdos desse espaço, permanecem uma incógnita, fruto da pouca acessibilidade ao espaço e, certamente, à pouca informação que lhes chega sobre as novas funções do lugar. O mesmo sucede com os resultados do grupo de Serviços e Comércio, onde constatámos que as categorias **Comunicação e Divulgação e Colecções e Tesouros** não assumem expressão significativa na representação, enquanto, que as evocações relativas ao **Incêndio** são inexistentes. No grupo de Informadores Privilegiados, verificámos, mais uma vez, a ausência de evocações relativas às categorias **Comunicação e Divulgação, Colecções e Tesouros** que continuam a não ter expressão no respectivo mapa cognitivo. Verificámos também aí a inexistência da categoria **Pessoas** bem como das evocações **Museus da Politécnica e Universidade de Lisboa**. Assumimos esta constatação como evidência paradoxal, sobretudo por se tratar de evocações que respeitam a agentes que são parte integrante da futura regeneração e requalificação museológica e urbanística do espaço. Pensamos pois que as expectativas e projecções de futuro deste grupo sobre o espaço do Museu estão fortemente associadas a uma memória social relativa à **Escola Politécnica**.

De notar que na análise dos resultados apurados para avaliar a caracterização e centralidade da representação (Gráfico A3/Total), a maioria dos respondentes associa o espaço com um Museu. Esta imagem é por nós apenas presumida. Contudo ela torna-se evidente quando considerada a soma entre subcategorias, confirmando, mais uma vez, a fragmentação identitária anteriormente detectada. Destacamos também que a maioria dos inquiridos considera que o espaço é “(...) *um sítio agradável onde há lugar a aprendizagens variadas*” e que “(...) *não existe, apenas, para servir a Universidade de Lisboa*”, tendo “(...) *um enorme potencial como motor de desenvolvimento da cidade*”. Como vimos no capítulo

anterior o grupo entrevistado de Serviços/Comércio foi o que apresentou maior taxa de «não resposta» às questões que visavam avaliar a caracterização e centralidade da representação, o que vem demonstrar, em nosso entender, que é nítida a falta de informação e divulgação entre instituições vizinhas que partilham o mesmo Bairro da cidade e que é notório um isolamento em termos de comunicação institucional. Esta constatação reforça a ideia da necessidade de maior abertura a novas parcerias e a novas dinâmicas, exigidas pelo potencial daquele espaço da cidade.

No seguimento destes resultados e com o sentido de descortinar a organização interna do local e sua integração no Bairro, solicitámos aos respondentes que nos desenhassem aquele espaço.

Estes desenhos, que à partida podiam parecer insignificantes revelam, no seu conjunto, a existência de uma forte fragmentação espacial. De facto, obtivemos projecções de imagens de bolsas autónomas, com destaque de elementos condicionantes de circulação interna, com pouca abertura ao espaço público e onde são raras as menções a elementos de contacto com a envolvente exterior. De referir, ainda, que apenas um dos desenhos, na totalidade dos respondentes, faz alusão à figura humana, confirmando, mais uma vez, que o espaço não está centrado nas pessoas. Neste sentido, relembramos a necessidade que anteriormente referimos de recentrar o «olhar» das instituições Museológicas nos cidadãos e na urgência de novas dinâmicas participativas entre o Museu e a cidade, na recuperação dos espaços culturais em território urbano. Como refere a este propósito Jan Gehl (2010b), *“Tradicionalmente, o desenvolvimento [urbano] tem sido planeado com base na fórmula – primeiro os edifícios, depois os espaços, em seguida (talvez) a vida. No planeamento [urbano] actual, esta fórmula deve ser invertida, e a ordem das premissas deve ser reposta – que tipo de vida queremos aqui, que tipo de espaços serão necessários para esta vida, e, finalmente, como podem os edifícios nesta área ser colocados de forma a apoiar esses espaços e a vida nesta área? Em suma, a fórmula deve ser: primeiro a vida depois os espaços, em seguida edifícios”*. A partir desta transformação teremos, provavelmente, interiorizadas novas representações cognitivas do espaço das nossas cidades.

Completando a informação sugerida por estes desenhos (Figura nº 25), o tratamento semântico da legenda que os acompanhava (Tabela nº10) revela que o *núcleo central* da representação do espaço do MNHNC tem como elementos estáveis o **Atrium** e o **Edifício**

**Principal**, a **Escadaria Principal** e o **Portão do Jardim Botânico** que poderíamos considerar como elementos marcantes a conferir distinção e autoridade ao espaço. Os elementos singulares e predominantes surgem num primeiro *sistema periférico* envolvente na estrutura da representação: a **Avenida das Palmeiras**, o **Claustro/Jardineta**, o **Jardim Botânico**, o **Laboratório Químico**, o **Picadeiro**, o **Portão/Portões** e a **Rua da Escola Politécnica**, que se constituem como componentes visuais singulares, fortemente evocados mas ainda ambíguos em termos de integração no todo. Contêm, contudo, um enorme potencial de reforço da imagem e identidade do espaço. Como interfaces com o exterior, funcionando como elementos práticos e funcionais, encontramos os elementos constituintes do segundo *sistema periférico* da mesma estrutura da representação: a **Antiga Cantina**, a **Exposição Aventura da Terra**, o **Lagartágis**, a **Biblioteca**, a alusão conjunta ao **MNHN/MCUL** e ainda a **Sala do Veado**. Referenciam elementos que fazem claramente a ponte com os elementos do *núcleo central* (Tabela nº10).

Ainda sobre as vivências do espaço e sua relação com o Bairro, surge uma questão que suscitou alguma hesitação aos inquiridos. Com os resultados obtidos não conseguimos definir uma linha de fronteira que delimitasse visivelmente o Bairro. No entanto, nos Mapas nº 2, nº 3, nº 4 e nº 5 em Apêndice XII, percebemos que tendencialmente o limite mais estável se localiza a Este, correspondendo ao eixo Parque Mayer / Alegria. Este limite, é claramente demarcado em face da própria estrutura da cidade, por força da existência do eixo limite da Av. da Liberdade que funciona como uma barreira/fronteira natural do território urbano. Em contraponto, o limite mais difuso corresponde ao limite Sudoeste que se estende até à Estrela, com percentagens de evocação muito ténues e geograficamente dispersas. Constatamos ainda, nesta vertente Sudoeste, que a Rua da Escola Politécnica constitui uma importante via de comunicação interna do Bairro, assim como acontece, embora mais tenuemente, com a Rua Nova de São Mamede.

Relativamente a estes limites evocados, verificámos, também, que as vivências quotidianas influenciavam claramente a percepção do espaço dos seus utilizadores. Neste sentido, conseguimos perceber e delimitar quatro representações espaciais do Bairro em função dos grupos entrevistados:

- O Bairro dos Funcionários, centrado sobretudo nos eixos internos de comunicação, nomeadamente na Rua da Escola Politécnica;
- O Bairro dos Residentes que se desenvolve, sobretudo, pela encosta Sudoeste entre a Rua da Escola Politécnica e a Praça das Flores com alguma dispersão geográfica até à Calçada da Estrela;
- O Bairro dos Serviços/ Comércio, cujas vivências se concentram a Oeste, junto ao Largo do Rato;
- O Bairro dos Informadores Privilegiados que se centra, sobretudo, a Sudeste em torno do Príncipe Real mas que apresenta ainda alguma dispersão até ao Chiado.

A este propósito Humain-Lamoure (2007), num estudo sobre a representação social do «*Quartier Latin*» em Paris, refere que este tipo de análise territorial permite hierarquizar os elementos da *Imaginabilidade* de um Bairro e que a construção de uma ideologia territorial com base na memória, corresponde a um processo de delimitação interna dos sujeitos, estruturado por zonas ou por identificação de fronteiras e limites que tenham sentido funcional para seus habitantes.

No que respeita ao espaço de ocupação do Museu no Bairro, quase metade dos respondentes considera a área ocupada pelo Edificado e Jardim, embora exista uma percentagem de respondentes (16%) que só considera na sua representação, o Edifício Principal como espaço museal. Não considerando o Jardim Botânico como pertencente ao Museu.

Relativamente aos circuitos dentro do espaço do Museu foram poucos os sujeitos a responder à Questão inicialmente colocada sobre os «circuitos pessoais» que, por norma, são percorridos no interior do local. Perante esta solicitação, notámos uma enorme resistência e desconfiança, em especial da parte dos Funcionários. Os resultados revelaram-se complexos e incoerentes, pelo que apenas os utilizamos como referências pouco consistentes e insuficientemente credíveis para tratamento e apreciação.

Já no que respeita à vivência do espaço interno do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, o sítio de maior relevância para os respondentes é o Jardim Botânico,

enquanto que só no grupo dos Funcionários surge referência significativa ao Edifício Principal. Pensamos que este facto se prende com a resposta à pergunta seguinte do *Questionário / Entrevista* que visava precisamente o local onde os respondentes passavam mais tempo. A maioria dos Funcionários respondentes afirmou que o lugar onde passa mais tempo, corresponde ao espaço dos gabinetes/laboratórios. Neste aspecto, quisemos também entender que tipo de vivência do espaço é percebida pela comunidade envolvente e verificámos que a maioria desses respondentes afirma raramente ou nunca ter ali entrado. Dos respondentes que afirmaram conhecer o espaço, o Jardim Botânico corresponde ao seu local preferido, confirmando assim a resposta anterior de que este Jardim se constitui como um espaço importante do Bairro. Esta realidade é sobretudo inteligível nas respostas do grupo de Residentes.

Não queremos deixar de fazer notar alguma perplexidade relativamente ao facto da maioria dos respondentes considerar nas suas respostas que existe uma forte integração do espaço em estudo, no Bairro. Este facto é tanto mais evidente quanto, como atrás mostrámos, a relação com a comunidade envolvente não assume relevo significativo. Procurámos perceber qual a natureza dessa evocada relação e verificámos então, que tal percepção não ia além da presença física dos edifícios no espaço urbano, com referências a almoços, cafés e lanches no Bairro. Tal perspectiva foi confirmada quando perguntámos aos inquiridos quais os locais que mais frequentavam no Bairro, tendo-se obtido uma esmagadora resposta centrada na categoria **Restauração**<sup>41</sup>.

Encontramos também uma evidente dicotomia na evocação sobre a existência dos dois jardins no Bairro, um *Jardim Interior / Fechado / Inacessível* (Jardim Botânico) e um *Jardim Externo / Aberto (público) / Acessível* (Jardim do Príncipe Real). Verificámos uma clara preferência dos respondentes por espaços abertos, de fácil acesso e maiores oportunidades de contacto humano. Parece evidente como diz um provérbio escandinavo -

---

<sup>41</sup> Interessa referir aqui que em 1994, no relatório final da avaliação de públicos realizado pela GEOIDEIA (1994) quando da exposição “*Dinossáurios Regressam a Lisboa*”, foi então detectado um incremento significativo no pequeno comércio local – cafés, mercearias, restaurantes. Porém o mesmo relatório faz notar que 70% dos 200 residentes então inquiridos, declararam não frequentar regularmente o museu. Neste mesmo relatório refere-se que 45% dos inquiridos gostaria de ser consultado com regularidade sobre futuras iniciativas do museu, quer por meio de inquéritos, quer pela promoção de reuniões entre habitantes, estruturas organizativas do Museu e Junta de Freguesia. Ou seja: já em 1994, os residentes desejavam ser informados, consultados e integrados nas dinâmicas culturais locais. A grande maioria considerava – diz o relatório – que o dinamismo cultural do museu poderia ser o motor da melhoria da imagem do Bairro.

“*people come where people are*”. Jan Gehl (2006) afirma a este propósito que as pessoas preferem espaços que facilitem a socialização da vida urbana, onde possam ver e estar com outros indivíduos – “ (...) *Wherever there are people (...) it is generally true that people and human activities attract other people. People are attracted to others. New activities begin in the vicinity of events that are already in progress. (...) In the home we can see that children prefer to be where there are adults or where there are other children (...) in residential areas and in city spaces, comparable behavior among adults can be observed*” (Gehl, 2006; p. 11-12).

Entretanto, também, na avaliação das expectativas (Gráficos B7), verificámos que existe um consenso generalizado entre os respondentes, assente na ideia que a relação deste espaço com a comunidade envolvente passa pela existência da criação de mais actividades e eventos, por uma maior informação e divulgação sobre a história, conteúdos temáticos e programação que tenha lugar no espaço, por uma maior abertura institucional à cidade. Mais uma vez se torna evidente que para além de uma consolidação museal fundadora a delimitar o reportório patrimonial e a vocação institucional, pode ser particularmente apelativa a criação de alguns equipamentos no interior do Museu. De acordo com alguns dos inquiridos, por exemplo: um bar, um café, um restaurante, uma loja ou uma livraria, um pequeno supermercado adequado à qualidade e significância do espaço, podem ser efectivamente favoráveis à suficiente atractividade para os cidadãos e visitantes (Gráficos B9) e permitirão seguramente constituir parte de um plano de sustentabilidade que garanta a implementação e desenvolvimento de futuras acções museológicas.

Ainda, em relação ao projecto vencedor do Concurso de Ideias e ao Plano de Pormenor do Parque Mayer<sup>42</sup>, verificámos que, no universo dos inquiridos, existia um claro desconhecimento dos processos em curso, a denunciar uma evidente falta de informação e envolvimento da população entrevistada. Contudo, percebíamos uma atitude positiva fortemente organizadora da representação e expectativas futuras sobre a transformação daquele espaço da cidade. Esta atitude prende-se, sobretudo, com questões que implicam directamente o desejo de reabilitação e reintegração (princípios de inovação) Urbanística e Museológica do espaço. De facto, quer o público interno quer o público externo do Museu consideram necessária uma intervenção neste lugar da cidade. Expectantes por uma maior

---

<sup>42</sup> Em Anexo III

abertura do espaço e por novas dinâmicas culturais no Bairro, os respondentes revelaram nos seus discursos não serem, indiferentes às questões de impacto ambiental e à reabilitação e preservação do património material e imaterial, necessariamente inerentes ao futuro desenvolvimento do Bairro. De facto, a leitura do mapa cognitivo fruto do cálculo dos índices de implicação entre categorias de expressões evocadas (Figura nº 26), revela, em nosso entender, uma estrutura «sombra», encimada por uma opinião negativa directamente relacionada com questões económicas, com o estado de degradação a que o espaço chegou, à inoperância e ao descrédito resultante da não execução de anteriores projectos e processos de mudança para aquele local.

Em síntese, assumimos que a abertura do espaço da Unidade dos Museus da Universidade Lisboa à cidade poderia constituir um promissor processo de regeneração Urbanística e Museológica. Neste sentido, consideramos premente o investimento em acções centradas na recolha de memórias, percepções, avaliações individuais e colectivas dos cidadãos, bem como a avaliação do seu grau de satisfação e das suas próprias aspirações face ao futuro do espaço e do Bairro. Só conhecendo e reflectindo conjuntamente com todos os actores sociais nos processos de regeneração do território urbano, será razoável promover espaços com forte identidade, de forma a desenvolver novas dinâmicas e potenciar outros espaços culturais da cidade, não apenas a partir de um paradigma de natureza estritamente económica mas, sobretudo, a partir do seu impacto social. No futuro, acreditamos que será esse o caminho para o desenvolvimento de novos espaços museológicos e culturais, cujo efeito social permita estimular o aparecimento de novas representações do real e contribuam, desta forma, para a transformação das diferentes práticas de renovação da vida urbana.

A investigação prosseguirá, assim, na persecução dos princípios fundadores do movimento renovador dos paradigmas museológicos com origem, como vimos anteriormente, na Mesa Redonda de Santiago do Chile nos anos setenta – uma *Nova Museologia* – envolvida na melhoria do desempenho social dos espaços museológicos e urbanos enquanto garante do desenvolvimento sustentado das comunidades.

Como verificámos inicialmente e confirmámos pela análise dos nossos resultados, continua a ser necessária uma mudança de paradigma na gestão das tradicionais práticas da Museologia. Neste sentido, relembramos as palavras de Giandoménico Almendola (2000),

quando afirma que “(...) *na nova cidade contemporânea o velho e tradicional modelo de museu (...) parece destinado a desaparecer*” (Almendola, 2000; p. 243),. Como ficou visível no desenrolar do nosso Argumento, o Museu centrado unicamente nas suas colecções e património, acabará rapidamente isolado do mundo e das suas envolventes sociais e será incapaz de se adaptar às mudanças que visem a sua inovação. O Museu não deve continuar associado a uma imagem do passado se quiser cumprir o seu papel de mediador social. Propomos aqui, portanto, um outro paradigma rumo a uma «*conversão do olhar*» e ao abandono dos velhos constrangimentos do museu tradicional. Torna-se imperativo centrar o Museu nos cidadãos e na sua real função social.

Esta mudança radical requer, assim, que o Museu se abra às suas envolventes, estabelecendo relação com as comunidades de implantação, identificando as suas necessidades e aspirações e integrando esses valores na sua própria missão e objectivos, com uma adequada estratégia de inovação. Ao responder às necessidades externas e ao estabelecer relação social, os museus criarão novas dinâmicas e novas práticas, tornando-se participativos e activos na vida cívica das respectivas comunidades envolventes e fortalecendo conseqüentemente, a sua identidade e confiança de forma a criar novas oportunidades de diálogo e constituir parcerias e redes de trabalho local. Assim sendo, os museus assumir-se-ão como plataformas criativas da cidade, contribuindo para a renovação do seu capital social e para o desenvolvimento sustentável do território urbano.

Como vimos no início do nosso trabalho, gerir um museu requer uma experiência de transcendência e de transdisciplinaridade ou, mais precisamente, uma especial exigência de relação e conhecimento dos valores e representações de uma comunidade. Neste sentido, os museus podem constituir-se como importantes agentes de trabalho eficiente na preservação de memórias locais gerindo a mudança social no território. Como instrumentos pedagógicos, têm como função o alcance da eficácia, através da comunicação competente com os cidadãos. No caso particular da unidade museológica que estudámos, um museu universitário, os factores educacionais devem constituir-se como o incentivo principal ao espírito de pesquisa exigido pela qualidade da investigação<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> A este respeito não podíamos deixar de citar e transcrever um excerto de um artigo de Cristina Bruno (1997), sobre a função dos museus universitários:

“ (...) *Os museus são instituições vocacionadas para a produção e sistematização do conhecimento, e comprometidas com a extroversão e socialização destes processos e de*

No primeiro Capítulo desta investigação, verificámos ser através da acção dos museus na esfera pública que se pode promover o bem-estar e a qualidade de vida das suas comunidades envolventes e se sustentam e desenvolvem novos saberes – novas representações sociais<sup>44</sup>. As representações sociais, como vimos, são uma das mais

---

*seus resultados. Neste sentido, o museu - enquanto modelo de instituição - têm uma explícita cumplicidade com a universidade.*

*Geralmente, destacamos a importância das universidades para os museus. Sublinhamos que a inserção nestas instituições de ensino, pesquisa e extensão, contribui para a estabilidade dos museus, para a configuração de um adequado quadro técnico-científico e para a garantia de financiamento.*

*Sempre esquecemos de salientar que o museu também é muito importante para a universidade, pois tem toda a potencialidade para desenvolver, com igual competência, as três funções já mencionadas.*

*Reconhecemos, também, que diversas facetas das ciências e das artes, quando ensinadas a partir dos museus, assumem uma outra perspectiva para a formação de 3º grau. Da mesma forma, entendemos que as colecções e acervos, enquanto suportes de informação, são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento. Mas, em especial, a extensão museológica pode representar um privilégio para as universidades, no que diz respeito às potencialidades de difusão e incentivo à participação, provenientes das exposições e acção educativo-cultural.*

*Apesar dessa efectiva reciprocidade, nem sempre os museus têm sido aceites no âmbito da lógica académica. A inserção equivocada no organograma universitário, a ausência de instalações tecnicamente adequadas para a implementação do processo curatorial, o não reconhecimento da produção científica relacionada aos estudos museológicos, os impedimentos referentes à progressão das carreiras docentes e técnicas no âmbito dos museus, são apenas alguns dos indiscutíveis sintomas que constroem essas instituições em relação às suas responsabilidades sociais.*

*Entretanto, existem caminhos para que as experimentações museais universitárias possam colaborar, efectivamente, para o desenvolvimento das universidades, desde que não sejam encaradas ou avaliadas como experiências de segunda categoria.*

*Para tanto, gostaria de sugerir que os processos museológicos (institucionalizados ou não) articulassem as suas responsabilidades a partir de três vectores:*

- Planejamento Programático
- Gerenciamento da Informação
- Comunicação Museológica

*Esta articulação, por sua vez, traz, implicitamente, os patamares básicos para a pesquisa e a extensão e deveria servir de estímulo e desafio para o ensino. Refiro-me, especialmente, a uma modalidade de ensino que multiplique a compreensão sobre a natureza e lógica dos museus.*

*Considero que multiplicando vozes estaríamos, também, conquistando aliados para o desenvolvimento dos processos museológicos e, com certeza, ampliando e aprimorando os mesmos” (Cadernos de Sociomuseologia nº 10, 1997, p. 55-56).*

<sup>44</sup> Pensamento que vai ao encontro do pensamento de Sandra Jovechelovitch que transcrevemos no início deste trabalho.

importantes matérias-primas de construção, afirmação e ajuste identitário (Dias 2011). A criação de uma imagem positiva de uma instituição museológica passará, neste sentido, não só pela transformação física/formal (implicada com a reabilitação e requalificação arquitectónica), não só pela transformação económica (entendida apenas com benefícios financeiros, mercantis ou comerciais) mas, sobretudo, pela transformação individual e colectiva da prática de novas estéticas do quotidiano no espaço urbano (implicada com o urbanismo, com as vivências sociais e com o desenvolvimento sustentável).

Vimos como nas últimas décadas as inúmeras instituições museológicas e culturais, contribuíram para a revitalização económica das cidades de implantação, em parte devido à fórmula do «*Efeito Bilbao*». Este impacto económico pautou-se, principalmente, pela atracção cultural através do aumento de fluxos de novos visitantes e pelo aumento de receitas com consequente revitalização comercial. Essa perspectiva torna indiscutível a relação privilegiada entre as instituições culturais e as suas áreas de implementação. No entanto, este efeito económico/financeiro é apenas um elemento a ter em consideração face à profunda relação que pode ser potenciada entre museus e cidades, entre museólogos e urbanistas. A este propósito, Eugénio Turri (2011) refere-se à forte ligação entre o território representado e o território vivido, entre a “*paixão cultural do homem*” e o prazer da acção no território acrescentando, ainda, que a identidade e a qualidade de um espaço depende muito dos seus “*iconemas*”<sup>45</sup> enquanto referenciais do projectar. Como vimos no Capítulo I e como nos relembra o mesmo autor, Kevin Lynch (1960) identificava estas pré-representações da cidade “*como presenças simbólicas, históricas e vivenciais, condições anteriores a qualquer construção urbana que imprimem uma coerência espacial e tornam as cidades em espaços onde os habitantes se reencontravam constantemente*” (Turri, 2011; p.180). Como também anteriormente dissemos no Capítulo I, esta *antropogenia* é válida para muitos dos espaços do quotidiano e é extensível ao espaço dos nossos museus.

Nesse sentido, o trabalho interdisciplinar entre Museólogos e Urbanistas na reconstrução da cidade pode contribuir para que os museus que se constituam como fóruns de cidadania, como *Topoi*<sup>46</sup>, a envolver participativamente os agentes locais numa redescoberta e

---

<sup>45</sup> Unidades semânticas icónicas, que no sentido hermenêutico são consideradas como objectos / conceitos, estáveis, na memória colectiva.

<sup>46</sup> Referência importante na identidade cultural.

transformação do território que acredite “na boa consciência dos cidadãos” (Turri, 2011; p.182). Desta forma, o Museu poderá constituir-se verdadeiramente como mediador urbano, contribuindo para o planeamento participativo, potenciando a vida cultural de uma cidade, melhorando a qualidade de vida de um bairro e a relação entre habitantes, visitantes e passantes, gerando novas dinâmicas de trabalho e redes de solidariedade. Em síntese, que se assuma como garante do desenvolvimento das comunidades e produza um «Efeito Social» na cidade. A este propósito, os irmãos Goodman escreviam em 1947:

*“ (...) Suppose (...) that a number of mighty masterpieces (...) were decentralized from the big museum and placed, one in this neighborhood church and one on this fountain in a local square. Wherever there is a quiet place to pause. A few of the neighbors would come to have a friendly and perhaps somewhat proprietary acquaintance with their masterpiece. Are they not to be trusted so close to the treasure? (...) It would be very interesting for a sociologist to study, with his questionnaires, the effect of those things (...).*

*They have had an effect.*

*When there is such a work in a neighborhood, a stranger, who from afar has heard of its fame, will come to visit the local square where he would otherwise never have ventured.*

*Then the children notice how carefully and reverently he is looking at the [masterpiece] they climb on” (Goodman, Percival & Paul, 1947, p.178)*

Em face dos resultados obtidos, pretendemos ainda, aqui firmar o processo de trabalho que temos vindo a adoptar na presente investigação. Neste sentido, o *Modelo de Acção* que propomos seguidamente constitui, uma recapitulação das etapas sucessivas que percorremos ao longo deste trabalho e que resultaram numa estratégia de avaliação sistematizada do impacto social do museu e das instituições culturais na melhoria do urbanismo aplicado ao território, evidenciando sobretudo a importância da participação pública no «fazer cidade».

Como vimos no Capítulo II, interessa lembrar que este trabalho teve um carácter essencialmente prospectivo e se baseou metodologicamente nos modelos teóricos da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1961) e no Modelo Prático para Dedução da *Imaginabilidade* de Kevin Lynch (1960), métodos aperfeiçoados e operacionalizados, também, por Jodelet (1982), Abric (1984) e Jan Gehl (2006). Estes contributos, que constituíram a génese da presente proposta de *Modelo de Acção*, facilitaram e enriqueceram a pesquisa que realizámos e ofereceram-nos importantes ferramentas de avaliação que nos possibilitaram a obtenção de indicadores de natureza quantitativa e qualitativa.

A coerência interna dos dados que recolhemos sugere-nos que o Modelo pluridisciplinar que construímos de raiz, pode constituir um instrumento de trabalho válido e fiável para a avaliação metodológica do «Efeito Social» do Museu na cidade e, por conseguinte, pensamos que poderá vir a ser aplicado e experimentado como diagnóstico de práticas que visem o trabalho conjunto entre Museólogos e Urbanistas, nomeadamente na implementação de novos projectos culturais em território urbano e, em particular, de programas de reabilitação e requalificação de espaços museológicos da cidade.

Nesta linha e em segundo plano, consideramos importante reconhecer, desde já, que o nosso Modelo implica o que António Damásio (2011) denomina de «*Homeostasis Social*»<sup>47</sup>, implicação confirmada pelos dados obtidos na presente investigação. Pensamos que uma futura utilização deste nosso *Modelo de Acção* terá que ser adaptada, podendo e devendo ser melhorada em função das realidades particulares de cada espaço museológico e urbano e, sobretudo, em função das suas próprias envolventes sociais. Neste sentido, encaramos o nosso trabalho como um protótipo dinâmico, que necessita de ser adoptado em simultâneo com uma pedagogia participativa<sup>48</sup>, tanto mais que presta especial atenção ao envolvimento das pessoas na construção social dos espaços culturais da cidade. Como havíamos anteriormente

---

<sup>47</sup>António Damásio utiliza este conceito defendendo que a construção do mundo social exige harmonia e estabelecimento de relação com outros seres humanos e que os mecanismos que permitem tornar o mundo habitável, dependem de limites, regulações automáticas e de adaptações bio-sociais. Segundo Damásio, as soluções encontradas pelo ser humano, para se adaptar à mudança na arena social, onde os processos de decisão pertencem ao domínio da relação, são muito próximas dos processos encontrados no campo biológico. É neste sentido que, consideramos a mudança e a inovação de uma comunidade ou de uma organização como adaptações sociais e criativas aos processos em curso.

<sup>48</sup> Nina Simon (2009), define uma instituição cultural participativa “ (...) como um lugar onde os visitantes podem criar, partilhar e conectar-se com os outros em volta dos conteúdos. Geradora de meios que permitam aos visitantes contribuir com as suas próprias ideias, objectos e criatividade quer para a instituição, quer para o envolvimento com “o Outro”. Partilhar significa que as pessoas discutem, [reflectem conjuntamente e trocam ideias entre si]. Conectar-se significa que os visitantes socializam com outras pessoas — funcionários e visitantes — que partilham os seus interesses particulares. Os conteúdos são princípios de conversa que envolvem as [pré-representações] dos visitantes sobre a sua evidência, objectos e ideias mais importantes para a instituição em questão.” (Simon, 2009, p. 2)

“O objectivo das técnicas participativas é perceber as expectativas dos visitantes, com o objectivo de os envolver pro-activamente com a instituição e de forma a contribuir para ajustar a sua missão e principais valores. Em vez de oferecer o mesmo conteúdo para todos os visitantes, uma instituição participativa colecta e partilha conteúdos diversificados, personalizados e em constante actualização, co-produzidos com os visitantes. Ela convida constantemente os visitantes a responder e adicionar artefactos culturais, científicos e registos históricos em exposição. Apresenta diversas criações e opiniões de não-especialistas [não académicos]. As pessoas usam a instituição como espaço de encontro e reunião (...). Em vez de ser «sobre» algo ou «para» alguém, as instituições participativas são criadas e geridas «com» os visitantes.” (Simon, 2009, p. 2)

defendido<sup>49</sup>, estudos com esta dinâmica construtivista têm contribuído para que inúmeros museus utilizem estas práticas, sobretudo na compreensão do comportamento dos públicos em relação aos espaços expositivos visitados. No nosso caso concreto, estas experiências revelaram-se para nós essenciais e inspiradoras no ouvir, no falar e sobretudo na observação cuidadosa das pessoas no espaço interno e na envolvente urbana do Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Desta forma, concluímos da importância dos usos, vivências e das expectativas face ao espaço do Museu e da Cidade. Ou seja, através de uma prática relacional, do «restabelecimento das vizinhanças» e da análise das narrativas de todos os agentes envolvidos no processo de mudança, será possível mostrar que existe uma memória social associada a uma história comum entre o espaço do Museu e o Bairro envolvente.

Em resumo conseguimos avaliar o «Efeito Social» do Museu a partir das seguintes etapas:

- **Levantamento e Pesquisa Prévia** – baseada na análise histórica e documental, na análise local e prosseguindo os dados oficiais<sup>50</sup> existentes. Baseando-nos ainda, na análise cartográfica e iconográfica e numa observação/diagnóstico de campo de carácter reflexivo e pessoal;
- **Definição do Campus de Amostragem** – a partir dos dados recolhidos numa primeira etapa de Levantamento e Pesquisa Prévia, definimos os limites territoriais do trabalho e amostragem. Decidimos igualmente quais os pares com interesse mais promissor na boa execução do projecto de recolha de dados;
- **Construção e Validação do Pré-teste do Instrumento(s) de Campo** – que consistiu na construção de um adequado Questionário / Entrevista de 4 Módulos que aprofundam a Identidade do espaço, a Relação dos cidadãos com o espaço, a Proximidade e a respectiva Espacialidade<sup>51</sup>. Finalmente, a Identificação dos Sujeitos respondentes;

---

<sup>49</sup> Cavaco (2000).

<sup>50</sup> No presente estudo do INE / Censos 2001.

<sup>51</sup> No sentido da integração do espaço face ao todo da Cidade.

- **Aplicação do Questionário / Entrevista** – em que se solicitou a um grupo heterogéneo de participantes o preenchimento de um inquérito por nós validado com a ajuda e participação de elementos da Amostra;
- **Tratamento dos Dados e Resultados** – todo o material recolhido foi posteriormente tratado e compilado de forma a podermos perceber e avaliar a representação social do espaço em estudo. O grau de satisfação, as necessidades e as aspirações dos cidadãos, a representação e o «Efeito Social» do Museu na Cidade. Constituíram-se, para finalizar, como objectivo alvo do Modelo.

Como forma de viabilizar a prática entre museólogos e urbanistas e por pensarmos que o *Modelo de Acção* se deve constituir como experiência interdisciplinar e autenticamente democrática que Waldisa Russio (1977) denominava por “*reflexão conjunta de muitas inteligências*”<sup>52</sup>, não finalizámos a nossa «construção», última etapa do *Modelo*. O facto de se tratar de um projecto de natureza genuinamente académica parece poder reforçar a nossa determinação de não integrar aqui essa etapa que, contudo e num outro contexto, não podemos deixar de considerar essencial. Uma futura viabilização possível desta nossa proposta de trabalho parece exigir, de facto, um processo de **Reflexão Conjunta** entre todos os agentes envolvidos<sup>53</sup>. Nela parecem dever entrar em consideração, igualmente, factores políticos (centrais na decisão), factores económicos<sup>54</sup>, factores ambientais e factores humanos / sociais, sendo que estes últimos requerem um suplemento de factor temporal, para que o *Modelo* possa ser sistematicamente monitorizado e actualizado, em função das novas representações sociais e, conseqüentemente, contribua para a criação de novas dinâmicas

---

<sup>52</sup> Waldisa Russio utilizava esta expressão para recordar a importância da interdisciplinaridade como método de pesquisa em Museologia. (Russio, 1977; p. 133)

<sup>53</sup> Propomos que para esta reflexão conjunta se adoptem metodologias participativas como, por exemplo, a didáctica da Oficina Europeia para Construção de Cenários (*European Awareness Scenario Workshop - EASW*). Como referimos no Capítulo I, este instrumento de trabalho já foi adaptado ao campo museal em Itália e foi por nós aplicado com sucesso no Museu Nacional de História Natural e da Ciência num estudo participativo sobre a sustentabilidade futura do Serviço de Educação e Animação Cultural.

O *EASW* tem por base a construção conjunta de visões/ideias de futuro a partir do envolvimento de grupos de reflexão constituídos por elementos com representatividade local, incentivando o debate, através de um conjunto de sessões de trabalho que estimulem a participação social e contribuam para a formação da opinião pública. Como metodologia o *EASW* pretende envolver grupos sectoriais parceiros (*stakeholders*), que no caso particular da construção de um cenário de futuro para o Museu Nacional de História Natural e da Ciência poderiam ser os seus públicos interno e externo (Funcionários, Residentes, Serviços / Instituições e Comércio locais, Informadores Privilegiados) e, ainda, técnicos e decisores.

<sup>54</sup> Entendemos aqui economia como factor de sustentabilidade potenciador de relação.

culturais. Acreditamos, assim, que é a partir destas novas dinâmicas que se pode incrementar valor aos espaços culturais da cidade, que se pode gerar capital social e económico nas respectivas envolventes e gerar novos processos de comunicação, aprendizagem e conhecimento. Assim se promove o senso de propriedade, ou seja, uma maior proximidade dos cidadãos com «os seus museus». Em síntese, espaços museológicos e urbanísticos de sucesso, permeáveis à mudança e à inovação, atributo fundamental das cidades contemporâneas.

Finalmente, permitimo-nos sugerir e deixar registo, ainda que de forma sumária, como resposta a duas questões que a seguir consideramos e que foram uma constante ao longo desta investigação:

- Em primeiro plano saber, como é que um Museu Universitário poderá integrar objectivos sociais e constituir-se como parte efectiva, quer do processo de regeneração da própria Academia, quer do espaço que ela ocupa no território urbano;
- Em segundo lugar e em particular, como é que o MNHNC se poderá envolver na dinâmica do seu «Bairro» de implantação e na cidade.

Objectivamente e como eventual resposta conjunta, pensamos que a Universidade é o lugar por excelência da construção e reconstrução da memória, da produção de conhecimento e por isso mesmo, lugar soberano para a criação de novas representações sobre os nossos quotidianos e sobre o mundo contemporâneo. Neste sentido, e como bem nos lembra Paulo Cunha e Silva “ (...) *um museu Universitário é naturalmente uma colecção de futuros*” (Cunha e Silva, 2001; p. 9) com um forte potencial relacional que, como viemos concluindo, pode constituir-se como uma plataforma criativa da cidade e exercer um papel de mediador na formação da consciência crítica das comunidades. Nomeadamente, no que diz respeito ao aprofundamento dos problemas do território urbano. Por entre as inúmeras dinâmicas possíveis, enumeramos como exemplos de intervenção potencialmente renovadora:

- Uma maior articulação e estabelecimento de programas e redes de parceria com as Juntas de Freguesia locais, com as instituições e serviços vizinhos, com as associações de moradores, com os comerciantes, com os residentes e com as escolas, assim como com as instituições culturais e museológicas da coroa da envolvente urbana, na perspectiva de uma monitorização constante da melhoria da qualidade de vida da envolvente próxima, bem como da galvanização efectiva do público externo na construção da sua cidade;
- Gestão coordenada de informação e públicos entre unidades museológicas e culturais da envolvente, nomeadamente, em associação com o Turismo de Lisboa e com a Câmara Municipal de Lisboa;
- A criação de programas de aprendizagem ao longo da vida – clubes da natureza ou clubes de ciência, apoio especializado a hortas urbanas, programas de férias infanto-juvenis e programas ocupacionais de ciência e tecnologia, apoio escolar orientado, animação cultural e eventos, apoio à população mais idosa com programas específicos e cedência de espaços para dinâmicas associadas aos centros de dia locais;
- Investimento e criação de projectos de investigação na área da Museologia, nomeadamente com origem na recolha escrita, oral e audiovisual de «Vivências do Espaço» e «Memórias de Vizinhança». Nestas intervenções de recolha de património imaterial será fundamental a identificação e envolvimento dos «Ilustres Desconhecidos» – elos importantes de ligação entre o Bairro e a Universidade.

Em síntese podemos concluir que um museu universitário com dimensão nacional, como é o caso do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, pode ser um excelente palco para redimensionar a Ciência num âmbito culturalmente mais alargado, criando pontes de diálogo, não só com os seus visitantes, mas abrindo-se à sua envolvente próxima – que é o seu Bairro – agilizando o cumprimento das suas acções no campo da preservação da memória colectiva e trabalhando com a sociedade numa perspectiva de cidadania activa, centrando-se nos cidadãos e projectando no futuro as suas colecções, conteúdos e espaços.

# CONCLUSÃO

*“ Um dos nossos desafios é aceitá-los [os museus] como campos de tensão. Tensão entre a mudança e a permanência, entre a mobilidade e a imobilidade, entre o fixo e o volátil, entre a diferença e a identidade, entre o passado e o futuro, entre a memória e o esquecimento, entre o poder e a resistência.*

*E é por isso, é por serem tensão e processo, é por estarem em movimento que os museus – casas de sonho, de criação, de educação e de cultura – interessam aos movimentos sociais (...).*

*É essa tensão, ao contrário do que poderia parecer, que garante a eclosão do novo e da criação.”*

Mário Chagas (2005)

## Considerações Finais

A experiência que recolhemos ao longo da presente investigação sobre as Representações Sociais de uma Unidade Museológica em transformação no centro de Lisboa não pode, com legitimidade, ser generalizada para um Universo mais alargado sem que se tenham em atenção factores específicos e particulares relativos ao espaço físico e social de uma eventual futura aplicação. Trata-se efectivamente de um trabalho que desde o início considerámos ter um carácter eminentemente prospectivo. Contudo, pensamos que este estudo pode ser considerado suficientemente representativo de uma prática de investigação que encarámos como contributo válido para a avaliação do conhecimento sobre o papel das instituições culturais e, nomeadamente, sobre as Representações Sociais do Museu e sobre o seu «Efeito Social» em território urbano. Neste sentido consideramos, também, que a metodologia que utilizámos como *Modelo de Acção*, poderá servir futuramente como instrumento de trabalho na análise de diferentes dinâmicas sociais promovidas entre Museólogos e Urbanistas na construção democrática da Cidade. Como forma de aferir o trabalho que iniciámos com esta investigação e no sentido de promover a divulgação de novos instrumentos de análise e métodos usados nas nossas recolhas académicas, será interessante, futuramente, experimentar, adaptar e aplicar este nosso “protótipo” à rede nacional de museus, a redes locais de trabalho museal, ou a outras tipologias de instituições do campo cultural.

No trabalho, entendemos por dinâmica social e na linha do pensamento de Bourdieu (1977), a prática relacional que contribui para a estruturação e estabilidade das representações sociais que, em simultâneo, é igualmente geradora de transformação e mudança constante no campo das representações. Como mostrámos anteriormente, Moscovici (1988) referia, também, esta permanente construção e reconstrução das representações, através da acção quotidiana em “*contextos de inter-relação*”. A nova dimensão social do espaço urbano assente no conceito de fluxo e de tensão foi essencial para percebermos este Capital Relacional / Social, quer da Instituição que estudámos, quer da sua envolvente urbana próxima, num potencial restabelecimento de vizinhanças e na criação de redes interdisciplinares de trabalho local que contribuam para promover o desenvolvimento

sustentado do Museu Nacional de História Natural e da Ciência e da sua comunidade de implementação.

Como anteriormente dissemos este processo exige, em nosso entender, que se passe a olhar o Museu de uma outra perspectiva – a partir das pessoas, dos cidadãos e do mundo que os rodeia. Este panorama, no entanto, só se pode compreender num modelo de aquisição de competências e investimento em adequada formação que promova, em termos de gestão das instituições culturais, um estilo democrático a olhar para fora (*outward looking*), participativo e transdisciplinar.

Neste sentido, os princípios da Nova Museologia e do modelo renovador das práticas museais saídas da Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, permanecem actuais e pensamos que a sua aplicação é, cada vez mais, fundamental para promover a mudança e a inovação do Museu na sociedade contemporânea.

Alguns dos resultados obtidos na presente investigação podem sugerir que o envolvimento das nossas instituições, com os públicos internos e externos, deveria orientar-se de forma a satisfazer as necessidades e interesses susceptíveis de promover o desenvolvimento sustentado a partir de novas dinâmicas entre o Museu e o território urbano. Exige-se portanto, uma maior interdisciplinaridade das redes de trabalho museal, nomeadamente com a área do Urbanismo. Consideramos, neste sentido, que este envolvimento é fundamental para gerar sinergias que fortaleçam a *Imaginabilidade* de uma instituição e o seu próprio desempenho. A natureza desta relação dependerá, no entanto, da capacidade de adaptação e da abrangência das decisões políticas, da integração de valores sociais, da dimensão cultural da gestão e, sobretudo, de uma visão institucional estratégica. Para tornarmos o Museu contemporâneo mais participativo é imperativo que o consideremos, de facto, como mediador social, como fórum de cidadania, sendo necessário entender, também, a abertura dos seus espaços às envolventes urbanas, como um factor de reforço do sentido de comunidade e de consolidação da sua própria identidade. Desta forma o Museu será verdadeiramente pró-activo em termos de persecução do seu «Efeito Social».

A gestão deste «Efeito Social» dos museus na sociedade contemporânea, foi um dos indicadores que esteve constantemente presente ao longo da nossa investigação. Os museus

são, regularmente, vistos como espaços de representação mas raramente têm sido analisados como objectos de representação, ou seja, raramente se avalia quantitativamente o seu impacto, a sua imagem ou a sua representação social. Consideramos que esta prática é um exercício essencial para construir a mudança e promover a inovação, no sentido em que se trata de analisar e monitorizar a construção do conhecimento sobre o Museu enquanto instituição integrante do tecido social. Se não tivermos noção das ideias criadoras de futuro acerca do Museu e do seu impacto social, junto dos seus públicos internos e externos, não será possível promover a eficiência narrativa para o alcance do conforto, eficácia na satisfação dos visitantes e suas comunidades de implementação. Para que tal aconteça é imperativo que haja investimento na formação museológica, incentivo do trabalho de equipa e progresso institucional que dê lugar a uma pedagogia participativa, geradora de novas atitudes e de uma nova postura reflexiva e ética. Este processo permitirá, em nosso entender, o restabelecimento de vizinhanças numa relação dinâmica com o mundo e com «o Outro». Ou seja: tornar o espaço do Museu, em termos gerais, num espaço humanizado, interactivo, reflexivo e relacional, de forma a não perder, no nosso caso particular, o «sentido maior» da aldeia que ainda reconhecemos neste concreto espaço da cidade e em face do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, identificar quais as novas representações sociais em gestação.

Relembrando as palavras de Alberto Caeiro (1914) com que iniciámos este nosso Argumento, é necessário ao novo Museu, abrir o espaço, recentrar o olhar e ver da Aldeia “ (...) *quanto da terra se pode ver no Universo...*”.

## BIBLIOGRAFIA CITADA E CONSULTADA

ABRIC, J. C. (1984). L'artisan et l'artisanat: analyse du contenu et de la structure d'une représentation sociale. Bulletin de Psychologie tome XXXVII, N° 366, pp. 861-875.

ABRIC, J. C. (1987). Coopération, compétition et représentations sociales. Cousset: Delval.

ABRIC, J. C. (1989). L'étude expérimentale des représentations sociales. In D. Jodelet (Ed.). Les représentations sociales. (pp.187-203). Paris: Press Universitaires de France.

ABRIC, J. C. (1993). Représentations sociales. In D. Jodelet (Ed.). Les représentations sociales. Paris: Press Universitaires de France.

ABRIC, J. C. (1994). L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In: C. Guimelli. (Ed.), Structures et transformations des représentations sociales. pp.73-83. Paris: Delachaux et Niestlé.

ABRIC, J. C. (1994). Pratiques Sociales et Représentations. Paris: Presses Universitaires de France.

ACTAS 1º ENCONTRO NACIONAL DE MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO (1995). Câmara Municipal de Setúbal, MINOM, Setúbal.

ACTAS DO XIV ENCONTRO DE LITERATURA PARA CRIANÇAS, INFLUÊNCIA E SEDUÇÃO, A Arte e a Ciência na Literatura para Crianças (2001). Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura, nº Especial, Lisboa.

ADELHEIDE, SIEVERT (1994). What is special about a Children's and Youth Museum?. Frankfurt am Main, Germany. Speech held on the International Congress in Fulda, Germany.

ALBA, MARTHA DE (2004), El Método ALCESTE y su aplicación al Estudio de las Representaciones Sociales del Espacio Urbano: el Caso de la Ciudad de México, In Papers on Social Representations, Textes sur les Représentations Sociales, Vol. 13, p. 1.1-1.20, Peer Reviewed Online Journal. Retirado da world wide web [www.psr.jku.at](http://www.psr.jku.at)

ALBA, MARTHA DE, Experiência Urbana e Imágenes Colectivas de la Ciudad de México, In Estudios Demográficos y Urbanos, Vol. 21, nº 3 (63), p. 663-700

ALBA, MARTHA DE, Mapas Mentales de la Ciudad de México: una Aproximación Psicosocial al Estudio de las Representaciones Espaciales, In Estudios Demográficos y Urbanos, nº 55, Jan-Abr, p. 115-143.

ALBA, MARTHA E A. ARRUDA (coords.) (2007), Espacios Imaginarios y Representaciones Sociales – Aportes desde Latino América, Anthropos, UAM – Itzamal – DCSH, México.

ALONSO FERNÁNDEZ, LUÍS (1993). Museología, introducción a la teoría y práctica del museo Istmo, Madrid.

AMENDOLA, GIANDOMENICO (2000), La Ciudad Postmoderna. Magia y Miedo de la Metrópolis Contemporánea, Col. Arte y Arquitectura, Celeste Ediciones, Madrid.

ANDERSON, GAIL (2004). Reinventing the museum: historical and contemporary perspectives on the paradigm shift. AltaMira Press: Walnut Creek, Calif. [u.a.].

ANICO, MARTA, A Pós-Modernização da Cultura: Património e Museus na Contemporaneidade, In Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 11, nº 23, Jan/Jul 2005, p. 71-86.

APA | MAOTDR (2007). Guia Agenda 21 Local / Manual. Agência Portuguesa do Ambiente, Amadora.

ARENDT, HANNAH (2006), Entre o Passado e o Futuro, Oito exercícios sobre o Pensamento Político, Anthropos, Ed. Relógio D'Água, Lisboa.

ARENDT, HANNAH (S/data), A Vida do Espírito, Vol. I e II, Coleção: Pensamento e Filosofia, Ed. Instituto Piaget, Lisboa.

ARNHEIM, R. (1974). Art and visual perception: a psychology of the creative eye. (2ª ed.) Berkeley and Los Angeles, University of Califórnia Press.

ARNHEIN, RNDOLF, (1994). Arte e Percepção Visual. Uma psicologia da visão criadora. Livraria Pioneira Editora, São Paulo.

BACHELARD, GASTON (1989). A Poética do Espaço. S. Paulo, Martins Fontes.

BACHELARD, GASTON (1996). A Formação do Espírito Científico. Retirado em Abril de 2010 da World Wide Web [www.groups.google.com.br/groupe/digitalsource](http://www.groups.google.com.br/groupe/digitalsource)

BAKHTIN, MIKHAIL (1995). Marxismo e Filosofia da Linguagem, HUCITEC, São Paulo, citado por BARROS, FLÁVIA CRISTINA (s/d), A Trajectória Histórico-Cultural e a Formação do Leitor: um Estudo sobre a Experiência Social Infantil Retratada em Histórias de Vida. Retirado em Maio de 2008 da world wide web [www.alb.com.br](http://www.alb.com.br)

BAKHTIN, MIKHAIL (2006). Marxismo e a Filosofia da Linguagem. 12ª Edição HUCITEC, SP.

BARDIN, LAURENCE (2002). Análise de Conteúdo. Edições 70, Lisboa.

BARRETO, ANTÓNIO (2007). No centro da cidade, um tesouro. Retrato da Semana, in Jornal PÚBLICO de 2 de Dezembro.

BARRETT, JENNIFER (2011). Museums and the public sphere. Chichester; Malden, MA

BAUER, MARTIN & JOVCHELOVITCH, SANDRA (2002): Entrevista narrativa. In: Bauer, Martin & Gaskell, George: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático, Petrópolis, Ed. Vozes.

BENJAMIN, WALTER (1999). The Arcades Project, Harvard College, USA.

BERGMAN, MANFRED MAX (2000). Would the Real Social Representations Please Stand Up? Three Levels of Analysis of Social Representations of European American and Mexican American Identity. In Papers on Social Representations, 8, Textes sur les Représentations Sociales, 8, p.4.1 – 4.17 Peer Reviewed Online Journal. Retirado da world wide web [www.psr.jku.at](http://www.psr.jku.at)

BJERREGAARD, PETER (2006). The Materiality of Museum Politics. Reflections on Objects and Agency in Contemporary Museum Practice. Artigo apresentado no Colóquio «Connections, Communities and Collections».

BLACKMON, CAROLYN, P. (2000) Museum Education in transition. In Presence of Mind: Museums and the Spirit of Learning. Bonnie Pittaman, ed. p. 81-8. Washington, D. C: The American Association of Museums.

BLANQUART, PAUL (1997), Une Histoire de la Ville, Editions La Découverte, Paris.

BORGES, M. I. (1983). A Organização do Objecto e os Primeiros Meses da Criança. Colecção Fresta 2.

BOURDIEU, PIERRE (1989). O Poder Simbólico. Difel, Lisboa.

BOURDIEU, PIERRE e PASSERON, J.C. (1977). Reproduction in Education, Society and Culture. Sage. London.

BOYLAN, PATRICK (1987). La formation du personnel des musées: une préoccupation majeure de l'ICOM et de l'UNESCO depuis quarante ans. Museum n° 156, UNESCO, Paris.

BRIGOLA, JOÃO CARLOS PIRES (2003). Colecções, Gabinetes e Museus em Portugal no século XVIII. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

BRIGOLA, JOÃO CARLOS PIRES (2010). Os Viajantes e o “Livro dos Museus”, Equações de Arquitectura, Dafne Editora.

BRITHANTE, MIGUEL, (2000). As representações Sociais do Repatriado, ED. Salamanca, Lisboa.

BRUNO, CRISTINA (1997). A Indissolubilidade da Pesquisa, Ensino e Extensão nos Museus Universitários. In CADERNOS DE MUSEOLOGIA, N° 10 (1997) - Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

BRUNO, CRISTINA (2007). Museus e Patrimônio Universal, V Encontro do ICOM BRASIL Fórum dos Museus de Pernambuco, Recife.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA Nº 1, (1993). Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ISMAG/ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Nº 1 – 1993, Lisboa.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 10 (1997) - Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 15 (1999) - Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 2 (1994) Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 1994.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 23 (2003) - Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro, Cândido, Manuelina Maria Duarte. Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 28 (2007) - Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 3 (1994) - Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 4 (1994) Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 5 (1996) - Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 9 (1996) - Centro de Estudos de Sócio-Museologia, ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

CAEIRO, ALBERTO (Fernando Pessoa, 1914). Da minha aldeia. In “O Guardador de Rebanhos”. Obra Poética e em Prosa. Poema VII, Ed. António Quadros. Lello & Irmão, Porto, 1986.

CAIADO, JOSÉ PEDRO (2001). Serviços de Educação. Formação em contexto Museológico. Comunicação. Apresentada e Educação, CCB 10/II Setembro.

CAMERON, DUNCAN F. (1972). The Museum, a Temple or The Forum. In Reinventing the museum: historical and contemporary perspectives on the paradigm shift. AltaMira Press: Walnut Creek, Calif. [u.a.].

CARBONELL, BETTINA MESSIAS (2006). Museum Studies: An Anthology of Contexts, Blakcwell Publishing, Austráulia.

CARVALHO, H. (1993). Teoria dos grafos. (2ª. Ed.). Giesta ISCTE.

CASAS, F., (1998). Infabcia: Perspectivas Psicosociales, Barcelona, PPU.

CASEY, EDWARD S. (1997), The Fate of Place: a Philosophical History, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, California Museums and Science centres”, Routledge, London.

CAULTON, TIM, (1998), Hands-On exhibitions: Managing Interactive Museums and Science Centres. London / NY Routledge.

CAVACO, GABRIELA (2000). Como Seduzir para a Leitura. Comunicação apresentada no XIV Encontro de Literatura para Crianças / Influência e Sedução, a Arte e a Ciência na Literatura para Crianças. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001.

CAVACO, GABRIELA (2002). O Museu Enquanto Espaço de Aprendizagem e Lazer - Representações Sociais Das Crianças, Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

CAVACO, GABRIELA (Coord.), (1996), Sala do Veado, Cinco Anos, Resenha Histórica Comemorativa dos Cinco Anos de Actividade da Sala do Veado, AHMMG - MNHN, Lisboa.

CHAGAS, MÁRIO (2000). Memória e poder: dois movimentos. Documento, policopiado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Curso de Mestrado em Museologia, Lisboa.

CHAGAS, MÁRIO (2005). Museus, Antropofagia da Memória e do Património, in Revista do Património Histórico e Artístico Nacional nº 31. Retirado em Fevereiro de 2010 da World Wide Web [www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=16512](http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=16512).

CHAGAS, MÁRIO, (1996), Museália, JC Editora, Brasil.

CHAUVEAU, GERALD e CHAUVEAU – Rogovas, Éliane (1996). Les Jeunes enfants et L'entrée, dans L'écrit. La Lettre de L'ocim, nº 43, Janvier-Février. p. 11-12.

CHILDWATC INTERNATIONAL (1995) (Updated). Indicators for children's rights. A project to identify and develop indicators for use in monitoring the implementation of the Convention on the Rights of the Child. Oslo. Childwartch International (first version, 1993).

CHOMBART de LAUWE, M. J. (1972) – Un Monde Autre: L'Enfnace. De ses Représentations à sons Mythe, Paris, Payot (2nd ed. 1979).

CHOMBART DE LAUWE, M. J. (1984). Changes in the representation of the child in the course of social transmission, In R. Farr & S. Moscovici (Eds.). Social representations Cambridge. Cambridge. Univ. Press.

CITTÀ DELLA SCIENZA (2001), I Bambini Trasformano la Città – Metodologie e Buone Prassi della Progettazione Partecipata con I Bambini, La Buona Stampa, Ercolano (Napoli).

CLARAMONE, JORDI e RODRIGO, JAVIER, Collaborative Art and Relational Experiences in Public Space. Retirado em 9 de Junho de 2008 da world wide web [www.radical.temp.si](http://www.radical.temp.si)

CODICE DI DIRITTO CANONICO, Livro IV \_ La Funzione Di Santificare Della Chiesa, Parte Terza - Luoghi e i Tempi Sacri \_ I Luoghi Sacri (Cann. 1205 – 1243) Auctoritatae Ioannis Pauli PP. II Promulgatus, Datum Romae, die xxv Ianuarii, anno MCMLXXXIII. Retirado em 20 de Fevereiro de 2011 da world wide web [www.vatican.va](http://www.vatican.va)

COELHO, ALEXANDRA PRADO (2010). Faltam 30 milhões de Euros para o Novo Museu da Ciência em Lisboa, Artigo com entrevista ao Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa publicado no Jornal Diário “Público”, ed. Imprensa de 10 de Outubro, Lisboa.

CORDOVIL, M. M. (1993), Novos Museus/Novos Perfis Profissionais. Cadernos de Museologia nº 1. Centro de estudos de Socio-Museologia, Ibmag/ULHT.

COURTIAL, J. P. e KERNEUR, L. (1996). Les representations de la recherche dans un domaine de la psychologie de l’éducation, Retirado em 8 Julho de 2001, da word wide web: [www.swp.uni-linz.ac.at](http://www.swp.uni-linz.ac.at)

CUCHE, DENYS (1996), La Notion de Culture dans les Sciences Sociales, Editions La Découverte, Paris.

CUNHA E SILVA, PAULO (2007). Depósito – Apontamentos sobre Densidade e Conhecimento, Reitoria da Universidade do Porto.

D’ALESSIO, M. (1990). Social representations of childhood: implicit theory of development. In G. Duveen & B. Lloyd: Social representations and the development of knowledge. Cambridge. Cambridge University Press.

DAMÁSIO, ANTÓNIO (2009). This Time With Feeling. The Aspen Institute. Retirado em Novembro de 2009 da World Wide Web:

[http://fora.tv/2009/07/04/Antonio\\_Damasio\\_This\\_Time\\_With\\_Feeling](http://fora.tv/2009/07/04/Antonio_Damasio_This_Time_With_Feeling)

DAMÁSIO, ANTÓNIO (2010). O Livro da Consciência – A Construção do Cérebro Consciente. Col. Temas e Debates, Círculo de Leitores.

DAVALLON, Jean, e vários, (1998), La Revolution de la Museología des Sciences, -Pul Press Universitaires de Lyon, collection Muséologies, Lyon.

DELICADO, ANA (2007), “What do scientists do?” in museums: representations of scientific practice in museum exhibitions and activities. Retirado em 23 de Julho de 2008 da world wide web [www.pantaneto.co.uk](http://www.pantaneto.co.uk)

DÉOTTE, JEAN-LOUIS (1994), Oubliez! Les Ruines, l'Europe, le Musée, Col. La Philosophie en Commun, L'Harmattan, Paris.

DESCHAMPS, J.C. (1984) The social psychology of intergroup relations and categorial differentiations. In Tajfel (ed.) The social dimension, European developments in social psychology. Cambridge, University Press.

DIAS, JOSÉ (2011). Sentidos de Existência do Museu Contemporâneo: MAC – Serralves Na Cidade do Porto. UP. Porto.

DOISE, W. (1984). Les relations entre groupes. In Moscovici, Psychologie Social. Puf, pp.253-274, Paris.

DOISE, W. (1990) – Les Représentations Sociales – in R. Ghoglion, C. Bonnet & J. F. Richard (eds.) - Traité de Psychologie Cognitive 3: Cognition, Représentation, Communication, Paris, Dunod, p. 11- 174.

DOISE, W. (1992) – L'Ancrage dans les Études sur les Représentations Sociales – Bulletin de Psychologie 405, Janvier-Février, pp. 189-195.

DOISE, W., CLÉMENCE, A. et LORENZI-CIOLDI, F. (1992) – Représentations Sociales et Analyses de Données – Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble.

DOS SANTOS, MYRIAN SEPÚLVEDA, Museus Brasileiros e Política Cultural, in Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 19, nº 55, Junho 2004.

DUARTE, PAULA TABORDA e CRUZ, MANUELA, JOÃO DOS SANTOS, O Prazer de Existir, a vida e a obra Percurso Humano e Profissional, Criação Conjunta Liga Portuguesa de Deficientes Motores/Colégio Eduardo Claparède, Lisboa, 1994.

DUNCAN, CAROL (1994). Art Museums and the Ritual. Interpreting Objects and Collections, Leicester Readers in Museum Studies, Routledge.

DURKHEIM, E. (1898). Representations Individuelles et Representations Collectives. Sociologie et Philosophie, Puf, Paris 1967.

DURKHEIM, E. (1978). As Regras do Método Sociológico. Pensadores, SP, p. 71-156.

DURKHEIM, E. (1984). As Regras do Método Sociológico. Lisboa, Presença, p. 18.

DURKHEIM, ÉMILE (1893). A Divisão do Trabalho Social. Editorial Presença, Lisboa, 1977.

DUVEEN, G. e DE ROSA, A. (1992). Social Representations and the Genesis of Social Knowledge. Ongoing Production on Social Representations – Productions vives sur les Représentations Sociales, vol. 1 (2-3), pp. 94-108, Cambridge University & Università di Roma “La Sapienza”.

DUVEEN, G. e LLOYD, B. (1988). Gender as an influence in the development of scripted pretend play. Journal of developmental Psychology nº 6.

DUVEEN, G. e LLOYD, B. (1990). Social Representations and the Development of Knowledge. Cambridge University Press, Cambridge.

ECO, UMBERTO (1994). Seis Passeios pelos Bosques da Ficção. São Paulo, Companhia das Letras.

EDSON, GARY AND DAVID DEAN. (1994). The Handbook for Museums; New York: Routledge.

EI DELMAN, JACQUELINE E VAN PRAËT, MICHEL,(2000), La Muséologie des Sciences et ses publics, Regaerds croisés sur la Grande Galerie de L'évolution du Muséum national d'histoire naturelle, col. Education et formation, Puf, Paris.

EISNER, E. (1972). Education artistic vision. Mcmillan Publishing Company. Inc. New York.

ELSNER, JOHN and ROGER CARDINAL, (1994). Introduction. In The Cultures of Collecting. John Elsner and Roger Cardinal, ed. Pp. 1-6. Cambridge, MA: Harvard University Press.

ENGLISH, TRAVIS, Hans Haacke, or the Museum as Degenerate Utopia, In Kritikos, Vol. 4, Março 2007. Retirado em 9 de Junho de 2008 da world wide web [www.intheory.org](http://www.intheory.org)

ERIKSON, E. (1963). Childhood and society. (2ª ed.) W.W. & Company. Inc. New York.

ESTVAN, F. J., & ESTVAN, E. W. (1959). The child's world: His social perception. New York: Putnam.

FALK, JOHN and LYNN D. DIERKING, (1992). The Museum Experience Washington, DC: Whalesback Books.

FAVANAGH, GAYNOR (1994), Museum Provision na Professionalism, Leicester Readers. In Museum Studies, Routledge, London.

FLAMENT, C. (1986). L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les représentations sociales, Delachaux et Niestlé. Paris.

FLAMENT, C. (1987). Pratiques et représentations sociales. In J. L. Beauvois, R. V. Joulé et J. M. Monteil (Eds.). Perspectives cognitives et conduits sociaux. Tome I: theories implicates et conflits cognitifs. (pp.143-150), Cousset: Del Val.

FLAMENT, C. (1993). Structure, dynamique et transformations des représentations sociales. In J-C. Abric (Ed.). Pratiques et Représentations Sociales. Press Universtaires de France.

- FOPP, A., MICHAEL (1997). Managing Museums and Galleries, Routledge, London.
- FORTUNA, CARLOS (Coord.), (1997). Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia, Celta Editora, Oeiras.
- FRANÇA, JOSÉ-AUGUSTO e SOARES, PEDRO (2001), Monte Olivete Minha Aldeia, Livros Horizonte, Lisboa.
- FRANCO, P. ANTÓNIO (1717). “Imagem da Virtude Em o Noviciado da Companhia de Jesu na Corte de Lisboa, em que se Conta a Fundaçam da caza e os Religiosos de virtude, que em Lisboa forão Noviços offerecida à Virgem Senhora da Assumpção Padroeyra do mesmo Noviciado pello P. Antonio Franco Da Companhia de Jesu Noviço que foy da mesma Caza”. Coimbra, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1717.
- FREIRE, PAULO (1992) – Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.
- FREUD, S. (1905b). Three essays on the theory of sexuality. Edição Standard Brasileira das Obras de Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (1972) vol. VII, Imago Editora.
- GALOPIM DE CARVALHO, A. M., (1993) – Museus de História Natural. Iniciação à Museologia – Coordenadora Maria Beatriz Rocha Trindade, Lisboa. Universidade Aberta.
- GARDNER, HOWARD (1985). Frames of Mind. The Theory of Multiple Intelligences. Basic Books, New York.
- GARDNER, HOWARD (1991). The Unschooled Mind. How Children Think and How Schools Should Teach. Basic Books, New York.
- GEOIDEIA (2004). Estudo de Avaliação da Exposição “Dinossáurios Regressam a Lisboa”, Lisboa.
- GERSCHENFELD, ANA (2010). António – O Neurologista Põe a Mão na Consciência. Artigo/Entrevista in Jornal Diário, ed. Lisboa “Público”, Outubro.
- GEHL, JAN (2006). Life Between Buildings: Using Public Space. Danish Architectural Press, Dinamarca.
- GEHL, JAN (2010a). Cities for People. Realdania Foudation, Island Press, Copenhaga.
- GEHL, JAN (2010b). Public spaces for a Changing Public Life. Retirado em Abril de 2010 da world wide web: [www.pps.org](http://www.pps.org)
- GIBSON. (1950). The perception of the visual woeld. Boston, Little Brown.
- GIGLIOTTI, C. (2001). What children and Animals know that we don't. Retirado em 5 de Março de 2001 da world wide web: [www.viach.fi](http://www.viach.fi).
- GIOVANNINI, JOSEPH (2001), The Bilbao Effect. Retirado em 24 de Junho de 2008 da world wide web [www.acturban.org](http://www.acturban.org)

GIRARDET, S. (1996). 20 ans d'expériences au Musée en Herbe, un mode d'emploi pour l'accueil des tout petits. La Lettre L'ocim, n° 43 Janvier-Février. p.14-13.

GODDARD, H. WALLACE e WHITE, C. PARKER (2001). Principles of Parenting. Helping your Children Succeed at Learning. Retirado em 13 de Abril do World Wide Web: [www.humsci.auburn.edu](http://www.humsci.auburn.edu).

GOMBAULT, ANNE, URBAIN, CAROLINE, BOURGEON-RENAULT, DOMINIQUE, LE GALL-ELY, MARINE e PETR, CHRISTINE (2008), La Gratuité des Musées et des Monuments: qu'en Pense-t-on les Publiques en France?, In Culture Études, 2008-1.

GOMES, DUARTE. A. (coord.) (2000). Organizações em Transição. Contributo para a Psicologia do Trabalho e das Organizações. Imprensa da Universidade, Coimbra.

GOMES, MAYRA RODRIGUES, As Representações Sociais entre Estudos Culturais e Psicologia Social, a Psicanálise.

GOODMAN, PERCIVAL E PAUL GOODMAN (1947), *Communitas: Means of Livelihood and Ways of Life*, University of Chicago Press, Chicago, da world wide web <http://books.google.pt>

GOUVEIA PEREIRA, ORLINDO e JESUINO, JORGE Correia, (1976), Desenvolvimento Psicológico da criança, 1º Vol. Col. Psicologia e Pedagogia, Moraes Editores, Lisboa.

GOUVEIA PEREIRA, ORLINDO e JESUINO, JORGE CORREIA e JOYCE - MONIZ, L. (1976). Desenvolvimento Psicológico da Criança, 2º Volume/2º Tomo Col. Psicologia e Pedagogia, Moraes Editores, Lisboa.

GREGORY, ANNE (2003). Public Relations in Practice, 2ª edição, Kogan Page, London.

GREGORY, R. (1989). Turning minds on to science by hands-on exploration: the nature and potential of the hands-on museums, Keynote essay in: *Sharing science. Issues in the development of interactive science and technology centres*, Nuffield Foundation.

GUICHARD, F. e LECLERCQ, V. (1994). La genèse d'une salle de de couverte un espace enfants de la grande Galerie. La Lettre de L'ocion, n° 33 Mai- Juin 1994 n° SP, Dijon – France.

GUIMELLI, C. (1994). Textes de base en sciences sociales – Structures et transformations des représentations sociales. Delachaux et Niestlé.

HABERMAS, JÜRGEN, (1978). *L'Espace Public*, Payot, Paris.

HANDS ON! CULTURAL DIVERSITY, International Conference Amsterdam – Rotterdam (1996). Book of Reference. Kindermuseum, Amsterdam.

HANDS ON! EUROPE (1998). Conference Reader, Lisbon.

HAYDEN, DOLORES (2008). Building Suburbia. Dolores Hayden talks with Jeff Stein AIA, In Architecture Boston, Março/Abril 2008, Vol. 11, Nº 2. Retirado em 19 de Agosto de 2008 da world wide web [www.urbancartography.com](http://www.urbancartography.com)

HEIN, E. GEORGE, (1995) “The constructivist Museum” Jornal for education in Museums p.21-23, Nº. 16, U.K.

HERZOG & DE MEURON (2000). Building Tate Modern. Tate Modern, London.

HOOPER- GREENHILL, EIDEAN (1998). Cultural Diversity. Attitudes of ethnic minority populations towards museums and galleries. Retirado em 30 de Abril de 2001 da word wide welo: [www.gen.org.uk](http://www.gen.org.uk).

HOOPER-GREENHIL, EILEAN (1992). Museums and the Shaping of Knowledge. Routledge, London.

HOOPER-GREENHIL, EILEAN, (1994). Museums and Their Visitors. New York: Routledge.

HOOPER-GREENHILL, EILEAN (1990). The Space of The Museum. Continuum: The Australian Journal of Media & Culture. Retirado em Fevereiro de 2010 da World Wide Web [www.mcc.murdoch.edu.au/ReadingRoom/3.1/Hooper.html](http://www.mcc.murdoch.edu.au/ReadingRoom/3.1/Hooper.html)

HOOPER-GREENHILL, EILEAN (1997). Museums and their Visitors, Routledge London.

HOOPER-GREENHILL, EILEAN (2000) ‘Changing Values in the Art Museum: Rethinking Communication and Learning’. International Journal of Heritage Studies, Março, p. 9-31.

HUGUES DE VARINE (1987) – O tempo social. Livraria Eça Editora, Rio de Janeiro.

HUMAIN-LAMOURE, ANNE-LISE (2007). Qu’est ce qui Fait Quartier dans Paris? Les Représentations Socio-Spatiales du Quartier Latin, L’Ille-de-France. Centralités, Inegalites, Proximités. Paris, p.233-251.

HYSSSEN, ANDREAS, (1995). Twilight Memories Time in a Culture of Amnesia. New York. Routledge.

INNERARITY, DANIEL (2006). O Novo Espaço Público. Editorial Teorema S.A., Lisboa.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA (2000). Inquérito aos Museus em Portugal, 1ª Edição, Lisboa.

JANEIRA, ANA LUÍSA, O Reino de Deus, os Três da Natureza e o de Portugal. Retirado em 11 de Junho de 2008 da world wide web [www.triplov.com](http://www.triplov.com)

JESUÍNO, JORGE CORREIA, GOUVEIA PEREIRA, O. e JOYCE – MONIZ, L. (1976). Teoria de Piaget. Desenvolvimento Psicológico da Criança, 2º Vol./1º Tomo Col. Psicologia e Pedagogia, Moraes editores, pp. 57 – 246, Lisboa.

JODELET, D. (1982). Les Représentations Socio-Spatiales de la Ville, dans P.H. Derycke (sous la direction de), Conceptions de l'espace, Recherches pluridisciplinaires de l'Université Paris X, Nanterre.

JODELET, D. (1984). Représentation Sociale: Phénomènes, Concept et Théorie. In S. Moscovici (ed.) – Psychologie Sociale, Paris, PUF.

JODELET, D. (1989a). Représentations Sociales: um Domaine en Expansion – In D. Jodelet (ed.) – Les Représentations Sociales, Paris, PUF.

JODELET, D. (1989b). Folie et représentations sociales. Puf, Paris.

JODELET, D. (1989c). Répresentation Sociales. In Grand Dictionnaire de la Psychologie. (pp. 668-672) Larousse, Paris.

JODELET, D. (1989d). Répresentations Sociales: un domaine en expansion. Puf Paris.

JODELET, D. e MILGRAM, S. (1977). Cartes Mentales et Images Sociales de Paris. Laboratoire de Psychologie Sociale, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris.

JOVCHELOVITCH, SANDRA. (1994). Vivendo a Vida com os Outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In S. Jovchelovitch & P. A. Guareschi (orgs). Textos em Representações Sociais, Petrópolis, Ed. Vozes.

JOVCHELOVITCH, SANDRA. (2007). Knowledge in Context, Representations Community and Culture. Routledge, London and New York.

KARP, IVAN and STEVEN D: LAVINE, (1992). Exhibiting Cultures: The Poetics and Politics of Museum Display. Washington, D. C.: Smithsonian Institution Press.

KINARD, JOHN (1992). Le musée de voisinage, catalyseur de l'évolution sociale. in Vagues, une anthologie de la nouvelle museologie, vol I, MNES, Editona W, Savigny-le-Temple.

KRISTEVA, JULIA (2001). Hannah Arendt: Life is a Narrative. University of Toronto, Canada.

LANCASTRE, MARGARIDA DE (1998). Hands ON! Europe. Conference Reader, p.13 – 18. AAHA, Lisbon.

LE MAREC, JOËLLE, Le Public, In Bulletin des Bibliothèques de France. Retirado em 23 de Julho de 2008 da world wide web [www.bbf.enssib.fr](http://www.bbf.enssib.fr)

LEACH, NEIL (coord.) (1997), Rethinking Architecture, a Reader in Cultural Theory, Routledge, London.

LEES, LINDA (2010). Creativity at Work: Creativity, Public Engagement and Political Accountability: The New Measure Creative Encounters Working Paper. Retirado em 2010 da World Wide Web

[http://openarchive.cbs.dk/bitstream/handle/10398/8007/43\\_LL\\_Creativity\\_Public\\_Engagement\\_and\\_Political\\_Accountability\\_Final.pdf?sequence=1](http://openarchive.cbs.dk/bitstream/handle/10398/8007/43_LL_Creativity_Public_Engagement_and_Political_Accountability_Final.pdf?sequence=1)

LEITE, MARIA ISABEL, Museu: Espaço Privilegiado de Encontro de Arte e Memória. Retirado em 9 de Junho de 2008 da world wide web [www.scielo.br](http://www.scielo.br)

LINO DO VALE, EURICO (2009). Retrato(s) Da Aldeia da Luz, EDIA, S.A. / Museu da Luz | O Museu Temporário- Luís Serpa, Mourão.

LISBOA, EUGÉNIO (1998). Hands ON! Europe. Conference Reader, p. 19 – 21. AAHA, Lisbon.

LOPES, JOÃO TEIXEIRA (1998). A Cidade e a Cultura - Um Estudo Sobre Práticas Culturais Urbanas. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Universidade do Porto. Retirado em 15 de Fevereiro de 2011 da world wide web [www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php?html2=teixeira-joao-lobes-cidade\\_cultura.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=teixeira-joao-lobes-cidade_cultura.html).

LOPES, JOÃO TEIXEIRA (1999). A “Boa Maneira” de Ser Público. Retirado em Fevereiro de 2011 da World Wide Web: [www.bocc.ubi.pt/pag/lobes-jt-publico.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/lobes-jt-publico.pdf).

LÓPEZ, GENTZANE, The Guggenheim Effect: Positive Transformations for the City of Bilbao? Retirado em Janeiro de 2008 da World wide web: [www.euroculture/masterorg/pdf/lopez.pdf](http://www.euroculture/masterorg/pdf/lopez.pdf)

LORD, BARRY (2000). Museums as a Linkage of the Human Spirit. Retirado em 18 de Junho de 2001 da World Wide Web: [www.lord.ca](http://www.lord.ca)

LORD, BARRY and DEXTER LORD, GAILD (1991). The Manuel of Museum Planning. HMSO, London.

LORD, GAIL DEXTER (2000a). Opinion from New Heritage. Retirado em 13 de Maio de 2001 da World wide web: [www.lord.ca](http://www.lord.ca)

LORD, GAIL DEXTER (2000b), How Museums Build Communities, *In Muse*, Vol. XVII/4, 2000.

LORD. GAIL DEXTER (2000c). Trend in children’s Museums. Retirado em 12 de Maio de 2001 da world wide web: [www.lord.ca](http://www.lord.ca)

LOWENFELD e BRITAIN, (1974). Creative and mental growth. McMillon Publishing Company, 1º ed. – 1947. New York.

LYNCH, KEVIN, (2009). A Imagem da Cidade. Edições 70, Lisboa.

LYNCH, KEVIN, (2010). A Boa Forma da Cidade. Edições 70, Lisboa.

MALPIQUE, MANUELA SOARES (1995). Pequenas Histórias: A Geografia das Crianças, Práticas e Representações de Lugares do dia-a-dia de Crianças Portuguesas em Idade Escolar. 1º- 2º Volumes, Tese de Doutoramento, Universidade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto.

MANNONI, PIERRE (1998), Les Représentations Sociales, Col. Que sais-je?, Presses Universitaires de France, Paris.

MANSON, FRED (2008) Museums and the City: A Creative Combination? The New School New York, NY. Retirado em Fevereiro de 2009 da World Wide Web [http://fora.tv/2008/03/12/Museums\\_and\\_the\\_City\\_A\\_CreativeCombination](http://fora.tv/2008/03/12/Museums_and_the_City_A_CreativeCombination)

MARCHAND, DOROTHÉE, Le Centre-Ville est-il le Noyau Central de la Représentation Sociale de la Ville? In Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale, 2005, N° 66, p 55-64.

MCGUIGAN, JIM (1996), Culture and the Public Sphere, Routledge, London.

MENDONÇA, JOSÉ TOLENTINO (1990). O Olhar Descoberto, in Os Dias Contados, Assírio & Alvim, Lisboa.

Michel de Certeau (1990). L’Invention du Quotidien. Editions Gallimard, Paris.

MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA (1998). O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. (coords). Textos em Representações Sociais. 6 ed., Vozes, Petrópolis.

MINTZBERG, HENRY (1989), Mintzberg on Management – Inside our Strange World of Organizations, The Free Press, Collier Macmian Publishers London.

MOLINER, P (1989). Validation expérimentale de l’hypothèse de noyau central des représentations sociales. Bulletin de Psychologie. N° 42, p.759-762.

MOLINER, P. (1988). La représentation Sociale Comme Grille de Lecture. Étude Expérimentale de as Structure et Operçu sur ses Processus de Transformation. Aix em Provence, Thèse de doctorat de l’Université de Provence.

MOLINER, P. (1994). Le modèle bi-dimensionnel des représentations sociales. European Journal of Social Psychology.

MOLYNEAUX, BRIAN and PETER G. STONE, (1994). Introduction. In The represented Past: Heritage, Museums and Education. Peter G. Stone and Brian L. Molyneaux, ed. Pp. 1-28. New York: Routledge.

MOSCOVICI, S. (1961). La Psychanalyse, son Image et son Publique. Paris, PUF (2ª ed., 1976).

MOSCOVICI, S. (1969). Prefácio a C. Herzlich, Santé et maladie, analyse d’une représentation sociale. Haia, Mouton.

- MOSCOVICI, S. (1976-1979). Social influence and social change. Londres, Academic Press.
- MOSCOVICI, S. (1981). On social représentation J. P. Forgas (Ed.), Social cognition. Academic Press, Londres.
- MOSCOVICI, S. (1986). L'ère des représentations sociales. In L'étude des représentations sociales, W. Doise, Palmonari, A., Delachaux et Niestlé, Paris.
- MOSCOVICI, S. (1988). Notes Toward a Description of Social Représentations. In European Journal of Social Psychology n°18.
- MOSCOVICI, S. (1989). Des représentations collectives aux représentations sociales: pour une histoire. In Jodelet, D. (Ed.). Représentations sociales: um domain en expansion. p. 62-85. Paris: Puf.
- MOSCOVICI, S. (1992). Introductory Address – First International Conference on Social Représentations – issued on Papers on Social Représentations, Vol. 2(3) 1993, p. 160-170.
- MOSCOVICI, S. (2000). Ideas and their Development: a dialogue between Moscovici e Marková. In Serge Moscovici Social Representations, Explorations in Social Psychology, Cambridge Press.
- MOSCOVICI, S. (2007). Nota Introdutória – Alba, Martha e A. Arruda (coords.) Espacios Imaginarios y Representaciones Sociales – Aportes desde Latino América, Anthropos, UAM – Itztapalapa – DCSH, México.
- MOSCOVICI, S. (2011). Prefácio, da edição comemorativa dos 50 anos da Teoria das Representações Sociais, Sociedade Brasileira de Psicologia, Temas em Psicologia, vol. 19 N°1 – 2011.
- MOSCOVICI, S. et VIGNAUX, G. (1994). Le Concept de Thémata – in L. Guimelli (dir.) – Structures et Transformations des Représentations Sociales – p. 25-72, Lausanne, Delachoux et Niestlé.
- MOUGHTIN, CLIFF (2003). Urban Design – Street and Square. Third Edition, Architectural Press, GB, p. 11-23.
- MOUTINHO, MÁRIO (2004). A Contemporaneidade Da Política Nacional De Museus: Um Olhar De Além Mar. Fórum Nacional De Museus. Artigo apresentado no Fórum Nacional de Museus - A imaginação museal: os caminhos da democracia, Brasil. Retirado em Julho de 2008 da world wide web [www.tercud.ulusofona.pt](http://www.tercud.ulusofona.pt)
- MOUTINHO, MÁRIO (2007), MATEUS DIOGO; PRIMO JUDITE (Org.), Desenho Urbano, Elementos de análise morfológica, Edições Universitárias Lusófonas, Vol. I, Lisboa.
- MOUTINHO, MÁRIO, (2000), Autonomia, ritmo e criatividade na museologia contemporânea, texto apresentado na Universidade de São Paulo – no curso de Pós-graduação em Museologia dirigido pela Prof<sup>a</sup>. Doutora Cristina Bruno, S.P.

MUNARI, BRUNO (1979). Playing with art. Ed. Zanchelli, Bologna.

MUSCHAMP, HERBERT, Culture's Power Houses; the Museum Becomes an Engine of Urban Redesign, In The New York Times de 21 de Abril de 1999. Retirado em 24 de Junho de 2008 da world wide web [www.query.nytimes.com](http://www.query.nytimes.com)

NASCIMENTO, Rosana (1994). O Objecto Museal: sua Historicidade, implicações na acção documental e na dimensão pedagógica do Museu. Textos Policopiados cedidos pela autora durante o curso Pós-graduação em conservador/Museólogo – ULHT.

NATIONAL NETWORK FOR CHILD CARE (2001). Family child care Study Guide: Lessor # 1: Child Development. Retirado em 6 de Abril de 2001 dea World Wide Web. [www.nncc.org](http://www.nncc.org).

NORA, PIERRE, (1989). Between Memory and History: Les Lieux de Memoire. Representation. Retirado da world wide web [www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/classes/201/articles/89NoraLieuxIntroRepresentations.pdf](http://www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/classes/201/articles/89NoraLieuxIntroRepresentations.pdf)

OLIVEIRA, LINA MARIA MARRAFA DE, (2009). A Cascata e o Viveiro dos Pássaros – Uma Cenografia de Pedra Animada pelo Exótico, In Jardim da Cascata - Palácio de Belém. Edição do Museu da Presidência da República, Lisboa.

OVARESCHI, PEDRINHO e JOVCXHELOVITCH, SANDRA, e outros, (2000), Textos em Representações Sociais, 6ª Edição, Editota vozes, Petrópolis.

OZOLA, AGRITA, (2003). Contribution of the Tukums Museum to the Preservation and Development of the Historic Center of Tukums Town. Artigo apresentado no ICAMT Meeting .

PACHNER, JOANNA, The Exhibitionists, In Globe and Mail Update de 29 de Fevereiro de 2008. Retirado em 19 de Agosto de 2008 da world wide web [www.theglobeandmail.com](http://www.theglobeandmail.com)

PAHL, KATE, Narratives of Migration and Artefacts of Identity: New Imaginings and New Generations. Artigo apresentado na Bera 2006 Conferences.

PAQUOT, THIERRY (Coord.) (2000), La Ville et l'Urbain, l'État des Savoirs, Éditions La Découverte, Paris.

PEARCE, JOHN (1998). Centres for Curiosity and Imagination. When is a museum not a museum?. Calouste Gulbenkian Foundation, London.

PEARCE, SUSAN M., (1994). Introduction. In Museums and the Appropriation of Culture. Susan M. Pearce, ed. Pp. 1-4. Atlantic Highlands, NJ: Athlone Press.

PEREIRA, FRANCISCO COSTA, (2001), Representação Social do Empresário, Ed. Silabo, Lisboa.

- PIAGET, J. (1968). On the development of memory and identity. Barre, Clark, University Press.
- PIRES, JORGE A. (1998). Os Militares e o Alcolismo e a Toxicodependência, representações sociais na Marinha. Mestrado em Comportamento Organizacional, ISPA, Lisboa.
- PITTOLO, FLORENCE (1996). Représentations Sociales Urbaines: Quand les Ressources Historiques son Evaluatrices, Compensatrices, Reductrices, l'Exemple de Nice (France), In Papers on Social Representations, Textes sur les Représentations Sociales, (1021-5573) Vol. 5 (2), p.81-98.
- PORCHER, L. (1977). O ensino de artes nas escolas. Editora Cultura. S. Paulo.
- PROTOYORIDES, MICHÈLE (1999). Le Musée, Lieu d'Apprentissage pour les ZEP, In Les Rencontres de l'OZP, 12.
- QUINN, ROBERTE E. (1988). Beyond Rational Management. Mastering the Paradoxes and Competing Demands of High Performance. Jossey-Bass Publishers, California.
- RABELAIS, FRANCOIS (1532). Gargantua and Pantagruel. Part 2, Chapter 2.VIII. Retirado em 2008 da World Wide Web [www.fullbooks.com/Gargantua-and-Pantagruel](http://www.fullbooks.com/Gargantua-and-Pantagruel)
- RABINOWITZ, PAULA (2003). Museums, Art and the Rackets. Retirado em 24 de Junho de 2008 da world wide web [www.solidarity-us.org](http://www.solidarity-us.org)
- RAMADIER, T. (2003). “Les Représentations cognitives de l'espace: modeles, methodes et utilité”, in G. Moser et K. Weiss, Espaces de Vie. Aspects de la relation homme-environment, Paris.
- RANGEL, MARY, Ensaio sobre Aplicações Didáticas da Teoria de Representação Social. Retirado da world wide web [www.uepg.br](http://www.uepg.br)
- RAUM. O. F. (1940). Chaga Childhood. London: Oxford University Press.
- RELATÓRIO DA COMISSÃO DE SERVIÇOS EDUCATIVOS (1993). Documento apresentado em Julho de 1993, ao Instituto Português dos Museus, fornecido por um dos membros da Comissão.
- RIVARD, RENÉ (1987). Museologie et cultures. IV Atelier Internacuinal da Nova Museologia, Aragão.
- ROMERO, FANNY LONGA, Reflexões sobre o Museu e suas Mediações, artigo apresentado no IV Congreso Virtual de Antropologia y Arqueologia. Retirado em 9 de Junho de 2008 da world wide web [www.naya.org](http://www.naya.org)
- RUSSEL, TERRY (1994), “The euquiring visitor: usatote lerning Theory for museum contexts”, Jornal of education in Museums, Nº 15, U.K.

RUSSEL, TERRY, The Enquiring Visitor: Usable Learning Theory for Museum Contexts. Retirado em 17 de Março de 2008 da world wide web [www.gem.org.uk](http://www.gem.org.uk)

RUSSIO, WALDISA (1977). Museu? Um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento. São Paulo: FESP, (Dissertação de Mestrado), p. 133 cit, *In Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro*, Cândido, Manuelina Maria Duarte, CADERNOS DE MUSEOLOGIA, Nº 23 (2003) ULHT.

SABAU, MARÍA FERNÁNDEZ e LORD, GAIL, Los Museos Cómplices Urbanos con la Comunidad. Retirado em Maio de 2008 da world wide web [www.lord.ca](http://www.lord.ca)

SALTER, PAULINE (2008). Evaluating Children's Learning Experiences. Retirado em 17 de Março de 2008 da world wide web [www.gem.org.uk](http://www.gem.org.uk)

SANTOS, JOSÉ MANUEL DOS (2011). A Troca. Texto de Abertura e Catálogo da exposição *As Cidades de Vieira da Silva / Arpad Szenes*. Museu da Electricidade, Fundação EDP, Lisboa.

SARAIVA, CLARA (2005). Luz e Água, Etnografia de um Processo de Mudança. EDIA / Museu da Luz.

SEROTA, NICHOLAS e MARTIN GAYFORD, JOHN HOLDEN, ROWAN MOORE, RT. HON CHRIS SMITH, JON SNOW e TONY TRAVERS, (2005). Tate Modern: The First Five Years, Tate Trustees, Millbank, London.

SHIELDS, ROB (1991). Places on the Margin: Alternative Geographies of Modernity. The International Library of Sociology. London.

SHULTZ, ALFRED (1982). Commonsense and Scientific Interpretations of Human Action. 2ªEd. Hague M.N.

SILVA, HENRIQUE DA (2001). Objectivos de uma política Educativa. Comunicação apresentada no Encontro - Museus e Educação CCB 10/11 Setembro.

SIMON, NINA (2010). The Participatory Museum. Ed. Museum 2.0. versão online, USA. Retirado em Fevereiro de 2011 da World Wide Web: [www.participatorymuseum.org](http://www.participatorymuseum.org)

SINGLETON, H. RAYMONDE (1987). Situation et développement de la formation muséale. Museum nº 156, UNESCO, Paris.

SMITH, R. (1995). The fontana history of social sciences. Fontana, London.

SMITH, RT HON CHRIS (2005). The Political Impact. Tate Modern: The First Five Years. Tate Trustees, Millbank, London.

SOARES, CÉLIA e JESUÍNO, JORGE CORREIA (2005). Memória Social e Representações sobre o Descobrimento do Brasil. Análise dos Manuais Portugueses de História. *In Memórias do Descobrimento do Brasil*. Celso Pereira de Sá e Paula Castro (coord.). Museu da Republica, (col. Memória Social), p. 71 – 86, Rio de Janeiro.

SOARES, JOSÉ VIEGAS e PERREIRA, FRANCISCO COSTA, A Imagem das Organizações, Contribuições para uma sua Identificação, In Livro de Actas – 4º SOPCOM, p. 527-540.

SPERLING, DAVID (2001). Museu Brasileiro da Escultura, utopia de um território contínuo. ARQUITEXTOS Retirado em Setembro de 2010 da World Wide Web: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.018/82>

SPERLING, DAVID (2007). As Arquiteturas de Museus Contemporâneos como Agentes no Sistema da Arte. Retirado em Setembro de 2010 da World Wide Web: <http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.painel>

STANISLAS, ADOTEVI (1992). Le musée inversion de la vie. Le musée dans les systèmes éducatifs et culturels contemporains. in Vagues, une anthologie de la nouvelle museologie, Vol. I, MNES, Editions W, Savigny-le-Temple.

STARHAM, R. (1962). Getting to grips with Japan: a survey on “Discovering Japan” for the Horniman Museum”, JEM 14.

SUCHODOLSKI, BOGDAN (1978). A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas. Livros Horizonte, 2ª edição, Lisboa.

SUDBURY, P. and RUSSELL, (1994). T. Evaluation of Museum and Galery Displays, Universitu Press, Liverpool.

SUDJIC, DEYAN (2005). Power point. After five years and 22 million visitors, Tate Modern has changed the way we think about contemporary art. The Observer, Article history Retirado em Fevereiro de 2010 da World Wide Web <http://www.guardian.co.uk/artanddesign/2005/may/01/art1>

TAKAI, RICKY T. e O’CONNOR, J. DENNIS (1998) – Museums & Learning: A Guide formily visits. U.S. Department of Education’s office of educational research and Im provement & Smithosobian office of Education. Retirado em 30 de Abril da World Wide Web: [www.ed.gov](http://www.ed.gov)

TATE MODERN: THE FIRST FIVE YEARS (2009), da world wide web: [www.tate.org.uk](http://www.tate.org.uk)

TEIXEIRA, MADALENA BRAZ, (1984). Do objecto ao Museu. Texto policopiado cedido pela autora durante o curso de Pós-graduação em conservador/Museólogo – ULHT.

TEIXEIRA, MADALENA BRAZ, BARROCO, CARLOS, (1987). O Brinquedo Português – Col. Património Português. ED. Bertrand p. 9-47.

TIMBART, NOËLLE e GIRAULT, YVES (2006). Représentations Sociales et Pratiques Déclarées d’Adolescents Franciliens sur les Musées, Artigo apresentado no Colóquio «Adolescence: entre défiance et confiance», Abril 2006.

TRAVERS, TONY (2005). Renewing London. Tate Modern: The First Five Years. Tate Trustees, Millbank, London.

TURGEON, LAURIER e DUBUC, ÉLISE (2002). Ethnology Museums New Challenges and New Directions, In *Ethnologies*, Vol. 24. Retirado em 9 de Junho de 2008 da world wide web [www.erudit.org](http://www.erudit.org)

TURRI, EUGENIO (1998). A Paisagem Como Teatro, Do Território vivido ao Território Representado, In *Filosofia da Paisagem, Uma Antologia*, coord. Adriana Veríssimo Serrão, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

ULLAN, ANA MARIA (1995), Art and Reality: the Construction of Meaning. In *Papers on Social Representations, Textes sur les Représentations Sociales*, (1021-5573) Vol. 4 (2), p.1-124.

VALA, J. & MONTEIRO, M. B. (1993). Psicologia social. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

VALA, JORGE e MONTEIRO, MARIA BENEDITA, (1993). *Psicologia Social*, Serviço de Educação, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

VÁRIOS, SANTOS, JOÃO DOS, SKAPINATIS, N. REBELO, LIÍS F.; BRANCO, FREITAS; PORTAS, NUNO, GRÁCIO; RUI, Educação Estética e Ensino Escolar, Pub. Europa América, 1996.

VEDA, N. (1999). *Multimedia un pwggwed: A Workshop on Learning Designs at the neo Museum, Japan*. Retirado em 8 de Julho 2001 da World wide web: [www.childresearch.net](http://www.childresearch.net)

VERGÈS, P. (1993). Suporte informático para analisar o sistema central e periférico de uma representação. CNRS. Aix-en-Provence.

VERGÈS, P. (1994). Approche du Noyau Central: Propriétés quantitative et Structurales. In Guimelli, Christian. (1994). *Textes de base en sciences sociales – Structures et transformaton des représentations sociales*. Delachaux et Niestlé.. CNRS. Aix-en-Provence.

VERGÈS, P. (2003). Ensembles des Programmes Permettant L'Analyse des Evocations, EVOC2000, Version 15 Ouctobre 2003. CNRS. Aix-en-Provence.

VERHELLEN, E. (1994). Convention on the Rights of the Child. Leuven. Garant.

VERPLANCKE, PHILIP (1994). Children's Museum – The wrang name for the Right Place? Frankfurt am Main, Germany. Speech held on the International Congress in Fulda, Germany Retirada em 18 de Junho de 2001 da World wide web: [www.hards-on-Europe.net](http://www.hards-on-Europe.net)

VIEIRA, JÚLIA, Antropologia dos Objectos: Coleções, Museus e Patrimônio. Retirado em 3 de Março de 2008 da world wide web [www.olharvirtual.ufrj.br](http://www.olharvirtual.ufrj.br)

- VIGNAUX, G. (1999). O Demónio da Classificação, Pensar / Organizar. Col. Epistemologia e Sociedade. Instituto Piaget, Lisboa.
- VYGOTSKI, L. S. (1962). Thought and language. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- VYGOTSKY, L. S., (1991). A Formação Social da Mente, Cole. Psicologia e Pedagogia, Ed. Martins Fortes, S.P. Brasil.
- WAGNER. WOLFGAN (1995). Description, Explanation and method in social representation research. Paper on Social representations, threads of discussion. retirado em 8 Julho de 2001 da world wide web: [www.swp.uni-linz.ac.at](http://www.swp.uni-linz.ac.at)
- WALLON, H. (1941). L'èvolution psychologique de l'enfant. 17<sup>a</sup> ed. Colin, Paris, 1974.
- WEBER, MAX (1974). *A Objectividade do Conhecimento nas Ciências e na Política Social*. In Sobre a Teoria das Ciências Sociais. Presença, Lisboa.
- WEISGALL, DEBORAH, A Megamuseum in a Milltown; The Guggenheim in Massachusetts? In The New York Times de 5 de Março de 1989. Retirado em 24 de Junho de 2008 da world wide web [www.query.nytimes.com](http://www.query.nytimes.com)
- WESTERVELT, ROBIN FOSTER (2010). Museums and Urban Revitalization: Regional Museums as Catalysts for Physical, Economic, and Social Regeneration of Local Communities. Master of Arts in Museum Professions, Seton Hall University.
- WHYTE, WILLIAM HOLLY (1988). City: Rediscovering the Center. Garden City, Nova York.
- WEBER, MAX (1976). The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism. Foreword by Anthony Giddens, Charles Scribner's Sons, New York.
- WITTLIN, ALMA (1970). Twelve Points Program for Museum Renewal. In Reinventing the museum: historical and contemporary perspectives on the paradigm shift. AltaMira Press: Walnut Creek, Calif. [u.a.].
- ZAMBRANO, MARIA (1995). Clareiras do Bosque. Anthropos, Ed. Relógio D'Água, Lisboa.
- ZEITOUN, JEAN (Coord.) (1979), Sémiotique de l'Espace. Architecture, Urbanisme, Sortir de l'Impasse. Col. Bibliothèque Médiations, Éditions Denoël Gonthier, Paris.

# ÍNDICE REMISSÍVO

## A

<b>Abric, J.C.</b>	59
<b>Alba, M.</b>	76
<b>Análise de Conteúdo</b>	84- 94- 96- 97- 103- 109- 166- 174
<b>Ancoragem</b>	60- 63- 64- 85- 96- 112- 174
<b>Antropogenia</b>	78- 189
<b>Árvore Máxima</b>	14- 121- 122- 123- 125- 126- 129- 130- 133- 137- 171- 172- 177- 179-180

## B

<b>Bairro</b>	14- 15- 16- 17- 23- 40- 71- 72- 88- 92- 114- 115- 149- 151- 152- 153- 159- 162- 164- 165- 167- 168- 170- 174- 177- 178- 179- 181- 182- 183- 184- 186- 190- 192- 194- 195
<b>Bourdieu, P.</b>	41- 66-197
<b>Bruno, C.</b>	214

## C

<b>Capital Social</b>	187- 194
<b>Caracterização Social</b>	103- 104- 174
<b>Categorias</b>	55- 60- 72- 74- 86- 87-94-97- 104- 111- 113- 119- 120- 121- 122- 123- 124- 125- 126- 127- 128- 129- 130- 131- 134- 135- 136- 154- 156- 166- 170- 171- 172- 175- 177- 179- 180- 186
<b>Categorização</b>	60- 85- 97- 105- 109- 119-120- 133- 156- 171 174- 175- 177
<b>Cavaco, G.</b>	78
<b>Certeau, M.</b>	66
<b>Chagas, M.</b>	196

**Cognitivo** 59- 61- 64-72- 98- 99- 133- 177- 179- 180-  
186.

**Conexidade** 83.

**Construção Social** 56- 58- 60- 190

## **D**

**Damásio, M.** 89- 190-

**Declaração de Santiago do Chile** 41- 42- 185- 197

**Diagrama de Análise Figurativa** 97- 98- 174

**Doise, W.** 63

**Duncan, C.** 20

**Durkheim, E.** 55- 56- 57- 58- 59- 61

**Duveen, G.** 63

**Desenvolvimento** 8- 22- 23- 37- 39- 42- 43- 45- 51- 52- 53- 55-  
56- 59- 60- 63- 64- 72- 73- 74- 78- 144- 167-  
169- 179- 180- 184- 185- 186- 189- 196

## **E**

**Efeito Bilbao** 44- 188

**Efeito Social** 44- 76- 185-189

**Estrutura Interna da** 85- 96- 110- 111- 139- 148

**Representação**

**Evocação** 83- 84- 92- 95- 108- 109- 110- 119- 123- 124-  
128- 139- 149- 150- 160- 169- 175- 177- 178-  
181- 183

**Expectativas** 22- 24- 52- 60- 86- 92- 99- 102-145- 164- 165-  
173- 174- 179- 184

## **F**

**Função Social** 34- 36- 37- 52- 58- 76- 78- 186

## **G**

**Gehl, J.** 75- 97- 180- 184- 189

**Goodman, P.** 49- 189

## **I**

**Imaginabilidade** 11- 71- 80- 88- 97- 175- 182- 189- 197

**Impacto Social** 174- 185- 189- 198

**Implicação** 14- 86- 119- 121- 123- 127- 128- 130- 170-  
171- 176- 178- 185- 190

## **J**

**Jodelet, D.** 59- 76- 77- 97- 189

**Jovchelovitch, S.** 20- 59

## **L**

**Lopes, J.T.** 55- 56- 57

**Lord, B. / Lord, G.** 43- 77

**Lynch, K.** 24- 70- 71- 72- 74- 76- 80- 88- 89- 97- 145-  
173- 174- 175- 188- 189

## **M**

**Manson, F.** 43- 45- 48

**Mapas Mentais** 99

**Marx, K.** 56

**Minayo, M.** 55- 56

**Modelo de Acção** 37- 76- 174- 189- 190- 192- 196

**Moliner, P.** 82- 83

**Moscovici, S.** 24- 55- 57- 58- 60- 64- 70- 75- 77- 80- 88 174-  
189- 196

**Moutinho, M.** 42- 88

<b>Museal</b>	39- 40- 40- 182- 184- 196- 197
<b>Museologia</b>	18- 22- 23- 24- 34- 39- 41- 42- 48- 58- 66- 77- 91- 168- 169- 171- 185- 184- 197
<b>N</b>	
<b>Núcleo Central</b>	24- 62- 80- 82- 95- 108- 109- 110- 111- 149- 150- 175- 176- 180
<b>O</b>	
<b>Objectivação</b>	60- 83- 85- 95- 110- 111- 173
<b>R</b>	
<b>Reabilitação Urbana</b>	23- 44- 52- 77- 164
<b>Representação Social</b>	59- 60- 62- 70- 78- 102- 109- 110- 146- 173- 182- 192- 198
<b>Requalificação</b>	23- 43- 46- 48- 52- 77- 99- 109- 164- 165- 179- 188- 190
<b>S</b>	
<b>Satisfação</b>	86- 92- 173- 185- 192
<b>Sistema Periférico</b>	24- 62- 85- 95- 108- 109- 110- 111- 112- 149- 150- 175- 176- 181
<b>Similitude</b>	11- 82- 83
<b>T</b>	
<b>Teoria do Núcleo Central</b>	62- 82
<b>Teoria dos Grafos</b>	12- 83
<b>Território</b>	11- 21- 22- 23- 44- 49- 50- 52- 71- 88- 99- 180- 181- 185- 186- 188- 189- 190- 193- 196- 197

## **U**

**Urbanismo** 24- 46- 58- 66- 70- 91- 115- 118- 124- 127-  
128- 131- 135- 168- 169- 171- 177- 178- 189-  
197

## **V**

**Vergès, P.** 84- 110- 112- 117

## **W**

**Weber, M** 56

**Whyte, W.H.** 74

# APÊNDICES E ANEXOS

# ORGANIZAÇÃO DIGITAL DOS APÊNDICES

## ÍNDICE DE PASTAS

Questionário / Entrevista Tipo.	I
Análise qualitativa detalhada de todas as palavras evocadas no seu contexto (Evoc2000: LISTEVOC).	II
Distribuição dos termos por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação (Evoc2000: STATCAT).	III
Tratamento lexicográfico (Evoc2000: TABRGFR).	IV
Codificação dos termos por categorias, ordem de evocação e número de ocorrências (Evoc2000: TS8).	V
Termos totais por categoria (Evoc2000: DISCAT).	VI
Matriz de semelhanças Total/Inquiridos.	VII
Matriz de semelhanças Funcionários/Inquiridos.	VIII
Matriz de semelhanças Residentes/Inquiridos.	IX
Matriz de semelhanças Serviços e Comercio/Inquiridos.	X
Matriz de semelhanças Informadores Privilegiados/Inquiridos.	XI
Mapas sócio-espaciais do Bairro com referências geográficas evocadas pelos grupos inquiridos (Informação de contexto <i>google maps</i> )	XII
Centralidade e caracterização da representação por grupos inquiridos.	XIII
Relação do espaço MNHNC com a envolvente.	XIV
Sítios mais frequentados pelos inquiridos.	XV
Análise das legendas dos desenhos do espaço e resultados de distribuição dos termos por categoria segundo a média de frequência, percentagem de evocação e média de ordem de evocação (Evoc2000: STATCAT).	XVI
Organização automática dos termos recolhidos nos 29 documentos escritos e orais, segundo as frequências e ordem média de evocação (Evoc2000: TABRGFR).	XVII

# ORGANIZAÇÃO DIGITAL DOS ANEXOS

## ÍNDICE DE PASTAS

Acta nº 9 da Reunião do Conselho Geral da Universidade de Lisboa e pelo Despacho Reitoral nº 15410/2011, publicado em Diário da República, 2.ª série — N.º 218 — 14 de Novembro de 2011.	I
Critérios de Qualidade para Avaliação dos Espaços da Cidade segundo Jan Gehl (fonte Gehl Architects).	II
Plano Pormenor Parque Mayer.	III

